

ELLORA'S CAVE PRESENTS



SECRET SUBMISSION  
DIANA HUNTER





# Submissão Secreta





Quando Phillip pergunta a Sarah se ela é o tipo de mulher complacente, que vai fazer qualquer coisa que ele pedir, ela entra no jogo dele, querendo uma “brincadeira” no quarto, para acalmar a excitação dentro dela. Mas Phillip tem muito mais em mente do que uma “brincadeira no quarto”. Enquanto ele introduz Sarah para o mundo da bondage e submissão, ela descobre a necessidade de ser dominada. Phillip a convida a explorar sua sexualidade a cada fim de semana em sua cabana - como sua escrava. A questão é: Quão disposta, ela está de desistir de sua difícil e conquistada independência? Mesmo para um homem tão deliciosamente bonito como Phillip Townsend...



**Disponibilização:** Dyllan

**Revisora Inicial:** Dyllan, Nathy Rhage,

Lu Machado e Marcia

**Revisora Final:** Dyllan, Nathy Rhage,

Lu Machado e Marcia

**Formatação:** Dyllan

**Logo/Arte:** Dylan

### ***Revisoras Comentam:***

**Marcia:** É uma história complexa, que nos dá uma visão real e crua de todo o processo de transformar uma mulher comum em uma perfeita escrava submissa. A autora não perdeu nenhum detalhe, nos dando a oportunidade de conhecer na íntegra o que acontece realmente durante essa jornada. Ela foi brilhante, fiquei fascinada com sua minuciosidade e realismo ao relatar os fatos, e a forma verdadeiramente concreta de detalhar as cenas com uma precisão impressionante. É uma verdade crua, que beira o exagero; e que na verdade, muitas vezes me deixou desnorteada, oscilando entre a indignação e o deleite, e que talvez nem todo mundo esteja preparado para enfrentar, mas também maravilhosamente bem dirigida. Então, resumindo, ela foi grande, amei... Boa leitura.

**Dyllan:** Esse é o livro que eu uso para comparar todos os BDSMs que leio. A história desse casal é praticamente uma jornada, mostrando o dia-a-dia de quem vive esse estilo de vida. Acho um livro muito pé no chão, e a autora contou a história muito bem. É quase real, pois eles vivem tudo. Do primeiro encontro, à primeira cena. A Diana consegue juntar o baunilha ao BDSM de um modo verdadeiro. Não tem como não se envolver e não se apaixonar pelo casal. Extremamente HOT HOT HOT, eu AMO esse livro, apesar de amar/odiar o Phillip. Um dos meus favoritos nesse estilo, com certeza eu recomendo. LEIAM!



## *Capítulo Um*

### *Uma Nova Idéia*

Uma viúva aos 30 anos de idade, Sarah Simpson-Parker gastou um obrigatório ano em luto, e então continuou com sua vida. Seu marido, um soldado há serviço de seu país e um perito em munições para defesa, morreu dois anos atrás em um irônico acidente de trânsito fora da base.

Ela tinha levado um ano para começar a pensar novamente, em sua opinião, os Vitorianos provavelmente tinham razão quando seus costumes sociais ditavam um ano para o período de luto.

Ela se sentiu muito mais livre desta vez, no circuito de namoro. Ambos ela e o marido tinham estado regressos em um tempo antigo, se aderindo a uma moralidade incrivelmente antiquada. Quando se casaram, os dois eram virgens. Depois de cinco anos juntos, perceberam que um pouco mais de experiência teria feito o sexo mais satisfatório. Sua vida sexual era adequada, mas nada mais.

Pelo menos, então, ela teve uma vida sexual. Nos dois anos desde a morte do marido, Sarah permaneceu em celibato, e estava se cansando disso.

A idade estava começando seu avanço lento em seus membros. Recentemente tinha achado um cabelo branco misturado à suas longas madeixas castanho até os ombros. Uma olhada crítica no espelho lhe mostrara uma realidade que tinha que enfrentar: O corpo ainda em forma, e os cabelos longos cuidadosamente escovados, estavam-bem-certamente rastejando para meia-idade. Ela nem estava certa de por que ainda estava tomando pílula, já fazia tanto tempo que sexo tinha feito parte de sua vida.

Ela teve alguns beijos dos homens com os quais havia saído, mas a maioria deles não fizeram nada por ela - até conhecer Phillip.





Os primeiros encontros com Phillip Townsend tinham sido tão bons que Sarah havia concordado com mais. Alto, moreno, bonito, robusto; Ela quase havia dito “não” a primeira vez que a tinha convidado para sair. Ela achou que ele fosse um pouco mais velho que ela — pelo menos parecia isso no supermercado onde se conheceram quando cada um escolheu a mesma laranja. Mais velho talvez, e um pouco acidentado; Barbeado, mas nenhum fio cinza ainda em seu cabelo. Ela gostava da forma como seu cabelo escuro enrolava e ficava feliz por ele deixar os lados um pouco mais compridos. Na verdade, se seu cabelo fosse raspado, ela provavelmente não teria lhe dado um segundo olhar — Ela gostava de correr os dedos pelos cabelos de um homem, e Phillip tinha o suficiente para tocar. Em seus encontros, ela tinha percebido mulheres o olhando — e lançando olhares cheios de veneno em sua direção. Ele tinha uma beleza Hollywoodiana, e tinha ficado preocupada se sua beleza não era apenas superficial. Mas não era, e ele chamou sua atenção. Esta noite fizeram o jantar e assistiram a um filme, e depois foram tomar sorvete e dar um passeio pela praia. Era tarde, ou bastante cedo agora — e Sarah estava feliz que amanhã era sábado e não teria que trabalhar. Sem preocupações, sem compromissos, apenas um dia para relaxar.

A lua estava cheia e a luz branca e suave banhava a praia vazia. Phillip a puxou para perto e a beijou uma vez, duas vezes. Sarah retornou o beijo, gostava de seu cheiro, seu toque. Suas mãos começaram a vagar e ela deixou, gostava de como elas a faziam se sentir.

“Gosto de minhas mulheres complacentes,” ele sussurrou em seu ouvido.

E complacente era como ela estava se sentindo. O luar, o dia antecipado de folga, seu toque. Tudo combinava para deixá-la em um clima tremendamente descontraído.

“Você faria o que eu lhe pedisse?” Perguntou a ela, sussurrando em seu ouvido. Phillip Townsend sabia o que gostava nas mulheres. Nunca tinha se casado, havia passado por várias relações em longo prazo; e cada uma teve seus altos e baixos e as separações foram mútuas. Ele namorava de forma mais seletiva agora que estava mais velho, e, teoricamente, mais sábio. O rubor de Sarah quando seus dedos se encontraram na laranja, tinha iniciado o primeiro encontro — sua inteligência ditou vários outros desde então. Esta noite ele descobriria se ela valia mais de seu tempo. Ele, sinceramente, esperava que sim.



Claro, não era apenas seu cérebro o que o intrigava. Embora não fosse linda de morrer, ainda era uma bela mulher. Aquele conjunto de sardas espalhadas sobre a ponte do nariz lhe dava uma aparência de fada, que desmentia o corte severo de seus ombros. Obviamente, era onde carregava toda tensão. Ele via seus ombros como um pedaço do desafio — ela seria complacente o suficiente para relaxar com ele?

“Sim,” ela murmurou sua resposta, seu toque a excitando.

“Você voltaria para minha casa e faria o que eu lhe pedisse?”

Isto era exatamente o que ela esperava. Tinha sido virgem até o casamento, e então, monógama e casta durante todo ele. Estava na hora de ser impertinente. “Sim,” murmurou novamente, um sorriso endiabrado dançando em seus olhos.

Ele pegou sua mão e rumaram de volta para seu Corvette preto, a areia da praia se espremendo através de seus dedos. Ele não a beijou novamente, nem a tocou, exceto segurar sua mão. Pausando no carro apenas tempo suficiente para tirar a areia dos pés, Phillip segurou a porta para ela, e enquanto ela se sentava, ele se deslizou ao seu lado. Logo depois, estavam na estrada.

\* \* \* \* \*

O passeio até a casa de Phillip não era longo – ele vivia fora da cidade, em uma casa afastada de seus vizinhos por vários hectares de floresta. Falaram sobre pequenas coisas no caminho, conhecendo um pouco mais as opiniões um do outro; Ele gostava de repolho e ela não, ele odiava lavar pratos e ela achava isso relaxante. Quando ele entrou no longo caminho e estacionou o carro perto da casa, os dois ficaram em silêncio. O Corvette era sua única extravagância; certamente parecia fora de lugar ao lado da casa simples. Colocando a marcha em ponto morta, deixou o motor inativo por um momento, enquanto se virava para a bela mulher ao lado dele.

“Agora, Sarah, preciso lhe perguntar novamente. Uma vez que sair desse carro, quero o controle total sobre você. Está disposta a me dar isso? Prometo que não vou te machucar.”



Ela hesitou, de repente percebendo a posição em que estava e com o que concordara. Seus desejos físicos guerrearam com sua natureza prática, queria realmente dar o controle *total* a esse cara?

Vendo-a hesitar, se inclinou e a beijou suavemente. Pelas poucas declarações que ela tinha feito sobre seu marido morto, ele sabia que ela realmente não estava preparada para o que estava pedindo. “Vou lhe dar uma palavra — uma palavra segura — e se disser essa palavra em qualquer momento, paro o que estivermos fazendo e vamos conversar. Isso faz com que se sinta melhor?”

Engolindo em seco, Sarah assentiu.

“Então a palavra que lhe darei será ‘laranja’. O que você acha? Basta pensar no dia em que nos conhecemos e se lembrará dela.”

Ela assentiu novamente em resposta. Parte dela não conseguia acreditar que estava realmente fazendo isso, a outra parte estava tão excitada, que não confiava em sua voz.

“Lembre-se, uma vez que sair desse carro, você fará o que digo.”

O tom de advertência foi implícito, mas Sarah sabia o que ele queria dizer. Ela assentiu novamente e respirou fundo na excitação súbita que suas palavras causaram dentro dela. Voluntariamente estava desistindo de todo controle — deixando alguém assumir a liderança. Ela, que se orgulhava de sua habilidade de analisar cada problema que lhe era dado, que liderava uma equipe inteira de trabalho. O que seus amigos e colegas de trabalho diriam dela agora, concordando em desistir do controle para um homem que tinha encontrado apenas algumas vezes? Não importa. Já fazia muito tempo desde que tinha tido sexo de qualquer espécie. Colocando os pensamentos de tudo e de todos de lado, ela abriu a porta e saiu.

Fechou a porta e ficou ao lado do carro, de repente incerta sobre o que fazer agora. Até que ponto ia essa coisa de controle? Poderia seguir para porta sem ser informada para fazê-lo? Em território desconhecido, sentiu-se um pouco fora de seu mundo.

Ele sorriu de seu nervosismo e contornou o carro, pegando sua mão. “Venha comigo, por que agora você é minha.”





Franzindo o cenho, ela olhou em seu rosto por sinais de um fanático sedento por poder e não encontrou. Ele ainda era o mesmo. Sorrindo do mesmo jeito que tinha apreciado antes. Pisando cuidadosamente no escuro, o seguiu até a porta da frente.

“Fique aqui e me deixe acender a luz.” Destrancou a porta e entrou, fechando-a atrás dele. Dentro, ela viu uma luz aparecer enquanto esperava. Uma coruja piou em algum lugar e ela pulou. Então ele voltou, abrindo a porta para ela entrar. Ela percebeu que ainda podia desistir. Mas uma vez dentro dos limites da porta, estaria comprometida.

Ela passou o limite.

Apenas uma pequena luminária foi acesa ao lado da porta, o resto do lugar estava na penumbra. Phillip foi para trás dela e beijou seu pescoço. Seus olhos se fecharam quando suas mãos se moveram por seu corpo, explorando-a. Ela balançou enquanto ele deslizava beijos ao longo de seu pescoço, seu rosto, sua orelha. Ele puxou suas mãos para trás e ela não resistiu. Sentiu algo frio em seu pulso, um pequeno clique, e estava presa.

“Você é minha,” ele sussurrou em seu ouvido. O pensamento deixou seus joelhos fracos, embora permanecesse de pé. Ela não esperava que escravidão fizesse parte da noite, mas o pensamento lhe deu uma pequena excitação. A voz dele estava calma em seu ouvido: “Não pode me impedir de lhe fazer tudo o que quero.”

Suas mãos agora deslizaram para os seios, cobertos pela blusa, ainda confinados no sutiã. Até agora, tudo bem. Não estava berrando ou gritando para deixá-la ir. Na verdade, parecia estar se divertindo. Até onde poderia empurrá-la esta noite? Qual seria seu limite? Ela era o que estava procurando? Phillip empurrou o último pensamento. Muitas vezes antes, no passado, teve grandes esperanças só para encontrar sua parceira erguendo paredes quando menos esperava. Melhor apenas aproveitar a noite e deixar o futuro onde estava. Esfregou seus seios com a palma aberta, e seus mamilos se eriçaram sob todas as camadas. “Sim, você acha isso excitante, não é?”

Em resposta Sarah gemeu e se afundou contra ele, sua mente tomada pelo prazer. Ela não sabia o quão maravilhoso a falta de movimento podia ser. Suas palavras ecoaram em sua mente e ela sussurrou, “Sim.”



“Sim, o que, minha querida? Você tem algo mais a me dizer?” Seus dedos beliscaram os mamilos suavemente através das camadas de roupa e ela gemeu novamente, querendo que ele a despisse, querendo que ele a tomasse.

“Sim, Senhor.” A palavra veio facilmente e um canto da sua mente se perguntou o que a tinha levado a lhe dar esse título. Era porque suas necessidades estavam crescendo, e se ele queria as palavras, ela as daria? Ele queria essa designação? Isso não importava realmente. Se ele a levasse a um orgasmo real, ela o chamaria do que quisesse que o chamasse.

Phillip a estudou, depois a contornou para ver seu rosto. “Olhe para mim.” Ele ordenou, e ela não conseguiu resistir. Seu olhar encontrou o dele e ela viu agora o poder latente em seu ser. Não sedento de poder, mas um poder bruto, natural. Ela ofegou ao vê-lo revelado, e sua excitação cresceu.

“Siga-me.” Virou-se e não olhou para trás para ver se o obedecia ou não. Sabia que ela o faria — e ela o fez. A escuridão deu lugar a um curto corredor. O seguiu e se virou quando o viu desaparecer na escuridão à sua esquerda. Lá, hesitou. Estava escuro demais para ver, e não conseguia dizer para onde ele tinha ido.

Uma luz flamejou quando acendeu uma vela. À pequena luz, que podia discernir pouco, foi o suficiente para guiá-la. Entrou no aposento e olhou para ele.

“Bom.” Aquela palavra, falada bem sem rodeios, lhe deu um pouco de satisfação. Não compreendia este jogo inteiramente, mas aparentemente estava aprendendo rápido. E não havia como negar o quanto a excitava.

Phillip sabia que a vela não iluminava muito do quarto — que era sua intenção. Não queria assustá-la embora. Era melhor para relaxá-la nas idéias que pretendia apresentá-la. Estava feliz por ela tê-lo seguido, sem dúvidas, mas era óbvio que estava nervosa. Parando à sua frente, lentamente, desabotoou sua blusa.

O corpo de Sarah doía por seu toque, mas ele era bem cuidadoso: seus dedos tocavam apenas os botões, nada mais. Ela se contorceu um pouco e empurrou os seios, esperando que os tocassem novamente, mas ele pareceu não notar.

Deliberadamente, bem devagar, ele tirou sua blusa do confinamento da calça, deixando-a cair para os lados, desnudando os seios para sua inspeção. Depois usando o fecho frontal do



sutiã, o abriu, deixando seus seios pendurados. Ela corou, sabendo que estava sendo examinada. Nenhum homem, além de seu marido e seu médico, já tinha visto seus seios.

Dando um passo a frente, segurou um seio em uma das mãos, deslizando a outra em sua cintura. Inclinou-se em direção a ele, lhe dando melhor acesso a seu corpo. Fazia tanto tempo, e seu marido nunca a tinha excitado assim. “Estamos ansiosos, não?” Ele riu.

Em resposta, ela sorriu para ele.

Ele a virou e a conduziu até a parede. Na penumbra, ela não podia ver nada, mas ali parecia haver algo brilhando acima de sua cabeça à luz da vela.

Phillip a virou de frente para o quarto novamente e deu um passo atrás dela. Agora vinha o primeiro teste real. Havia lhe dito que gostava de sua mulher complacente. A verdade era muito mais complicada. O que gostava, era que sua mulher lhe entregasse voluntariamente seu corpo para ele brincar. Não apenas para desfrutar da troca de poder, mas gostava de pensar que valeria a pena para ela também.

Sarah sentiu a liberação das algemas. Rapidamente agora, ele empurrou a blusa e o sutiã, e os deixou cair no chão. Então, levantando uma de suas mãos e depois a outra, as prenderam acima de sua cabeça, os cotovelos dobrados. Ela sentiu as algemas de couro se embrulhar ao redor de seus pulsos e tentou puxar as mãos, mas estavam firmemente travadas. O pensamento trouxe uma série de novas sensações a inudando — excitação, pânico, excitação. Ela gemeu um pouco e esticou, se experimentando em suas restrições.

Da sua parte, ele simplesmente se levantou e ficou olhando enquanto ela testava suas restrições e descobria sua vulnerabilidade. Não a queria frustrada, no entanto, não ainda. Queria ela excitada. Pegando algo na mesa perto, se adiantou novamente e se inclinou para sussurrar em seu ouvido, “Você não pode escapar. Você é minha. E você gosta de se sentir indefesa, não é?”

“Sim,” Ela murmurou.

“Sim... O quê?”

“Sim, Senhor,” Ela emendou, o título ainda soando estranho para ela. Mas estava gostando demais dessa nova experiência para deixar que uma pequena palavra ficasse em seu caminho.



Com o pé, Phillip empurrou contra seus pés e Sarah se apoiou contra a parede. Mas isso há deixou um pouco fora de equilíbrio, e ela pendeu ligeiramente para frente.

“Endireite-se.” Sarah não se importava pelas algemas, mas poderia tomar algo mais pessoal? Com um rápido movimento, Phillip laçou um de seus seios em um corda de varal macio, puxando-o apertado antes que percebesse que estava ali. Ela ofegou, sentido a dor, o súbito afluxo de prazer.

“Você nunca teve seus seios presos antes, não é?” Ele perguntou. Ela negou com a cabeça em resposta. “Quer que eu pare?” Mais uma vez ela negou com a cabeça. “Lembre-se, você tem uma palavra que pode usar se quiser que eu pare em qualquer ponto.”

Apenas brevemente, considerou usar a palavra-segura, mas o ardor em seu seio a estava enchendo de excitação plena, e ela só tinha um pensamento em sua mente agora: chegar a um clímax. Ela negou novamente. Não usaria sua palavra-segura.

Sorrindo por sua complacência, Phillip enrolou o cabo em volta de seu seio algumas vezes, dando-lhe um colar de corda. Então se virou para o outro, e repetiu o procedimento. Ao terminar, recuou para admirar sua obra.

Agora ela corou a sério. Não havia como pará-lo. Seus dedos roçaram os mamilos inchados e ela ofegou em choque. A emoção correu através dela, direta de seus dedos. Com os seios amarrados como estavam, e as mãos presas no alto, seu sexo tinha despertado. Oh, ela definitivamente gostava desse jogo.

Ele adiantou-se novamente, circulando-a com os braços, as mãos nas costas, puxando-a para seu abraço. Seus seios amarrados se apertaram contra sua camisa quando a beijou, a língua sondando, forçando-a a abrir a boca enquanto tomava posse da mesma. Ela se deu com prazer, sentindo seu estômago dar um pulo pequeno e acolhedor quando o fez.

Liberando-a, Phillip se inclinou, tomando um dos mamilos em sua boca, beijando-o, lambendo-o. Ele gostou de seu sabor. Doce e levemente almiscarado. Ela gemeu em resposta, sentindo seus joelhos ficarem fracos, ele sorriu — ela fazia sons maravilhosos. Sim, ele poderia ter um pouco de diversão com essa mulher, se ela o deixasse. Por alguns segundos, ela se pendurou pelos pulsos, enquanto ele dava total atenção ao mamilo sensível. Ela ficou sob os pés novamente, e assim que ele tomou o outro mamilo na boca, mordendo e puxando levemente



com os lábios, deixando-os quentes e duros, seus joelhos cederam de novo. O primeiro mamilo que tinha beijado, ainda estava molhado de sua língua, ficou reto no ar, frio e duro.

Suas mãos se moveram para sua cintura, tocando o zíper de sua calça de sarja. Ela se encolheu, então Phillip possuiu sua boca novamente, e com suas línguas entrelaçadas, abriu o zíper e deslizou as mãos por seus quadris, apertando seu traseiro. “Sem calcinha?” Sussurrou em sua boca.

“Não,” Ela sussurrou de volta, de repente percebendo o que aquilo a fazia parecer.

Sem outra palavra, ele se afastou e puxou a calça. Colocou as roupas de lado, então, novamente sem falar, esticou o braço e pegou um tornozelo. Puxando sua perna para um lado, prendeu um manguito nele. Como seu avô costumava dizer? *‘Já que vai correr um risco, porque não correr todos?’* Bem ela não o tinha parado ainda e ele definitivamente gostava de empurrar seus limites.

Sarah o observava, o manguito que Phillip tinha prendido em volta de seu tornozelo estava preso a uma barra de cerca de dois pés de comprimento. Fez o mesmo com o outro tornozelo, deixando-os abertos e separados pela barra. Plenamente consciente de que estava diante dele com nada mais do que algemas nos tornozelos e pulsos, os seios amarrados por suas mãos, suas próprias mãos presas à parede acima da cabeça e as pernas abertas largamente, por um breve momento, ela fraquejou. O que estava fazendo? Deixando um homem prendê-la a uma parede para arrebatá-la? O que estava pensando? Os seios amarrados e as pernas abertas como... Como... Como uma mulher que precisava de sexo — que queria um orgasmo tão desesperadamente, que jogaria seus jogos para obtê-lo. A sensação do desejo a percorreu.

Calmamente, ele acendeu mais duas velas no quarto, mas seus olhos não se desviaram dele. Pois agora ele tinha tirado a camisa e ela viu os extraordinários músculos de seu peito. Ele se movia com a graça de um gato, não, um leão, enquanto pegava algo de cima de uma mesa no escuro. Indo para ela, passou a mão novamente por seus mamilos, fazendo com que doessem querendo mais de seu toque. Outro beijo possessivo, e recuou. Assim, a intenção era que ela olhasse em seus olhos, pois viu apenas um movimento de seu pulso e um borrão rápido, antes de sentir a chicotada macia entre as pernas.

Gritou antes que pudesse sem conter.





“Quer que eu pare?” Ele perguntou, parado casualmente à sua frente, correndo o couro macio do chicote através das mãos.

“Desculpe-me, eu não queria... Não doeu, apenas me pegou de surpresa, isso é tudo.

Ele continuou lá, sem fazer qualquer outro movimento além de observá-la, ainda correndo o chicote pela mão. Ela se perguntou se tinha dito algo errado, então percebeu o que era. “Senhor, você simplesmente me pegou de surpresa, Senhor.”

Ele acenou sua aprovação, e uma pequena emoção de satisfação correu através dela. Estava aprendendo a jogar esse jogo. O pensamento de ser chicoteada em submissão trouxe imagens em sua mente dos romances ocasionais que lia. Essas imagens nunca falhavam em excitá-la. A realidade de ser chicoteada de fato, era muito mais excitante do que esperava.

Golpeou-a várias vezes gentilmente, algumas no estômago, outras nos braços, às vezes nas pernas. Mas, então, uma caiu sobre seus seios amarrados, e ela arfou. “Gostou dessa?” Deixou cair lá de novo, e a vontade de gozar foi forte.

“Oh, sim, gosto muito disso, Senhor.” O título lhe veio facilmente em sua necessidade e surpresa. Ela *gostava* disso. Por quê? O que isso dizia sobre si mesma?

Ele bateu sobre sua boceta, e seu gemido foi audível. “Gosta assim?”

“Oh, sim, Senhor!” A psicologia do porque ela estava respondendo a isso, tinha desbotado no fundo de sua mente, substituída pelo desejo e necessidade. Ela se contorcia em seus laços, querendo desesperadamente gozar agora.

Ele bateu novamente. “O que você quer? Diga-me.”

“Eu quero gozar... Oh, deixe-me gozar.” Ela se sentiu como uma puta pedindo a um homem para que a deixasse gozar, no passado, ela controlava seus próprios orgasmos. Mas as restrições, a perda de poder e o chicote tinham feito seu trabalho. Ela queria gozar e estava disposta a implorar para ele.

“Não.”

A palavra era plana, final. Ele se virou, colocando o chicote na mesa atrás dele.

Ela clamou em frustração. Isso não era justo! Ela queria gozar, mas por causa de suas algemas, não poderia. Como ele ousava colocá-la tão quente, e depois deixá-la? Antes que tivesse fôlego o suficiente para lhe dizer o que pensava, porém ele estava de volta, encarando-a.



“Você é minha esta noite. Eu te comando. Você só pode fazer o que digo.” Ele escovou uma mecha de seu cabelo fora de seu rosto. “Você aceita isso?”

Ela apenas o olhou. Então lentamente, repetiu. “Eu sou sua, você me comanda, só posso fazer o que disser.” Ótimo. Ela jogaria seu jogo, gozaria, e depois iria para casa.

“O quê?” Sua voz era suave, seus lábios tão perto de sua orelha, que podia sentir seu fôlego. Ela se encolheu em sua prisão. “Você precisa aprender a dizer. Para aceitar.”

Sua respiração estava irregular, sua necessidade intensa. “Sou tua, Senhor. Você me comanda Senhor e eu só posso fazer o que você disser.” Pausou antes de adicionar. “Senhor.”

Como resposta, seus lábios pousaram em seu lóbulo, uma mão brincando com um mamilo, e a outra descendo e escovando os pêlos de seu monte. Ela gemeu e se empurrou contra sua mão, enquanto a segurava, deslizando um dedo abaixo para tocar seu clitóris. Seu corpo se moveu para um clímax, e ela se esfregou contra ele, uma, duas, três vezes.

E ele recuou. A retirada súbita de sua mão, deixando-a incapaz de alcançar o clímax — de novo — e ela gemeu em frustração. Ele segurou seu queixo e virou seu rosto em direção a ele. “Abra os olhos,” ordenou. Ela o fez incapaz de recusar. “Você vai gozar quando eu lhe disser. Você vai gozar quando eu quiser que você o faça. E vai continuar gozando até que eu diga para parar. Você entendeu?”

Ela não teve palavras. A excitação constante e a servidão estavam começando a cansá-la. Ela se soltou de seu pulso e assentiu.

Ele podia ver que ela estava quase pronta. Mas era hora de lhe dar um descanso antes de continuar seu treinamento. Estava ali para treiná-la. Quebrá-la lentamente, sem ela perceber. Cada vez que há empurrava um pouco mais, e ela não resistia, suas esperanças cresciam. Sarah poderia ser a submissa que esperava que fosse. Gentilmente, removeu as cordas de seus seios, deixando o sangue fluir através deles novamente. Quando o fez, ela respirou fundo, os seios subindo e descendo, formigando.

Acariciou cada um, beijando-os gentilmente na base do peito, onde as cordas deixaram suas marcas. Massageando-os, esperou até ouvir seu gemido novamente, sabendo que seu desejo ainda era forte. Deixando as algemas nos pulsos, as soltou da parede, deixando suas mãos caírem para os lados.



Ela se afundou contra ele corpo quando o sangue fluíu pelos braços. As pernas, ainda espalhadas cerca de dois pés de distância, deixaram-na sem equilíbrio. Ele a segurou, depois a levantou, pegando-a, barra espalhadora e tudo, e a levou para um canto ainda escuro do quarto.

Ela ficou ciente de que a superfície abaixo dela era macia e quente, quando ele a deitou. Mais uma vez, ele pegou seus pulsos e os levantou acima da cabeça, esticando os braços para fixá-los. Dessa vez, ela não conseguia dobrá-los. Não que ela tivesse forças para isso.

Ele acendeu mais algumas velas, e agora com o aumento da claridade, ela percebeu que não estava em uma cama como tinha imaginado. Ele moveu a barra de extensão para a mesa, e então ficou fora de vista por um momento. Quando voltou, levava novamente algo em suas mãos.

“Você precisa aprender a obedecer aos meus comandos. Precisa saber quem está no controle essa noite. Levantou um pequeno objeto em forma de borboleta. “Sabe o que é isto?””.

Ela negou com a cabeça, e ele se inclinou mais perto. “O que foi isso?”

“Não, Senhor, não sei o que é isto.” Murmurou, o nervosismo fazendo sua voz firme.

“É um estimulador de clitóris. Deixe-me lhe mostrar.” Ele alcançou entre suas pernas, e suas costas se arquearam em resposta. “Sim, eu sei que está ansiosa. Mas ainda não.” Colocou a borboleta contra seu sexo, depois a ligou no nível mais baixo.

Ela ofegou quando a vibração enviou ondas através de seu ser. Sua excitação começou a crescer novamente. Ela se contorceu sobre a mesa, procurando a pressão que precisava para gozar.

“Deseja usar sua palavra-segura? Saiba que se o fizer a deixarei ir agora. Diga a palavra e você poderá gozar, e então a levarei para casa.”

Ela o olhou longo e duro. Não era isso o que queria antes? Ele estava lá, não se regozijando dela, mas genuinamente preocupado com ela. Alisou um cacho de seu cabelo fora do rosto, e a ternura de seu toque a comoveu. “Não quero usar minha palavra-segura, Senhor.” Ela ficou surpresa de quão fácil o título tinha vindo.

“Você gosta de estar sob meu controle?” Ele sorriu gentilmente, e ela sorriu de volta, surpresa com sua própria resposta. “Sim, Senhor.”



“Muito bom. Mas você não pode gozar ainda. Não até que eu mande.” Usando as tiras ligadas ao pequeno dispositivo, Phillip fixou o estimulador contra seu corpo. Girou o botão e as vibrações aumentaram. Sarah não só resistiu como também parecia ter gostado da leve bondage e os leves açoites — mas ela poderia lidar com sua demanda para o controle total de seu corpo para conduzir seu orgasmo? Decidindo empurrar seu limite até onde podia, ele se virou e apagou todas as velas, exceto uma. “Agora tenho que deixá-la um pouco, minha querida. Aproveite.”

O quê? Ele a estava deixando assim? Com o corpo preso em uma mesa, e incapaz de gozar? Ela tinha jogado seu jogo, onde estava indo? As vibrações em seu clitóris a deixaram sem fôlego, e ela deu um grito estrangulado de desespero e excitação. Sarah viu Phillip seguir para porta com a última vela na mão, apagando-a quando a alcançou. Na escuridão repentina, ela ouviu a porta se fechar.

Dizem que o cérebro é o órgão mais sexual do corpo, e Sarah estava alcançando horas extras. E se ele não voltasse? E se alguma coisa acontecesse com ele lá fora, e precisasse de ajuda? Cada temor só alimentava seu sentimento de desamparo, o que incentivava sua necessidade, que aumentava seu desejo. Perdeu a noção do tempo — Sozinha no escuro, se contorcia sobre a mesa, tentando encontrar alívio. Sua respiração saía em arfadas curtas, e lágrima caíam pelo canto dos olhos. Os gemidos de antes, eram agora choramingos.

Ouvi-la na escuridão do quarto, fez o sangue de Phillip correr mais rápido em suas veias. Seu estômago contraiu quando percebeu o quanto ela estava gostando. Nunca antes teve uma parceira que lhe tivesse dado tão rápido sua confiança quanto Sarah fez essa noite. Claro, já fazia tempo desde que havia estado com seu marido — e Phillip sabia que não tinha estado com mais ninguém desde então. Mas, ainda assim, respondia aos seus comandos como se ser dominada fosse um segredo guardado profundamente e agora deixava seu corpo revelar.

Ao lado de sua orelha, ele sussurrou no escuro, “Você só vai gozar ao meu comando. Eu controlo seu corpo, posso controlar sua mente.”

“Sim, Mestre,” Ela sussurrou, nem mesmo percebendo que tinha mudado seu título.

Dentro de seu coração, ele sorriu. “Você pode gozar agora.” Com a mão, ele pressionou a borboleta contra seu clitóris. Sua reação foi imediata e violenta. Onda após onda abateu sobre



ela, através dela. Os pensamentos coerentes fugiram, e ela sentiu apenas o prazer das ondas que a levava, enquanto seu corpo se convulsionava uma e outra vez.

Quanto tempo durou seu clímax, ela não poderia dizer. Exausta, afinal, ela se deitou mole em cima da mesa, incapaz de se mover. Vagamente percebeu as mãos dele em seus lados, e que tinha tirado a barra de entre seus tornozelos.

“Aqui, minha escrava, beba isso.” Ela sentiu seu braço sob sua cabeça e ombros, levantando-a. Um copo estava em sua mão, mas não conseguia pegá-lo. Não lhe restara nenhuma força. Ele o segurou contra seus lábios para que pudesse beber. “Água. Apenas água gelada.”

Phillip a deitou de volta na mesa para poder remover a borboleta. Isso feito, ele a pegou como se não pesasse nada e a levou para fora do quarto. Não a levaria para casa, pelo menos, não ainda. A pobre mulher estava exausta. Ao invés, a levou para seu próprio quarto, seus braços envolvidos em seu pescoço. Rastejou na cama ao lado dela e puxou os cobertores sobre eles, sentiu-se seu protetor quando ela encaixou seu corpo contra o dele, aconchegando-se ao seu calor.

Ela estava feliz. Nunca antes tinha tido um orgasmo tão intenso, e ainda desfrutando a maravilha, adormeceu.

\* \* \* \* \*

O som de um pássaro cantando fora da janela acordou Sarah pela manhã. A luz do sol se derramava através da janela, e ela se esticou, esquecendo por um momento onde estava. Mas ao sentir as algemas em seus pulsos, a fez enrijecer ao se lembrar. A noite inteira passou por ela num piscar de olhos: O bondage, o domínio e controle dele sobre ela, suplicando pelo orgasmo, o clímax incrível. Tudo que Sarah queria era uma foda no quarto, certamente não tinha planejado passar a noite. Porém, após as atividades da noite, foi provavelmente melhor que Phillip não a tivesse levado direto para casa.



Puxando as cobertas, ela verificou os tornozelos. O mesmo que os pulsos, algemados, mas não presos.

“Como está se sentindo esta manhã?”

Sarah levantou a cabeça para vê-lo encostado na porta, já tomado banho e completamente vestido. Ela estava muito concentrada em sua necessidade de gozar a noite passada para admirar o físico do homem que a controlava. Seu corpo enchia a porta com os ombros largos e altura imponente. Uma camisa agora cobria seus peitorais fortes, a visão deles tinha sido registrada em uma parte de seu cérebro, enquanto o resto estava ocupado. Ela apreciou novamente a linha reta de seu maxilar bem barbeado e o perfil aquilino do nariz. Era possível que um homem tão bonito estivesse realmente interessado nela? Ou estava apenas atrás de uma coisa? Nua diante dele, resistiu à tentação de puxar os cobertores sobre ela novamente. Sorrindo para esconder seu nervosismo repentino, respondeu sua pergunta. “Estou bem. Obrigado.” Ainda deveria chamá-lo de ‘Senhor’?

“Não está dolorida?” Phillip veio se sentar ao lado dela na cama.

Surpreendentemente, não estava. Negou com a cabeça, abrindo espaço para ele a seu lado. Sua proximidade fazendo seu fôlego acelerar, até onde sabia, ele não tinha gozado a noite passada. Bem, estava pronta para fazer sua parte. Ele tinha sido incrível e tinha mostrado partes de si mesma que nem ela sabia que existia. Como se sentia sobre isso, pensaria depois.

Ele se aproximou e acariciou seu seio com as costas dos dedos. Os mamilos já estavam eriçados do súbito arrepio de quando tinha afastado as cobertas, mas agora se endureceram ao seu toque. Sarah se lembrou do jogo que tinham jogado na noite passada, as algemas eram provas disso. Hora de descobrir o quão longe esse jogo tinha ido. Revestindo-se em uma atitude recatada, se ajoelhou na cama e falou em tom submisso. “O que o Mestre gostaria essa manhã?”

Ele riu de sua encenação. “Você daria uma boa escrava, minha querida. Inclinou-se para puxar sua orelha com os lábios e sussurrou: “Sabe disso, não é?””.

Ela inclinou a cabeça para ele, sentindo o desejo se mover dentro dela. Seu toque a deixando como geléia.

Mas, então ele se afastou, e ela percebeu que segurava uma chave na outra mão. Deliberadamente, ele soltou primeiro um pulso e depois o outro, abriu as algemas e as





removeu, e Sarah o olhou em confusão. Quando os quatro punhos estavam ao lado deles na cama, ele pegou suas mãos e a olhou diretamente. Era hora de deixar tudo claro para ela.

“Eu gostaria muito que você fosse minha escrava. Mas você precisa entender que não estou lhe pedindo para jogar um jogo, e não haveria encenação. Se concordar, eu serei seu Mestre — em todos os sentidos da palavra.”

Sarah olhou profundamente em seus olhos por sinais de que isso fosse uma piada. Mas tudo o que viu foi uma honestidade aberta, e a força bruta que tinha visto na noite anterior. Sua testa franziu com perguntas ainda não formuladas. Ele levou um dedo aos seus lábios, silenciando-a.

“Se aceitar, não irá afetar sua vida exterior. Seus colegas de trabalho não precisam nunca saber. Na verdade, você não precisa desistir de seu apartamento, pode continuar a viver lá durante a semana. Mas nas noites de sexta-feira, você viria para cá, e iria embora às manhãs de segunda-feira. Durante esse tempo, você seria minha e seguiria meus comandos.”

Phillip entendia o risco que estava correndo. Era bem provável que a mulher fosse recusar sua proposta. Mas depois de suas respostas na noite passada, estava em perigo de ficar emocionalmente envolvido, e para seu coração era demais arriscar em outra relação infrutífera.

Ele se levantou e a puxou de pé. “Tome seu banho agora, e pense sobre isso. A oferta estará aberta por um tempo.” Ele seguiu para porta, então se virou e sorriu, suas maneiras não traindo sua agitação interior. “Vou liberá-la de sua promessa de ontem à noite. Não vou ordená-la sobre isso. É uma decisão que deve pensar cuidadosamente. Mas saiba que vou cuidar de você — minha escrava.”

As palavras dele ecoaram em seus ouvidos. ‘Minha escrava.’ Ela considerou sua proposta enquanto se aprontava para o banho. O banheiro era perto do quarto, e ela deixou a água quente correr enquanto pensava. ‘Minha escrava’.

Pisando no chuveiro, jogou a cabeça para trás, deixando a água cair como uma cascata em seu corpo. Agora examinou seus seios, procurando qualquer marca das cordas. Não havia nenhuma. Seus tornozelos tinham uma linha fina e vermelha, igual aos pulsos. E ela não podia negar o fato de que tinha gostado.



Mas o que dizer sobre ela? Ela, que tanto se orgulhava de sua independência, em sua capacidade de liderar, estava realmente considerando ser uma escrava? Voluntariamente? Devia estar louca!

Terminando o banho, fechou a água e se secou. Enrolou os cabelos com uma toalha, e envolveu outra em seu corpo. Não, não podia concordar com isso. A única razão pela qual tinha voltado para sua casa com ele, foi porque se sentiu atrevida. E, surpreendentemente, não estava arrependida. Tinha sido uma noite maravilhosa, e tinha que admitir, tinha gostado da escravidão. Mas ser realmente uma escrava? Não. Terminou sua toalete e voltou para o quarto.

A cama tinha sido feita enquanto tomava banho. Ordenadamente colocadas sobre a colcha, estavam às algemas que tinha usado antes, suas fechaduras abertas e pendentes do encerramento. Sentando-se na cama, pegou uma, virando-a em suas mãos. Não havia como negar o desejo que elas provocavam. Para ser algemada, para ser possuída por um homem — um Mestre. Ela suspirou. Havia algo de maravilhoso naquele pensamento. Sem preocupações, nenhuma decisão. Apenas lhe dar prazer.

Ela viu suas roupas dobradas em uma cadeira no canto. Ignorou-as para o momento, e firmemente tirou a toalha do corpo. Pegando as algemas e fechos, saiu para encontrá-lo.

Encontrar a cozinha foi muito fácil. Andou até ele, sentado à pequena mesa. “Não posso acreditar, mas estou realmente considerando sua proposta.”

Ele se recostou na cadeira, olhando para ela. Estava mordendo o lábio inferior, segurando as algemas como se estivesse confrontando-as com sua independência. Não iria apressá-la. Após o primeiro encontro, soube que essa mulher tinha possibilidades, e depois da noite passada, tinha certeza. Sim, ele a queria. Queria-a completamente subjugada e controlada por ele. Mas só queria, se ela estivesse disposta.

“Dê-me as algemas.” Ficou satisfeito quando ela as entregou sem hesitação. Agora as pesou à sua frente, enquanto a olhava. “Dê-me hoje. Seja minha escrava, sem questionar, pelas próximas vinte e quatro horas. Teste-me se quiser. Se amanhã você quiser partir, então nos separaremos como amigos.” Ele olhou profundamente em seus olhos.

“Vou até lhe pedir para manter sua palavra-segura para esse tempo. Mas, se concordar em ser minha escrava depois de amanhã, deverá ter total confiança em mim.”



Era uma oferta justa. Ela não tinha planos para o dia, e nenhum encontro para a noite. Ao invés de um fim de semana calmo e relaxante, estava entrando em algo muito mais intrigante. Poderia fazer isso? Poderia ser uma escrava por um dia inteiro? Este arranjo lhe daria uma pista do que deveria esperar dele. Ela sorriu, “Eu aceito.” Estendeu os pulsos para ele “Pelas próximas vinte e quatro horas.”



## *Capítulo Dois*

### *Teste*

Solenemente, Phillip pegou seu pulso e o algemou, sorrindo gentilmente para ela, quando a tranca clicou no lugar. Pegando seu outro pulso, fez o mesmo. “Agora você é minha, escrava.”

Ela sentiu um arrepio no modo como usou a palavra. Foi para o que tinha se oferecido, mas ouvi-lo chamá-la assim ainda a surpreendia.

“Vá e penteie seu cabelo, volte usando apenas as algemas.”

Ela sorriu, e esboçou uma pequena mesura antes de deixá-lo. Não demorou muito para cumprir a tal comando tão fácil, embora uma vez que a toalha de seu corpo se foi, se sentiu nua em mais do que apenas o sentido físico. Completamente nua, exceto pelas algemas, parou na porta do quarto por alguns instantes, antes de ter coragem o suficiente para percorrer a curta distância até a cozinha. Engolindo em seco, forçou-se a dar o primeiro passo, depois o segundo. Mais alguns passos, e estava de volta à cozinha, onde parou, sentindo-se um pouco tímida e muito mais do que um pouco nervosa.

Pela sua obediência, foi recompensada com um sorriso. Rapaz, estava gostando cada vez mais desses sorrisos. A bochecha direita tinha uma covinha tão bonitinha, e havia um brilho nos olhos.

Phillip não conseguia parar de sorrir. Sarah era maravilhosa! Tinha lhe dado de volta sua liberdade, meio que esperando que fosse embora. Até que ela voltou à cozinha, não sabia ao certo se tinha realmente gostado do bondage ou não. A emoção de dominar alguém que, voluntariamente, tinha lhe dado sua total confiança o percorreu e o deixou duro. A noite passada tinha sido para ela, essa manhã seria para ele.

“Ajoelhe-se à minha frente, escrava.” Mais uma vez a palavra lançou arrepios através dela, e ela o fez.



Ele abriu a calça, e a baixou. Era a primeira vez que via seu pênis, e seus olhos se arregalaram com prazer. Não era enorme, mas bem formado, longo e delgado. E duro.

“Matenha as mãos em seus lados escrava, e me faça gozar usando apenas sua boca. Certifique-se de tomar todo o meu gozo, não quero ter que trocar de calça.”

Suas ordens a excitaram e sabia que estava ficando molhada. Seu comando não era mais do que esperava. Agradava-lhe saber que ele também tinha desejos e necessidades. Sua única preocupação era que não tinha experiência no assunto. Apenas algumas vezes tinha tomado o marido em sua boca, e a experiência estava longe de ser prazerosa. Mas isso tinha sido em outro lugar, outro tempo.

Hesitante no começo, depois com mais segurança, ela colocou os lábios em torno da ponta de seu pênis, sentindo-o, provando-o. Para sua surpresa, gostou de seu sabor, de seu cheiro. Tomou mais agora, sentindo a longitude da cabeça do pênis com a língua, explorando-o.

Excitado como estava, Phillip se refreou. Não perderia o controle enquanto se deliciava com a sensação de sua língua quente o circulando e mergulhando. Ela, obviamente, não tinha muita experiência no assunto, mas poderia ensiná-la mais tarde. Por agora, apenas desfrutaria.

“Bom, escrava. Agora vá mais fundo.” A voz acima dela lhe deu coragem, e ela abriu mais a boca, tomando-o tanto quanto podia. Por instinto, suas mãos se moveram para cima, mas então se lembrou de seu comando, e lentamente as abaixou novamente, entrando e saindo de seu pau como podia.

Quanto mais Sarah o chupava, mais molhada ficava. Ajoelhada diante de um homem sob seu comando... Dentro e fora. Enrolando a língua o tempo todo em seu mastro, sentiu e provou cada centímetro que podia alcançar.

“Prepare-se para receber meu gozo,” ele grunhiu acima dela, então o chupou ainda mais forte, mais rápido, esperando poder tomar tudo. Foi recompensada com um gosto salgado na língua quando o líquido branco foi bombeado em sua boca. Ela queria agradá-lo, para mostrar sua disposição de seguir suas ordens, mas engolir tudo que ele lhe deu foi demais. Seu sêmen escorreu pelos cantos de sua boca, caindo sobre seus seios.

O balanço de Phillip se abrandou, e então parou. Apenas quando tinha certeza de que já tinha acabado ela o deixou ir, e sentou-se em seus calcanhares.



Sarah desejou agradá-lo e lhe devolver um pouco do mesmo prazer que ele tinha lhe dado à noite passada. “Muito bem, escrava. Você fez bem. Deseja uma recompensa?”

Ela sorriu em suas palavras de elogio, feliz que tivesse cumprido sua primeira ordem como uma verdadeira escrava corretamente. Se ela queria uma recompensa? Sim. Esperava uma? Isso foi mais difícil de responder, e ela não tinha certeza de até aonde os limites iam.

“Não, Senhor. Não quero uma recompensa. Desejo apenas servir meu Mestre.”

Phillip sabia que ainda era apenas um jogo para ela, podia dizer pelo tom de sua voz. Tudo bem, ela viria a servi-lo corretamente, com o tempo. Ele sorriu ao vê-la, ajoelhada diante dele, o queixo e os seios cobertos com sua marca. “Você ainda não comeu nada escrava. Venha,” Estendeu a mão para ajudá-la. “Já comi antes, mas vou preparar seu café da manhã também.” Seu sorriso ficou ainda mais largo. “Vá e se lave, depois volte e sente-se aqui.” Indicou a cadeira que ele próprio havia sentado antes. Perto da janela, sua nudez ficaria exposta para qualquer transeunte.

Sarah hesitou apenas um momento. A área de bosque que redeava a casa iria protegê-la dos curiosos, decidiu. Lavando-se rapidamente, ela voltou e se deslizou na cadeira enquanto ele preparava e servia a omelete.

“Pensei que estava para servi-lo, Mestre.” Ela provocou.

Com uma piscadela, ele colocou o prato diante dela. “Você fez minha querida — E fará de novo, em muitas, muitas maneiras, minha escrava.”

Havia um som fraco e ameaçador em sua voz e Sarah o estudou com alarme. Mas só havia travessuras em seu olhar e ela relaxou novamente. A omelete estava deliciosa, assim como o suco de laranja. Ela comeu enquanto ele a observava. A conversa foi mais uma vez sobre pequenas coisas, e qualquer um que os escutasse, pensaria que era simplesmente um casal de recém-casados. Apenas sua nudez e as algemas apontavam para outra história.

Ela o ajudou a lavar os poucos pratos que havia, sentindo sua nudez cada vez que fazia uma atividade ‘normal’. Achou estranha a sensação de secar um prato, com o pano ocasionalmente roçando sua pele nua, lembrando-a de sua promessa e sua concordância. Cada vez que isso acontecia, ficava molhada novamente.





Havia um propósito para deixá-la fazer essas tarefas tão mundanas nua, é claro. Phillip sabia que as atividades simples do dia-a-dia, criaria uma atmosfera sexual e serviria, não apenas para lembrá-la de sua posição, mas também mantê-la num estado perpétuo de excitação. Era exatamente onde a queria.

Com as tarefas da manhã terminadas, a pegou pela mão e a guiou para o mesmo quarto onde a tinha amarrado na noite anterior. A luz do sol agora se derramando pelos vidros de uma janela, que não tinha reparado na escuridão, lhe dando uma visão clara do aposento e do mobiliário. Ele deu um passo para o lado, e a deixou tomar seu tempo para observar tudo.

Na parede à esquerda, do mesmo lado da janela, viu um tipo de prancha presa à parede com duas argolas penduradas, como se fossem pequenas aldravas. Correntes pendiam das argolas, então percebeu que tinha sido ali onde foi anexada à noite passada. Suas bochechas queimaram na lembrança de seu comportamento libertino e como lhe tinha implorando pela liberação.

A mesa também estava lá, coberta por um fino colchão de couro. Outra mesa estava contra a parede, mas estava coberta por um tecido azul escuro. Estava certa de que podia ver o rastro do chicote que usara na última noite entre as várias saliências do tecido. Várias outras formas no quarto estavam cobertas com o mesmo tecido azul. Phillip agora descobria uma forma baixa e retangular.

Era uma pequena jaula, não muito mais alta que sua cintura, longa e estreita. Era largo o suficiente para um cachorro de grande porte.

“Acredito que está precisando de um pouco de punição, escrava.” Hora de descobrir o quão complacente ela poderia ser. Embora estivesse preocupado em empurrá-la muito longe, precisava determinar se poderia lidar em ser castigada pelas infrações. Este era um teste, e ele queria que ela estivesse plenamente informada sobre o que poderia lhe acontecer. Mas não havia nenhuma razão para que este período de teste não fosse também um treinamento, se ela o reconhecesse ou não. Ele gesticulou para jaula.

Ela o olhou, como se ele fosse louco. “O quê? O que quer dizer?” O jogo não era mais divertido se ele pensava que ela iria entrar naquela coisa.



“Você jurou fazer o que eu mandasse pelas próximas vinte e quatro horas. E você já quebrou isso por duas vezes.”

“Como?” Estava indignada. Tinha feito exatamente tudo o que ele tinha mandado. Mas a semente da dúvida foi plantada. Será que tinha feito algo errado?

“Eu lhe disse para manter as mãos em seus lados, e me tomar apenas com a boca. Você moveu as mãos.” Sua atitude era calma e controlada.

“Mas não as usei.” Ela deu um passo em direção à porta.

“Mas também não as manteve em seus lados.” Ele se aproximou e ela pôde ver que quis dizer cada palavra que disse. A força bruta nele era fortemente evidente — Agora estava um pouco assustada com isso. Ele avançou contra ela, empurrando suas emoções.

“Apenas isso teria sido uma pequena punição, entretanto.” As costas de Sarah se encostaram contra a porta, quando se ergueu diante dela.

“Sabe o que mais você fez e que não me agradou?”

Ela rebubinou sua mente, mas não conseguia pensar em nada. Lavaram os pratos e tiveram uma conversa agradável. Ela negou com a cabeça.

“Você não me disse a verdade, escrava. E isso é algo que deve sempre fazer. Lembra, quando perguntei se queria uma recompensa?” Ela assentiu, os olhos arregalados e o coração disparado. “Você me disse que não. Mas você queria, não é? Queria que eu a tomasse novamente, que a deixasse gozar.”

Não podia mentir para ele. Tremendo, ela assentiu. Não tinha dito a verdade.

Seu olhar assustado quase o fez recuar, mas manteve-se firme. Não gostava de forçar tanto, mas ao mesmo tempo, sabia que tinha que ser feito. Sarah estava longe de sua infância física, mas na submissão, era apenas uma recém-nascida, e tinha muito a aprender. Iria gostar muito de ensiná-la, se ela seguisse sua ordem agora. Com um gesto que beirava a impaciência, apontou para a jaula. “E agora, minha escrava precisa aprender que será punida se não me disser a verdade a primeira vez que lhe perguntar. Rasteje para a jaula, escrava.”

Com medo nos olhos, ela fez o que ele ordenou. Isso não era mais divertido, mas estava com medo de desafiá-lo. Ele a instrui a se virar, de modo que encarava a parte estréia da jaula, de costas contra as grades, e as pernas amplamente abertas. Ele prendeu seus pulsos no extremo



oposto da jaula, depois foi para os tornozelos, abrindo suas pernas e prendendo-as separadas, com as algemas que, aparentemente pegara em algum ponto do quarto. Não tinha espaço para sentar-se reta, e com os braços e pernas abertos, não poderia de qualquer jeito.

“Tenho algumas coisas para fazer. Ficará aqui até que eu decida deixá-la sair.” Com isso, se virou e saiu do quarto. A porta ainda estava aberta, e ela pôde vê-lo vestindo a jaqueta. Quando ouviu a porta da frente abrir e fechar atrás dele, o medo tomou conta dela.

“Você não pode fazer isso comigo! Deixe-me sair!!! Deixe-me sair!” Ela gritou, esperando que ele voltasse, mas sabendo que não o faria. Estava trancada numa jaula como um animal. Sarah puxou em suas amarras, tentando passá-las através dos punhos, mas estavam muito apertadas. Indefesa, nua, sozinha, respirou profundamente e se acalmou.

“Agora pense garota. Tem que haver um jeito de sair daqui.” Testou suas amarras novamente, mas continuava tão apertada quanto antes. Puxá-las, fez seus sucos fluírem pela sensação de estar indefesa, deixando-a subjugada. Estava à sua mercê. Total e completamente dele para fazer o que quisesse.

E não era com o que tinha concordado? O pensamento trouxe um rubor ao seu rosto, enquanto um arrepio percorria seu corpo. Completamente à sua mercê. Isso era o que significava ser uma escrava. Ele não estava brincando, não era um jogo. Se concordasse em ser sua escrava, significava obediência incondicional de sua parte. Mas o que significava da dele?

O tempo passou, e ela não teve idéia de sua passagem. Estava ali há uma hora? Menos? Mais? Não havia relógio no quarto, e o sol tinha se escondido atrás de uma nuvem. Ela mordeu o lábio, pensando sobre o que ele queria dela. A pergunta era, ela queria dar a ele? Especialmente se ia ser punida por algo que considerava como uma infração relativamente pequena.

Bem, ok, deveria ter sido honesta com ele na coisa da recompensa. Teria gostado de gozar e tinha gostado da maneira como ele a motivava. Ela jogou o jogo, e perdeu. Teria perdido? Não, talvez não. Não gostava de estar na jaula, mas não era doloroso. As barras não eram o lugar mais confortável que já tinha estado, mas nenhum dano permanente estaria sendo feito. E se ele era o Mestre, não teria o direito de discipliná-la?



De repente, percebeu onde seus pensamentos a estavam levando, e os deteve. Não, este era um jogo para ela, que havia combinado com 24 horas, e era isso. Não era uma desistente, terminaria seu tempo. Puxar de novo seus braços e pernas fez apenas agravar o sentimento de impotência e fazer com que seus sucos fluíssem. Mas não havia nada que pudesse fazer — nenhuma maneira de obter alívio. Ao invés, suspirou e esperou, ficando mais excitada e mais frustrada a cada momento.

Ouviu seus passos no corredor, e tentou sentar-se ereta, esquecendo-se de que suas algemas não a deixavam. Era difícil virar a cabeça muito longe, mas podia ver a maior parte da porta. Ele entrou e ela prendeu a respiração. Porque ele tinha que ser tão lindo?

Phillip não tinha ido mais longe do que a varanda da frente. Da janela lá, pôde espiar dentro do quarto e manter um olho nela sem que o visse. Viu-a lutando e ouviu seus gritos. Mas acalmou-se rápido — mais rápido do que tinha imaginado. Tinha considerado uma meia hora longa o suficiente para uma punição — Ele duvidara de que *ele* pudesse aguentar mais. Ela parecia tão deliciosamente sensual naquela jaula. Colocou sua ‘máscara severa’ e perguntou. “Como está, minha escrava?”

Ela quase respondeu automaticamente ‘muito bem’ mas pensou novamente. Não estava bem. Suas pernas e braços doíam por causa da posição, estava ficando com tesão e não gostando nada disso. Seu corpo a traía, na sua mente, sabia que não gostava dessa coisa de disciplina e tudo mais, mas a umidade de seu sexo, dizia o contrário. Lágrimas se formaram em seus olhos, enquanto lutava com a questão.

Phillip esperou pacientemente, vendo a batalha dentro dela. Bom. O lento treinamento estava funcionando. Agora estava considerando o que ontem teria rejeitado como fora de mão. Ajoelhou-se em frente à jaula e a abriu, liberando os tornozelos e depois os pulsos. Sarah esfregou os braços, os sentindo formigar enquanto o sentimento voltava para eles.

“Rasteje para fora agora e se ajoelhe diante de mim.”

Lentamente, ela o fez. Depois que saiu da jaula, parou, ajoelhando-se sobre os calcanhares.

“Não, escrava,” disse gentilmente. “Não é assim que alguém se ajoelha para o Mestre. Separe os joelhos um pouco mais e sente-se.” Ela fez, sem questionar, as lágrimas caindo



silenciosamente pelo rosto. “Agora, coloque as mãos atrás das costas e aperte-as juntas.” Seu tom era calmo como de um professor, e ela respondia aos seus comandos sem lutar. “Empurre os ombros para trás e olhe para frente.” Seus seios se estenderam quando o fez, fazendo-a sentir vulnerável e fraca. Com esforço, levantou o queixo e olhou para frente, sua visão embaçada, ainda com mais lágrimas.

“Essa é a posição que deve ficar quando lhe disser para se ajoelhar. Você entendeu, escrava?” Ela o olhou e viu apenas gentileza em seu olhar. Assentiu, tentando não soluçar.

“Levante-se agora, minha escrava.” Phillip estendeu a mão para ajudá-la a subir, então colocou os braços à sua volta. “Venha comigo.” Levou-a para a sala e a sentou no sofá, debruçada contra ele. Puxando uma manta das costas do sofá, ele a cobriu, segurando-a, enquanto os soluços ficavam mais fortes.

Beijou o topo de sua cabeça e a abraçou forte, deixando as lágrimas caírem. Talvez tivesse sido muito duro com ela. Mas pelo menos agora ela sabia o que ele queria. Será que tinha visto que era isso o que ela queria também? A mulher respondeu ao ser amarrada, e isso a tinha perturbado. Sua mão acariciou ao longo de sua bochecha quando pena bateu em seu coração. Havia tantas coisas que ela não compreendia sobre sua própria sexualidade. Quando seus soluços diminuíram para pequenas fungadas, ele beijou sua testa. Ela o olhou, o rosto congestionado e vermelho do choro. “Sinto muito, Senhor. Não sei por que estou chorando.”

“Não sabe?” Ele beijou sua têmpora. “Eu sei.” Tirou seu cabelo do rosto. “Por anos você tem treinado sua mente para pensar de uma forma específica.”

Beijou seu rosto novamente. “Mas seu corpo sempre soube que algo estava faltando. Você apenas não sabia o que era.” Beijou a ponta de seu nariz. “Estou treinando seu corpo.” Beijo. “E seu corpo gosta do que está descobrindo.” Beijo. “Mas sua mente não aceita essa nova formação.” Beijo. “E assim tem lutado com seu corpo.” Beijo. “Infelizmente, seu coração está preso no meio.”

Beijou-a nos lábios então, e ela respondeu com fome. Ele estava certo em tudo. Algo estava faltando em sua vida. Seria isso? De muitas formas, gostava de sua dominação sobre ela. Sem saber, seu coração tinha dado um passo em direção a ele e em seu beijo de resposta, ela deu o primeiro passo para submissão.



Ele aceitou o pequeno passo sem palavras, encorajando-a a se recostar em seu ombro, sentir seu calor, a segurança e a proteção de sua presença. Relaxada, ela adormeceu.

\* \* \* \* \*

Quando acordou, ela podia ouvi-lo mexendo em algo na cozinha. Com um começo, ela olhou no relógio sobre a lareira. Quase meio-dia! Jogou o cobertor de volta para trás e se levantou, o olhar caindo sobre seu corpo nu e as algemas sempre presentes. Eram símbolos de sua escravidão, sabia disso agora. Balançando a cabeça, foi até a cozinha para encontrá-lo.

“Teve um bom cochilo?” Ele sorriu para ela, ainda misturando algo numa pequena tigela.

“Sim, Senhor.” Franziu a testa e cheirou. “O que é isso? Atum?”

Ele riu. “Preciso comprar alguns mantimentos. Tudo que temos para o almoço, hoje, é sanduíche de atum ou manteiga de amendoim e geléia.”

“Atum soa bem para mim!” Seu estômago roncou, e ambos riram.

Sentaram-se junto à mesa, comendo seu lanche e curtindo a companhia um do outro. Foi uma medida de quão longe ela tinha ido, por ter dado apenas um pensamento passageiro sobre sua nudez.

Novamente o ajudou com os pratos, dobrou o pano e o pendurou quando acabaram. “Venha comigo,” a instruiu e ela o seguiu quase avidamente. Não tinha tido um orgasmo ainda hoje e queria muito.

Voltaram para o quarto e ele puxou as cobertas quase totalmente fora da cama. Com um gesto de cabeça, ela sabia que ele queria que se deitasse e ela o fez, deixando espaço suficiente para ele. Ele riu. “Mova-se para o centro, meu doce, e coloque as mãos acima da cabeça.”

Ela sorriu ao perceber que seria amarrada. A noite passada havia sido a primeira vez que tinha sido imobilizada, e tinha gostado muito - O clímax nunca tinha sido tão intenso. Rapidamente levantou os braços, apoiando-os nos travesseiros, enquanto ele prendia as





algemas na cabeceira. Ela puxou um pouquinho, experimentando, mesmo sabendo que estava bem presa.

“Abra as pernas.” Por um momento, o comando guerreou dentro dela. De certa forma parecia uma coisa tão humilhante para fazer, mesmo que quisesse. Mas esqueceu de sua mente, e abriu as pernas para ele.

Mas ele não as prendeu aos pés da cama como esperava. Ao invés, levantou uma pequena borboleta rosa. “Parece familiar?” Ele sorriu, sabendo que a estimulação serviria para incrementar seu desejo, mas não a deixaria gozar. Ela quase gemeu — Não isso! Ele a prendeu em seu clitóris, então se levantou. “Feche as pernas agora, escrava.”

Intrigada, ela o fez. Não iria tomá-la? Era o que queria a noite passada e ainda queria hoje. Levantou a cabeça e o viu prender seus tornozelos juntos, depois usou um cinto grande e largo para prender suas pernas acima dos joelhos. Outra corda para segurar seus pés ao estribo e estava presa. Ela se contorceu, sentindo a borboleta entre suas pernas, mas não podia se liberar.

“Preciso ir buscar mantimentos. Isso irá mantê-la entretida enquanto estou fora.” Ele alcançou e virou o controle da borboleta. Uma vibração baixa se moveu contra seu clitóris e ela gemeu quando os músculos relaxavam e responderam à estimulação. Ele riu e saiu do quarto. “Vou só pegar minha jaqueta e volto para verificá-la.”

Quando tinha buscado Sarah para o encontro na noite anterior, não tinha realmente pensado em transformar sua noite em um encontro de fim de semana. Mas o momento tinha sido certo e sabia como improvisar. O problema era que não tinha feito compras, não tinha mentido na hora do almoço - havia pouca comida à mão. Prendeu-a de forma segura e sabia que seria bastante atormentada no pouco tempo que ficasse fora. Graças a Deus tinha uma pequena loja a apenas três quilômetros abaixo da estrada. Pegando a jaqueta, deslizou os braços nas mangas, enquanto enfiava a cabeça na porta do quarto.

Vendo-o com a jaqueta, Sarah percebeu que ele realmente tinha intenção de sair. “Senhor...” Ela começou.

“Tem algo que você deseja me perguntar? Algo que queira me dizer, escrava?” Sua voz era gentil e entrou no quarto para checar suas amarrações. Elas iriam segurá-la — E não



machucá-la, apesar do medo em seus olhos. Ofereceu-lhe uma saída se quisesse. “Usar sua palavra-segura, talvez?”

Ela negou com a cabeça. “Não, Senhor, vou ficar bem.” Ele assentiu e moveu o botão do controle. A vibração intensa a atravessou e ela tentou arquear as costas, mas não conseguiu fazer muita coisa com as pernas amarradas juntas.

“Ótimo. Voltarei logo.” Com isso, lhe deu um beijo longo e profundo. Levantou-se e deixou o quarto sem dizer mais nada.

\* \* \* \* \*

Sarah podia ver o relógio de sua posição na cama. Após checá-lo quinze vezes em quinze minutos, decidiu que preferia o tempo da manhã que tinha passado sozinha na jaula, quando não tinha nenhuma base de referência à passagem do tempo. A pequena borboleta cantarolava vibrações entre suas pernas, e não tinha como obter alívio. Contorceu-se um pouco no início, mas foi inútil. Claro, saber disso, só fazia maior sua necessidade.

Na verdade, era quase relaxante uma vez que seu corpo se havia acostumado a ela. Respirou fundo, sentindo as vibrações por todo o caminho através dela, relaxando todos os músculos, exceto os de sua boceta. Ela quase poderia pegar no sono.

Estremeceu e percebeu que, de fato, tinha divagado. Uma rápida olhada no relógio confirmou que não tinha passado muito tempo - apenas cinco minutos desde a última vez que tinha olhado. Até agora, ele tinha saído apenas a apenas vinte minutos.

“Perguntou onde era a loja?” Pensou consigo mesma. “Nem pensou em perguntar, não é? Não, está muito fundo nessa coisa de escrava para fazer uma pergunta simples. E provavelmente ele a teria respondido isso também!” Suspirou e se contorceu um pouco mais.

“Humm, mal posso esperar até que ele me faça gozar.” Seus pensamentos continuaram. “A noite passada foi o único orgasmo mais incrível que já tive.” Mas pensar sobre isso a lembrou de sua necessidade e as vibrações adicionadas a ela. O desejo ficou mais forte, mas sabia que não teria alívio até que ele voltasse.



Mas e se ele não voltasse? O súbito, terrível e horrendo pensamento, foram como um soco em seu estômago. Tinha visto um filme antigo uma vez chamado *The Pit and the Pendulum*. Ela lembrou um pouco do outro, estrelado por *Vincent Price*. Mas havia uma parte, que por alguma razão, ele e uma jovem dama haviam descido para o calabouço do antigo castelo, onde essa ingênua do filme tinha ficado intrigada por uma *iron maiden* (instrumento de tortura medieval, que consiste em uma caixa em forma de pessoa, que tem lanças de ferro em forma de espinho, que penetra no corpo quando a caixa é fechada). O personagem de Vincent Price a tinha trancado lá dentro, e ainda a tinha amordaçado, para que ela pudesse obter o efeito completo. Mas então o clímax do filme havia ocorrido, e ele tinha sido preso em correntes, ou foi morto, ou algo assim. Enfim, o filme tinha terminado com uma cena da garota, ainda trancada e amordaçada no *iron maiden*, os olhos arregalados, ninguém sabendo que ela estava lá. E todo o público sabia que estava condenada a uma morte lenta e dolorosa.

Nunca tinha esquecido o olhar de medo no rosto da atriz. A semelhança entre o destino da personagem e o seu subitamente a bateu. E se seu encontro fosse ferido? Ou pior, morto em um acidente de carro? Cenários de desgraça começaram a inudar seu cérebro enquanto imaginava mais e mais possibilidades. E ninguém sabia que estava aqui! Sua própria família morava longe e embora alguns de seus colegas de trabalho soubesse que ela tinha um encontro, nenhum deles sabia com quem. Ela poderia ser declarada como desaparecida, mas estaria morta antes que alguém a encontrasse.

Seu medo cresceu. “Pânico. Não devemos entrar em pânico.” Ela pensou. “Coloque sua mente sob controle.” A possibilidade de qualquer uma dessas cenas horríveis acontecer realmente era remota, ela percebeu. Ele voltaria – e logo - tinha certeza disso.

Mas a adrenalina causada por seu ataque de medo tinha que ir para algum lugar; E sua excitação se aprofundou. “Preciso gozar,” Ela gemeu, começando a se mexer de verdade na cama. Tentando encontrar um jeito de dobrar as pernas ou soltar uma das mãos.

E foi assim que ele a encontrou: se contorcendo na cama, as lágrimas fluindo livremente de sua necessidade. Ele a alcançou, e tirou o cinto em torno de suas pernas, e ela abriu os olhos, percebendo que ele estava de volta. “Oh, Graças a Deus. Por favor, Mestre, por favor, me deixe gozar!”



Ele sacudiu a cabeça, e sentou ao lado dela na cama, reprimindo um sorriso. Ao ouvir seus gemidos, correu direto para o quarto, temendo o pior. Mas o vibrador e seus próprios pensamentos haviam sido bem mais ativos do que tinha antecipado, e sua pequena escrava tinha ficado simplesmente com tesão. Chegando mais perto, beliscou um mamilo carinhosamente, enquanto afastava o cabelo de seu rosto com a outra. “Não, minha escrava. Ainda não.” Diminuiu a intensidade do vibrador, e ela clamou em agonia. Esperou até ela se acalmasse e depois se inclinou para sussurrar em seu ouvido. “Eu possuí sua boca com minha língua e meu pau. É minha, e eu a possuo.” Tomou sua boca de novo, a língua deslizando para dentro e ao longo dela. Ela gemeu ao sentir o prazer a percorrendo.

Ele se afastou quando acabou e a olhou firmemente. “Vou soltá-la, mas não deve se tocar, ou de nenhuma forma tentar se dar prazer. Está entendido?”

Ela concordou, e ele desamarrou seus pés dos estribos. Ela quase desesperadamente cruzou as pernas para obter a fricção que precisava, mas com esforço e muita força de vontade, ficou imóvel. Ele soltou seus braços e a ajudou a ficar de pé, observando sua obediência.

Mais uma vez, ele a guiou para o quarto, que ela já estava começando a pensar como seu calabouço. Não fazia diferença que ali não fosse um velho castelo inglês; Não importava que não estivesse no porão e que a luz do sol entrava pela janela. Tinha todos os equipamentos certos. Ela só esperava que não tivesse a *iron maiden*.

“Coloque as mãos atrás das costas.” Ela fez, e ouviu o já familiar click das algemas sendo fechadas. Não estava de frente para a mesa que mantinha seus brinquedos, e nem se virou quando ele foi em direção a isso. Voltou com uma corda diferente da que tinha usado na outra noite, e amarrou seus seios diferentes dessa vez. Ele gostava de usar diferentes tipos de imobilização — Cada uma tinha uma finalidade específica. Esta noite, queria que seus seios ficassem confinados, mas ainda queria acesso a eles. Passando a corda em volta de seu corpo e sob os braços por quatro vezes, teve a maior parte de seus amplos seios confinados. Não em grandes círculos, mas espremidos planos. As pontas da corda terminaram nas costas, e as trouxe ao redor de seus braços. Gentilmente, ele os puxou e ela sentiu seus braços serem presos nas costas. Seus seios agora se empurravam contra as ligações e Sarah sabia que sua boceta estava tão molhada que estava pingando. Ela ofegou ao senti-lo fazer o laço final nas cordas.



Indo à sua frente, ele observou seu trabalho, e sorriu por seu leve desconforto. “Oh, Sim, escrava. Gosto muito desse visual.” Estendeu a mão e acariciou seus seios em suas cordas. Rolando um mamilo em uma mão a beijou novamente, possuindo sua boca. Por um momento ela lutou, querendo colocar os braços em volta dele. Mas esse movimento lhe foi negado, e ao invés, se inclinou contra ele, sentido seus joelhos tremer.

“Venha cá, minha escrava. Precisa de algo para se apoiar.” Ele a guiou para mesa acolchoada, e recostou seus finos quadris contra ela. Então se abaixou e prendeu uma das algemas do tornozelo no pé da mesa. Fez o mesmo com o outro, e ela ficou efetivamente imóvel mais uma vez. Com os braços presos em suas costas, os seios exprimidos pelas cordas e as pernas abertas, voltava a ser o seu brinquedo.

Ele parou para admirar seu corpo — Preso a mesa, incapaz de se afastar. Estava à sua mercê e o pensamento o excitou. A cada passo, ele meio que esperava que ela usasse sua palavra-segura, mas se manteve silenciosa, querendo explorar esse mundo tanto quanto ele queria lhe mostrar.

Ele tirou a camisa e se aproximou, ela podia sentir seu peito nu contra os braços. Alcançando o braço à sua volta, segurou sua cintura com uma mão enquanto a outra beliscava e esfregava seu mamilo. Gemendo de novo, ela se recostou contra ele, os olhos fechados, curtindo as sensações. Mordiscou sua orelha e depois segurou algo em frente a seus olhos. “Olhe para isso,” ele ordenou.

Era um longo tubo de borracha preta, com pequenos anéis ligados de uma extremidade a outra. “Sabe o que é isso?” Ela negou, e ele continuou. “É uma mordaca. Quero colocá-la em sua boca agora. Mas ela não tem nenhuma corrente, vê?” Ela confirmou “Posso colocá-la, mas você pode cuspi-la e usar sua palavra-segura sempre que quiser. Você entendeu?”

Ela confirmou com a cabeça novamente e ele encaixou a mordaca em sua boca. Sua língua ficou abaixo e ela pôde sentir o gosto da borracha. Isso adicionava ainda mais excitação à situação, mesmo lhe dando certo grau de controle. Mas então acrescentou, “Você vai querer mordê-lo.”

Antes que pudesse pensar sobre o que significava, ele estava atrás dela novamente, segurando-a no lugar com o braço em volta de sua cintura. Mais uma vez beliscou seu mamilo e



ela fechou os olhos, deixando a cabeça cair para trás, e assim não viu a braçadeira de mamilo que estavam em sua mão. Não até que sentiu a mordida percebeu sua intenção.

Ela guinchou e olhou para os seios. Uma pequena braçadeira prata estava agarrada a seu mamilo, uma corrente fina se pendurava dela. Enquanto olhava, ele pegou a outra ponta da corrente e ela percebeu que faziam um conjunto. Ele prendeu a outra e recuou.

Por um momento pensou em cuspir a mordaca e implorar para removê-las. Nunca tinha sentido uma dor tão intensa. Pequenas chamas pareciam queimar nas pontas dos seios, e os balançou de um lado para o outro, tentando arrefecer o calor. Rapidamente, no entanto, a dor voltou-se para um prazer surpreendente e ela se acalmou, querendo que ele continuasse de onde o tinha interrompido.

Quando a mordaca não saiu voando, ele sorriu. Acreditava que ela fosse gostar disso. A dor pode ser muito sedutora, muito encantadora, e *muito* excitante. Não que ela precisasse do último. Tirou o resto das roupas, ficando tão nu quanto ela.

“Já possuí sua boca. É minha, e agora usa a mordaca que lhe dei. Essa tarde, vou tomar posse de sua bunda.”

Sarah ofegou quando percebeu o que ele pretendia fazer. Por um momento lutou com suas restrições, mas a mordaca permaneceu no lugar. Com uma vergonha súbita, percebeu que queria que ele fosse o primeiro a entrar em seu cu virgem.

Gentilmente, ele a empurrou para frente até que estava debruçada sobre a mesa, a corrente das braçadeiras apenas escovava a parte acolchoada. Mesmo aquele pequeno movimento da corrente enviou novas ondas de prazer/dor através de todo seu ser. Ouviu-o se ajoelhar atrás dela e sentiu suas mãos separando suas nádegas. Algo quente e úmido trilhou ao longo da fenda até seu buraco, e percebeu que sua língua estava fazendo exatamente o que disse que faria — tomando posse de sua bunda.

Ele circulou seu buraco várias vezes com a língua, lentamente, languidamente, e suas mãos nunca deixou suas bochechas enquanto as apertava e acariciava. Ansiava por sentir seu toque no clitóris, sabendo que seu orgasmo viria imediatamente. Mas ele o estava evitando deliberadamente e a antecipação era quase dolorosa.





Os círculos em torno do buraco ficaram menores, e então o sentiu enfiar a língua contra ele. Gemendo na mordaca, se debruçou mais para lhe dar um melhor acesso quando a língua penetrou seu buraco.

Recostou-se sobre os calcanhares e ela sentiu algo líquido gotejar entre suas nádegas, suspirou aliviada quando ele colocou um frasco de óleo de bebê na mesa à frente dela para que pudesse ver o que estava usando. Com os dedos o espalhou em torno de seu buraco, empurrando em seu ânus e a deixando sentir as maravilhosas sensações que emanavam de seu traseiro.

Agora tinha começado a trabalhar seu buraco a sério, deslizando a ponta de um dedo dentro. Seus gemidos ficaram mais altos agora que tinha começado a dedilhar-foder seu buraco. Delicadamente, deslizava um dedo dentro e depois puxava — primeiro para frente, então tirava, depois o deslizava novamente e tirava puxando para o lado. Pouco a pouco, esticando-a.

Suas necessidades eram quase insuportáveis agora. Queria seu pau dentro dela — queria que a possuísse. Novamente se inclinou para frente, as braçadeiras a apenas milímetros do colchão. Estava sendo tão cuidadoso com ela, tão gentil, para não rasgá-la. Saber disso não fazia mais fácil de suportar.

Enfim sentiu algo maior contra seu buraco agora estirado. “Pronta?” Perguntou-lhe; E ela assentiu “Sim.” Suas mãos foram para suas ancas e com um rápido movimento, entrou e tomou posse de seu cu.

Ela mordeu a mordaca enquanto gritava. Por várias batidas do coração, seu rabo queimou, enquanto seus músculos interiores protestavam pela invasão. Mas então ela relaxou e Phillip puxou e empurrou novamente, deliberadamente lento. Cada vez que se retirava, seus músculos relaxavam mais e Sarah se entregou à impotência de sua situação.

Phillip se empurrou de novo e ela percebeu que estava indo cada vez mais fundo dentro dela. Mais um impulso e sentiu suas bolas escovar os lábios de sua boceta. Foi muito. Enquanto ele entrava e saía, não conseguiu mais controlar seu corpo e convulsionou com a primeira onda de seu orgasmo.

Os músculos de Sarah se contraíram ao redor do pênis de Phillip enquanto ele se segurava dentro dela, aninhado em seu pequeno buraco apertado. Quando ela gemeu na



mordança e gozou, ele renunciou ao controle que tinha segurado há tanto tempo. Com um gemido próprio, se empurrou dentro dela e juntos cavalgaram contra a mesa enquanto onda após onda os levava.

Quanto tempo durou, ela não tinha idéia. Todos os pensamentos fugiram, deixando apenas sensação. Ela continuou gemendo enquanto o orgasmo diminuía, e então parava. Mais uma vez, Phillip tinha lhe dado um inferno de um orgasmo. Ele a abraçou, enquanto amolecia dentro dela, então se afastou e se limpou. Seus sucos fluíam de sua bunda e escorriam pelas pernas, se misturando com os seus próprios. Ele sorriu — não tinha acabado com ela ainda — não dessa vez.

Vindo por trás dela novamente, Phillip a segurou pela cintura, como tinha feito antes — Com uma pequena diferença. O vibrador ainda cantarolava nela, e com todas as outras sensações, tinha quase esquecido. Agora ele virou o botão e aumentou as vibrações; Ela engasgou — ia gozar de novo.

“Mantenha a mordança no lugar — vai querer isso,” Ele instruiu. Seus olhos estavam começando a ficar vidrados, mas ele poderia dizer que tinha entendido. Com uma mão alcançou o vibrador e o empurrou, e com a outra, esfregou seus mamilos agora muito sensíveis. Ela gozou. Ruidosamente. Seu corpo se debatendo contra ele, quando um clímax mais intenso a levou.

Justamente quando as ondas começaram a baixar, ele removeu uma braçadeira do mamilo e seu corpo goleou de novo — a dor lhe dando outro climax. Lágrimas rolavam por seu rosto, e os dentes deixavam marcas na borracha. Agora que sabia o que a esperava quando removeu a outra. Seu clímax diminuiu e ele lhe deu uma trégua. Sua respiração desacelerou e ele considerou-a pronta — removeu a segunda braçadeira. Novamente um clímax devastou seu corpo.

Mas ela não tinha mais força para este. Se ele não a estivesse segurando de pé, teria caído contra a mesa. O último orgasmo desvaneceu e ela ficou mole contra ele, exausta.

Gentilmente, deitou-a, sabendo que a pressão da mesa contra os seios amarrados e mamilos sensíveis poderiam causar um quinto climax. Não ficou desapontado. Pequenas



contrações musculares devastaram seu corpo enquanto gozava de novo, as ondas dessa vez deixando-a quase inconsciente.

Delicadamente removeu a mordaça, ela nem sequer abriu os olhos. Ajoelhando-se soltou suas pernas, depois os nós das cordas que ligavam seus braços. Uma vez que suas amarras foram removidas, pegou-a e a levou para o quarto, colocando seu corpo exausto gentilmente sobre a cama. Calmamente e na ponta dos pés foi até o banheiro para pegar uma toalha quente para limpá-la, mas já estava dormindo quando voltou. Limpou-a mesmo assim, deixando o calor calmante acrescentar seu conforto.

Suas mãos se demoraram na tarefa. As curvas macias e arredondadas de Sarah o convidavam a acariciá-la. Banhar sua pele acendia um calor dentro dele que não sentia há muito tempo. Dessa vez, não empurrou os pensamentos. Tinha violado sua bunda e ela tinha gostado. Atrevia-se a ter esperança.

Phillip estendeu o pano molhado sobre o pequeno cesto de lixo que ficava ao lado da cama e olhou-a tão saciada. Ele era o culpado por sua exaustão e o pensamento o alegrou. Esta tarde, Sarah tinha alcançado alturas que tinha apenas vislumbrado através das nuvens de sua moralidade anterior e agora a estava fazendo ver. Se estivesse certo sobre ela — eram alturas que ela pretendia escalar novamente.

As atividades da tarde o tinham cansado também. Puxou as cobertas sobre eles e se aconchegou na cama, encaixou seu corpo contra o dela e juntos dormiram o resto da tarde.

\* \* \* \* \*

O quarto já estava escuro quando Sarah acordou. Sentiu seu braço sobre ela e ficou lá, sentindo sua proteção. Que gloriosa tarde tinha sido. Nunca soube que dor poderia trazer tal prazer. Cuidadosamente, para não perturbá-lo, estendeu a mão e apalpou seus seios suavemente, sentindo-se em volta do mamilo. Havia apenas a mais leve memória da dor que havia sentido antes. Movendo-se lentamente, se levantou da cama, sem perturbar seu sono.



Ela foi se lavar, só para descobrir que já tinha sido lavada; sua gentileza a tocou. Seu marido certamente não teria feito tal coisa. Não porque ele fosse uma pessoa má, mas porque simplesmente nunca teria lhe ocorrido fazer esse pequeno serviço para ela. Na cozinha, acendeu uma pequena luz, e olhou a hora. Quase 7:00. Não admira que seu estômago estivesse roncando! Espreitando a geladeira, viu um prato de carne, já marinada. Ao investigar mais, encontrou outros indícios do que ele tinha planejado para o jantar.

Vestindo um avental, decidiu deixá-lo dormir e surpreendê-lo com o jantar. Era o tipo de coisa para escrava fazer? Deu de ombros. Talvez sim, talvez não. Não tinha jeito melhor de aprender do que fazer e ver. Atravessou a cozinha vestida apenas em seus punhos e avental, parando a meio caminho na sensação do tecido contra a pele. Essa era a maior quantidade de roupa que tinha vestido desde que tinha chegado há quase vinte e quatro horas atrás. O pensamento a fez sorrir - e com tesão novamente.

Mas o grande avental, preso em seu pescoço e amarrado na cintura, era um item necessário quando estivesse trabalhando no fogão. Não queria espirrar e queimar a barriga — Ou qualquer outro lugar, aliás. Arrumando a cozinha, começou o jantar, então arrumou a mesa para dois. Em um armário, encontrou um jogo de castiçais, com as velas com pelo menos um terço já queimadas. Os arrumou na mesa — Um romântico jantar à luz de velas. Exatamente o que teria pedido se fosse *a Mestre*.

Silenciosamente foi à porta do quarto e lhe deu uma olhada — Ainda dormia profundamente. O jantar ainda demoraria uma meia hora, o deixaria dormir. De volta à cozinha, puxou uma banqueta até o balcão para esperar.

Ainda estava bastante intrigada com essa coisa de escrava. Ele disse antes que seu corpo sempre soube que algo estava faltando. Como sabia disso? Examinou suas algemas de couro. Não havia nada de muito especial que se poderia dizer sobre elas: Apenas um cinto largo, mas feito para o pulso. Uma fechadura a segurava no lugar, fazendo difícil removê-las. Era um cadeado pequeno e provavelmente poderia forçá-lo ou apenas quebrá-lo batendo-o com algo, mas havia mais do que isso. Era um símbolo da sua escravidão.

Quantas vezes em seus devaneios tinham imaginado algemas ou cordas amarrando seus pulsos? Como pareciam tão reais que às vezes até procurava as queimaduras das cordas.



Sempre riu, dizendo para si mesma que possivelmente tivesse sido acorrentada em uma vida passada. Mas agora se perguntava, e se não fosse uma vida passada? E se fosse um desejo por algo *nessa* vida? Balançou os pulsos, ouvindo o pequeno tilintar das fechaduras contra a fivela da pulseira – que apenas parecia certo para seus ouvidos.

As batatas ferveram e ela saiu de seu devaneio. Baixando o fogo, espetou um garfo nelas - prontas. Hora de acordar o Mestre.

Mas ele ganhou nisso. Ela se virou do fogão e ele estava de pé na porta. Com apenas a luz do fogão ligada, seu rosto estava nas sombras. Estava nu, mas estaria bravo por estar cozinhando para ele?

Phillip tinha acordado com o cheiro de comida, e tinha ficado lá por alguns minutos, apenas curtindo o fato de que ela tinha tomado à iniciativa de se levantar e começar a fazê-la. Ouvindo sua agitação em torno da cozinha, cantarolando um trecho de uma música que fez a sensação de calor crescer novamente em seu estômago. O que esta mulher estava fazendo com ele? Será que realmente se atreveria a sonhar?

E quando a tensão em seu estômago ficou muito forte, tinha ido para cozinha. Apenas uma pequena luz queimava sobre o fogão — E fluorescente não era lisonjeiro para qualquer rosto. Exceto ela. Não havia erro. Sarah Simpson-Parker era uma mulher linda.

“Vejo que minha escrava esteve ocupada enquanto eu dormia.” Ela ainda não podia dizer qual era seu humor por sua voz. “S... Sim, Senhor,” Gaguejou. “Pensei em surpreendê-lo — e servi-lo para variar.”

Ele andou em direção à luz e com alívio viu seu sorriso. “Gosto que minha escrava queira me servir.” Puxou levemente seu avental. “Também gosto que minha escrava tenha tido bom senso suficiente para se proteger na cozinha.” Inclinou-se e a beijou levemente na boca. “Vou tomar um banho, vai estar pronto logo?”

“Sim Mestre. Assim que retornar.”

Ele saiu e ela quase dançou na cozinha. Tinha gostado de sua surpresa! Rapidamente agora terminou o jantar, amassando as batatas e colocando a carne e vegetais em um prato e tigela, respectivamente. A água parou no chuveiro e ela acendeu as velas.



Quando voltou, estava vestido com um par de calças escuras e uma camisa branca, aberta no colarinho. Sem meias, parecia muito bonito e muito sexy. Sua respiração ficou presa na garganta quando ele se sentou enquanto ela colocava a comida na mesa. Tirando o avental, sentou-se ao lado dele, sua nudez agora mais confortável do que o avental.

Para sua surpresa, ele fez as preces. O serviu primeiro, certificando-se de que teria um pouco de tudo, antes de servir seu próprio prato. Esperando-o para dar a primeira mordida, tentou fazer o que achava que um servo faria.

Conversaram durante todo o jantar e o resto da noite. Onde cresceram, sobre suas famílias, o que a vida lhes dera, e o que fizeram. Uma das velas derreteu e acabou antes que percebessem que já era quase meia-noite, e a mesa ainda estava posta e com o resto do jantar.

Rindo, limparam a bagunça e lavaram os pratos. A simplicidade do ato o excitou, enquanto a observava andar descalça e nua pela cozinha, arrumando tudo. Phillip a pegou nos braços e cobriu sua boca com um beijo. Depois do cochilo mais cedo, nenhum dos dois estava cansado. Sarah podia ver o desejo em seus olhos e sabia que combinava com o desejo dos dela.

“Venha minha escrava. Quero brincar com você mais uma vez antes de dormir.” Emocionada, o seguiu para o quarto. Com um movimento do braço, ele tirou os lençóis e cobertores da cama e fez um gesto para que, mais uma vez, ela se deitasse. Quando fez o movimento para colocar as mãos sobre a cabeça, ele a parou. “Não. Esta noite vai estar com os braços em seus lados. Não ficarão amarrados - mas não irão se mover. Esta é minha ordem.”

Percebeu que ele estava testando sua determinação. Sorrindo, deitou-se no centro da cama, os braços em seus lados, as pernas juntas. Ele sorriu de sua determinação e começou a trabalhar para enfraquecê-la. O luar que se derramava pela janela o iluminou enquanto se despia para ela.

Lentamente e com a graça de um gato, Phillip desabotoou a camisa. Botão por botão, seu peito foi sendo revelado até que sua pele macia ficou exposta à sua visão. Músculos fortes brilharam ao luar quando jogou a camisa de lado e avançou em direção a seu corpo nu. Ele era o predador e Sarah tremeu ao perceber que era a presa.

Seus olhos nunca deixaram os dela, segurando-a com seu olhar. Ela tentou desviar, mas a remoção lenta de suas roupas a hipnotizaram. Seus dedos longos, graciosamente agora foram





em direção ao zíper da calça. Quando caiu, Sarah viu que não estava usando nada por baixo — Apenas o tecido fino de sua camisa e a calça esteve entre eles toda a noite. Nu ao luar, seus olhos se prenderam aos dela enquanto seu pau crescia ao seu tamanho maravilhoso.

Os seios de Sarah subiram e caíram quando sua respiração acelerou. Usando toda sua força de vontade, manteve as mãos em seus lados, embora seus dedos gritassem para acariciar seu eixo magnífico. Queria sentir a suavidade aveludada em suas mãos — uma suavidade que já tinha experimentado em seus lábios. Abriu a boca ao lembrar, e a língua se arrastou para fora e lambeu os lábios quando o desejo a percorreu.

Com o passo gracioso de um leão, Phillip saiu da luz, para se esticar ao seu lado na cama. Esfregou seus mamilos com a palma e se inclinou para seu ouvido, lambendo ao longo da borda. Ela gemeu de prazer e se contorceu.

“Não se mova, minha escrava.” Ela deslizou a língua para ele e ficou imóvel. Ele riu.

“Acho que posso encontrar um uso melhor para essa língua.” Beijou-a então, lembrando-a que já tinha reivindicado a posse de sua boca. Suas línguas se entrelaçaram, e, novamente, ela precisou de cada milímetro de sua força para manter as mãos em seus lados.

Os beijos de Phillip se moveram de sua boca para seu pescoço, viajando em direção aos suaves seios fartos. Seus lábios sugaram um mamilo de cada vez e Sarah arfou quando sua língua circulou e chupou, afagando seus seios enquanto separava suas pernas com o joelho. Obediente e avidamente, se espalhou bem larga. Ele sorriu enquanto se movia entre elas. “Meu Deus, minha escrava. Você quer alguma coisa?” Puxou seu mamilo e ela gemeu na lembrança da dor e prazer. “Responda-me escrava. Tem algo que você quer?”

“Oh, sim, Mestre.” Ela sussurrou.

“E o que é? O que quer Escrava?” Rolou o mamilo mais forte entre os dedos, fazendo-a quase gritar de desejo.

“Você, Mestre! Quero você. Dentro de mim.”

“Eu possuo sua boca e sua bunda, Escrava. Deseja que agora eu possua sua boceta?”

Ela arqueou as costas, enquanto seus dedos agora passeavam pelo seu estômago e parou, acariciando os pêlos que cobriam seu monte. “Sim, Mestre. Quero que tome posse — de tudo de mim.”



Ele sorriu e deixou os dedos continuar a descer, acariciando os lábios molhados de sua boceta. Ela se contorceu sob seu toque e ele precisou lembrá-la de novo. “Não pode se mover, escrava. Já ordenei.”

Gemeu frustrada em resposta, mas ficou imóvel. Seu dedo deslizou por seu clitóris, e ela gritou de novo. Devagar como nunca, deslizou o dedo dentro dela, sentindo seu calor e a vontade de tê-lo. Deslizando seu corpo para baixo, arrastou um travesseiro com ele. “Levante seus quadris.” Ordenou. Quando ela prontamente obedeceu, o empurrou sob seu bumbum, elevando-a a um nível mais cômodo.

Agora se inclinou, e ela podia sentir sua respiração nos lábios de sua boceta. Ninguém a tinha comido assim antes — nunca. Sentiu sua língua deslizar sobre e entre os lábios e ofegou quando encontrou seu clitóris.

“Oh, Mestre! Vou gozar.”

“Não. Você não vai. Ainda não. Vai segurar até que eu diga. Entendido?” A voz dele foi abafada por suas pernas. Não sabia se a tinha visto assentindo, mas não confiava em sua voz. Ao invés, pegou o lençol abaixo de suas mãos, segurando-se como se para sua preciosa vida.

A língua de Phillip lambeu ao longo de sua boceta, sobre o clitóris, depois abaixo novamente, abrindo os lábios enquanto passava. Já tinha provado várias mulheres em sua vida, e cada uma tinha seu próprio aroma e sabor. Sarah era levemente salgada, seu cheiro almiscarado encheu seu nariz enquanto deslizava a língua para lambar uma porção generosa de seus sucos. Não havia dúvidas de que a mulher gostava de seu manuseio. De novo, aquela sensação plena de satisfação se estabeleceu em sua barriga enquanto empurrava mais fundo com a língua.

Sarah sentiu a língua penetrá-la. Possuindo-a do mesmo jeito que tinha possuído todas as outras partes. Seus seios ofegaram e ela segurou as lágrimas, tentando desesperadamente não gozar.

E então ele estava debruçado sobre ela. “Está pronta para mim, escrava?”

“Sim, Mestre. Por favor!” Terminou num grito quando ele se enterrou nela, possuindo seu corpo com seu pau. Tirou todo seu comprimento e se empurrou novamente. Ela gemeu, contorcendo seu corpo, seu controle em frangalhos.



“Agora, Escrava. Coloque seus braços à minha volta e goze comigo.”

Sim! Ela embrulhou os braços ao redor dos seus ombros e as pernas ao redor de sua cintura, se abrindo para ele, deixando-o entrar, dirigindo-o enquanto a dirigia. Sua boca cobriu a dela e sua língua entrou quando ela respondeu apaixonadamente. Sarah provou-se em sua língua — um sabor que nunca tinha conhecido antes. Abandonando a razão e os pensamentos, abriu-se a ele e lhe deu todo seu ser. Avidamente sua língua procurou a dele, querendo lamber seus próprios sucos de sua boca. Ele golpeou seu corpo, esquecendo-se de ser gentil, como se o leão dentro dele respondesse à submissão despertada nela. Juntos, alcançaram o clímax e Sarah sentiu o pau de Phillip pulsar enquanto derramava sua semente dentro dela — marcando-a — fazendo-a dele. Essa percepção a fez gozar novamente — ele a tinha reivindicado, ela era dele. Mais e mais explodiram juntos, seus gemidos se misturando enquanto seus orgasmos seguiam seu curso.

Depois, se deitaram entrelaçados por uma eternidade — o tempo tinha deixado de ter significado. Por quanto tempo fizeram amor, ela não sabia — não importava saber. Ele a explorava com a boca novamente, e ela fez o mesmo — querendo conhecer cada centímetro dele. Os dedos de Phillip a acariciavam, sua língua banhava sua pele, fazendo-a tremer sob o luar minguante. Sarah também se juntou ao banho — sugando seus mamilos e saboreando o caminho do pescoço ao seu estômago. Mas, à medida que o fogo de sua paixão crescia novamente, seus dedos ficaram mais insistentes e sua boca mais ansiosa. Quando ele cresceu duro mais uma vez, ele a levou, a seu convite fervoroso.

Seus corpos quase exaustos, dessa vez cavalgaram as suaves ondas do orgasmo juntos, balançando-se suavemente nos braços um do outro. Ele gozou dentro dela novamente, e Sarah sentiu a umidade pegajosa se adicionar à ampla quantidade de gozo já entre suas pernas. Cansados demais para se mover ambos caíram no sono, à cabeça em seu peito, o braço ao redor da cintura dela.

\* \* \* \* \*



Ela acordou de manhã sem balonete. Surpresa, se sentou, examinando os pulsos vazios. Sentia-os tão estranhos. A água parou no banheiro e ela esperou por ele, ansiosa.

A porta se abriu e ele entrou no quarto, secando o cabelo e completamente nu. Sua respiração ficou presa na garganta na visão de seu corpo musculoso. Em um clarão súbito, percebeu que era a primeira oportunidade que tinha de vê-lo totalmente nu. Ontem de manhã, ele já estava vestido quando acordou. E durante o ato sexual no período da tarde, tinha sentido sua pele nua ao lado dela, mas ele tinha estado atrás dela o tempo todo. Ontem à noite, o tinha vislumbrado à luz do luar. Esta manhã, ele estava lá, à sua frente, em toda sua glória.

E ele era glorioso. Aqueles ombros largos, agora sem camisa, correspondiam ao potencial descoberto pela exploração de seus dedos na noite anterior. Conhecia esses ombros por ter sido presa e amarrada por sua força. Seu cabelo molhado escorria em sua pele e as gotas rolavam para seu abdômem, seus olhos seguiram a pequena trilha de água que corria ao longo de seu peito liso e musculoso para se reunir no pequeno buraco no centro de seu estômago.

Ele não estava ereto esta manhã, mas mesmo em um estado dormente, seu pênis a impressionou — realmente o tinha tomado inteiro em sua bunda? Ela se contorceu e se mexeu enquanto continuava a observá-lo. Tinha coxas de atleta e ela assistiu seus músculos ondularem e se esticarem enquanto se movia pelo quarto.

Phillip tomou seu tempo na porta. Era vaidoso o suficiente para perceber que seu olhar era apreciativo e a deixou se saciar com seu olhar antes de cruzar para a cama.

“Bom dia!” Ele sorriu e se inclinou para um beijo. Deu-lhe um beijinho leve e um tapinha no traseiro. “Tome seu banho minha querida, vou estar na cozinha.”

Ela se apressou em seu ritual matutino. Cada minuto longe dele era um momento do dia perdido. Enquanto lavava o remanescente da noite de amor de sua boceta, Sarah sorriu, sentindo-se muito feliz com seu fim de semana. Phillip encheu sua mente e queria estar com ele.

Voltando para o quarto, com o cabelo ainda enrolado na toalha, viu que suas roupas tinham sido transferidas da cadeira para a cama. O significado era claro: Era para se vestir. Com alguma apreensão, ela o fez. Será que significava que tinha acabado com ela? E se ela ainda não tivesse acabado com ele? Colocando de lado suas súbitas dúvidas, pegou sua calça e a vestiu.



As roupas pareciam estranhas nela — esteve nua todo o fim de semana e tinha se acostumado à sensação de liberdade. Agora as roupas a confinavam de um jeito que nunca tinha percebido antes. Vestida, fez seu caminho até a cozinha, onde ele estava sentado exatamente no mesmo lugar que o tinha encontrado na manhã anterior. Mas onde, ontem, sua nudez a tinha deixado desconfortável, hoje suas roupas fez. Por uma razão completamente diferente tinha sentido o chão tremer, esta manhã estava tão instável quanto antes.

“Por favor, sente-se Sarah.” Foi a primeira vez desde sexta-feira que ele usou seu nome. Soou estranho, mas ela fez como lhe foi dito.

Ele pegou sua mão e a olhou gentilmente. Depois de sua ligação na noite anterior, ele sabia que deixá-la ir seria difícil para ambos. E ainda assim, tinha que ser feito. Ele a queria como sua escrava — mas ela precisava de liberdade para voltar para ele por própria conta. Apenas dessa forma ele realmente a possuiria — a única forma que ela realmente queria ser possuída.

“Tenho que liberá-la agora, Sarah — nosso acordo de vinte e quatro horas acabou. Além disso, você tem outras coisas para fazer esse fim de semana, e eu também. Logo, irei te levar para casa e você vai voltar a sua vida exatamente de onde deixou na sexta-feira.” Ele pausou, procurando as palavras certas. “Tenho esperança de que você volte para cá no final da semana.”

Ela entendeu o significado. Ele a estava liberando — Durante a semana viveria como sempre tinha vivido — no fim de semana, ela seria sua escrava, se quisesse.

“Não vou lhe pedir para tomar uma decisão hoje — na verdade, não quero que faça. Precisa ter essa semana. Colocar alguma distância entre suas experiências aqui e voltar à sua vida de antes. Só então você poderá decidir.”

Ela sabia que o que ele estava dizendo era sábio. Neste momento, suas decisões seriam baseadas apenas nas emoções. O fim de semana tinha sido cheio de sexo glorioso, mas não muito mais. E ela queria mais. Era reconfortante saber que ele queria também.

Assentiu sua compreensão. “Sim, Phillip, eu entendo. Quando eu tomar minha decisão, como posso deixá-lo saber?”



“Estarei aqui na sexta-feira. Assim que o trabalho estiver terminado para você, dirija-se para cá, ao invés de ir ao seu apartamento. Pegue uma muda de roupa, porque se vier, não sairá até segunda-feira, quando partirá para uma semana normal de trabalho.”

Não havia como confundir a autoridade em sua voz. O poder latente a emocionou, e ela sabia que se aparecesse à sua porta na sexta-feira, ele faria exatamente o que declarara. O pensamento a estimulou.

“Mas agora é hora de levá-la para casa, Sarah.” Levantou-se e ela o seguiu, e seu estômago roncou. Os dois riram. “O que você acha de tomar o café da manhã antes de irmos?”

“Definitivamente.” Ela sorriu e saiu pela porta. Tinha uma decisão há tomar essa semana, embora já tivesse um pressentimento de qual seria...





## *Capítulo Três*

### *Uma Segunda Tentativa*

Durante toda a semana, Sarah pensou em sexta-feira à noite. Tinha ido trabalhar na segunda de manhã, como de costume. Tinha feito suas tarefas normais, cotidianas, como sempre fazia.

Mas ela não era a mesma. E estava surpresa por ninguém ter notado. Tudo tinha um colorido diferente, e a presença de Phillip estava com ela a cada momento. Mesmo fazendo coisas pequenas, como pegar um papel caído no chão, ou até mesmo se esticar para pegar algo na prateleira superior, ela se lembrava de estar em posições semelhantes com ele. Amarrada. Incapaz de se mover. Controlada. Seu brinquedo. Ela corou com a lembrança. Sua escrava.

Cada pequeno momento como aquele, a deixava molhada. Teve que levar um par extra de calcinha com ela para o trabalho e se trocar durante o dia. Um estado constante de excitação a tinha deixado daquela maneira durante toda a semana.

Sua semana “normal”.

E agora estava chegando ao fim. Finalmente! Tinha feito uma pequena maleta com roupas para segunda-feira e a colocado no porta-malas do carro naquela manhã. Como tinha agüentado passar o dia, não tinha idéia, mas finalmente estava fora do edifício e dirigindo pela rodovia.

Eram quase seis e meia quando parou em sua garagem. O carro dele já estava lá, e se lembrou de que tinha dito que estaria esperando. Esperava desesperadamente que não o tivesse feito esperar por muito tempo, ela praticamente voou do carro até a porta. Mas uma vez na varanda, parou para se recompor. Estava fazendo uma tola de si mesma, correndo desse jeito. Estava se comportando como uma puta no cio. Fez uma careta. O que não estava muito longe da verdade.



Não tinha campainha, então bateu. Devagar no começo, depois com mais coragem. Será que estaria bravo por seu atraso no trânsito? Será que ainda a queria? Muitos 'ses' passaram por sua cabeça enquanto esperava, tentando não estalar em impaciência.

O sol iluminou sua forma poderosamente construída quando ele abriu a porta e ficou lá sorrindo para ela. De novo, estava vestindo uma camisa branca e calça escura, sua aparência lhe tirou o fôlego. Alto e forte, o sol fazia sombra nas profundas covinhas de sua bochecha. Com a camisa meio aberta na frente, a suave luz do anoitecer acariciava a pele macia de seu peito e o coração de Sarah bateu um pouquinho mais rápido. Como poderia ter se esquecido de como seu cabelo enrolava sobre a orelha assim? Ficou lá sorridente e sem palavras.

Ele Ficou na porta, bloqueando-a com seu incrivelmente corpo bonito. "Boa noite, Sarah. Veio para passar o fim de semana comigo?"

Ela corou e baixou os olhos. "Sim, Senhor, eu vim."

Ele assentiu. "Estou feliz que você veio. Já conhece as regras agora. Está pronta para entrar em minha casa?"

Ela levantou a cabeça e olhou para ele, sua voz e postura firmes. Foi por isso que tinha esperado toda a semana. "Sim, Senhor. Estou pronta para entrar e me tornar sua escrava."

Ele se afastou, e ela cruzou o limiar.

\* \* \* \* \*

O corredor era ao mesmo tempo familiar e estranho. Tudo estava exatamente onde se lembrava, mas ela era uma pessoa diferente ao entrar agora. Tinha visto a casa em diferentes luzes durante o fim de semana anterior, mas dessa vez estava ali, sabendo o que estava por vir.

Phillip foi direto para sala, certo de que ela o seguiria sem precisar dizer e ficou satisfeito quando ela o fez. Certo, agora que ela estava aqui. Sua semana tinha sido gasta se preparando para o momento em que ela retornasse. Se ela retornasse. Ouvir seu carro parar na frente da casa tinha sido o som mais doce da Terra. Agora ia testar a força de sua determinação.



Sentou-se confortavelmente em uma das grandes poltronas, enquanto ela mordia o lábio na incerteza.

“Tire a roupa para mim, Escrava.” Sua voz era calma, de comando.

Seus dedos tremiam com nervosismo, ela desabotoou a blusa de seda branca, puxando-a para fora da saia. Deixou-a deslizar pelos ombros e cair graciosamente até o chão. Ela teve que esconder o sorriso quando a blusa caiu exatamente como tinha praticado durante a semana. Alcançando o zíper atrás da saia, empurrou os seios para lhe dar um pequeno show.

Um sorriso apareceu em seus lábios. A pequena atrevida queria brincar! Deleitado, recostou-se para desfrutar de seu desempenho.

Ela deslizou a saia abaixo das pernas e saiu dela, procurando um lugar para deixá-la. Encontrando um lugar vazio na cadeira, abaixou-se para pegar a blusa e colocou as duas peças na cadeira, vestida apenas com o sutiã, calcinhas, meias e saltos.

Retornando à sua posição, alcançou as costas novamente para soltar o fecho de seu sutiã de renda branca. Por um momento, seus seios se empurraram contra as taças e depois caíram quando foram libertados de seu confinamento. Com um hábil arremesso, o sutiã caiu perfeitamente em cima das roupas dobradas.

Agora, ela puxou a calcinha e meias juntas, os seios balançando para frente quando o fez. Ela tirou os saltos, e colocou tudo na cadeira, então voltou à sua frente, vestida apenas com seus brincos e uma corrente dourada que havia esquecido que estava usando.

Com um olhar avaliador, ele gostou de sua performance. Ela estava muito sexy — e sabia disso. Ele ia se divertir com seu corpo e sua mente nesse fim de semana.

Sem se mover de sua poltrona, ordenou novamente. “Ajoelhe-se.”

Isso, também, ela tinha praticado toda a semana. Ajoelhou-se sem hesitação, as mãos juntas atrás das costas e os cotovelos levemente juntos para que seus seios se apontassem para frente. Já podia ver os mamilos eriçados. Mantendo o queixo paralelo ao chão, ela olhou para frente, esperando por seu próximo comando.

Sentiu-se recompensada quando ele disse. “Bom, Escrava. Você se lembrou.” Um arrepio correu por ela, e não conseguiu conter o sorriso. Mas não se atreveu a mover os olhos para olhá-lo. Permaneceu imóvel.



Ele agora se levantou da cadeira e mais uma vez ela se lembrou da graça lenta de um gato selvagem, saindo à caça. Observou-o pelo canto do olho enquanto ele se movia a sua volta, examinando-a por todos os ângulos em que se ajoelhava diante dele.

Suas bochechas se avermelharam ciente de seu escrutínio. A semana toda tinha praticado esta posição, a única que ele lhe tinha ensinado. Ficou assim por quase dez minutos antes que seus músculos ficassem com câimbra, e ter que se mover. Apenas o sorriso em seu rosto revelava seu próprio prazer — sabendo que ele estava surpreso com sua resistência — e satisfeito.

“Levante-se.”

Graciosamente, pois tinha praticado isso também, se levantou, vacilando apenas um pouquinho. Ainda manteve os olhos à frente, mas trouxe as pernas juntas, deixando as mãos às costas.

Ele assentiu com prazer, sorrindo. “Você está pronta para outra posição, minha escrava. Coloque seus pés sobre um pé de distância.”

Ela olhou para baixo para checar o quão distante um pé era. Sua boceta estava mais disponível agora, mas ainda confortavelmente coberta. Retornando seu olhar para frente, ela apertou as mãos com mais força, os músculos em seus braços começando a estremecer.

“Agora mova os pés para fora mais um pé.”

Sem olhar ela fez, e respirou fundo quando o ar frio da sala bateu nos lábios de sua boceta agora espalhados. Com os pés tão separados estava aberta, vulnerável. Suas pálpebras tremeram um pouco enquanto o prazer corria por ela.

Andando para trás dela, ele viu seus braços tremendo. “Deixe-me ajudá-la aqui,” Ele sussurrou em seu ouvido. Seu fôlego tão perto aumentou seu desejo. Sentiu o couro familiar em volta dos pulsos, e o familiar ‘click’ quando trancou as algemas no lugar. Agora pôde relaxar os braços, deixando que as algemas tirassem um pouco da pressão de mantê-los atrás das costas.

Ele esfregou seus braços por um momento, sentindo-a relaxar sob suas mãos. Movendo-se para seus macios e arredondados ombros, ele os massageou, ajudando relaxar um pouco da tensão de uma semana de trabalho feito com mais antecipação.



Mas ele não a queria muito relaxada também. Ainda não. Deixou sua mão deslizar para um seio e sorriu ao vê-la arfar quando a passou levemente sobre o mamilo. Deixando a mão continuar seu caminho para baixo, sentiu a pequena ondulação de sua barriga, e abaixo, a penugem que cobria seu monte. Ela se inclinou contra ele e um gemido escapou. Não havia dúvidas sobre sua excitação. Ou a dele.

E então seu estômago roncou. Seus olhos se abriram com embaraço e ele riu alto. “Com fome, minha escrava?”

“Eu estava muito excitada para almoçar, Senhor. Não comi nada desde o café da manhã.” Admitiu.

Ele inclinou a cabeça para o lado enquanto a considerava. “Bom.” Ele entrou à sua frente, parando bem perto. Seu perfume a embriagando e sua cabeça flutuou um pouco. “Então, temos certeza de que terá um excelente apetite, não é?” Levemente, traçou um caminho sobre os ombros e abaixo em seus braços, uma mão se posicionou sobre suas nádegas, a outra se fixando em suas costas para mantê-la parada. Seu beijo não foi gentil.

A ferocidade de sua paixão desenfreada a pegou de surpresa e ela recuou. Mas ele a segurou firmemente e a esmagou contra ele. Seu corpo agora respondeu e ela abriu a boca, deixando suas línguas se entrelaçarem, seu ardor correspondendo ao dele. A necessidade ecoou em sua barriga, mas não era por comida que estava com fome agora. Sua mão apertou-lhe a bunda e ela se inclinou contra ele, querendo-o, querendo-o para alimentar sua boceta com seu sexo. Ter os braços presos nas costas a frustrava, aumentando sua necessidade.

Duramente ele quebrou o beijo e com um pequeno rosnado a pegou e a atirou sobre os ombros, como se fosse nada mais que um saco de batatas. No quarto, jogou-a na cama, rolando-a e soltando seus punhos. Virando-a novamente, agarrou suas mãos e as arrastou para cima, prendendo os pulsos à cabeceira.

Nunca a tinha tratado tão vigorosamente. Mas ela o queria — precisava dele. Toda a semana Sarah tinha pensado em nada além de seu comando sobre ela. Seu corpo doía por seu toque, quando ele praticamente rasgou as roupas de seu próprio corpo, depois separou suas pernas, prendendo-as no lugar. Somente quando estava amarrada e impotente para detê-lo, fez uma pausa para examiná-la — aberta e pronta para seu prazer.



“Vou tomá-la como a escrava que você é. Seu corpo é meu para usar e pretendo usá-lo duro.” Sua voz era áspera e rouca pelo desejo, e o som a emocionou.

“Essa boceta,” Pausou para agarrá-la, afundando os dedos dentro dela e esfregando seus sucos com a mão. “Essa boceta é minha, não é escrava?”

Ela se contorceu quando a necessidade de gozar a queimou por dentro. Quando não respondeu, ele empurrou, vários dedos agora enterrados no fundo, o polegar sobre seu monte. “Responda-me, Escrava. Quem possui essa boceta?”

“Você faz.” Ela ofegou. “Você a possui, Senhor.” Acima de sua cabeça, suas mãos se apertaram quando arqueou as costas, dando-se a ele.

“E o que você é?” Ele empurrou nela novamente e ela gritou.

“Sou sua escrava, Mestre. Meu corpo é seu. Sou sua escrava!” Sua voz quebrou na última palavra, sua respiração parou, sua mente querendo apenas senti-lo dentro dela — e deixá-lo tomá-la e tomá-la duramente.

Phillip puxou a mão e se ajoelhou entre suas pernas, alcançando para agarrar sua bunda puxando-a de joelhos. Posicionando seu pênis inchado com o desejo que tinha se negado durante toda semana, viu com satisfação o brilho dos sucos que gotejavam de sua boceta. Com uma única estocada entrou nela, batendo seu corpo de volta na cama.

Cavalgou-a duramente, se empurrando dentro e fora com golpes longos, enquanto ela se erguia para atender a cada um. Mas não conseguiria se segurar por muito tempo. Quando os músculos de sua boceta se contraíram com a primeira onda de orgasmo, ele se rendeu e deixou o mundo girar para ambos.

Ondas após onda de contrações poderosas os abalaram, a paixão animal passando após uma semana de negação. Senti-lo empurrar dentro dela como se fosse uma prostituta para seu uso e nada mais, a fez gozar de novo e de novo, todos os pensamentos esquecidos. Seu pau castigava sua boceta, suas estocadas repetidas contundindo sua carne tenra enquanto gozava novamente, seus gritos indefinidos enchendo o quarto.

Seus sons o deixaram selvagem enquanto o animal dentro dele esmurrava contra sua escrava. Toda a semana havia pensado sobre ela, se perguntando se iria voltar. Seu coração tinha ficado aliviado quando ouviu seu carro chegando, e usou todo seu alto controle para



assisti-la provocá-lo com seu strip-tease. Agora que seu controle se foi, e enquanto ela gritava novamente e ele sentia sua boceta se contrair ao redor de seu pênis, mais uma vez, seu próprio clímax veio poderoso e violento.

Uma pequena parte lógica dele sabia que a estava machucando, mas não conseguia parar. Sua semente cuspiu forte e a encheu, enquanto seus próprios gemidos ecoavam em seus ouvidos. Apenas quando seu pau estava completamente vazio ele parou, seu corpo momentaneamente esgotado desmoronou sobre ela.

Quando seus impulsos retardaram, o corpo de Sarah relaxou e seus orgasmos diminuíram, depois pararam. Ofegantes, ficaram entrelaçados enquanto a intensidade de sua paixão passava.

Lentamente, sua consciência voltou. Seu peso estava sobre ela, e longe de se sentir sufocada, ela saboreou seu calor. Nunca tinha sido tão vigorosamente tratada, tomada com tanta força. Saber que sua necessidade tinha sido tão grande quanto à dela, a fez sentir quente por dentro, assim como seu corpo a fez se sentir por fora. Era reconfortante e satisfatório saber que podia fazê-lo perder o controle.

Ele se mexeu, levantando a cabeça para olhá-la. “Você está bem? Eu te machuquei?” Sua preocupação era óbvia.

“Humm, apenas me deu um presente maravilhoso — além dos vários orgasmos, me mostrou um lado seu que eu não sabia que existia. E estou bem.” Ela adicionou, quando a preocupação em seus olhos não desapareceu.

Com sua garantia, deslizou fora dela e puxou um cobertor dos pés da cama sobre ambos. Levantando-se sobre um cotovelo, acariciou seu rosto, ainda aninhado entre seus braços amarrados. “Tive algumas dúvidas sobre essa semana. Na semana passada, você se mostrou tão desejosa de aprender, de agradar, que tive medo de elevar minhas esperanças muito altas para essa semana.” Ele sorriu e ela viu uma pontinha de timidez que não esperava. “Tive medo de que mudasse de idéia e não aparecesse. E então, quando você se atrasou...” Sua voz sumiu.

“Desculpe-me por isso, Mestre. Deixei o trabalho no horário, mas o trânsito estava particularmente ruim. Posso tentar uma rota diferente da próxima vez.”





Ele sorriu e beijou sua testa. “Está tudo bem — você pegou a rota mais segura. Posso agüentar um pequeno atraso, sabendo que está a caminho.” A mão acariciou seu seio agora, circulando o mamilo. “Vê-la se ajoelhar tão obedientemente diante de mim, pronta para me servir, empurrou meu controle sobre a borda e a quis mais do que já quis qualquer coisa antes. Normalmente mantenho o animal dentro de mim enjaulado, deixá-lo sair pode ser perigoso. Mas pode ter certeza, nunca vou te machucar.”

Sarah suspeitava de que já a tinha machucado, mas isso apenas a tinha levado a clímaxes mais intensos. Pela manhã, já estaria bem, então não disse nada. Pela primeira vez desejou que seus braços não estivessem amarrados. Mais do que nunca, queria colocar seus braços em volta dele e abraçá-lo — ele lhe pareceu tão vulnerável por alguns instantes, e ela sabia que tinha vislumbrado uma parte que ele nunca mostrava a ninguém. A agitação em seu coração a advertiu que ele estava se tornando rapidamente mais do que um mero flerte — estava se apaixonando.

“Eu sei que você não vai me machucar,” sussurrou. Então gracejou com um sorriso maroto no rosto. “Bem, pelo menos não vai me machucar mais do que posso suportar.”

Ele deu uma gargalhada e o momento passou. Seu estômago roncou novamente, dessa vez seguido pelo dele. Rindo a soltou das restrições e a ajudou a sair da cama. Phillip se vestiu, e Sarah usando nada além de suas algemas e tornozeleiras habituais o acompanhou até a cozinha, de onde vinha um cheiro delicioso.

Ela colocou a mesa, notando que ele tinha posicionado duas velas novas nos suportes. Comeram a luz de velas e falaram sobre os eventos da semana. Parecia perfeitamente natural para ela agora estar sentada nua à mesa, suas algemas tilintavam enquanto comia, e ele usava sua camisa branca e calça escura.

Com o jantar e pratos terminados, ele a levou ao sofá, onde se aconchegaram em frente à lareira, conversando pelo resto da noite. Pelas dez horas os dois já estavam bocejando, cansados do dia de trabalho, uma boa refeição, e sua paixão anterior. Ele a tomou pela mão, e a levou para cama, e adormeceram nos braços um do outro.



\* \* \* \* \*

Uma dorminhoca profunda por natureza, Sarah acordou para encontrar o sol de pé muito antes dela. Aparentemente, Phillip tinha estado ocupado também. Ela tentou rolar para suas costas, apenas para descobrir suas mãos amarradas dos lados opostos da cama. Seus tornozelos também, e ela não conseguia se mover.

“Bom dia, escrava. Você parece estar presa.”

Ela não conseguia vê-lo — ele deveria estar em algum lugar aos pés da cama. “Sim, Senhor.” Ela respondeu, despertando rapidamente, substituído por um sentimento de vulnerabilidade. Estremeceu quando ele se sentou ao seu lado, e deslizou a mão em sua bunda. Embalada por seu carinho, o bofetão a fez ofegar.

“Tive uma ótima noite conversando com você ontem, escrava.” Bateu em seu bumbum novamente. Não se lembrava da última vez que tinha apanhado — seus pais não usaram essa forma de disciplina muitas vezes.

“Foi uma noite maravilhosa, Mestre.”

Bofetão! “Sim, escrava. Sei que gostou. Mas, principalmente, foi uma conversa entre iguais, e hoje você deve aprender o seu lugar.” Bofetão!

Seu bumbum estava ardendo onde ele batia, e sabia que deveria ficar vermelho sob sua palma. Após cada palmada, esfregava a mão no lugar e ela foi ficando muito consciente de sua excitação.

“Qual é o seu lugar, escrava?” Bofetão! Moveu a mão para a outra nádega e ela estava totalmente despreparada para isso.

“Meu lugar?” Seu cérebro pensou furiosamente. “Meu lugar é...”

Bofetão! “Está pensando muito escrava. Responda-me. Qual é o seu lugar?”

Ele bateu novamente e sua voz foi firme, ela chutou. “Meu lugar é ao seu lado, Mestre.”

“Perto, Escrava. Tente novamente.”

Mas ele não bateu dessa vez. Sua mão ainda esfregando sua bunda, ela pensou e então respondeu. “Meu lugar é aos seus pés, Mestre.”



“Muito bem, Escrava.” Ela o sentiu sair da cama. Ouviu o familiar barulho quando soltou seus tornozelos e depois o viu se mover para suas mãos, liberando seus pulsos.

“Vá usar o banheiro e não demore.”

Ela correu para o banheiro, seu bumbum ainda ardendo de seus golpes. Houve certo divertimento sobre eles, mas ainda assim, ela sentiu uma profunda seriedade. Não podia negar que o uso dela essa manhã a tinha excitado em um nível muito profundo. Não havia dúvidas em sua mente de que era sua escrava e ele seu Mestre. Rapidamente terminou e voltou para o quarto, onde ele se sentava na beirada da cama.

“Ajoelhe-se.”

Ela fez, retomando a posição que lhe havia ensinado. Espalhando os joelhos e apertando as mãos atrás das costas, ajoelhou-se com as costas retas, olhando para frente. Ele se inclinou e segurou seu queixo, virando seu rosto para cima, para que seus olhos se encontrassem.

“Vou empurrar seus limites hoje, Sarah. Saiba que não vou machucá-la e lembre-se de que pode usar sua palavra-segura se precisar. Mas hoje pretendo lhe ensinar o significado das palavras ‘Obediência’ e ‘Disciplina’. Você entendeu?”

Ela não estava certa de ter entendido. Sabia o que as palavras significavam — mas, obviamente, suas definições deveriam ser um pouco diferente das dela. E ele tinha usado seu nome — o que significava que era muito sério. Bem, estava lá para ser sua escrava — e explorar essa parte de sua personalidade que era certamente excitante. Assentiu, aceitando suas palavras.

“Levante-se.”

Levantando-se graciosamente, sem oscilar dessa vez, se colocou diante dele. Ficou surpresa quando ele se abaixou e tirou as algemas de seus tornozelos, depois pegou seus braços e tirou os punhos também.

“Então, escrava, preste muita atenção às minhas instruções. Vai tomar seu banho, depois vai recolocar suas algemas. Na cozinha vai encontrar uma nota dizendo o que terá que preparar para o café da manhã. Vou ter que sair por um tempo — e o café da manhã deve estar sobre a mesa quando voltar. Não deve se tocar de qualquer forma sexual. Você entendeu escrava?”



Ela assentiu. As instruções não eram difíceis — bem, exceto pela última. Beijou-a levemente e saiu. Um momento depois, ela ouviu a porta da frente se fechar, e então o carro ser ligado e partir.

Sentindo-se um pouco estranha, tomou banho, se limpou, mas nem sequer tentou se excitar. Estava distraída, e não conseguia descobrir como se sentia sobre seus comandos.

Retornando para o quarto, as algemas estavam sobre a cama, onde as tinha deixado. Impecavelmente seca, colocou uma em seu pulso e a ajustou, estalando o fecho da fechadura. Enquanto tal ato certamente a excitava, não era mais satisfatório do que quando ele o fazia.

Tilintando seus punhos, Sarah foi para cozinha. A nota que ele tinha falado foi fácil de encontrar na bancada vazia.

*“Escrava,*

*Faça o meu café da manhã, e o tenha pronto na mesa — Quente — quando eu voltar. Prepare meus ovos estrelados, gemas para cima, duas tiras de bacon que devem estar bem crocantes e a torrada levemente tostada. Use as batatas na geladeira para fazer batatas fritas. A mesa deve estar posta para um.*

*“Mestre.”*

Enquanto começava a procurar as panelas e frigideiras que ia precisar, algo a irritou por dentro, mas não conseguia descobrir o que era. Fatiando as batatas, ela parou e pegou a nota para relê-la.

Lá estava. “A mesa deve estar posta para um”. Essa era a frase que a incomodava. Estava fazendo o café da manhã, mas não lhe seria permitido comer com ele? Ele a estava tratando como alguém a ser ordenado — um servente. Ou uma escrava. Suas bochechas queimaram quando a conscientização a bateu.

Lágrimas queimaram em seus olhos, enquanto vestia o avental e ligava o fogo sob as batatas. Uma carranca franzia seu rosto quando puxou um prato fora do armário e o colocava sobre o balcão. Com um nó na garganta, posicionou o prato dele em seu lugar à mesa, e olhou melancolicamente para cadeira que normalmente ocupava.

Esse era um lado da escravidão que nunca tinha sequer considerado. Submeter-se a ele quando faziam sexo era fácil — isso não era. E não era divertido. Se for isso o que ele tinha em mente, não estava certa se queria fazer parte disso.



Mas tinha se comprometido pelo fim de semana, e se o homem queria uma empregada/cozinheira/ faxineira/ puta para o fim de semana, bem, ela seria. Mas não voltaria.

Empurrando as batatas douradas para o lado da panela, deitou as fatias de bacon ao lado delas, recuando quando começaram a chiar. O pão já estava possissionado na torradeira, prontos para serem abaixados no momento em que ouvisse seu carro.

Ele chegou quando ela já tinha tudo pronto. Empurrando o botão da torradeira, quebrou os ovos numa segunda frigideira, para fritá-los mais rápido. Ele entrou e ela o ouviu no corredor. Deveria recebê-lo? Se deixasse o fogão, os ovos poderiam queimar. Foi salva da sua indecisão.

“Cheira bem, Escrava. Serei servido agora.” Sentou-se em seu lugar favorito à mesa. Phillip sabia que a estava pressionando ela — poderia dizer pela raiva que parecia ferver apenas sob a superfície. Aparentemente indiferente, a observou cumprir suas ordens, seus intestinos dolorosos enquanto se perguntava se a tinha empurrado muito longe.

Escorregando os ovos em seu prato, Sarah pegou as batatas fritas e colocou o bacon por cima. A torrada pulou e com um movimento rápido da faca, ela passou manteiga nas duas fatias e as colocou ao lado. Cuidadosamente carregou o prato e o trouxe para mesa, lembrando-se no último minuto a velha regra: servir pela direita, tirar pela esquerda.

“Ajoelhe-se ao meu lado, escrava.” Sim, havia raiva em seu silêncio, mas algo mais guerreava em seus olhos. Virando-se para que ela permanecesse em seu campo de visão, casualmente a olhou para ver se seguia seu comando.

Surpresa e incerta sobre o porquê ele queria que se ajoelhasse ao seu lado, ela o fez, o peito estufado orgulhosamente, e os olhos direcionados ao longo da mesa. Ela podia não gostar de ser tratada assim, mas droga, ela ia pegar o que ele deixasse no prato. Ele ainda não tinha visto seu lado de ferro.

“Tire o avental.” Com um puxão nas costas, o avental caiu e Sarah o tirou, colocando-o na cadeira, que normalmente se sentava.

“Você deve se ajoelhar em descanso, escrava.”

Ela não estava certa do que significava este comando, mas se sentou em seus calcanhares e deixou suas mãos sobre as coxas. Quando ele não ofereceu nenhuma instrução



adicional, relaxou um pouco. Ele abriu um jornal que tinha trazido com ele e ficou absorto na leitura e em comer o café da manhã que tinha preparado para ele.

Os olhos de Phillip vagavam pela pagina, mas sua atenção estava completamente na mulher ajoelhada ao seu lado. Ele quis dizer o que disse sobre a obediência esta manhã. As mulheres modernas não estavam acostumadas a serem tratadas como servas e ele suspeitava que Sarah não fosse diferente. Se as coisas funcionassem entre eles, encontrariam seu espaço no papél dominante e submissa, mas por agora, pretendia empurrar seus limites e descobrir com o que ela poderia — ou não pretendia — lidar. Virou a página, comendo seu café da manhã e fingindo ler enquanto sua escrava estava ajoelhada silenciosamente ao seu lado.

Depois de um tempo, as pernas de Sarah começaram a doer por estar ajoelhada há tanto tempo. Deu uma olhada para ele sem mover a cabeça, mas ainda estava envolvido no jornal e parecia ter se esquecido dela. Brevemente, ela pensou em dizer alguma coisa, que isso não era divertido e certamente não estava ficando excitada. Antes que pudesse, seu estômago roncou — alto.

Se ele percebeu, não deu nenhum sinal. Mas depois de mais alguns momentos, Phillip abaixou o jornal e empurrou a cadeira para trás. Olhou para baixo, e a elogiou. “Você está sendo uma boa, escrava. Por isso, já que está com fome, pode terminar o que não comi. Limpe e lave a louça e depois venha para o quarto de jogos.” Levantou-se e saiu da cozinha.

Ela para suas costas em retirada. *Posso comer suas sobras? Ele realmente disse isso?* Levantando-se, ela pegou seu prato. Ele havia comido apenas um ovo e uma fatia de bacon. As duas torradas tinham sumido e cerca de metade das batatas fritas. Obviamente, ele não pretendia comer tudo e a tinha feito preparar o suficiente para ambos.

Mas a idéia de comer as sobras de seu prato era abominável para ela. O que foi que ele tinha dito mais cedo sobre testar seus limites? Bem, aqui estava um. Preferia ficar com fome a comer as sobras de alguém. Jogou o conteúdo do prato no lixo. Não havia muita louça e terminou rápido.

Lembrando-se do avental, o voltou para seu gancho antes de descer o corredor para o que ele chamou de ‘quarto de Jogos’, mas que ela ainda pensava como o calabouço. De pé na porta, tentando não demonstrar raiva, esperou por sua próxima instrução.



Estava de costas para ela, mas mesmo assim a ouviu entrar. Sem se virar, apontou para parede onde pendiam as argolas. Foi onde tinha sido presa na primeira noite juntos.

Já que ele não falou, decidiu que não falaria também. Quase desafiantemente, andou até a parede, se virou e o encarou, distraidamente percebendo que havia três argolas igualmente espaçadas no painel preso à parede acima dela.

Ele a estava empurrando — querendo ver o quão longe poderia pressioná-la antes que se rebelasse. Com o rosto severo, o poder evidente, ele parou diante dela. “Levante os braços.”

Uma parte de seu gelo derreteu no olhar gentil em seus olhos e fez como lhe foi dito. Como ele conseguia fazer aquilo com ela? O que havia sobre ele que a fazia querer se submeter? Pegou sua mão esquerda na dele, se aproximando para prender a braçadeira da algema na argola e ela inalou a fragrância de sua colônia. Seus olhos se abaixaram por um momento, enquanto lutava contra sua excitação.

Deslocando seu peso, ele pegou sua outra mão, parando para beijar a palma antes de levantá-la para prender na argola oposta. A leve pressão de seu beijo suave enviou outra deliciosa onda ao centro de seu sexo, e, novamente, ela lutou contra a excitação, sentindo a vulnerabilidade que ele sempre provocava.

Sua mão alisou uma mecha de cabelo fora de seu rosto, apesar de sua raiva, o gelo derreteu um pouco mais. “Minha escrava gostou de seu café da manhã?” Perguntou em voz baixa.

“Não, senhor. Não gostei.” Suas bochechas ficaram vermelhas, sabendo que não tinha feito o que lhe foi ordenado. E não ajudou que seu estômago roncou naquele momento, denunciando-a.

Ele notou os sons de fome vindos de sua barriga. Seus dedos brincaram com seus seios, tocando-os levemente, apenas alisando-os. “Por que você não gostou?”

A cabeça dela caiu — e a mão dele estava lá, em seu queixo, puxando-o de volta. “Diga-me por que você não gostou de seu café da manhã, escrava.”

Sarah levantou a cabeça e tirou o queixo de sua mão quando sua veia independente se soltou. “Não gostei da idéia de comer seus restos. Sou melhor do que isso.”





Ela descobriu que ele conseguia levantar apenas uma sobrancelha. “Você é minha escrava. Está aqui para fazer o que lhe foi ordenado.” Sua voz era dura, mas não alterada. Phillip estava realmente satisfeito de ver sua independência aparecer. Uma escrava que deu voluntariamente sua independência a ele era muito mais que uma mulher inteiramente escrava que vinha com um comboio de bagagens e dependências. Mas ainda assim, não estava disposto a recuar — precisava saber se esse era um limite rígido para Sarah ou um negociável.

Lágrimas se formaram em seus olhos. Era uma coisa tão importante o que estava perguntando? Afinal, tinha tido o cuidado de não comer um ovo — e as batatas que tinha separado dos outros. Porque ela estava fazendo um problema tão grande disso? “Sinto muito, Senhor. Eu simplesmente não pude.” Ela sussurrou.

Ele assentiu e recuou. “Entendido, escrava. Mas deve entender que vou testar essas limitações — e juntos vamos descobrir no que você se sente ‘bem’ em fazer.” Ele pegou o chicote. Levemente, o arrastou por seus seios, seu estômago, seu monte. Sua raiva se dissipou com a manipulação em seu corpo, e um gemido escapou de seus lábios.

“Nesse momento, não vou nem disciplinar, nem recompensar minha escrava por suas ações dessa manhã.” Inverteu o chicote e colocou o cabo entre suas pernas não presas, esfregando a ponta no creme leitoso que sabia que já estaria lá. Quase sorriu quando ela se abriu um pouco mais para lhe permitir um acesso maior. “Mas saiba que ainda não terminamos com o assunto.” Tomaria seu tempo para derrubar suas paredes de decência. Com o tempo, ela iria se submeter a ele em todos os níveis, mas não ainda. Queria suas paredes quebradas, não seu espírito.

O cabo do chicote se empurrou contra seu clitóris, e os olhos de Sarah ficaram entreabertos, faminta para gozar em suas mãos. Mas mesmo quando reconheceu o desejo se construindo dentro dela, percebeu seu egoísmo. Sendo sua escrava, e submetendo-se a ele, então não deveria se preocupar mais com seu bem-estar do que o dela?

Phillip se inclinou, sua estrutura alta a cobrindo, seus lábios em seu ouvido, beijou a borda, e sussurrou. “Diga-me, escrava. O que você deseja?”



Empurrou mais o cabo do chicote, fazendo-a ofegar, e ficar na ponta dos pés. Sua raiva sumindo como um nevoeiro num dia quente de verão, substituída por uma dor que só ele podia aplacar. Sarah sabia a resposta, e a disse direto de seu coração. “Desejo lhe agradar, Senhor.”

Phillip empurrou para cima novamente, forçando-a a ficar na ponta dos dedos. Ela gemeu e ele passou a língua e lambeu ao longo do interior de sua orelha. “Sim, escrava,” Ele sussurrou. “Deseja me agradar com seu sexo — sua devassidão e luxúria.” Moveu o cabo para frente e para trás, mergulhando-o em seus sucos, que fluíam livremente agora. “Mas quero que seu desejo de me agradar vá além do sexo — além da luxúria de seu corpo. Meu desejo é que você queira me agrade em *tudo* que faz.”

O cabo do chicote a estava deixando louca — teria aberto as pernas ainda mais, se já não estivesse tão longe na ponta dos pés, era impossível. Ele esperava uma resposta, e havia apenas uma que ela poderia lhe dar. “Sim, Mestre. Vou tentar fazer melhor da próxima vez.”

“Tentar?” Empurrou o cabo para cima novamente, de forma que um pé estava agora fora do chão.

Um choramingar incompreensível saiu de sua garganta. “Vou fazer melhor da próxima vez, Mestre. Eu vou.” Sua cabeça se recostou contra a parede e ele pôde ver o desconforto refletido em seus olhos. Com um movimento hábil, removeu o cabo, o virou de volta em sua mão, e bateu o chicote através de seus seios.

O choque a fez gritar alto. Novamente, o chicote caiu, fazendo marcas vermelhas, que logo desapareciam. Os golpes a picavam, então colocou os seios para fora pedindo mais. Mostraria a ele que poderia tomar o que lhe desse. De repente, queria fazer qualquer coisa que ele lhe pedisse.

Phillip reconheceu aquele seu movimento feito de forma irrefletida — da forma em que tudo o que queria era se libertar de sua crescente tensão interior. Prometeria qualquer coisa para ele agora — faria qualquer coisa. Mas ele também sabia que se ressentiria de suas promessas feitas enquanto estava nesse estado. Estava em seu ponto mais vulnerável, quando a paixão tinha superado sua mente — e ele sabia que alguns Mestres se aproveitavam de seus escravos nesse momento.



Direcionou mais alguns golpes em seus seios desprotegidos, sendo cuidadoso para não exagerar. Ela não conseguia lhe dizer não agora. Livrando-se do açoite, voltou para acariciar seus seios vermelhos.

Seu toque era calmante — a pele de seus seios estava apenas começando a queimar quando parou os golpes. Os massageou, os beijou, lambeu seus leves machucados. Seus mamilos eram pequenos picos duros e quando sua língua os acariciou, Sarah gemeu. “Abra as pernas,” ordenou.

Ela o fez sem pensar em como o comando tinha soado humilhante a primeira vez que ouviu. Ela gostou agora — e a forma sacana como a fez se sentir. Ele se ajoelhou e acorrentou seus tornozelos à parede, as pernas abertas ao máximo. Ela se pendurou em seus pulsos agora, as pernas muito abertas para sustentá-la. Nem mesmo percebendo que tinha feito, suas mãos agarraram as argolas acima de sua cabeça.

Sua intenção era tomá-la profundamente naquele subespaço. Pegando um rolo de corda da mesa, voltou e passou um pedaço por sua cintura, apertando forte. Ela ofegou e prendeu a respiração e ele apertou um pouco mais. “Segure sua respiração,” lhe disse, e então amarrou a corda fazendo um círculo apertado em volta de sua cintura. “Pode respirar de novo.”

Sua respiração saiu toda de uma vez, mas estava amarrada tão fortemente, que não poderia tomar tal inspiração profunda de novo. Mais uma vez sua cabeça se recostou na parede, enquanto seus olhos se fechavam, saboreando a sensação, ciente de que seus sucos jorravam novamente pela forma como o ar se moveu por sua virilha arreganhada.

Phillip recuou para observá-la desfrutando da escravidão apertada de uma simples corda. Esperando até que ela se acostumasse, puxou as cordas algumas vezes, arrastando sua cintura em direção a ele. Presa a parede como estava não poderia lutar contra ele, não que tenha tentado. Mas o líquido cremoso branco que saía de sua boceta brilhava abaixo.

Aproximando-se novamente, passou a corda por suas costas, amarrando-a com firmeza e depois a trazendo através de sua fenda deliciosamente doce e passando por seu rabo pequeno, e então por entre os lábios de sua boceta encharcada. Certificando-se de que estava ajustada contra seu clitóris, amarrou-a na corda de sua cintura, puxando o mais apertado que podia.



Seus gemidos ficaram mais altos, ser invadida por algo tão simples. Desesperadamente, tentou esfregar seu clitóris contra a corda, mas a corda não se movia — nem ela. O máximo que conseguia fazer era se contorcer nas amarrações, a corda cavando sua necessidade, e movendo todos os pensamentos fora de sua mente, exceto um.

Ele se inclinou novamente para sussurrar em seu ouvido, uma mão na parede ao lado de sua cabeça, a outra acariciando os lábios de sua boceta escorregadia. “Talvez minha escrava vá considerar depilar sua boceta para mim na próxima semana.” Era apenas uma sugestão, e essa seria a única vez que a faria. Mas era uma forma de testar sua decisão — e seu desejo de realmente agradá-lo.

Sarah ouvia as palavras ecoando em sua cabeça sem nenhum sentido. “Depilar... Boceta... Escrava.” De novo e de novo, as palavras atravessaram sua cabeça. Sim, ia se depilar para ele — era algo que nunca tinha considerado, mas se ele lhe desse uma lâmina, faria isso agora. Faria qualquer coisa por ele.

Ele puxou a corda de entre suas pernas, e ela gemeu de novo — sim, era isso o que queria — ser sua escrava. Seus olhos estavam fechados e seu espírito aberto. Deixe-o fazer com ela o que ele quisesse.

Ela o sentiu soltar seus tornozelos, deixando seu pé tocar o chão novamente, e mais por instinto do que pensamento deixou suas pernas suportarem seu peso. Soltou seu pulso direito, guiando seu braço para baixo ou teria caído. Então o esquerdo, enquanto ela se inclinava contra a parede.

“Abra os olhos, escrava. Obedeça-me!” Não precisou mandar duas vezes antes dela se recuperar e olhar para ele. “Levante-se sobre seus pés.” Ele precisava ver o quão longe ela tinha descido ao subespaço. Quando ela se levantou e seus olhos clarearam e se focaram, ele soube que poderia continuar. Se ela conseguia se voltar para ele apenas com um comando de voz, não estava pronta para gozar ainda, não importava o que pudesse pedir.

O desejo comandava seu corpo e mente. Desejo de agradá-lo. Queria fazer o que ele quisesse. A corda amarrada entre suas pernas ainda mantinha seu sexo preso, e ela teve que cerrar as mãos para não se tocar, agora que estavam livres.



Ele apontou para um lugar perto da parede. “Ajoelhe-se lá, escrava, de frente para mim.” Ela fez, a corda se esfregando contra seu clitóris, aumentando sua ânsia. Obedientemente, posicionou as mãos atrás das costas, apertando-as e empurrando os seios para frente, não mais vermelhos agora, mas ainda sensíveis. Seus joelhos estavam separados, dando-lhe acesso se ele quisesse.

Mas ele ignorou seu sexo e a corda pelo momento, e ao invés, se ajoelhou ao seu lado e puxou suas mãos para trás até os tornozelos. “Segure seus tornozelos.” Ele a instruiu e ela obedeceu. O familiar “click” a informou que estava sedo presa ajoelhada. Um mínimo de consciência tinha retornado e ela testou suas restrições querendo ter certeza de que não poderia se mover. Alguns poucos puxões a convenceram de que seus pulsos estavam firmemente ligados aos seus próprios tornozelos.

Phillip ficou à sua frente, novamente examinando sua cativa disposta, os lábios de sua boceta inchados com o desejo no ponto onde as cordas desapareciam entre eles. Ela sabia o quanto grande afrodisíaco sua obediência cega era para ele? Como seu corpo se excitava ao vê-la amarrada e indefesa, completamente dependente dele para gozar? Não. Ainda não. Ela era uma submissa e nunca poderia entender o outro lado. Curvando-se mais uma vez para verificar a corda e reposicioná-la direto sobre seu clitóris, entreteu-se por um momento em lambuzar os dedos com sua umidade.

“Abra os olhos, escrava.”

Sarah o viu, ajoelhado diante dela, seus dedos pendurados à sua frente, pingando com o creme que tinha colhido dela. Observou-o enquanto lentamente os lambia limpos, obviamente apreciando seu sabor salgado. Seus lábios se separaram quando mordeu seu lábio inferior, querendo chupar aqueles dedos — fazer qualquer coisa para lhe mostrar sua servidão.

Com um sorriso satisfeito, Phillip viu aquele olhar de anseio e soube que estava quase pronta. Alcançando acima, puxou uma corda que passava por uma roldana no teto e a prendeu à corda em volta de sua cintura. Foi o trabalho de alguns minutos prender a outra extremidade em uma cilha pequena presa à mesa. Um trabalho manual; enquanto girava a maçaneta, a corda enrolava sobre a cilha e puxava a corda de sua cintura, que por sua vez se apertava contra sua boceta e seu clitóris.



Pouco a pouco ela se sentiu puxada para cima, incapaz de parar a corda agora mordendo sua bunda e boceta. A tensão em seu clitóris era quase insuportável. Quase. Ele parecia saber quando parar — O momento certo antes dela gritar. Ele a deixou ali por um instante, sentindo a pressão da corda, sem construir a pressão no interior.

Novamente ele se ajoelhou ao seu lado. “Olhe para mim.” Ordenou. Seu olhar estava colorido com dor e desejo, mas por outro lado, claro. “Vou lhe colocar a mordação novamente. Ficará livre para cuspi-la se quiser. Ou você quer usar sua palavra-segura agora?”

Por um momento ela pensou. Quanto mais poderia agüentar? Seu desejo de servi-lo lutou contra o desejo de ser liberada. Sacudiu a cabeça. “Não.” Ela disse, a palavra estrangulada com sua paixão. “Sem palavra-segura. Quero agradá-lo. Vou ficar com a mordação.”

Agora ele estava num terreno perigoso e sabia disso. Ela não poderia usar a palavra-segura, mesmo que seu corpo lhe gritasse que deveria. Mas ela também tinha o desejo de agradá-lo e não ficaria feliz se agora ele voltasse atrás no que tinha lhe prometido. Posicionou a mordação em sua boca e sem dizer uma palavra, prendeu uma braçadeira em um mamilo e depois no outro.

Lágrimas agora caíam espontaneamente. Sua cabeça caiu para trás e empurrou os seios para frente, mas em seguida tentou mover as braçadeiras fora. Mas o balanço fez a corda queimar em sua boceta e depois de um momento, ela se acalmou.

“Abra os olhos.” Ele ordenou gentilmente. Queria que ela visse o que iria fazer em seguida — se não estivesse preparada para isso, a sensação poderia pegá-la muito de surpresa.

Ela abriu os olhos e o viu segurar um copo de gelo. Alcançando-a, ele pegou um cubo de gelo e o correu em torno de seu mamilo dolorido. Ela ofegou no alívio que lhe deu, sabendo que a corda entre suas pernas estaria completamente ensopada com seus sucos agora. Abaixou o copo quando ficou óbvio que isso era prazeroso para ela e pegou um segundo cubo, rodando-o em seu outro mamilo também.

Após um momento, deslizou o cubo se derretendo abaixo em sua barriga, correndo-o em volta de seu umbigo. A água gelada escorria ao longo de seu estômago, atingindo suas coxas e sua virilha e ela gritou pelo alívio.



E ele o deu. Pegando um novo cubo, o traçou ao redor de seu monte, encharcando os pêlos. O correu ao longo da corda, parando onde ela desaparecia em sua carne, voltando para seu monte. Ela gemeu na mordaca e tentou empurrar os quadris para ele — queria aquele frescor em sua boceta.

O cubo de gelo estava menor agora e ele o correu ao longo da corda em seu umbigo para baixo, dessa vez pressionando suavemente contra os lábios de sua boceta e correndo toda a volta para sua bunda. A água gelada dava alívio a sua pele quente e aumentava seu desejo. Seu peito ofegava enquanto sua respiração foi ficando mais e mais pesada e as braçadeiras nos mamilos a fazia ciente de cada ofego.

Ele viu a mudança em sua respiração e que sua cabeça tinha caído para trás novamente. Estava pronta. Pegando um cubo fresco, o correu ao longo da corda e parou por um momento em seu rabo, ouvindo seus gemidos abafados. O cubo derreteu rapidamente e ele o trouxe de volta para sua boceta. Separou os lábios de seu sexo com uma mão e puxou a corda para o lado, apenas o suficiente para deslizar o pequeno pedaço de gelo dentro de sua vagina, para derreter lá. Mantendo os lábios separados, se curvou e gentilmente soprou em seu clitóris.

E ela explodiu. Seu corpo sacudiu num ritmo próprio — e cada movimento enviava novos sinais para seu cérebro. As braçadeiras puxavam em seus mamilos, a corda queimava em seu clitóris e sua bunda e o gelo derretia em sua boceta, e a conscientizava de que era totalmente dele, e que ele podia fazer o que quisesse com ela, e tudo isso combinava com seu prazer sem sentido.

Sarah não conseguia pensar. Sua mente derivava entre as nuvens, atingindo cada vez mais alto à medida que as ondas a empurrava. Nuvens azuis, lavanda e rosa navegavam sob ela, enquanto as ondas de seu orgasmo as aprofundavam para azul Royal e roxo escuro. Sabia que gritava contra a mordaca, mas não conseguia ouvir sua voz enquanto seu clímax a coroava, e então diminuía, e as cores voltavam lentamente para pastéis claros.

Phillip observava seu clímax, seu próprio sexo endurecido à vista. Havia dirigido-a a isso — controlado seu corpo — e cada vez mais o seu espírito. O poder que tinha mantido se concentrando em si mesmo, enrolado e tenso, e imensamente gratificante.





Após alguns minutos, seu corpo desacelerou, então parou e pendeu frouxamente. Mas a corda presa em sua virilha a puxou firme pela polia e guincho, ou ela teria desabado no chão. Ele soltou seus braços dos cadeados de seus tornozelos primeiro, e depois baixou seu corpo até o chão, uma mão sobre o guincho, o outro braço a guiando para baixo.

A percepção do mundo exterior gradualmente voltou, e ela seguiu seus movimentos distraidamente — como se ele estivesse lidando com outra pessoa ou ela estivesse longe. Deitada no chão, enquanto ele desamarrava as cordas de seu corpo, ela levantou uma mão e tirou a mordaca. Lambeu os lábios e tragou algumas vezes, mas não disse nada.

Ele guardou a corda maior e voltou com uma garrafa e um canudo. “Aqui, beba um pouco.” Levantou sua cabeça e guiou o canudo aos seus lábios, e a viu tomar um longo gole.

“Pronta para se sentar?” Ela assentiu, e ele a ajudou. A corda ainda a prendia e estava molhada do gelo, e as braçadeiras ainda apertavam seus mamilos, mas sua cabeça estava mais clara agora.

“Você está indo bem, minha escrava.” Suas palavras de incentivo a fizeram sorrir. Ele sorriu de volta e seu mundo se iluminou. “Levante-se agora.” O comando foi gentil, e ela obedeceu, simplesmente porque ele tinha pedido.

Ele a conduziu para a mesa e a ajudou a subir para que pudesse deitar. Abriu suas pernas um pouco, mas não as prendeu de nenhum jeito. Ao invés, desamarrou a corda que circulava sua cintura e seu sexo, removendo-a gentilmente para não machucá-la. Rapidamente, a inspecionou para saber se não houve danos — não havia nenhum. Os lábios de sua boceta, o clitóris e sua bunda estavam irritados e vermelhos, mas se recuperaria rápido. A sensibilidade passaria também, e ele queria que ela gozasse quando acontecesse.

Com a voz rouca, ordenou novamente. “Levante-se agora, escrava, e vire-se para a mesa.” Tremendo um pouco, ela o fez. Não estava certa quanto mais poderia tomar e as braçadeiras estavam realmente começando a doer. “Incline-se.” Ela se inclinou sobre a mesa, os cotovelos dobrados suportando o máximo de seu peso. “Espalhe-se para mim.” Seu rosto queimou em seu tom, e ela obedeceu.



Ela não precisava de mais nada para estar pronta para levá-lo, podia ver isso claramente. Despindo-se, ele foi por trás dela e entrou em sua boceta com um único empurrão. Ela gritou e quase imediatamente começou a empurrar de volta contra ele.

Era isso o que ela queria! A sensação de seu pênis dentro dela a fez tremer toda. Ansiava por ele e empurrou sua boceta de volta para ele, querendo tomá-lo por inteiro — comê-lo por inteiro com sua boceta. Com seus movimentos guiados por nada mais que pura luxúria animal, ela esburacou contra ele, até que ambos explodiram num gêiser de paixão. Tremores balaçaram seus corpos, estremecendo-os enquanto montava cada onda, os dois se movimentaram em uníssono por um momento longo e eterno.

E então passou. Lentamente desvaneceu até o tempo e a memória retornar. Juntos, se deitaram exaustos no tampo da mesa, até que Phillip reuniu forças para alcançar ao seu redor e tirar as braçadeiras dos mamilos. Ela gemeu em alívio. Massageando seus seios para diminuir a dor, sentiu-se amolecer dentro dela e recuou, deslizando-se para fora. Seus sucos, misturados com os dela, escorreu ao longo de sua perna.

Levantando-a, a carregou para o quarto. Sonolenta pelo sexo, ela se agarrou a ele, sem se importar com nada mais no mundo. Deitou-a e se rastejou ao seu lado, cobrindo-os com as cobertas. Aninhados juntos, dormiram até o entardecer.



## Capítulo Quatro

### *Punição*

Phillip acordou com o corpo de Sarah ainda aconchegado em seus braços — seus braços ao redor dela, segurando-a. Por um momento, esfregou o rosto em seu cabelo, inalando profundamente sua fragrância. Ela dormiu, exausta pelas atividades matinais. Gentilmente, se afastou e ficou contemplando sua forma de dormir.

Ela tinha sido tão conplacente em tudo até agora — exceto pela comida aquela manhã. Tentaria aquilo novamente mais tarde. Queria-a como sua submissa, sua escrava. Seu entusiasmo para servi-lo com seu corpo lhe deu esperanças de que estaria disposta a servi-lo de outras formas também. Mas queria sua servidão *somente* se ela estivesse disposta e *somente* com seu espírito inquebrantável.

Ele foi até a cômoda e silenciosamente puxou uma gaveta, tirando um presente que tinha comprado para ela. Deixando-o ao seu lado na cama, saiu na ponta dos pés, deixando-a descansar. Iria testá-la bastante nas próximas horas.

Ao acordar, uma hora ou mais depois, Sarah percebeu que estava sozinha na cama. Levantando-se, fez sua toalete e limpou os resquícios de seu ato amoroso anterior — embora uma semana atrás, nunca tivesse associado algo tão violento a fazer amor. E, ainda assim, eram compatíveis.

Desde que suas algemas ainda estavam no lugar, não tomou banho, simplesmente usou um pano para se limpar e se deixar apresentável. Seu estômago roncou alto e se lembrou de que não tinha tomado o café da manhã. O relógio sobre a cômoda marcava duas e quinze — então tinha perdido o almoço também!

Não foi até que Sarah começou a arrumar a cama que encontrou a lingerie que ele tinha deixado para ela. Segurando o sutiã, notou que, embora o material fosse preto, era fino e não escondia nada. Também tinha meias pretas, e uma cinta-liga para segurá-las. Ela nunca tinha



usado meias verdadeiras antes, apenas meia-calça. Uma pequena tentativa com os prendedores na cinta-liga, e ela descobriu como funcionavam.

Tinha um pequeno pedaço de pano sobre a cama e o pegou também, virando-o para descobrir sua finalidade. “Oh,” Ela cobriu a boca e olhou para porta para ver se ele tinha ouvido sua surpresa quando percebeu o que era. Em seus dedos ela segurava a menor calcinha que já tinha visto — e percebeu que era uma minúscula tanga.

Mas ela não podia usar aquilo! Sentiria-se como... Bem, sentiria-se muito travessa nelas, isso era certo. Vestiu o sutiã para ver como ficaria. Era o tamanho certo — fato que não passou despercebido para ela. Como ele sabia? Corou quando percebeu que suas roupas tinham ficado na cadeira todo fim de semana passado, e ele deveria ter olhado. O fato de que tinha ido fazer compras para ela esta semana, e ainda mais em lojas de lingerie, a fez sorrir com deleite.

Ansiosamente, vestiu a tanga, meias e a cinta-liga, prendendo-as ao fecho dianteiro facilmente. A parte traseira foi um pouco mais difícil de alcançar e se virou várias vezes tentando pegar um. Ela riu quando percebeu que deveria estar parecendo um cachorro atrás de seu rabo, girando ao redor daquele jeito. Finalmente pegou um e o prendeu na parte traseira da meia e ficou a olhar para si mesma no espelho.

E a palavra surgiu em sua mente novamente. *Puta*. Ali de pé em roupas tão sexy — roupas que nunca teria tido coragem de comprar para si mesma, seus mamilos atrevidos fez o tecido fino se destacar. Seus pêlos pubianos se mostravam em volta da fina tira da tanga, e ela se lembrou de seu pedido quando estava amarrada. Ele queria que se depilasse. Ela poderia? Sua mão percorreu os pêlos macios e brincou com eles por um momento. Será que realmente faria isso? Engolindo em seco, percebeu que faria. Brevemente relembrou o incidente sobre o café da manhã e de como tinha determinado que não voltaria na próxima semana. E aqui estava ela, realmente contemplando o cumprimento de uma ação que ele queria que fizesse fora de seu tempo juntos.

Virou-se para olhar a si mesma por outro ângulo e sabia que, vestida desse jeito, parecia pronta para o papel. Ela era uma puta — uma escrava para seu uso. Precisava procurar essas palavras no dicionário quando chegasse a casa. Haveria alguma diferença entre escrava e puta — Ou prostituta? Havia de repente tanto que ela não sabia.



Suas bochechas coraram com um profundo carmesim quando percebeu que ele queria que se vestisse assim. Era como esperava vê-la quando fosse para ele. Era o desejo de seu Mestre, que se parecesse desse jeito. Sarah teve que sentar na cama quando o pensamento fez sentido.

Phillip queria que ela parecesse uma puta. O que mais pensava sobre ela para querê-la vestida assim? Ao comprar essas roupas e colocá-las ali para que as vestisse... Seria parte de uma fantasia? Seria parte de algum jogo? Ou será que representavam algo mais — algo que ele queria dela. Sim. Seu coração bateu mais forte. Era isso. A relação que estavam desenvolvendo não era um jogo para ele — ele queria uma escrava — uma escrava real, que faria o que ele quisesse, quando quisesse, sem dúvidas ou hesitação. Se ele precisasse de uma cozinheira ou faxineira, poderia comandá-la a ser isso. Se quisesse uma puta, então, esperava que se vestisse como uma, para agir como uma, para se tornar uma.

Sua cabeça girou com as implicações. Imagens da manhã passaram diante de seu olhar interior — seu domínio sobre ela, e sua necessidade de ser dominada. Não havia dúvidas de que seu corpo respondia as suas manipulações. Na verdade, foi por isso que tinha voltado nesse fim de semana. Gostava da forma como Phillip a controlava. E gostava de agradá-lo. Suas bochechas ganhavam aquela covinha bonitinha cada vez que ele sorria e gostava de vê-lo sorrir.

De pé novamente, deu outra olhada no espelho. Ele estava certo? Haveria uma puta escondida dentro dela? Jogando as mãos em frustração, bateu em suas coxas e suspirou. Bem, não ia descobrir aqui fora. Só o tempo com Phillip lhe daria essa resposta. Respirando fundo, virou-se do espelho e saiu.

Ele estava esticado no sofá, o rosto enterrado no jornal que tinha comprado essa manhã. Por um momento, hesitou. Ele não a tinha chamado, como deveria se aproximar? Finalmente, andou até a frente do sofá e simplesmente ajoelhou-se na sua posição habitual, esperando que ele a visse em sua nova roupa. Colocando as mãos para trás, espalhou os joelhos, que exerceu pressão sobre o tecido, e fechou os olhos brevemente contra a excitação súbita.

Ouvindo o farfalhar do jornal, abriu os olhos e olhou para frente como tinha sido ensinada. Ele colocou o jornal na mesa baixa diante dele e ordenou: “Levante-se, escrava.”



Levantou-se, mantendo as mãos nas costas. “Coloque as mãos em seus lados e vire-se para mim — mostre-me suas roupas novas.”

Ela relaxou os braços e começou a se virar lentamente para ele, um sorriso brincando em seus lábios. Balançando a cabeça, Sarah sacudiu os cabelos na altura dos ombros, escondendo sua auto-consciência ao estar vestida dessa forma. Olhando de volta para ele quando se virou, viu aquele sorriso com covinhas e sorriu. Estava gostando de se mostrar para ele! A tanga na fenda de seu traseiro, apenas acentuava o fato de que suas bochechas estavam nuas. Continuando sua volta, e agora de costas para ele, não percebeu que ele tinha se levantado até que colocou as mãos em seus ombros, parando-a.

“Muito bem escrava. Gosto de vê-la nas roupas que comprei pra você. Você gostou delas?”

Sua voz saiu instável com o desejo de agradá-lo e descobrir sobre si mesma. “Sim, Senhor — gosto muito delas.”

As mãos dele deslizaram de seus ombros e ao longo dos braços, indo descansar nas bochechas de sua bunda. Sua boca se aninhou em seu ouvido. “Você gosta delas o suficiente para usá-las esta semana para mim?”

Sua cabeça girou por um momento — usar roupas íntimas como estas para trabalhar? Um rubor começou no pescoço e coloriu todo seu rosto, então sussurrou. “Sim, Mestre. As usaria para trabalhar por você.” E ela iria — mal podia acreditar, mas iria. Seu estômago se apertou de nervosismo com a idéia. Iria se depilar e usaria roupa íntima sexy, simplesmente por que ele tinha ordenado, e queria agradá-lo.

Phillip sorriu atrás dela. Ele não tinha nenhuma intenção de deixá-la usá-las para trabalhar, ela precisava ser capaz de se concentrar em seu trabalho. Tudo que queria saber era o quanto ela estava disposta a agradá-lo fora do acordo de fim de semana. Sua resposta lhe agradou bastante. Estava começando a descobrir o lado oculto de si mesma.

Movendo-se para sua frente, Phillip simplesmente ordenou, “Siga-me.” e ela foi atrás dele enquanto a guiava para o quarto que ambos estavam começando a chamar de calabouço.

Os móveis do quarto haviam sido mudados. O objeto grande e coberto no canto estava agora puxado para o centro, ainda escondido atrás do tecido azul. Com um puxão hábil, Phillip



revelou a jaula embaixo. Erguia-se até quase o teto, com dois bons metros e meio de altura, pelo menos. Mas não era muito larga ou muito profunda. Ele abriu a porta à sua frente e apontou para ela.

Imagens de *The Pit and the Pendulum* (O Poço e o Pêndulo), penetraram em sua mente e quase empacou. Mas então olhou para a jaula que a tinha colocado na semana passada, agora coberta e no canto. Aquilo não tinha sido muito ruim, não depois que tinha se acostumado. Mordendo o lábio, ela entrou.

A porta bateu atrás dela, e ela se encolheu. A fechadura foi trancada, e sabia que estava presa. No pequeno espaço que tinha se virou rapidamente para olhá-lo, o medo em seus olhos. Ela engoliu em seco e se acalmou, vendo que ele ainda estava lá, sorrindo gentilmente para ela.

“Sim, escrava, essa é uma jaula para você. Sinta como ele a mantém trancada — é um lugar para eu mantê-la.” Ele puxou uma cadeira com braços, que tinha trazido de outra sala mais cedo, e sentou-se confortavelmente, recostando-se com as pernas estendidas. “Represente para mim, escrava. Deixe-me assisti-la em sua jaula.”

“Representar? Não entendo.” Ela olhou para ele, confusa.

Como resposta, ele apenas levantou uma sobrancelha para ela.

“Eu não entendo, Mestre.” Como pôde esquecer seu título? Ele estava sentado lá, obviamente seu Mestre, desde que estava presa, e ele não.

“Quero vê-la representar, escrava. Você está aqui para me entreter. Faça-me querê-la.”

Putá. Ele não disse a palavra, mas ela ficou pairando pesadamente no ar. Ele a tinha vestido como uma, e agora teria que agir como tal. Engolindo em seco, Sarah testou os limites das barras, descobrindo o quanto — Ou o quão pouco — espaço tinha para manobrar. Ela não sabia como representar do jeito que ele queria, mas já tinha visto alguns filmes em seu tempo. Tentando copiar os filmes das garotas sobre os pólos, arqueou as costas, empurrando os seios para fora, contra o tecido fino que mal os confinava. Agarrando o topo da jaula para se firmar, torceu e virou, deixando-o vê-la por todos os ângulos.

O confinamento da jaula a estava excitando. Não conseguia se mover muito, mas havia algo sobre estar trancada dentro das barras, representar para ele, que começava a excitá-la. Fazendo-a se sentir mal e sexy. Talvez Phillip estivesse certo e houvesse uma sereia sexy





enterrada profundamente dentro dela. Virou-se e viu a protuberância em suas calças, então se virou novamente para que ele não visse seu sorriso. Não era a única desfrutando disso.

Phillip relaxou, vendo suas tentativas primitivas de ser sexy. O fato de que Sarah estava se divertindo, mesmo que hesitante, provava que seus instintos sobre ela estavam corretos. Era igualmente óbvio, porém, que ela precisava de orientação. Direção que ele ficaria feliz em proporcionar. “Toque-se, escrava — coloque-se pronta.”

Jogar com si mesma? Ela mal fez isso sozinha na privacidade do seu próprio quarto e ele queria que fizesse enquanto assistia? Tremendo um pouco, ela colocou as mãos sobre os seios, os dedos circulando os mamilos.

“Bom, escrava. Faça-os ficarem duros para mim — deixe-os molhados.”

Ela colocou um dedo em sua boca, molhando-o com sua saliva, então o deslizou em volta de um mamilo, molhando o sutiã. Seu mamilo saltou para atender o dedo e ela ficou surpresa com a súbita excitação que tinha causado. Com mais segurança, o molhou novamente e fez o mesmo com o outro mamilo, embebendo um par de pequenos círculos em seu sutiã.

“Belisque-os, escrava. Deixe-os bons e duros.”

Ela fez como instruído. Ao beliscar seus mamilos duros entre o polegar e indicador, sentiu uma umidade familiar se reunir entre as pernas. Puxou os mamilos, restritos para puxar muito pelo sutiã fino. Sua unha escavou fundo em torno da base, provocando que um gemido escapasse das profundezas de seu desejo crescente. Ela fechou os olhos e deixou-se desfrutar das sensações correndo através dela, não mais as questionando.

Com suas inibições desaparecendo, deixou sua mão cair para tanga. Queria tirá-la, mas não havia espaço para se curvar dentro da jaula. Ao invés, deixou os dedos trabalhar o caminho para sua boceta. Reunindo um pouco da umidade lá, os trouxe molhados e esfregou o líquido quente ao redor de seu mamilo, ensopando o sutiã escuro e fazendo com que o mamilo duro se destacasse ainda mais. Descendo a mão novamente, arrastou os dedos sobre o clitóris dessa vez, antes de trazer até mais de seus sucos para encharcar o outro mamilo.

Phillip se levantou e se aproximou da jaula. Sorrindo para ele, ofereceu-lhe os seios, mas ao invés, ele pegou sua mão molhada, puxando-a através da jaula e lambeu seus dedos até



ficarem limpos de seus sucos, enquanto observava as reações de Sarah. Seu pau estava tão duro que estava ficando doloroso, mas ele não renunciaria a isso — Ainda não.

Os joelhos de Sarah derreteram, sentindo a boca ao redor de seus dedos. Inconscientemente, a outra mão escorregou em sua tanga de novo, molhando os dedos e esfregando seu clitóris. Tinha algo de muito sexy sobre estar tão próxima a ele, mas ainda separados pelas fortes barras de ferro da jaula.

Phillip alcançou sua outra mão, puxando-a para longe de seu sexo também. Agora segurava as duas mãos na sua. Novamente lambeu seus dedos, chupando-os, limpando-os de seus sucos. Ela gemeu quando sua excitação cresceu e empurrou seus quadris contra a lateral da jaula, querendo que ele a tocasse, que a lambesse lá.

Mas seu desejo ainda era novo, e ele não ia deixá-la terminar sua performance tão cedo. Soltou suas mãos e se subiu para um banquinho que estava ao lado da jaula. “Levante os braços, escrava.”

Ela fez como lhe foi dito e ele prendeu suas algemas no topo da jaula, impedindo-a de tocar-se novamente. Ela gemeu em frustração, puxando suas restrições, mesmo sabendo que seria inútil. Ele desceu e se moveu para frente da jaula novamente, alcançando e segurando seus quadris. Lentamente a puxou para frente e ela foi avidamente, esperando sentir seu toque sob a tanga. O desejo de gozar estava crescendo dentro dela.

Quando ele a parou, a menos de uma polegada das barras, tentou avançar por conta própria. Ao menos ele poderia deixá-la se esfregar contra sua jaula! Ele riu de sua travessura e a segurou firmemente. O som de sua risada só aumentou sua excitação. Lembrando-a perfeitamente de que era sua escrava, seu brinquedo para usar — ou não usar. O instinto animal nela respondeu e ela gritou de desejo.

Ele soltou seus quadris e a guiou gentilmente para trás até que estava de pé. Mas antes que pudesse se mover novamente, ele pegou um pedaço de corda da mesa e voltou ao seu lado. Habilmente passou a corda pelas barras, e entre suas pernas. Ela se abriu para ele, esperando que tocasse seu sexo. Mas ele não fez. Puxou sua perna em direção às grades e a amarrou firmemente na barra. Passando a corda ao redor de sua coxa várias vezes de modo que não cortasse sua pele, finalmente a amarrou. Vindo pelo outro lado, ele chutou o banquinho e fez o



mesmo com a outra perna. Seus dedos apenas tocavam o chão, a menos que endireitasse os braços e se pendurasse pelas mãos.

Receu para admirar sua obra — e sua performance. Amarrada como estava, excitada como estava, não podia fazer nada para se aliviar. “Sim, escrava,” ele murmurou, “você está muito sexy hoje à noite — toda vestida para mim nas roupas que comprei pra você.”

Ela ficou lá, indefesa, os mamilos ainda empurrando contra o tecido agora seco e duro de seus sucos. As meias e as ligas só adicionavam à sua aparência sexy, ela sabendo ou não. Ele circulou a jaula, admirando-a.

Ela sabia que estava corando em seu escrutínio. Nunca tinha se sentido tão exposta — e em tal posição. Suas pernas separadas para ele, querendo sentir seu toque em seu sexo. Seu desejo de agradar lutando com seu desejo de gozar.

Ele se aproximou da jaula, e a alcançou, correndo a mão ao longo da linha do sutiã. Ela gemeu de prazer, e ele sorriu — gostava dos barulhos que ela fazia quando estava excitada. Beliscou seu mamilo e foi recompensado com um ofego. Deixando sua mão deslizar para baixo, parou no topo de sua tanga, antes de mergulhar sob ela e enterrar um dedo dentro de seu sexo.

Ela se sentiu tão vulnerável naquele momento. Sabendo que não poderia impedi-lo de fazer o que quisesse. Sabendo que não o impediria. Ela gemeu alto e tentou fechar suas pernas em sua mão, mas, é claro, não podia. Seus sucos refrescaram sua impotência. Lentamente, os dedos de Phillip entravam e saíam, e então iam para seu clitóris, brincando com ele. Ela se contorcia e suas amarras, e ele apreciava a dança que ela fazia para ele.

Ela estava quase pronta. Phillip tirou o dedo de sua tanga e a ouviu gemer em frustração. Trazendo sua mão até seu rosto, lhe disse: “Abra os olhos e olhe para mim, escrava.” Ela obedeceu e ele pôde ver seus olhos pesados com luxúria. “Chupe seus sucos dos meus dedos.” Obediente, abriu a boca e ele colocou seus dedos dentro. Os chupou, desejando que fosse seu pau em sua boca. E seu gozo ao invés de seus próprios sucos salgados.

Ele a podia sentir pronta — mas agora era hora dela aprender a segunda das duas palavras que tinha dito mais cedo. Ela havia aprendido ‘Obediência’ razoavelmente bem — com



exceção do café da manhã. Agora era hora de aprender ‘Disciplina’. Tirou seus dedos dela e deu um passo atrás, admirando-a em suas meias e sutiã — enjaulada e indefesa.

“Agora, minha escrava. Eu a deixarei.” Fez uma pausa ao som de seu protesto, mas ela tragou forte, ficando em silêncio. “Você não comeu essa manhã como lhe foi dito — o que pode ser um limite para você ou talvez não, veremos. Mas o fato é que não fez como lhe foi dito. E então, essa deve ser sua disciplina. Você ficará aí, enjaulada, amarrada, indefesa. Querendo gozar, e sendo negada, até que eu sinta que entendeu o que significa ‘Disciplina’, e porque a está recebendo.

Com isso, Sarah foi forçada a vê-lo andar até a porta na luz pálida do quarto, virar e lhe dar um longo e apreciativo olhar, e então deixar o quarto, fechando a porta atrás dele.

Dessa vez ela não conseguiu segurar seu grito — Mestre! NÃO! Por favor! Não me deixe assim. Eu farei isso — eu prometo, da próxima vez — oh, por favor, MESTRE!” Ela puxou suas restrições, tentando se liberar, tentando conseguir o alívio que não viria.

Phillip ficou parado do outro lado da porta, ouvindo atentamente os gritos de Sarah. Ela estava suplicando, implorando para ele, mas não estava em pânico. Essa era a sua maior preocupação. Ela tinha ficado bem quando foi deixada ‘sozinha’ a semana passada, mas as circunstâncias dessa vez eram muito diferentes. Hoje, ele a tinha, deliberadamente, amarrado em uma posição em que ficaria desconfortável rapidamente.

Mas ele precisava que ela tivesse um tempo para pensar — e quebrar as paredes que tinha passado tantos anos construindo. Apenas quando seus gritos pararam ele deixou a porta, circulando ao redor para vê-la da varanda, mais uma vez. A visão dela emoldurada pela borda dupla da janela e da jaula o excitou novamente. Mas negou a si mesmo, sabendo que precisava estar atento a quaisquer mudanças em sua situação. Ao invés, puxou um banco e se satisfez com apenas observá-la.

Obediência e Disciplina. As palavras ganharam importância nos pensamentos de Sarah quando ficou óbvio que Phillip não voltaria só porque tinha gritado com ele. Não conseguia parar de pensar nas palavras como se estivessem escritas em grandes letras maiúsculas — Ele poderia muito bem tê-las pintado atrás da porta. Obediência e Disciplina. Isso



era tudo porque não tinha comido o estúpido café da manhã. Frustrada, ela puxou em suas restrições de novo, seu rosto torcendo com o esforço.

“Exploda-se!” Ela murmurou, revendo suas ações dessa manhã. Era tão grande coisa ele tê-la pedido para comer o que tinha restado de sua refeição? Ele tinha sido respeitoso o suficiente para separar o que não pretendia comer do que tinha comido. E realmente, não tinha comido tanto sempre fazia. Phillip tinha deliberadamente dividido sua comida com ela. E o que tinha feito? Jogado tudo no lixo.

Ela sentiu as lágrimas se aflorarem dentro dela. Tinha lhe desapontado. Esse era o problema. Ele tinha lhe pedido, lhe ordenado para fazer algo simples e tinha se recusado. Quando admitiu mais cedo que não tinha comido, viu o olhar em seu rosto - a tristeza.

Seus pensamentos voltaram ao primeiro fim semana juntos — foi há apenas uma semana atrás? Ele tinha explicado um pouco sobre o que estava procurando em uma escrava. Ela pensou que tinha entendido, mas percebia agora, que sua definição da palavra não tinha ido suficientemente longe. Também pensou que tinha entendido a definição da palavra ‘obediência’, e percebeu que não tinha ido muito longe nessa também. O que ele queria era o cumprimento total de sua parte — uma submissão total de sua vontade à dele.

E ela queria dar a ele. Parou de se contorcer quando a percepção caiu sobre ela. Ele nunca tinha dito que seria fácil — disse que testaria seus limites. No começo, percebeu que tinha entendido o que ‘Disciplina’ era tão bem. Dessa vez na jaula era novamente um teste — que lhe dava tempo para pensar em sua ‘desobediência’ e colocá-la em perspectiva. Ele estava, na verdade, ‘disciplinando’ sua mente para aceitar ou rejeitar suas ordens.

Sarah tragou forte, a vontade de gozar desaparecendo. Depois de anos de sexo chato com seu marido, Phillip lhe oferecia um estilo de vida totalmente novo. Ele estava preparado para lhe dar o cativeiro íntimo que sempre quis, mas tinha medo de admitir, até para si mesma. O que pedia em troca era sua obediência quando estivesse em sua casa. Poderia se disciplinar para aceitar suas exigências? Em seu coração, já sabia a resposta: Sim, queria ser sua escrava — fazer o que lhe fosse dito. Abaixando a cabeça, se preparou para esperar o resto de seu tempo na jaula.



O tempo perdeu o sentido, e ela não sabia se tinha estado lá dez ou vinte minutos. Ou uma hora — era irrelevante. Tudo que queria agora era a chance de lhe mostrar o quão arrependida estava por seu comportamento anterior. Ela o tinha desapontado e o olhar em seus olhos a assombrava.

As lágrimas se derramavam agora, enquanto Sarah percebia o quanto estava se apaixonando por Phillip. Ele havia tocado uma parte profundamente escondida dela, trazendo-a à luz e lhe mostrando que era certo. Era certo querer que alguém cuidasse dela — era certo não querer ser o mais forte a cada momento. Ele estava disposto a deixá-la relaxar e apenas existir — para nenhum outro propósito do que ser sua escrava e agradá-lo.

O quarto já estava escuro quando ele reentrou. Tinha passado o tempo todo a olhando, suas lágrimas quase o fizeram desistir e vir para confortá-la. Em longo prazo, no entanto, era certo não interromper seus pensamentos. Quando ela se pendurou lá, gasta por seu próprio turbilhão emocional, ele retornou, sabendo que tinha chegado a uma decisão. Sem acender nenhuma luz, desamarrou suas pernas, grato por vê-la colocar seu peso sobre elas. Empurrou o banquinho e soltou seus braços, e ela os deixou cair para os lados. Em alguns momentos eles começaram a formigar quando o sentimento voltou. Phillip abriu a jaula, e então a porta.

Sarah saiu com as pernas bambas e se ajoelhou à sua frente, as meias e ligas torcidas de seus giros na jaula, seu sutiã com duas manchas brancas onde seus sucos tinham secado sobre os mamilos, seu rosto marcado com os restos de suas lágrimas. Ela tentou colocar as mãos em suas costas, mas a falta de sentido nelas a impediu. Ao invés, apenas as deixou cair em seus lados.

“Sinto muito, Mestre. Lamento desapontá-lo. Por favor, deixe-me tentar novamente.”

“Então venha comigo, escrava.” Levou toda sua força de vontade para não se curvar e beijá-la, pegá-la nos braços e levá-la a um lugar de honra na mesa. Por sua própria escolha, ela tinha lhe dado o título. Mas sabia que tinha que permanecer forte e deixá-la realizar sua necessidade de provar a si própria. Cerrando os punhos para não acariciá-la, virou em seus calcanhares e saiu pela porta.



Instável, ela se levantou e o seguiu. A mesa estava posta para um, como ela esperava que estivesse. “Ajoelhe-se em seu lugar, escrava.” Instruiu enquanto foi buscar seu próprio jantar — apenas uma salada pré-fabricada essa noite. Ele tinha estado muito preocupado com seu bem-estar para ter tempo de cozinhar. Tinha pensado em tê-la para levá-la à mesa e servi-lo, mas ela estava muito cansada.

Obediente e sem nenhuma palavra, Sarah se ajoelhou ao lado de sua cadeira. Inclinando-se em seus calcanhares, com as mãos descansando sobre os joelhos, tentou manter-se imóvel. Não demorou muito para ele terminar a salada, e quando se levantou, olhou para ela e lhe deu a ordem que estava esperando: “Você pode comer de meu prato, escrava, e depois coloque os pratos na pia. Não os lave — venha para mim quando tiver terminado.”

Ele deixou a sala de jantar e ela baixou a cabeça. Poderia sentar enquanto comia? Ou ele esperava que ela comesse ajoelhada no chão? Muito cansada para tentar descobrir, se levantou e sentou em seu lugar — ou no que tinha sido seu lugar — à mesa. Puxou o prato para perto e viu que ele tinha deixado talheres para ela. Tocada por sua consideração pegou garfo e comeu avidamente as sobras da salada substancial e bebeu o copo de água gelada à esquerda em seu lugar próprio.

Levando os pratos para pia, os deixou lá e foi procurá-lo. Mais uma vez estava no sofá da sala, lendo à luz de uma única lâmpada. Exausta, começou a se ajoelhar diante dele, mas ele deu um tapinha no sofá ao seu lado e ela se sentou agradecida e descansou em seus braços.

“Diga-me o que aprendeu hoje, minha escrava.” O calor e ternura em seu toque e sua voz fez com que as lágrimas enchessem seus olhos novamente.

“Aprendi que quero servi-lo, Mestre. Quero ser sua escrava e fazer o que você me pedir. Aprendi que ‘obediência’ é — a verdadeira obediência, é isso.

Quando ela se calou, ele a estimulou. “E qual é a diferença entre ‘obediência’ e a ‘verdadeira obediência’?”

“Obediência é fazer algo apenas porque você tem que fazer isso — porque alguém lhe disse e você sabe que tem que ser feito. Mas ‘verdadeira obediência’ é fazer algo porque você quer agradar a outra pessoa. Quando é verdadeira, seus próprios sentimentos, não importam — você quer obedecer apenas para fazer a outra pessoa sorrir.”





Ele a olhou e não conseguiu resistir — sorriu para ela e foi recompensado por seu sorriso de volta. Beijou-a na testa. “E o que mais minha escrava aprendeu hoje?”

“Aprendi o que disciplina é — e que não é sempre desagradável.” Ele levantou uma sobrancelha, e ela explicou. “Você queria que eu pensasse sobre o que eu tinha feito — ou o que não tinha, ao invés. Construindo-me, então me negando o prazer e me deixando sozinha daquele jeito, tive pouco mais para fazer do que pensar. Você focou minha mente muito bem.” Um sorriso irônico torceu seu rosto cansado e ela continuou.

“Não gostei no começo, mas depois de um tempo percebi que não era tão ruim — e percebi outra coisa também.” Hesitou, e então enfrentou. “Descobri que o orgasmo é apenas a cereja do bolo. Sempre foi, para mim, o começo e o fim do sexo. Que a única razão para fazer sexo era para obter a libertação. Mas o acúmulo pode ser divertido até mais. Eu nunca tinha entendido isso antes.” Ela se virou para olhá-lo. “Vê o quanto aprendi... Mestre?”

O título veio das profundezas de seu próprio coração, ele sabia que ela tinha lhe concedido de bom grado sobre ele. Tinha ganhado sua confiança. Como resposta, Phillip a beijou profundamente. “Sim, escrava, você aprendeu muita coisa. Mas há algo a ser feito sobre aquela libertação.” Guiou a mão dela até seu pau e ela sentiu sua dureza. Ela deu um sorriso.

“Vem comigo ao quarto, escrava, e vamos ambos atender a nossas necessidades, certo?”

Ele pegou sua mão e a guiou para o quarto, parando ao pé da cama para beijá-la profundamente. Ela o tinha agradado com suas revelações — e ele sabia que tinha feito à escolha certa com ela. Desejosa para explorar seu lado submisso, desejosa para aceitar sua disciplina, era exatamente o que estava procurando. Na escuridão do quarto, iluminado apenas por um raio de luar através da janela aberta, ele segurou a mulher de seus sonhos.

Não teve amarras quando a tomou esta noite — Sarah se entregou completamente. Phillip aceitou o presente, apreciando-a, entregando-se em retorno. Fizeram amor por horas, explorando cada parte um do outro. E quando finalmente ele a montou e cavalgaram juntos, sua felicidade mútua se uniu mais uma vez.

\* \* \* \* \*



Mais tarde, quando novamente se deitaram numa confusão de pernas e braços, Sarah não conseguiu deixar de observar. “Não posso acreditar que ainda tenho um dia inteiro antes de voltar ao trabalho. Parece que hoje durou uma eternidade.”

Ele preguiçosamente brincou com uma mecha de seu cabelo. “Isso é uma coisa boa?”

Ela levantou a cabeça para olhá-lo. “Oh, sim Senhor! É uma coisa *muito* boa.” Ela se aninhou abaixo novamente. “Posso ousar perguntar o que planejou para amanhã?”

Ele alisou seu cabelo e decidiu o quanto dividiria antes do tempo. “Bem, de manhã, costumo frequentar os cultos, e gostaria que viesse comigo. Mas nisso, não vou te ordenar.”

“Eu custumo ir à igreja aos domingos também, Senhor, mas não fui à semana passada.” Ela confessou.

“Então vai me acompanhar?”

Ela assentiu, feliz por descobrir que sua espiritualidade era importante para ele.

“Então, depois voltaremos aqui e você deve continuar seu treinamento.”

“Humm, meu treinamento.” Ela suspirou. “Porque isso envia uma grande emoção através de mim? Não responda, essa foi apenas uma pergunta retórica.”

Sorrindo na escuridão, Phillip alcançou e arrastou o cobertor sobre eles e a aninhou em seus braços. Podia ter sido um longo dia, mas tinha sido um muito, muito bom. Um pouco depois os dois dormiam, confortavelmente nos braços um do outro.



## *Capítulo Cinco*

### *O brinquedo dele*

“Vamos dorminhoca! Igreja.”

Ela rolou e sentou-se, surpresa. Suas algemas já tinham ido e o quarto estava vazio. Na cozinha, ela ouviu o apito da chaleira parar abruptamente. Colocando seus pensamentos em ordem, se apressou para o chuveiro para se aprontar para o dia.

Um longo espelho se pendurava da parede ao pé da cama e Phillip estava em frente dele, escovando o cabelo quando voltou. Coberta apenas por uma toalha enrolada na cabeça, ela hesitou. O que vestiria para ir à igreja?

“Senhor, vou precisar que você pegue minha bolsa no carro — não a trouxe na noite de sexta-feira e está com as roupas que vou precisar.”

Ele sorriu maliciosamente. “Quem disse que vai precisar de suas roupas para ir a igreja?”

Ela ficou chocada. “SENHOR!” Engoliu em seco. “Não posso ir à igreja como vim ao mundo.”

“Não, você não pode.” Ele concordou rindo. “Aqui, quando estava comprando a lingerie, vi algo mais e comprei para você usar, se decidisse ir comigo. Você é minha em todos os sentidos no fim de semana,” Continuou quando ela pareceu confusa. “Quando cruza aquela porta, você abre mão de todas as suas vontades e faz o que eu comando. Isso significa que também veste o que eu digo.”

Foi até o armário e tirou um belo e conservador terninho azul-marinho. A parte de cima tinha um debrum branco ao redor de uma gola larga e botões na frente. A saia era de um azul-marinho fixo, com duas faixas brancas ao redor da bainha.

“E, claro, você vai precisar de meias e sapatos.” Colocando a roupa na cama, puxou uma pequena caixa de sapatos fora do armário também e entregou a ela.



Dentro ela encontrou um par de meias azul-marinho com uma cinta liga para combinar. Também em cima, estava um sutiã azul-marinho — tão transparente quanto o preto que tinha usado ontem. Este, porém, tinha aros que dariam mais apoio e forma aos seus seios. Cuidadosamente, colocou essas coisas de lado e pegou os sapatos.

A primeira coisa que notou foram os saltos — muito mais altos que os de dois centímetros e meio que normalmente usava. O salto afilado tinha pelo menos sete centímetros e meio, com uma tira que ia ao redor de seus tornozelos. A parte dos dedos era uma sólida faixa azul-marinho.

“Se vista escrava. Sairemos em dez minutos.” Ele saiu do quarto.

Ela nem sequer pensou em não obedecer. O terninho era lindo e era um que teria escolhido para si mesmo. Penteou o cabelo, então vestiu o sutiã e procurou a calcinha. Não havia nenhuma. Brevemente considerou usar as de sexta-feira, mas então percebeu que suas roupas não estavam no lugar habitual, sobre a cadeira. Suspirou e puxou as meias e a cinta-liga, prendendo-as antes de vestir a saia.

Não havia dúvidas de que ele tinha acertado seu tamanho — a saia se ajustou belamente. Mas a bainha era acima do joelho — Não muito, mas não usava uma saia curta em anos. Deslizando os braços na blusa, fechou os botões e se olhou no espelho.

O sutiã definitivamente lhe deu um decote — e era aparente no decote baixo da blusa do terninho. Sem importava o quanto ela puxava, a parte superior dos seios ainda ficava a mostra. Não era indecente, mas mostrava muito mais pele do que estava acostumada. Com outro suspiro, enfiou os pés nos sapatos altos.

A saia apertada, combinada com os saltos, lhe permitia dar apenas pequenos passos femininos. Nenhuma moleca sapeca poderia vestir essa roupa! Com ainda alguns minutos para sair, entrou na sala para desfilas na roupa para ele.

Ele assobiou quando a viu e ela corou. “Muito bonita escrava. Você está muito bem nas roupas que seu Mestre escolheu.” Ofereceu-lhe o braço, e ela o segurou enquanto faziam seu caminho para o carro — e para igreja.



\* \* \* \* \*

O serviço foi o mais maravilhoso de que ela se lembrava na igreja. Talvez fosse porque estava no braço de um homem muito maravilhoso que tinha aberto um mundo totalmente novo para ela. Muitos dos paroquianos conheciam Phillip e o cumprimentaram ao final. Ele a apresentou como uma simples amiga, mas o jeito possessivo que seu braço circulava sua cintura, sutilmente deixava claro para todos que ela era mais do que isso para ele.

Mais tarde, ele a levou a um restaurante agradável para o café da manhã. A conversa foi leve, e para quem olhasse, simplesmente viam duas pessoas que estavam apaixonadas uma pela outra. Eles poderiam ter comentado que sua roupa era do mesmo tom de azul-marinho da roupa dela, mas não tinha nada mais em seu comportamento que sugerisse qualquer outra relação.

Mas ela sabia. Durante todo o culto, durante todas as apresentações e até mesmo quando entraram no restaurante, ela estava consciente do fato de que usava meias e ligas — e nenhuma calcinha. Era seu segredo, e a fazia corar em estranhos momentos.

De volta ao carro, ele se virou de volta para casa e ela suspirou de alívio.

“Por que o suspiro, escrava?”

Ela riu — a chamou de Sarah toda a manhã em público. “Estou feliz por estar voltando para casa, Mestre.” Foi a primeira vez desde que saíram da casa que ela usava seu título e ele sorriu de volta para ela.

“Você gosta de ser chamada de escrava?”

“Sim, Senhor — tanto quanto você gosta de ser chamado de Mestre.”

“Você alguma vez pensou que gostaria de tal coisa?”

“NÃO!” Ela sacudiu a cabeça enfaticamente. “Nem em meus sonhos mais selvagens. E se alguém tentasse me chamar assim, acho que o teria chutado!”

Ele riu alto, mas se recompôs rapidamente. “Mas alguém pode chamá-la assim algum dia, escrava.”

“O que quer dizer?” Ela ficou confusa.



“Você é minha propriedade — e em algum momento, eu gostaria de exibir minha propriedade.”

Sua boca caiu aberta. Exibi-la? Como uma escrava? Suas bochechas queimaram quando pensou sobre si mesma exposta como tinha estado para ele na noite passada. Certamente ele não quis dizer isso, não é?

“Não se preocupe, esse é um longo caminho em seu futuro. Mas saiba que há outros Mestres e até Mestras lá fora — e saiba que algum dia você vai conhecer alguns deles. E vai agir como uma boa escrava deve agir.”

Ela tragou forte e olhou para fora da janela por um momento antes de responder. “Sim, Mestre.” Para seu crédito, ele estava sendo justo e lhe dando um aviso justo. Estava sempre à frente e honesto sobre suas intenções — o que era muito mais do que poderia dizer da maioria dos homens que tinha saído.

Virando na longa entrada de automóveis, ele estacionou e deu a volta para lhe abrir a porta, como tinha feito todo o tempo. Ajudando-a sair, pegou seu braço para guiá-la, já que seus saltos não foram feitos para superfícies ásperas. Uma vez dentro, ele deixou as chaves na mesinha ao lado da porta e se virou para ela.

“Vamos ficar um pouco mais confortáveis, certo?” Foi direto para o quarto e ela o seguiu. “Apenas sente-se ali por um momento, enquanto me troco.”

Sentou-se na cadeira no canto, formal e apropriada em seu terninho. Os joelhos juntos, as mãos descansando entrelaçadas em seu colo, sentada como a dama que tinha sido ensinada a ser. Ele viu sua postura automática e sorriu, então começou uma pequena apresentação de sua autoria.

O casaco que ele tirou com pouca cerimônia, pendurou no cabide e o guardou. Mas então atraiu seu olhar e a desafiou a quebrar o contato. Encarando-a, o animal que morava dentro dele começou a vir à superfície, e ele desatou a gravata, indo para ficar à sua frente. “Tire a blusa.” Ordenou.

O olhar dele ardente de paixão fez seu coração começar a tremer. Com dedos nervosos de repente, ela soltou os botões do terno e o tirou, colocando-o ao seu lado no braço da cadeira.



Ele estava perto demais para conseguir se levantar - pairava acima dela como um vilão de um filme antigo.

“Estenda as mãos.”

Ela fez e ele enrolou o material fino da gravata ao redor de seus pulsos, prendendo-os firmemente. A seda sensual contra sua pele a fez estremecer quando seu pulso acelerou.

Sua cintura estava ao nível de seus olhos, e o assistiu hipnotizada quando soltou o fecho do cinto e lentamente o deslizou para fora dos passadores da calça. Uma vez livre, pendurou o cinto em volta de seu pescoço. “Segure isso para mim, escrava.” Ela não se atreveu se mexer.

Agora ele foi para os botões da camisa. Primeiro as mangas, seus longos dedos soltando a direita, depois a esquerda, invertendo os punhos para provocá-la com um vislumbre do escuro em seus braços. Então do pescoço para baixo, foi revelando seu peito para ela — um botão de cada vez. Ao puxar a camisa de lado, o coração de Sarah saltou à vista dos músculos lisos, sabendo o poder que detinham. Deixando sua camisa, mas aberta, Phillip abriu o zíper da calça e deixou-a cair. Apenas uma leve cueca o continha e Sarah pôde ver que o pequeno pedaço de pano não ia segurá-lo por muito tempo. Desejou se inclinar e sugá-lo através do tecido fino.

“Termine de me despir, escrava.” Com o coração agora batendo descontroladamente, estendeu as mãos amarradas e o ajudou a sair da calça. Então, gentilmente tirou seu pênis fora da cueca, trouxe o tecido para baixo e o ajudou a removê-lo também. Agora, apenas a camisa continuava. Ele deu um passo atrás para que ela pudesse se levantar e puxar a camisa, primeiro um ombro, depois o outro, até que seus braços e mãos ficaram livres.

Ele a virou ao redor, de modo que ficou de costas para ele. Por um momento, ficou tentado a correr os dedos sobre seus seios, que amava sentir seu peso suave em suas mãos. Ao invés, decidiu se concentrar em outra parte de sua anatomia maravilhosa, desceu a mão para deslizar sob sua saia e tocar seu sexo. Ela sabia que já estava úmida e gemeu baixinho quando seus dedos tocaram os lábios de sua boceta. Ele sondou mais fundo, deslizando um dedo dentro dela, deleitando-se em seu perto. Ela de bom grado abriu as pernas para ele, mas a estreiteza da saia a impediu.

“Fique de quatro, escrava.”





O comando em sua voz lhe deu um arrepio e uma propagação contra o calor entre suas pernas. Inclinando-se para frente, Sarah descansou as mãos amarradas no assento da cadeira, depois se curvou ainda mais, até que seus cotovelos descasaram lá também. Ele levantou a saia e Sarah sentiu outra corrida quando percebeu o quanto estava aberta para ele.

Lentamente, ele puxou o cinto ao redor de seu pescoço e ela estremeceu apesar de si mesma. O que ele estava planejando? Apertou os músculos das bochechas e colocou a cabeça para baixo, preparando-se para o que, tinha certeza, estava por vir.

Ele sorriu com sua reação. Enquanto uma surra ainda poderia estar no seu futuro, não estava certo se ela estava preparada para isso — ou se ele quisesse lhe dar isso. Não, tinha outra coisa em mente agora.

E então, quando ela sentiu suas mãos prendendo o cinto em volta de sua cintura, sua testa franziu em confusão. O apertou em torno de sua cintura e ela respirou fundo.

Bofetão! Sua mão bateu em sua bunda e ela pulou, não esperando. Ofegou e ele aproveitou o movimento para apertar o cinto ainda mais. Exalando, descobriu que, mais uma vez, não podia tomar uma respiração profunda. Sua boceta escorreu com a sensação de estar confinada de tal maneira. Seus sucos já ameaçavam se derramar por suas coxas.

Ele esfregou um dedo sobre seu clitóris molhado e novamente teve que travar os joelhos para continuar de pé. Gentilmente, traçou uma linha molhada de seu clitóris, através de sua boceta e até seu ânus. Ela estremeceu quando ele fez isso novamente — e novamente. Encharcando seu buraco e empurrando o dedo contra ele, deixando-a pronta.

Então deslizou o dedo dentro, apenas a ponta, e puxou um pouco. Ela não conseguia parar de gemer. Oh, gostava quando ele fazia isso com ela! Juntando seus sucos no dedo de novo, o enfiou mais fundo dessa vez, indo até as juntas. Aos poucos, com cuidado a alargou.

Mas não pretendia tomá-la desse jeito — certamente não ainda, de qualquer maneira. Ao invés, segurou um objeto abaixo, onde ela poderia espia-lo entre as pernas. Em forma de cone e bulboso, ela não sabia o que era. Um brilho veio de algo que ela não pôde ver na outra mão. Ele lubrificou o objeto com óleo, depois o deslizou em seu cu levemente alargado.

O plug não ia muito fundo, mas podia senti-lo lá, pressionando contra ela. Seu corpo querendo expulsá-lo, mas não se movendo. O aperto em sua barriga aumentou, e ela se moveu



mais fundo para aquela parte maravilhosa e desfocada de sua mente, onde tudo era a consciência de seu próprio corpo.

Phillip a sentiu deslizar para aquele estado maravilhosamente livre que ela estava aprendendo a apreciar. Uma mão em sua cintura a estabilizou enquanto jogava com seu corpo, ajudando-a a ir mais fundo.

Seus dedos escorregaram ao longo de sua boceta escorregadia novamente, separando-os e provocando seu clitóris. Pendurando a cabeça em suas mãos, o instinto a fez se inclinar para frente para lhe dar um melhor acesso. Algo frio a tocou lá, então se deslizou facilmente em sua vagina. Ficou vagamente consciente dele circulando algo em sua cintura, e então uma pressão em ambos, seu rabo e sua boceta, quando o cinto foi apertado.

Ele a levantou então, ajudando-a quando o sangue correu de seu rosto até os dedões dos pés. Após um momento, sua cabeça clareou. Quando o fez, ele a ordenou novamente: “Fique na posição que lhe foi ensinada, escrava.”

Ela colocou seus pés separados, mas com suas mãos amarradas, não podia colocá-las nas costas. Ao invés, as deixou cair na sua frente, resistindo à urgência de se tocar. Arrastou seus pés um pouco mais além, sentindo o ar fresco deslizar contra sua boceta molhada.

Uma súbita vibração veio daquela direção que a fez inalar fortemente. Foi embora tão rápido quanto veio, e ela o olhou, intrigada. Ele estava diante dela, indiferente, correndo uma escova nos cabelos. Virou-se e ela sentiu a vibração novamente — só que agora era na sua bunda! Então os dois foram ligados juntos e ela quase caiu de joelhos.

Mas, novamente, parou tão rapidamente quanto começou. Ele riu da expressão no rosto dela e levantou o controle em sua mão. “Eu controlo esses vibradores, escrava — você vai senti-los quando eu desejar.” Seu ânus começou a zumbir de novo e seus olhos se fecharam de prazer. Sua mão começou a rastejar para sua boceta, como se tivesse mente própria.

“Oh, não, você não faça.” Ele riu, puxou a ponta da gravata e levantou suas mãos. “Vejo que precisa de alguma ajuda aqui. Vá para o final da cama.”

Ela se moveu para os pés da cama e se virou. Ele saiu do quarto por um instante, retornando com vários pedaços de boa corda, de algodão resistente — e suas algemas. “Estenda suas mãos.” Ela estendeu e ele colocou as algemas em seus pulsos, depois pegou duas cordas,



amarrando uma ponta em cada pulso. Apenas quando tinha amarrado as cordas firmemente em suas mãos ele desamarrou a outra ligação.

Rapidamente, ele puxou seus braços para cima, correndo as cordas por cima do dossel. Amarrou cada ponta em um canto, então se ajoelhou e afastou seus pés, usando o resto da corda para segurar os tornozelos, que ele primeiro tinha ligado seus pulsos. Uma vez que estava segura, se ajoelhou na cama atrás dela, movendo-se mais perto, mas não a tocando — apenas esperou. Ele duvidava que tivesse que esperar muito tempo, e não ficou desapontado.

Com os braços esticados para os cantos da cama, ela estava ainda mais consciente de seu cinto amarrado em sua cintura. Ela podia se ver no espelho nessa posição — o longo espelho pendurado na parede — o único no quarto. Sua cintura estava fina — puxada fortemente pelo cinto. Logo abaixo pendurava a segunda correia, também apertada contra sua pele. Ela podia ver onde a correia desaparecia entre suas pernas para os vibradores abaixo.

Foi então que o de sua boceta começou a vibrar e ela quis muito gozar. Quando ele se ajoelhou atrás dela, esperou o toque de suas mãos - em qualquer lugar. Podia senti-lo, logo atrás dela. Porque não a tocava? Mordendo o lábio, tentou ser paciente, mas a tensão cresceu muito. Podia ver sua silhueta no espelho, e ele ajoelhado em silêncio, seus contornos emoldurando os dela. Contorceu-se, tentando olhar para trás. “Senhor? Oh, Senhor, por favor... Faça algo!”

“Então minha escrava não gosta de ficar apenas quieta? Bebendo-se em sua própria beleza, toda aberta para seu Mestre? Sentindo o desamparo maravilhoso de estar presa? Sabendo que está sendo invadida em sua boceta e seu ânus. Uma invasão colocada lá por seu Mestre... Uma invasão que ele controla.”

Suas palavras a arrepiaram e a sua respiração ficou pesada. Não podia respirar fundo, e o fôlego raso apenas a excitava mais. Ele a controlava — E ela se deleitava com isso.

Lentamente, se tornou consciente de que sua bunda estava vibrando. Tinha começado tão lentamente que levou um minuto inteiro antes de perceber que estava acontecendo há algum tempo. Através dos olhos pesados por sua paixão, viu seu corpo no espelho como se fosse algo que pertencia à outra pessoa. Algo além dela. Seus lábios se separaram e um gemido baixo saiu deles quando o vibrador em sua vagina, agora começava a pulsar dentro dela.



Sua cabeça caiu para trás e ele estava lá para segurá-la. Ajoelhado na cama, apoiou sua cabeça em seu peito, e ela podia ver os dois refletidos no espelho. 'Que belo casal, eles fazem.' Pensou distraidamente. Viu quando ele alcançou seu corpo, massageando seus seios e brincando com os mamilos. Ele os beliscou e viu seu corpo arquear, e ouviu seu próprio ofego de surpresa.

Ela flutuou numa névoa de prazer, suportada apenas pelas cordas, e ele atrás dela. As vibrações aumentaram, e viu a mulher no espelho se contorcer com uma necessidade óbvia. Viu sua mão mergulhar abaixo em seu corpo, tocar seu monte, então se empurrar através dos pêlos e abrir os lábios para pressionar o clitóris.

E o mundo explodiu. Onda após onda a fez dançar nas cordas quando o orgasmo rasgou seu corpo. Todos os seus sentidos se apagaram, exceto aquele entre as pernas — e com ele veio um latejar maravilhoso que cascadeou sobre ela, e ao redor dela, e através dela.

Não se lembrava de quando acabou — apenas que a dança foi maravilhosa. Quando a realidade voltou, estava deitada na cama, o cinto tinha sumido de sua cintura. Apenas as cordas se penduravam nos postes da cama, e a vaga sensação dos vibradores em sua boceta e ânus lhe dizia que não tinha sido um sonho.

A cama cedeu um pouco sob ela e Sarah o sentiu sentar ao seu lado, esfregando a mão ao longo de suas costas. Deleitando-se em suas carícias que mergulhava ao longo dos vales e sulcos de seu corpo, ela o permitiu virá-la para olhá-lo e viu seu sorriso — o que sempre fazia seu estômago dar uma leve sacudida.

Dessa vez não foi diferente, apesar de sua euforia. Levantando-se em um braço, sorriu de volta, os olhos percorrendo preguiçosamente os contornos de seu corpo. Mas quando olhou para seu eixo, ainda rígido e duro, franziu o cenho um pouco. Como era justo que ela sentisse essa leveza maravilhosa, enquanto seu Mestre ainda estava firme na terra? Movendo-se mais por instinto do que qualquer outra coisa, sua cabeça seguiu seu olhar enquanto suas mãos o alcançavam para acariciá-lo.

Mas suas mãos na dela a pararam. "Não, escrava. Não assim." Levantou-se e fez sinal para ela se deitar transversalmente na cama. Ela fez e ele chegou sob ela, puxando seu corpo,



com a cabeça na direção dele até que apenas se pendurava da cama. Não havia jeito de cair, os ombros ainda descansavam firmemente na cama.

Ele agora se moveu para frente, prendendo sua cabeça com as pernas. Inclinando-se, as mãos o apoiando, foi se abaixando, seu eixo espesso chegando mais e mais perto de sua boca. Avidamente, ela a abriu para ele, querendo lhe dar prazer. Quando tocou seus lábios, sua língua serpenteou para fora, lambendo e acariciando ponta púrpura de seu pau.

Que diferença uma semana tinha feito. Na semana passada, ele havia possuído sua boca e ela passou de tolerância a uma atitude de indiferença. Mas agora ela queria fazer amor com ele com toda a energia que possuía. Suas mãos se esticaram e envolveram o pênis inchado, escavando suas bolas enquanto sua boca tomava mais e mais dele. Quanto mais ele se abaixava, mais seu pau a preenchia. Ela engasgou e ele puxou um pouco, mas ela o guiou de volta — Abrindo sua garganta para deixá-lo passar. Alargando-se, abriu até que seu nariz estava enterrado em suas bolas, sua boca e garganta cheias com seu maravilhoso odor almiscarada.

Lentamente, a princípio, depois mais rápido, a paixão governou suas ações, ele bombeou em sua boca. Seus lábios apertados à sua volta, fazendo pressão contra ele. Mais e mais alto, ele a escalou, enquanto suas mãos trabalhavam em seu traseiro, amassando as bochechas. E quando mergulhou seu dedo entre as bochechas e pressionou contra seu cu, ele explodiu; Sua semente brotando em um riacho intermitente em sua garganta.

Seu gozo encheu sua garganta e boca, e por alguns momentos, ela não conseguiu respirar. Ele parecia saber, no entanto, e quando ela estava prestes a entrar em pânico, ele saiu dela, deixando o ar entrar em seus pulmões novamente. Em sua posição, ela não poderia ajudá-lo para cama, mas viu quando ele caiu de lado ao longo da largura. Lançando-se para baixo, terminou seu trabalho de limpeza nele, deixando sua língua quente enviar arrepios de prazer através de seu corpo.

Deitaram-se juntos por algum tempo, os vibradores dentro dela quietos agora, com o rosto descansando ao lado de seu pau agora mole, que dormia em suas mãos. Nem sentiu a necessidade de se mover — ambos flutuavam numa névoa maravilhosa enquanto a tarde passava..



\* \* \* \* \*

Ele se mexeu primeiro, saindo da cama e desatando as cordas dos pilares. Sarah estava como tinha adormecido, de bruços, simplesmente preguiçosa, vendo e apreciando as ações de Phillip quando seus braços se estendiam. Gostando muito da forma como os músculos de seu peito ondulavam enquanto lutava com um nó teimoso. Ele era tão alto, a limpeza não exigia que ele se esticasse muito, mas Sarah gostou de vê-lo andar pelo quarto em sua nudez, enquanto enrolava a corda e a deixava sobre a cadeira.

Tinha sido uma tarde maravilhosa, na opinião de Phillip — e ele realmente não tinha empurrado nenhum de seus limites. Conforme a ajudava a soltar mais e mais a puta enterrada profundamente dentro dela, o sexo ia ficando cada vez melhor. Ele apreciava o papel de mestre com seu fantoche. Ela tinha dançado tão deliciosamente bonita nas cordas quanto deu seus orgasmos a ele. A forma como seus seios penduraram pesados e balançaram quando gozou, o jeito como cada músculo em seu corpo ficou tenso quando estava direto sobre a borda, como gozou duro com seu corpo inteiro, segurando nada além de seu próprio prazer. Oh, sim, ela havia percorrido um longo caminho em apenas uma semana. Ele sabia que agora poderia levá-la muito mais além.

Mas era tempo de um pouco mais de treinamento. As cordas já todas enroladas, voltou à sua forma inclinada enquanto ela o olhava. “Vire-se, escrava.”

Ela obedientemente rolou em suas costas, ainda o observando.

“Braços para cima.” Ela colocou os braços sobre a cabeça e sentiu os prendendo, primeiro juntos, depois na corrente curta fixada à cabeceira da cama.

“Abra as pernas.” Essas palavras sempre lhe davam uma pequena emoção. Sempre a tratava bem, mas estava começando a amar esse comando, com sua conotação mais desagradável. Lentamente as espalhou, novamente consciente dos dispositivos ainda encaixados dentro dela.

Uma vez que seus tornozelos estavam presos e ela aberta e indefesa, ele se levantou e a olhou, pronta, novamente, para que pudesse ver sua boceta úmida brilhando. Ela ficou lá, ainda



o olhando, perguntando-se o que mais ele tinha em mente. Quando deu os poucos passos até a cadeira e colocou a camisa, ela quase gritou em protesto. Ele não podia deixá-la aqui assim!

Mas ele tinha — duas vezes na semana anterior. Ela mordeu o lábio para não gritar quando ele alcançou, não só as calças, mas um par limpo de cuecas também. Só quando estava completamente vestido, se aproximou da cama novamente.

“Lembre-se, você é meu brinquedo. Posso brincar com você, ou não... Como achar melhor. Quando eu termino, você vê que limpo meu brinquedo após o uso e o guardo até que esteja pronto para usá-lo novamente.”

Suas palavras enviaram calafrios em sua espinha. Era um objeto — uma coisa. Não tinha escolha, não tinha opiniões. E se tivesse, não importava. Ele tinha terminado com ela agora e a colocava de lado para uso posterior. O pensamento a deixou muito perto de outro clímax.

Ele se inclinou sobre ela agora, descendo para remover o vibrador de sua vagina. Sua maneira quase impessoal a afetou, então mordeu de volta à tentação de levantar os quadris para sua mão, enquanto os dedos de uma empurravam os lábios separados, e os da outra alcançavam dentro dela e tiravam o vibrador. Quase se imaginou no consultório de um ginecologista, a sua forma era tão profissional.

Alcançando profundamente em sua fenda, encontrou o plug anal e o removeu da mesma forma. Sem dizer outra palavra, levou os brinquedos mecânicos para o banheiro e ela ouviu a água correr. Depois de um momento, ele voltou secando os objetos com uma toalha. Os colocou em uma gaveta e, em seguida, usou um pano úmido que estava com ele para limpar suas não-mais-privadas áreas. Poderia ter estado lavando seu carro, por toda a emoção que demonstrava. Um pequeno gemido escapou de sua garganta.

Terminado, ele a secou, tendo até mesmo limpado os sucos de sua boceta. A sala estava escurecendo ao sol da tarde, mas ainda podia vê-lo claramente. Levou a toalhinha e a toalha de volta ao banheiro e ao sair de lá, deixou o quarto sem sequer dar um olhar em sua direção.

E agora ela se contorcia na cama, puxando suas restrições, tentando conseguir liberação. Qualquer coisa para tirar a grande necessidade que tinha se construído no seu tratamento com ela. Choramingou e contorceu o corpo, mas ele não voltou - e ela não pôde gozar.





Foi um longo tempo antes de sua necessidade desaparecer. Cada vez que começava a relaxar, a lembrança de sua forma para com ela voltava e a enviava de volta. Perdeu a conta do número de vezes que pairou à borda, apenas para cair novamente, sem chegar a este último e mais glorioso ponto.

Oh, mas ela precisava gozar! Teria fodido uma garrafa de Coca-Cola naquele momento, estava com tanto tesão. E então ela riu. Em voz alta. ‘Que linguagem!’, pensou consigo mesma. Era uma palavra que nunca tinha usado — nem mesmo com raiva. Riu novamente, se divertindo com sua situação.

Concentrou-se em apenas ter prazer no fato de que estava amarrada e não poderia ir a lugar nenhum. O relógio sobre a cômoda passava o tempo, mas não deu importância. Ficaria aqui pela eternidade, se era isso que ele queria. Alongando-se contra suas restrições de vez em quando, se deliciou com seu desamparo.

Logo um cheiro delicioso flutuou no quarto e seu estômago rosnou em resposta. Tudo o que ele estava cozinhando para o jantar, cheirava maravilhoso. Respirando profundamente, esperou por ele para libertá-la.

E se ele esperasse que ela se sentasse aos seus pés novamente enquanto comia? E depois comer de seu prato quando terminasse? Então, ela o faria — a idéia já não a incomodava. Na verdade, já estava começando a senti-lo como seu lugar de direito. Estendeu-se em seus vínculos. Assim como este era um lugar maravilhoso para se estar. Colocada de lado como um brinquedo em uma prateleira — esperando para ser usado novamente.

Ela sorriu na escuridão, sabendo que seus pensamentos lhe deixaram molhada novamente. Ouviu seus passos e, instintivamente, tentou endireitar-se, mas, é claro, presa como estava, havia pouco que pudesse fazer para tornar-se mais apresentável.

“Vire a cabeça de lado, escrava,” Instruiu-a gentilmente e ela fechou os olhos e virou a cabeça. Uma súbita luz encheu a sala da pequena lâmpada de cabeceira, e ela esperou até que seus olhos se ajustassem antes de abri-los e olhá-lo.

“Você foi muito boa esta tarde, minha escrava. Está com fome?”

O estômago de Sarah respondeu por ela e os dois riram. Phillip desbloqueou seus pulsos e ajudou-a a sentar-se e, em seguida, libertou seus tornozelos. “Espero que goste de



comida chinesa,” Disse enquanto ia de volta para cozinha, ele na frente e ela atrás, como sempre.

“Sim, senhor, eu gosto,” Respondeu surpresa ao descobrir uma wok<sup>1</sup> no fogão e uma refeição caseira de comida chinesa sobre a mesa.

“Então, tome seu lugar ao meu lado.” Preferia tê-la sentada à mesa, mas sabia que essa disciplina foi boa para ambos neste fim de semana.

Ajoelhou-se e baixou a cabeça enquanto ele disse as graças, então se inclinou sobre os calcanhares quando ele colocou o guardanapo. Mas ele não tinha jornal dessa vez, para sua surpresa, começou uma conversa com ela como se estivesse sentada à mesa, não de joelhos ao seu lado.

“Então, minha escrava, o que pensou esta tarde, quando estava em sua ‘prateleira’?”

Sorrindo para lembrança, as imagens que ela mesma tinha pensado, respondeu: “Eu realmente não pensei muito, Mestre. Eu, na maior parte do tempo, apenas aproveitei ter sido colocada lá por você.”

Ele fez uma pausa em sua alimentação, poupando um olhar para ela antes de terminar a mordida. “Você gosta de ser usada de tal forma?”

“Sim, senhor,” Respondeu ela, espantada com si mesma por descobrir essa verdade. Por que, à luz da sua pergunta, percebeu como soava absurda. Como poderia ela gostar de tal tratamento, após anos exigindo o respeito dos homens? Mas ele a respeitava — e era apenas isso. Ele não a tinha maltratado — ele abriu uma nova porta para ela. “Sim, senhor,” Respondeu com mais firmeza.

Ele sorriu interiormente. Seu treinamento estava progredindo muito bem. Quando se conheceram, tinha visto seu nervosismo, e tinha se perguntado sua origem. Através de suas conversas sobre seus encontros anteriores, na ocasião, havia conduzido sua fala para questões relacionadas com suas convicções sexuais e tinha determinado que um macho dominante

---

<sup>1</sup> Nota da Revisora: A wok é um utensílio básico da culinária asiática. Tem a forma de uma meia esfera metálica ou cerâmica, munida de duas alças ou de um cabo. Algumas woks tem o fundo plano, dando-lhe uma forma semelhante à de uma frigideira.

Uma característica da wok é ser comumente revestido internamente de uma camada de carbono praticamente puro, obtido a partir da aplicação de óleo vegetal e posterior aquecimento extremo, o que lhe confere resistência a oxidação e não aderência dos alimentos a serem nela cozinhados.



pudesse ser exatamente o que ela precisava. E quanto mais eles saíram, mais esperava que estivesse certo — seu coração estava se envolvendo.

Mas só havia uma maneira de ter certeza — e por isso, quando surgiu a oportunidade na semana passada, ele a agarrou — e ao testá-la a encontrou disposta. Este fim de semana, ele a testou ainda mais. Conhecia bem sua própria necessidade de dominar. Mulheres independentes faziam grandes amigos — mas odiava quando uma mulher queria lhe dizer como agradá-la no quarto. Lá, queria a confiança mais íntima que uma amante poderia lhe dar — e não aceitaria nada menos.

E fora do quarto? Ele gostava de mulheres espirituosas que conheciam suas próprias mentes. Encontrar uma que estivesse disposta a se curvar a suas ordens em casa e ainda ser independente em público era seu sonho. E até hoje, tinha certeza de que continuaria a ser apenas um sonho. Embora fosse verdade que era um homem que ia a igreja, foi apenas quando fazia compras para ela que tinha considerado levá-la e testá-la em público tão cedo. Mas poderia muito bem descobrir agora. Ela poderia funcionar como uma companheira igual na sociedade, e como sua escrava em privado? Seu coração tinha subido o dia todo para saber se podia — e melhor do que jamais tinha sonhado.

Ela gostava de ter seus limites testados, embora percebesse que ela não compreendia totalmente o que estavam fazendo. De continuamente testá-la, a estava treinando também. Primeiro, precisava encontrar as paredes, então, trabalhar em quebrá-las e submetê-la à sua vontade. Ela estava fazendo lindamente.

O jantar terminou, ele se levantou e estendeu a mão para ela. Intrigada, colocou a mão na sua e ele a levantou, apontando para seu assento. Sentou-se, um pouco desconcertada ao encontrar-se em sua cadeira. Ele se inclinou e lhe ofereceu um guardanapo novo, que sacudiu aberto e o deitou sobre seu colo nu. Deu-lhe um novo conjunto de pauzinhos e ficou satisfeito ao descobrir que ela sabia como usá-los. Puxando a cadeira que ela normalmente ocupava, sentou-se enquanto ela comia diante dele.

No início, ficou tímida e sabia que estava corando por ser tratada de tal maneira. Mas seu sorriso fácil e brincadeiras enquanto comia a relaxou, e logo estava gostando de sua companhia como sempre.



Jantar terminado, ele a ajudou a clarear. “Você lava essa noite, escrava.” Obediente, encheu a pia com água e sabão e começou a tarefa. Ele secou, mas ficou em silêncio. Numa paz tranquila, os dois trabalharam para limpar a cozinha e lavar a louça.

Ela estava na segunda panela pesada quando ele largou a toalha. Estava tão ocupada em esfregar uma parte difícil que não percebeu ele tirar a camisa. Não até que ficou atrás dela, seu corpo tocando o dela, que chamou sua atenção. Suas mãos repousaram em seus ombros um momento, depois desceram por seus braços, todo o caminho até a água e sabão. Sua respiração parou e os joelhos enfraqueceram um pouco quando sentiu seus dedos se entrelaçarem com os dela.

Delicadamente, ele pegou cada uma de suas mãos e com ela segurando a esponja, guiou suas mãos lentamente, limpando a panela juntos. Em torno e ao redor da borda ele a guiou, então profundamente por dentro da panela, suas mãos sensuais na água escorregadia. Com a panela já limpa, ele a ajudou a levantá-la e lavá-la, acariciando suas mãos, mergulhando a cabeça para beijar seu pescoço.

Apenas restava a wok e ela a ergueu na água. Mais uma vez suas mãos cercaram as delas enquanto lavava em volta e ao redor da borda, os olhos acompanhando o movimento de suas mãos, e seu corpo, inconscientemente, se movendo enquanto se tornava cada vez mais excitada. Colocou as mãos debaixo da água e levantou a wok, enxaguando-a e deixando no escorredor para secar. Atingindo a água suja, ele puxou o plugue, deixando-a sair. Em seguida, ensaboou as mãos com sabão fresco, então as espumou. Cheio de espuma, ele tomou suas mãos nas dele novamente, lavando o óleo e sabão sujo delas.

Sua cabeça caiu para trás em seu ombro enquanto lavava suas mãos. Nunca antes lavar louça tinha sido tão erótico para ela. Agora se lembraria desse momento cada vez que lavasse um prato em casa. Ele abriu a torneira e lavou as mãos, fixando-as de volta na pia quando ficaram limpas.

Correndo as mãos molhadas por seus braços, ele observou os arrepios subir em sua pele todo o caminho até os ombros. “Abra as pernas para mim, escrava.”

Estremeceu em suas palavras e abriu as pernas para ele.

“Incline-se na pia e se apresente para mim.”



Tremendo, se inclinou até que seus cotovelos estavam quase tocando o fundo da pia. Sua bunda estava alta e ela sabia o quanto estava aberta para ele.

“Parece que minha escrava gosta dessa posição,” Observou ele. “Os lábios de sua boceta já estão abertos, me convidando a entrar.”

Sua respiração acelerou quando ele se aproximou dela novamente e se inclinou para sussurrar em seu ouvido. “Vou tomá-la aqui, escrava. Vou usá-la aqui mesmo na pia.”

Um pequeno grito lhe escapou — o pensamento aumentou seu desejo. Mais uma vez ele estava gostando dela como uma coisa, um objeto — e ela queria mais que tudo.

Ele saboreou o momento, deslizando as mãos por suas costas, abriu suas bochechas, expondo sua bunda para ele. Não seria delicado dessa vez. Ela queria ser usada, se acostumara. Ele soltou o animal que geralmente mantinha enjaulado.

Agarrando seus quadris, fez apenas uma breve pausa na entrada de sua boceta antes de mergulhar fundo, puxando seus quadris para trás para tomá-la totalmente. Retirando quase todo o percurso, parou novamente antes de golpeá-la mais uma vez.

Ela gritou em sua aspereza súbita. Contrastada com sua lavagem, era inesperada. Depois de apenas duas estocadas, no entanto, seu corpo respondeu, aceitando seus golpes poderosos e querendo mais. Perdeu a conta do número de vezes que ele saiu apenas para bater em seu corpo, usando-o duramente.

E então tirou completamente, colocando seu pau duro contra seu cu. Bem lubrificado, ele sabia que deslizaria facilmente se ela relaxasse o suficiente. Empurrou e foi recompensado pela soltura imediata dos músculos do esfíncter. Ela queria isso tanto quanto ele.

Mais uma vez, ele a tomou de uma só vez, abrigando-se dentro dela, forçando-a a dar lugar a ele. Ela gritou, sua paixão crescente quando ele bombeou em sua bunda, suas bolas batendo contra sua boceta.

“Oh, Mestre! Mestre! Vou gozar!” Ela gritou.

“Então goze para mim, escrava. Goze como a puta que quero que você seja.”

O uso da palavra a enviou sobre a borda. Era uma puta — sua puta — e tinha orgulhoso disso. Seu orgasmo sacudiu seu corpo enquanto batia os quadris para trás, empalando-se no pau que sua boceta tinha ansiado a tarde toda. Em instantes, sua recompensa veio quando sua



semente quente encheu seu cu e seus gemidos ecoaram com os dela. Juntos eles subiram, juntos eles alcançaram o cume e, juntos, relaxaram e desceram.

Phillip descansou as mãos na borda da pia enquanto lutava para respirar. Apenas quando estava mole saiu de dentro dela. Sarah ainda se inclinava na pia, o peito arfando contra o frio do aço inoxidável. Seu suco vazou de seu ânus e escorreu por sua fenda para se misturar com o dela.

Recuperando a compostura, ele se levantou e a ajudou a fazê-lo. Nenhum dos dois estava firme em seus pés e permaneceram por vários momentos envoltos nos braços um do outro, curtindo o abraço apertado enquanto seus corações abrandavam. Phillip beijou o topo de sua cabeça e afastou o cabelo de seus olhos. Ela o olhou com confiança e inocência, que despertou profundos sentimentos de proteção nele. Por um momento, se preocupou com ela — que tão obviamente necessitava do que ele tinha para lhe dar, o que aconteceria se outro Mestre entrasse em sua vida — um que poderia não ter seus melhores interesses em mente, mas só estar interessado em seu próprio prazer?

Delicadamente, inclinou-se e beijou seus lábios macios, querendo lhe dar segurança — e queria lhe dar por muito tempo. Pegou sua mão.

“Venha comigo, quero lhe mostrar uma coisa.” Sua voz era ainda rouca de desejo. Indo para a sala, apontou para o chão, perto do sofá onde queria que ela se ajoelhasse. Depois que ela fez, ele foi para o quarto, voltando depois de um momento com uma caixa longa e fina. Sentou-se no sofá ao lado de onde ela se ajoelhava e a abriu.

Dentro havia uma longa tira de couro, cerca de um centímetro e meio de largura. Havia uma fivela de metal em uma extremidade e um anel com forma de D no centro. Um pequeno cadeado estava aninhado em uma extremidade da caixa. “Sabe o que é isto?” Perguntou a ela.

Ela negou com a cabeça — mas a visão lhe deu arrepios.

“É uma coleira.” Explicou. “As pessoas que demonstram que podem ser bons escravos a seus Mestres recebem um colar que mostra seu status. Caso outro Mestre entrasse aqui agora, iria vê-la sem colarinho e assumiria que estava disponível. Um escravo de colarinho pertence ao Mestre que tem sua coleira. Será que isto fez sentido?”



Ela concordou. “Sim, Mestre. Fez sentido. A coleira é como um anel para o mundo exterior, um símbolo que mostra sua posse.”

As covinhas de suas bochechas apareceram quando ele sorriu. “Sim.” Fez uma pausa, em seguida, chamou sua atenção, seu comportamento a deixando saber o quão sério era isso. “Algum dia vou lhe pedir para usar o meu colar, Sarah. Quero que seja minha escrava.” Fechou a caixa. “Mas ainda não. Você não está pronta para esse compromisso. No entanto, precisa entender minhas intenções. Quando considerá-la pronta, pretendo encoleirá-la.”

Sua respiração acelerou. Ela entendeu a seriedade de sua intenção. E ele estava certo, ainda não estava pronta para tal compromisso. Mal sabia o *que* queria, era tudo tão novo.

Ele colocou a caixa sobre a mesa. “Só quero que saiba o que é, assim vai entender quando ler esta semana.”

Sua testa franziu. “Estarei fazendo alguma leitura esta semana?”

Ele riu quando se levantou. “Sim, escrava, você vai. Venha comigo.”

Ele liderou o caminho para o canto da sala, onde estava seu computador. “Se você me der seu endereço de e-mail, vou lhe enviar alguns sites que quero que estude esta semana.”

Ela lhe passou, meio que surpresa que não tivessem trocado e-mails antes. Viu quando digitou e lhe enviou uma lista de sites.

Feito, se virou para ela. “Não deve se desviar desses sites. Cada um tem links para outras páginas, mas não quero que vá lá ainda. Está disposta a fazer isso por mim esta semana?”

Era a primeira vez que ele solicitava diretamente algo dela durante o tempo que não estavam juntos. Mas, olhar sites não era um grande problema, gastava mais tempo do que iria admitir navegando na Internet. Tendo que navegava guiada por suas escolhas para ela era realmente eróticos. Ela concordou. “Sim, senhor. Vou aprender o que deseja que eu aprenda esta semana.”

Ele a levou de volta para o sofá, onde reclinou, ela se enrolou contra ele, envolta em seus braços, ele a acariciava suavemente, curtindo a sensação de sua pele ao lado dele.

Durante algum tempo, apenas deitaram juntos, aquecendo-se na presença um do outro. Mas logo, a conversa de travesseiro começou, mesmo que ainda estivessem no





sofá. Discutiram os acontecimentos do dia e os acontecimentos no mundo, falando até a hora de deitar. Quando ambos estavam bocejando mais que o normal, ele se levantou e a tomou pela mão, levando-a para o quarto.

“Vamos, escrava — você deve sair mais cedo de manhã, se quiser chegar ao trabalho na hora certa.”

Um pensamento cruzou sua mente, que ela não sabia o que ele fazia para viver. Já estava aqui quando ela chegou à sexta-feira e souu como se estaria aqui, quando saísse amanhã cedo. Se não estivesse tão cansada, teria perguntado a ele sobre isso. Mas um bocejo interrompeu seus pensamentos e ela se aconchegou nos cobertores e em seus braços.

\* \* \* \* \*

A manhã veio cedo demais. O rádio acordou os dois. “Fique, escrava, e tome mais alguns minutos.” Ela não precisou ser dito duas vezes. Estava vagamente ciente de que ele se levantou e foi ao banheiro. Quando o alarme disparou novamente dez minutos depois, ela teve que rolar para acertar o botão soneca. Quando rolou de volta, com intenção de ignorar a manhã um pouco mais, ele reentrou no quarto.

“Oh, não, não faça, escrava. Levante-se para ir!” Com uma graciosa sacudida, ele puxou as cobertas da cama. Mesmo quando protestou, ele foi lá com a chave para abrir suas algemas. “Vá — tome seu banho, e o café da manhã estará pronto até a hora de sair.”

Como fazia todas as manhãs de trabalho, o choque da água batendo em seu rosto, trouxe à plena consciência. Rapidamente, tomou banho e se vestiu, sentindo-se estranha em suas roupas de trabalho. Estava tão acostumada a sua nudez enquanto estava na casa, que andar nela completamente vestida parecia quase errado. O pensamento a deixou molhada e sabia que seria melhor começar a dar uma pausa a si mesma, tinha que passar o dia com um par de calcinhas que ela tinha trazido.



Chá e torradas estavam prontos para ela quando foi procurá-lo. “Oh, muito obrigado, Mestre. E estou feliz que não tenha feito um grande café da manhã. Durante a semana, eu geralmente não como até o meio da manhã.”

Ele riu. “Eu já suspeitava. A mulher profissional em movimento. Você está maravilhosa.” Ela se virou para ele, modelando sua calça, e camisa de gola alta.

“É gentil de sua parte, Mestre — mas Versace<sup>2</sup> pensaria diferente, com certeza.”

Dez minutos depois ela estava pronta para sair, ele segurou sua bolsa na mão e ficou na porta, vendo-a deslizar em seus sapatos sensatos. Após um fim de semana descalça na maior parte do tempo, a constrição nos pés parecia estranha. Ele a acompanhou até o carro, colocou sua bolsa no banco de trás e se virou para ela.

E agora ela hesitou. De alguma forma um ‘obrigada por um ótimo fim de semana’ parecia fútil. Mas como se diz adeus sem soar piegas? Ele se adiantou quando estendeu a mão para maçaneta, colocando sua mão sobre a dela, virando-a para encará-lo. Seus olhos ardiam e ela não queria desviar o olhar. Curvando-se a beijou profundamente, enfiando sua língua através de seus lábios entreabertos para acariciá-la. Abriu-se para ele, o trabalho totalmente esquecido.

E então se afastou. De repente, no meio do beijo. “Isso, escrava,” Disse, “é para você se lembrar de mim enquanto estiver fora.” Com um sorriso despreocupado, deu um tapa em seu bumbum. “Agora, vá trabalhar.”

Com o coração disparado, deslizou em seu assento e ele fechou a porta. Entorpecida, ligou o carro, colocou-o automaticamente em marcha e dirigiu para fora da garagem. Estava a mais de meio caminho para o trabalho antes de começar a colocar de lado seus pensamentos sobre ele e pensar em sua semana adiante.

Diário de Sarah

Durante a semana.

---

<sup>2</sup> Nota da Revisora: Gianni Versace, mais conhecida por Versace, é uma famosa marca italiana de moda fundada, em 1978, por Gianni Versace.



## Segunda-feira

Na história dos beijos apaixonados, aquele tinha que cair para o top cinco. Não, o top três. E o beijo número um de minha vida.

Será que ele sabe o que faz comigo? Ao ter sua língua possuindo-me de tal maneira? Suas mãos em minha cintura, segurando-me firmemente para que eu não tenha para onde ir? Ele deve saber. Ele me manipula muito bem para ser um acidente.

Sei que não costumo escrever neste diário; vejo que a última entrada foi há vários meses — por causa de um ponto importante em minha vida que agora parece menor. Mas suponho que seja assim comigo. Só escrevo aqui quando as coisas estão ficando intensas em minha vida e preciso de um momento para parar e pensar sobre elas, e faço isso melhor com uma caneta na mão.

E as coisas estão definitivamente ficando intensas entre Phillip e eu. Ele é incrível. Durante duas semanas venho tentando determinar exatamente o que me excita tanto sobre ele — e acredito que estou chegando mais perto de uma resposta.

Ele me pediu para olhar alguns sites esta semana — e manter a mente aberta. Sentei na noite de ontem quando cheguei a casa, apenas para dar uma rápida olhada em alguns deles, enquanto o jantar estava no fogão. Para fazer uma longa história curta, queimei o jantar e explorei apenas um site a maior parte da noite. E nem mesmo era um site particularmente exótico ou excitante!

Era um site médico, aparentemente escrito por mulheres para mulheres, que entrava em grandes detalhes sobre a genitália das mulheres e todas as coisas possíveis que poderiam ser associadas a ele. Havia tanta informação lá que nunca aprendi na aula de saúde! Já tinha visto algumas imagens pornô de mulheres nuas antes, e sempre pensei: 'Bem, eu não vejo assim.' Mas nunca realmente olhei para mim mesma antes. Sabia que tinha um clitóris — mas tinha pouco conhecimento sobre o assunto. Depois de ver as fotos no site e, em seguida, examinar-me em um espelho, bem, vamos apenas dizer que não posso acreditar que perdi tanto.

Um dos lugares que passei muito tempo foi na seção 'fantasias' do site. Realmente explicou um pouco melhor para mim porque gosto quando Phillip me amarra e me chama de 'Escrava'. Até mesmo escrevendo, essas palavras provocam uma vibração em meu



estômago. Há uma parte de mim que ainda não acredita que eu voluntariamente fiz o que fiz estes dois últimos fins de semana. E mesmo quando essa parte de mim vê, incrédula, minha mente prontamente aceita o fato de que vou voltar novamente nesta sexta-feira para mais do mesmo tratamento.

Pelo menos agora sei que não estou sozinha — ou anormal em minha submissão. Parece que muitas mulheres gostariam de experimentar o que experimentei com Phillip. Isso me dá uma grande dose de conforto, pode acreditar.

### Terça-feira

Uma das meninas no trabalho mencionou hoje que alguns deles estavam indo ao cinema na sexta à noite — se eu queria ir junto? Disse-lhe que tinha planos e ela perguntou se eu tinha um encontro. Disse que sim e, em seguida mudei de assunto. Mas me levou a pensar. Se eu passar todos os fins de semana com Phillip, o que isso faria com o resto de minha vida social? Não que eu tenha uma muito ocupada — mas tenho alguns amigos íntimos. Não quero abrir mão deles — mas quero estar com ele também. É algo que teremos que discutir, e logo.

Hoje à noite fui para o próximo site de sua lista e encontrei as definições de algumas palavras que recentemente se tornaram uma parte muito importante do meu vocabulário. O site era mais do ponto de vista de alguém que é submisso ou dominante on-line, mas foi útil, entretanto. Definitivamente sei agora que não estou sozinha nessa necessidade/desejo de agradar.

Essa necessidade estava me assombrando, devo dizer. Como pode eu, que tenho lutado pela independência toda minha vida, de repente, atirá-la de lado e dizer 'Sim, vou ser sua escrava'? Apenas não fazia sentido para mim. As palavras de Phillip sobre algo que estava faltando eram certas — mas ainda estou lutando com a necessidade de comandar em meu local de trabalho versus a necessidade de me submeter a ele.

E no início, estava me submetendo apenas para o sexo. Que é ótimo. Incrível e fantástico. Fora deste mundo e fantástico. Mencionei que o sexo com Phillip é fantástico? Mas, depois deste fim de semana passada, quando ele me pediu para me submeter de outras



maneiras, comer depois dele e de seu prato, vestir roupas em público que ele escolheu para mim... Fez-me perceber que quero me submeter a ele de muitas outras maneiras. Há um conforto no sem tomar decisões, em ter apenas um trabalho a fazer: Agradá-lo de qualquer forma que desejar. Mas há também o perigo de me perder. A eu independente, que gosto tanto. Há uma maneira de ter os dois?

Suponho que estou fazendo no momento — tenho os dois, é isso. Durante a semana, sou normal, bem ajustada, mulher de carreira, trabalhadora e independente. E nos fins de semana, sou uma escrava sexual.

Ok, estou de volta. Não posso acreditar que realmente escrevi o último parágrafo. Ri tanto que tive que ir ao banheiro. O fato de que seja verdade só aumenta o absurdo.

#### Quarta-feira

— Outro dia, outro site. Continuo checando meu e-mail para ver se realmente Phillip me enviou uma nota, mas não houve nada até agora. E enquanto sei que poderia simplesmente lhe enviar uma usando esse botão 'resposta', acho melhor não. Se quiser se corresponder, ele vai iniciar. Ele é o mestre, afinal.

Caramba! O encontrei! No site seguinte da sua lista, encontrei esta citação de uma escrava que mantém um registro: *"O que eu realmente, realmente quero é voar fora de mim mesma e visitar aquele lugar onde o tempo não existe e o espírito pode vagar entre as estrelas. Estando literalmente amarrada a terra, prende meu corpo para que minha alma possa voar."*

É isso! Eu sempre quis chegar a esse lugar, e, até que conheci Phillip, nunca tinha conseguido. E agora, com ele, eu estive lá duas vezes nos dois últimos fins de semana. Eu realmente gostei desta página. Há muitas outras páginas no site, incluindo uma de links. Mas Phillip me pediu para ficar apenas nos locais próprios e não fugir deles. Não tenho problemas com isso — há tanta informação aqui apenas nestes três sites que sei que ainda não descobri tudo.

Também gostei desta citação que era de seu mestre: *"Quero o controle do corpo de uma mulher da mesma forma que um maestro quer ter controle sobre uma orquestra. Seu corpo é meu instrumento, o chicote meu bastão. Assim como uma orquestra não pode fazer música sem o maestro,*



também um escravo não pode fazer gloriosa música, sem seu mestre.” Isso realmente me explicava por que Phillip gosta de fazer o que ELE faz. E essa é uma parte importante dessa exploração para mim. Não só preciso saber o que está nele para mim, mas preciso saber o que está nele para ele.

Uma das coisas que primeiro me chamou a atenção sobre Phillip, foi o poder latente que senti emanando dele. É suave, gentil, sempre presente, mas ainda tenho a sensação de que suas águas são mais profundas. E naquela primeira noite, quando ele pediu permissão para me amarrar — olhei em seus olhos e vi a ausência de uma viagem de poder. Agora entendo o porquê. Ele não faz isso para ser o Senhor sobre mim, mas para liberar as emoções em mim que escondi por tanto tempo. Ele faz isso para liberar a ‘gloriosa música’ dentro de mim. Uau.

Mas ainda estou curiosa sobre o colar...

#### Quinta-feira

Dois sites hoje à noite — os dois últimos listados. O primeiro eu realmente gostei, e de fato, imprimi a lista para levar para ele — já que suspeito que foi por isso que o incluiu. É uma lista de atividades. Algumas das coisas lá, bem, vamos apenas dizer que nunca em meus sonhos mais loucos eu teria sequer imaginado! Outras pareciam intrigantes, algumas que já fizemos. Deve provocar alguma discussão.

Especialmente por causa do último site.

Este último lugar era um arquivo de histórias. Aparentemente, muitas pessoas têm fantasias sobre dominação e submissão, e escrevem histórias sobre suas aventuras ou também seus sonhos. A história que Phillip tinha me deixado para ler, envolve uma escrava que precisava pedir permissão até mesmo para ir ao banheiro, e quando ela finalmente consegue tomar coragem para perguntar, é punida por seu ‘pecado’, porque seu mestre havia lhe dito que não a deixaria ir até de manhã. Isso já era ir longe demais. Quero dizer, vá lá... Dê à mulher um pouco de crédito por ter um cérebro! Desculpe, se for *isso* o que Phillip tem em mente, estou acabando com ele.

Amanhã é sexta-feira e vamos nos encontrar novamente. Mal posso esperar — apesar da história e de minha outra preocupação (sobre meus amigos) — a idéia de vê-lo em breve já tem o meu coração martelando. Para dizer a verdade, estou me apaixonando.



Anexo, noite de quinta-feira: Não posso acreditar que me esqueci de mencionar, além dos sites, Phillip me pediu para depilar para ele. Toda. Estive pensando sobre isso durante toda a semana e decidi esperar até esta noite que assim estaria 'recente' para amanhã à noite. Boa coisa, porém, que fiz isso logo após o trabalho e antes de ler essa história — não sei se gostaria de seguir suas ordens, depois de ler isto!

Mas me sinto tão estranha. Acabei de colocar minha camisola e é tão bom lá embaixo. Sedoso, mas de uma maneira diferente de quando meu monte estava coberto. Estou muito consciente do meu sexo neste momento. Não sei como vou fazer isso durante o dia de amanhã!

Anexo, sexta-feira de manhã: MALDIÇÃO! Minha menstruação veio à noite. Ainda vou encontrar Phillip, mas provavelmente estarei em casa à noite. Terá material suficiente para durar o fim de semana, porém, apenas em caso.





## *Capítulo Seis*

### *Ligações*

Parando em sua garagem na noite de sexta-feira, Sarah jogou a engrenagem em ponto morta e desligou o motor furiosamente. Tinha sido um dia ruim. Recostou-se contra o banco e respirou fundo várias vezes, tentando colocar tudo atrás. Finalmente, apenas se soltou do cinto e saiu do carro, batendo a porta atrás dela, na tentativa de prender seus problemas no carro. A última coisa que queria era deixar o trabalho interferir em seu fim de semana planejado.

Agarrando a bolsa no porta-malas, seguiu pelo caminho, parando no meio para obter uma visão de si próprio. ‘Não’, disse a si mesma. ‘Você vai deixar no carro. Então vá — todos os problemas e tensões do dia — vá-se embora!’ Com um grande esforço, endireitou os ombros, alinhou o queixo e forçou um sorriso no rosto. Avançando para a porta como um ator em uma atuação ruim, não percebeu que ele já estava esperando na varanda.

“Você está bem?” A preocupação estava gravada em seu rosto.

“Sim, claro,” Respondeu, sorrindo falso, determinada há colocar o dia fora de sua mente. “Muito bem!”

“Então vamos para dentro.” Pegou sua bolsa e se afastou, deixando-a entrar primeiro na casa. Mas seus olhos mostraram que não estava convencido que tudo estava ‘muito bem’.

Ela parou no corredor, esperando por ele para lhe dizer onde estava indo. Na semana passada, fez um strip-tease brincalhão para ele — queria isso de novo? Duvidava que faria bem em seu atual estado de espírito, não seria fácil manter aquele sorriso estampado e provocá-lo.

Exceto, que ele simplesmente deixou sua bolsa no corredor e pegou sua mão, levando-a até o sofá. Sentado, deu um tapinha na almofada ao seu lado e ela se sentou, cruzando as pernas e de frente para ele.

“Teve uma boa semana?” Ele lhe perguntou, colocando uns fios rebeldes de seu cabelo atrás da orelha.



“Sim,” Respondeu um pouco aliviada de que não estava indo direto para fazer sexo quente e pesado dessa vez. Sexta-feira passada ambos precisavam se liberar. Esta semana, ela estava menstruada e duvidava que ele fosse querer que ficasse. Além disso, havia aquelas outras questões...

“Ok Sarah, o que houve?” Ele se sentou de frente para ela, os olhos inflexíveis. Quando ela hesitou, pegou sua mão na dele. “Você precisa ser honesta comigo Sarah. Não sou cego, posso ver que algo está errado. Como seu Mestre, tenho o direito de saber.”

Ela abaixou a cabeça, envergonhada de lhe dizer sobre seu período; insegura de como perguntar sobre o quanto ele esperava dela como Mestre/Dom. Em vez disso, torceu os dedos, procurando as palavras.

Pacientemente ele esperou, mas ela ficou em silêncio por tanto tempo, que ele finalmente aproximou-se e levantou seu queixo — seu próprio estômago balançando. “Ou você decidiu que não quer um mestre?” Perguntou calmamente.

“Não!” Seus olhos se arregalaram no pensamento. “Não! Não tem nada a ver com você, quero dizer, bem... Não assim, eu quero dizer.” Balançou a cabeça em sua própria loucura e as palavras vieram caindo para fora. “É só que, bem, tive meu período essa manhã e sei que você não vai querer que eu fique e isso já foi causa para um dia péssimo. Tive que demitir alguém no trabalho, e ter que ir vai ser a cereja do bolo. Mas se você acha que vou pedir permissão para ir ao banheiro, você está muito enganado! Posso pensar por mim mesma e não vou ser punida só por que tive uma bebida extra!”

Sua gargalhada encheu a pequena casa, ela tinha ido de vergonha à raiva para indignada tudo no espaço de poucos segundos. “Vejo que a barragem se rompeu, e agora, não se sente melhor?”

Depois de um momento, ela relutantemente sorriu e quando ele olhou com carinho para ela, seu sorriso cresceu. “Tudo bem,” Ela sorriu para ele. “Sinto-me um pouco melhor.”

“Vamos lidar com uma questão de cada vez?” Quando ela assentiu, ele continuou. “Agora, antes de tudo, por que o seu período poderia afetar eu deixá-la ficar ou ir?”

“Duvido que você realmente queira fazer sexo comigo nesse momento em particular — posso virar uma bagunça.” Seu rosto ficou vermelho com a confissão. Nunca tinha discutido



sua menstruação com ninguém, com exceção de sua mãe e seu médico, é claro. Certamente não discutia com a pessoa que estava namorando ou tentando impressionar.

“E você trouxe absorventes com você? Ou usa absorventes internos?”

Seu uso franco da terminologia a chocou e ficou evidente em seu rosto. Ele riu de novo.

“Tenho irmãs — várias delas. Usavam o eufemismo que ‘seu pequeno amigo’ tinha vindo visitar.”

Agora foi sua vez de rir em voz alta. “Minha mãe costumava usar exatamente a mesma frase! Portanto, posso dizer que uso absorvente e você irá saber o que quero dizer?” Ela balançou a cabeça em assombro. “Agora você vai me dizer que realmente foi à loja e os comprou para suas irmãs!”

“Eu fiz.”

Ela olhou para ver se ele estava brincando, mas havia apenas honestidade em seus olhos. Sacudiu a cabeça novamente, seu pai e irmão não teriam feito uma coisa tão maravilhosa nem por todo dinheiro do mundo.

“Você sabe, ainda podemos ter sexo, mesmo se estiver em seu período.” Ele estendeu a mão e arrumou o cabelo perdido novamente.

“Sim, eu sei, mas não posso imaginar que seria muito agradável — ou sexy.” Fez uma careta.

“Há outras partes de seu corpo que podem ser igualmente despertadas. Se estiver disposta a ficar, acredito que poderíamos explorar essas partes, nesse fim de semana.”

Um sorriso lento atravessou seu rosto. Ele queria que ela ficasse. “Sim senhor. Eu gostaria disso.” Ela agradeceu deslizando em seu papel.

Ele se inclinou e a beijou. Foi um simples beijo, mas ela se derreteu como se um estresse enorme a tivesse deixado. E, claro que tinha.

Sentado novamente, ele deixou seus dedos passearem por sua boca, e descansar na bochecha. “Então me conte sobre a próxima parte. Quem você teve que despedir?”

Ela estremeceu. “Não foi um bom momento, estou com medo. A empresa está reduzindo custos e uma pessoa teve que ser cortada de minha equipe. Tive que tomar a decisão quanto a quem. Suponho que deveria estar feliz por meus superiores não tomarem a decisão



por mim, por que teriam escolhido alguém. Mas, confiam em mim para comandar minha equipe do jeito que preciso comandar. Mesmo assim, odiei ter que ser a única a dizer que ela tinha que sair.”

Ela mordeu o lábio para não chorar. Tinha sido uma cena horrível — nunca tinha demitido ninguém antes, e esperava fervorosamente que nunca tivesse que fazer novamente. Ele a reuniu em seus braços e apenas a segurou até que recuperasse sua compostura.

“Estou feliz que não tenha sido fácil para você,” Disse a ela. “Esse tipo de coisa nunca deve ser fácil.” Olhou em seu rosto, agora arrebitado para ouvindo-o. “Estou feliz por você não ser insensível,” disse calmamente.

Sentaram-se por alguns minutos antes de mais, ela se empurrou para cima — pronta para enfrentar o terceiro ponto que sua explosão tinha levantado. “Sobre essa história que você tinha me pedido para ler...”

Ele sorriu. “Pensei que poderia empurrar algumas teclas com você.”

Ela concordou. “Oh, ele fez isso bem. Cada vez que me virei hoje estive pensando na demissão ou na mulher acorrentada ao pé da cama.” Seu nariz enrugou. “Não que estar acorrentada à cama seja uma coisa tão ruim,” Admitiu. “Mas, do jeito que ele a tratou!”

“Então, se eu dissesse que você estaria sendo acorrentada a cama à noite toda, também para ser cuidadosa com o que bebia, e então você ignorasse meu comando...” Sua voz sumiu e ele a olhou de forma avaliadora.

“Bem, primeiro, duvido que fosse ignorar o seu comando. Mas, vamos dizer que fiz.” Levantou-se e passou pela sala. “Vamos imaginar que esqueci, ou talvez não soubesse que tinha bebido tanto assim. Você me acorrenta à cama e vou dormir.” Fez uma pausa e o olhou com franqueza. “Vamos ignorar o fato de que o Mestre e seu amigo só tinham que ter uma conversa em voz alta na porta do quarto, onde ela estava dormindo — eles poderiam ter mostrado um pouco de consideração lá! Isso foi simplesmente rude.” Ela pensou na idéia. Mas então inclinou a cabeça para um lado, pensando em voz alta.

“Espere, acho que é isso aí! Ele exigiu obediência dela — e respeito por seus desejos. Mas não demonstrou o mesmo para com ela! Nem uma vez ele pensou no fato de que ela também deveria ser respeitada. Nunca pensou no fato de que ela tinha um cérebro. Não foi uma



questão de saber se ela fez o que lhe foi dito ou não que me incomodou — foi sua atitude para com ela!”

“Excelente!” Ele sorriu de orelha a orelha. Levantou-se e colocou os braços ao seu redor. “Prometo sempre respeitá-la, minha escrava.” Abaixou-se e a beijou com paixão dessa vez e ela lhe voltou seu amor. Mais das tensões do dia se derreteram e seus ombros caídos pelos pesos, se levantaram pelo toque de seus lábios nos dela.

“Então, se eu disser que você ficará acorrentada à cama durante toda a noite e que deve ter cuidado com o que bebe...” Ele murmurou em seu cabelo.

“Então vou obedecer a seus comandos e esperar para ser punida se não obedecê-los, Mestre.” Olhou para ele, uma fome crescendo dentro dela. “Concordo com isso, por que você me respeita e sei que nunca vai me punir gratuitamente, como o outro Mestre fez.”

As mãos dele derivaram para baixo, roçando seus seios ainda cobertos, seios que eram propostas muito mais nessa época do mês. Seus lábios se encontraram novamente, abertos e suaves. Quando sua língua entrou em sua boca, ela se apertou em direção a ele, deixando-o saber que sua posse dela era completa. Como se pudesse esquecer o doce sabor de sua língua quando rodeava a dela e a deixava sem fôlego.

“Com quanta fome você está?” Perguntou ele parando o beijo.

“Poderia comer,” Respondeu ela, de repente se lembrando de que havia pulado o almoço por causa das cólicas. Agora relaxada em seus braços, sentiu o pequeno roedor em seu estômago e sorriu. “Sim, definitivamente poderia comer.”

“Vamos então, minha escrava. Há um ótimo restaurante chinês não muito longe.”

Eles compartilharam um agradável jantar, em um lugar encantador a apenas alguns quilômetros de sua casa. No meio da refeição, ela finalmente trouxe o último tópico restante que sentia que precisava discutir. E era bom que não estivessem na casa. Aqui no mundo real, ela se sentia mais à vontade para lhe perguntar sobre seus amigos.

“Então você está dizendo que gostaria que eu encontrasse seus amigos?” Perguntou ele.

“Sim — suponho que é parte disso. Estou dividida, esse é o problema. Quero passar um tempo com você e com eles.” Colocou seus pauzinhos para baixo, exasperada. “Como é que pessoas casadas fazem isso? Não somos o primeiro casal a ter este problema!”



Ele riu. “E não seremos os últimos. Também tenho amigos que não vejo por causa do tempo que passamos juntos.”

Ela não havia pensado nisso. Mas é claro que ele tinha amigos. “Então, apenas temos que encontrar uma maneira de apresentá-lo aos meus amigos e eu aos seus! Deus, isso parece tão simples.” Ela riu aliviada. Por que tinha pensado que ele poderia querer impedi-la de ver seus amigos? Por que tinha lido muitas dessas histórias tolas de dominação no jornal, foi por isso. A imprensa em geral não tinha idéia do que estava falando quando relatavam tais coisas, ela decidiu. Relatavam apenas os casos extremos, e não as pessoas normais, cotidianas, que escolheram aquele estilo de vida.

“Então que tal na próxima sexta-feira?” Ela arriscou. “Você estaria disposto a se encontrar com meus amigos no próximo fim de semana? Só pergunto por que Beth está dando uma festa de inauguração e eu realmente gostaria de ir.”

Ele riu. “Então, havia um motivo para tudo isso junto, hum? Muito bem. Vou encontrar seus amigos na sexta e você vai conhecer os meus no sábado. Parece bom?”

Ela concordou. Uma solução justa. Terminaram a refeição e voltaram para casa. Era engraçado como sua pequena casa estava rapidamente recebendo o sentimento de pertencer para ela. Por que à noite havia caído, enquanto estavam comendo, a casa estava escura quando chegaram.

Como na sua primeira noite na casa, pediu que ela permanecesse na porta, enquanto entrava e acendia uma luz. Sentindo o formigamento familiar de antecipação, esperou pacientemente pelo seu retorno. Não foi muito. A luz floresceu na porta aberta e ele estava ali, segurando sua mão. Tomando-a, o deixou levá-la através do limiar novamente.

Mais uma vez ele parou no corredor, em pé atrás dela, os dedos ainda entrelaçados com os seus. Apenas um pequeno abajur foi aceso, lançando um brilho romântico sobre a sala de uma forma mundana diferente. De pé atrás dela, puxou seu braço para trás e para cima, dobrando-o no cotovelo. “Dê-me sua outra mão, escrava,” murmurou em seu ouvido.

Obediente, ela colocou o outro braço para trás, e ele pegou a mão, também dobrando o braço até que estavam dobrados transversalmente a sua volta. “Segure seus cotovelos,” instruiu. Ela chegou mais longe e sentiu os seios forçando contra o sutiã. Por que o jantar tinha



acontecido logo após sua chegada, ainda não tinha se mudado de suas roupas de trabalho. Ainda usava a blusa vermelha de botão e calças pretas, que vestira naquela manhã para trabalhar.

Phillip agora arrastou os dedos ao longo de sua clavícula, puxando seus cabelos grossos, diretamente para trás e para fora de seu caminho. Aninhando o nariz contra seu pescoço, alcançou ao seu redor para frente de sua blusa e desabotoou lentamente cada botão. Puxando-a livre da calça, deixou-a aberta por um momento, enquanto dava uma atenção especial a um de seus ouvidos. Ela suspirou e sentiu-se estremecer quando sua língua circundou e mergulhou na cavidade, seu fôlego suspirando em seu ouvido.

Suas mãos a estabilizaram e puxaram a blusa de seus ombros, deixando-a descansar em seus braços cruzados. Então, se aproximou novamente, e dessa vez a deixou inclinar-se contra ele, enquanto alcançava ao redor para liberar os seios de seus limites. Deslizando um dedo em seu seio, ele brincou por um momento com o sutiã. Então, com cuidado, como se estivesse lidando com um objeto muito precioso, puxou o seio macio para cima e fora da taça, deixando-o pender sobre o vínculo. Fez o mesmo com o outro, e ela estava feliz por seu apoio atrás dela. Sua lentidão para despi-la a fazendo se sentir mais nua do que quando não usava nada.

“Vá e cuide de seu visitante mensal, escrava,” sussurrou em seu ouvido. “Volte para mim vestida nada mais que sua calcinha.”

Não demorou muito no banheiro para se refrescar e se despir. Ele estava esperando no sofá. Várias velas acesas ao redor da sala deram um brilho agradável e reconfortante. Lembrando sua preferência, se ajoelhou à sua frente, as mãos nas costas, sua postura reta. A primeira vez que se ajoelhava para ele a cada fim de semana, lhe trazia uma emoção especial. Havia tanto conforto quanto emoção. Como se fosse se envolver em um confortável par de sapatos para ir a um parque de diversões. Que maravilhas ele lhe mostraria agora? Suas agemas de tornozelos e pulsos estavam ao lado, abertas; em seu aceno, ela os colocou no lugar e os prendeu.

Ele trouxe a pequena caixa que tinha lhe mostrado na semana passada. Abriu-a e lhe mostrou novamente o colar de couro com seu pequeno cadeado. Sua voz era calma. “Mostrei-lhe isso na semana passada e disse que lhe pediria que o usasse quando estivesse pronta. No





restaurante, não fui totalmente sincero com você.” Olhou-a pedindo desculpas e ela simplesmente esperou, certamente tinha lhe dito tanto quanto ela poderia ouvir em público. Agora estava lhe dizendo o resto.

Ele passou o dedo ao longo da faixa de couro. “Ficarei feliz de encontrar seus amigos, não é esse o problema. Na verdade, gosto do fato de que queira me apresentar a eles — de partilhar essa parte de sua vida comigo.” Sorriu e seu estômago vibrou. Oh, como seus amigos iriam provocá-la, por ter encontrado um homem tão bonito!

“Mas, meus amigos...” Seus olhos seguraram os dela e ficaram sérios — muito sérios. Ele estava apressando as coisas, sabia por experiência que isso era perigoso. Mas Sarah estava certa sobre seus amigos. Os seus entenderiam sua ausência do grupo, se lhes dissesse que estava treinando uma nova escrava — na verdade, vários deles já sabiam. Sim, era possível encontrar os amigos dela e adiar a reunião com os seus, mas Sarah era uma mulher inteligente e logo começaria a perguntar o porquê. Melhor fazê-la entender antes. “Meus amigos são diferentes, Sarah. Meus amigos sabem que você é minha escrava.”

Levou um momento para que suas palavras se registrassem. Ele havia usado seu nome, sinalizando que não estava jogando. Como as coisas estavam agora, ninguém, exceto os dois sabiam de seu relacionamento. Sarah não tinha ninguém com quem conversar sobre isso — sabia que todos pensariam que estava louca por desistir de sua liberdade por alguém. E quando o apresentasse ao seu pequeno grupo na noite de sexta-feira, nenhum deles saberia ou precisaria saber que tinha outra coisa além de namorada/namorado acontecendo.

Mas os amigos de Phillip saberiam. Haveria outras pessoas com quem ela iria se encontrar, socializar, conversar, que saberiam seu segredo. Espontaneamente, um rubor rastejou de seu pescoço até seu rosto. O olhou incerta.

“Entre meu círculo, existem regras a serem seguidas. Uma escrava de coleira tem certas proteções que um não encoleirado não tem. Não se preocupe,” ele rapidamente acrescentou, vendo seu olhar de alarme. “Nenhum de meus amigos mais próximos tentariam nada dissimulado. Mas, no círculo social maior de Doms... Bem, vamos apenas dizer que como na vida ‘normal’, nem todo mundo é confiável. Se aceitar o meu colar, estará sob minha proteção.”



Mais uma vez ele fez uma pausa. Quando não disse mais nada, ela falou. “Então, se eu aceitar seu colar, você vai me proteger de todos os avanços indesejados?” Ele assentiu. “E, ao aceitar seu colar, então me tornarei sua propriedade, não é?”

Ele assentiu novamente. “Sim, você se tornará minha propriedade. Não terá direito, nem opiniões, além da que eu lhe der ou lhe permitir expressar. Enquanto usar meu colar, você será minha escrava.”

E lá estava o X da questão. Ao aceitar o colar significava que essa relação tinha ido além da aventura no quarto que ela queria a três semanas. Havia florescido de uma forma que Sarah nunca tinha sonhado, nem mesmo quando com seu marido.

Phillip nunca tinha perguntado sobre ele — e Sarah lhe contara apenas os fatos mais básicos, não querendo que Phillip pensasse que estava comparando os dois. Na verdade, não havia comparação. Enquanto Tom tinha sido baixo, Phillip era alto. Enquanto Tom era gentil, Phillip era firme. Enquanto Tom era passivo, Phillip era dominante. Muito dominante. Maravilhosamente dominante. Sarah sabia qual era sua resposta.

“Já sou sua escrava, não sou?” Ele sorriu para ela, mas havia pouca alegria em seus olhos. Ela sentou-se sobre os calcanhares e procurou as palavras que queria. “Você me deu dois finais de semana maravilhosos, cheios de amor — e luxúria. Um mundo novo se abriu para mim porque disse ‘sim’ quando você me perguntou na praia se faria qualquer coisa que me ordenasse. Não quero parar de explorar esse mundo com você. Entendo que aceitar seu colar envolve um compromisso de ambas as partes. É um compromisso que eu gostaria de ter. Sim, Mestre. Eu gostaria de usar seu colar.”

Ele sorriu pra valer agora. Estava certo sobre ela! Ela queria isso tanto quanto ele.

“Então se vire, escrava.” Ela fez isso sem se levantar. O couro tinha se aquecido, a partir de seu toque, enquanto conversavam. Era rígido, ainda não amaciado — como eu, ela pensou. O tempo os tornaria ambos flexíveis. Houve um suave ‘snick’, quando o cadeado foi fechado, e o som a fez estremecer.

Sarah colocou as mãos para explorar seu novo vínculo. O anel em D na frente era mais frio do que o toque do couro. Delicadamente, o puxou para ver se poderia se soltar. Não o fez.



Correu os dedos em torno da volta, onde tinha sido trancado em seu cabelo. O bloqueio estava pendurado lá e ela o puxou, bem forte. Não se abriu. O colar estava firmemente preso nela.

“Vire-se e me deixe ver, minha escrava.” Ainda ajoelhada, ela se virou para enfrentá-lo. Phillip estendeu a mão e enrolou o dedo através do anel em D, puxando-a para ele. Abaixando-se e abraçando-a, ele a beijou — um profundo beijo longo e apaixonado. Ela sentiu a corrida entre suas pernas pela forma como ele poderia tão facilmente controlá-la agora. Oh, sim... Tinha gostado muito do colar.

“Está ficando tarde, minha escrava.” Ele murmurou. “E você já teve um longo dia. Venha.” Mantendo o dedo enganchado em sua coleira, a levou para o quarto.

Ela não teve escolha senão segui-lo — e o profundo anseio em seus lombos se espalhou, fazendo seu coração bater forte. Controlada, submissa, uma escrava seguindo seu mestre, ela o seguiu enquanto ele a levava para o quarto e a sentava na cadeira.

Ele pegou uma corrente que tinha na mesa de cabeceira e a ergueu para ela ver. Não demorou muito, e havia três partes iguais a ela. A forma como ele a segurou, a corrente formava um ‘Y’. Ela sentou-se pacientemente, enquanto ele inclinava sua cabeça erguida e anexava um lado no anel-D de seu colar. As duas outras pontas descansaram sua frieza no vale entre os seios e ela resistiu ao impulso de recuar. As pontas caíram exatamente no nível dos mamilos.

Mas não era nos seios que ele estava interessado. Pegando uma das extremidades restantes da corrente com uma mão e seu pulso na outra, prendeu a corrente em sua algema. Em um instante, ambas estavam presas, através da corrente de sua coleira. Ele sorriu para ela tão presa e ela experimentou um movimento limitado que agora tinha.

Ela poderia tocar seus seios, brincar com eles, se ele quisesse isso, e podia levantar os braços um pouco acima de sua cabeça. Mas, se tentasse ir mais longe, a corrente a impediria, mesmo se colocasse a cabeça para trás, isso era o mais longe. Também tinha o movimento de lado a lado limitado. Definitivamente uma posição interessante para estar dentro. Caso relaxasse completamente, as mãos se penduravam em seus punhos e Sarah se sentiria muito parecida com um cachorro implorando por atenção.

Ele colocou uma música suave e romântica, acendeu várias velas ao redor do cômodo e desligou as luzes elétricas. Ela estava ficando excitada só de vê-lo andar em torno do quarto de



meias, e quando ele começou seu strip-tease, ela se contorceu um pouco na cadeira. Vê-lo se despir sempre fazia o calor florescer entre suas pernas.

Desabotoando a camisa, Phillip deixou-a enfiada na calça, a frente entreaberta. Ela podia ver seu peito, coberto com cabelo escuro e fino que ela desejou deslizar os dedos. Desabotoando as mangas, as enrolou para trás, tomando seu tempo, sem nunca desviar o olhar dela. Sua respiração acelerou.

Phillip amava se despir para ela, seu rosto era tão maravilhosamente expressivo. Com cada peça removida, seus lábios se abriam, sua respiração se acelerava, seus olhos cresciam pesados com desejo. Sim, ela era uma audiência apreciativa e sua atenção extasiada apelava para sua vaidade. Com um movimento hábil, ele soltou o cinto e desabotoou a calça, depois, lentamente, abriu o zíper. Sua camisa estava no caminho, no entanto, e ela não conseguia ver o que queria. Seus olhos estavam grudados aos seus movimentos e agradeceu por ele desabotoar o último botão da camisa e puxar de lado as bordas. Apenas uma pequena parte de sua roupa interior podia ser vista; uma cueca muito apertada, não revelando nada. Sem nem mesmo saber que estava fazendo isso, ela começou a brincar com seus mamilos.

A visão de sua excitação aumentou a dele. Tirou a camisa e a jogou para o canto, avançou até ficar diretamente na frente dela. Os olhos de Sarah estavam colados em sua virilha, então ele lentamente abriu a calça, deslizando-a até os joelhos. Seu pênis ereto mal era contido pelo tecido apertado e ele viu o desejo em seus olhos. Ela puxou mais forte em seus mamilos agora — construindo seu próprio desejo.

Habilmente chutou suas calças, depois, lentamente, tirou seu pênis. A cabeça brilhava com pré-sêmen — a queria agora — e a queria mal. Sua necessidade era tão grande que ela abriu a boca de boa vontade, querendo ser preenchida.

Colocou as mãos em sua cabeça e guiou-se em sua boca. Ela relaxou os músculos da garganta e ele foi para dentro em um único impulso. Suas mãos, acorrentadas, estavam em uma posição perfeita para acariciar suas bolas, e ela fez bom uso disso. Puxou e entrou profundamente novamente, enquanto uma das mãos dela alcançava entre o rego de seu cu, tatiando o buraco que estava lá.



Ele sentiu a escovada das correntes em suas bolas e o toque alimentou seu desejo. Ela era sua escrava — seu brinquedo. Voluntariamente usava sua coleira — com prazer se entregou a ele. Sua confiança e seu desejo de agradá-lo o enviou acima da borda e gozou rapidamente, enchendo a boca dela com sua semente. Satisfeito, assistiu enquanto ela lutava para engolir tudo o que tinha lhe dado tão rapidamente. Concentrando-se, sua garganta se fechava uma, duas vezes, até que ela sorriu para ele, lambendo os lábios onde haviam caído algumas gotas.

Ajoelhando-se diante dela, Phillip levantou seus braços e lambeu algumas gotas de seu gozo que escorriam em seus seios, e depois continuou lambendo e beijando sua suavidade maravilhosa, puxando um mamilo profundamente em sua boca. Ela ofegou e ele gentilmente a empurrou para trás até que estava reclinada na cadeira e ele estava meio que em cima dela. Uma mão mergulhou para baixo, por cima da calcinha, e ela gemeu — menstruada ou não, ainda tinha necessidades.

Esfregando através da calcinha e chupando seus mamilos, amassando seus seios, suas próprias mãos incapazes de contribuir, as mãos dele a tocaram e ela gozou. Não descontroladamente, não com fogos de artifícios esta noite, em vez disso, foi um longo e lento burburinho que tomou seu próprio tempo doce passando por seu corpo. Com um tremor final, ela abriu os olhos e sorriu para ele.

“Minha escrava teve uma experiência agradável?” Ele perguntou sorrindo.

“Sua escrava teve, meu senhor. E eu, fiz meu mestre ter uma experiência agradável?” Ela perguntou, sentindo-se melhor do que em todo o dia.

“Hmmm... Uma experiência muito agradável. Obrigado, escrava.” Levantou-se e estendeu a mão para ela.

“Você é muito bem-vindo, Mestre. E obrigada!” Ela acrescentou, enquanto se levantava desajeitadamente. Sem o uso dos braços para equilibrar, estava grata por ter seu toque como equilíbrio.

“Acho que é hora de dormir agora, escrava. Precisa usar o banheiro?” Curvou-se, pegando sua roupa descartada.



“Não senhor — estou bem.” Ela hesitou. Ele não tinha dado nenhuma indicação de remoção da corrente — que tinha travado no lugar com cadeados pequenos semelhantes aos de seus punhos e pescoço.

“Então, vamos para a cama!” Soprou todas as velas, exceto a perto do seu lado da cama e puxou as cobertas. Ela entrou, mas não deitou. “Algum problema, escrava?” Perguntou a ela.

“Humm... Estas correntes. É sua intenção de que as use durante toda a noite?” Ela não estava certa de como se sentia sobre isso.

“Sim, minha escrava, é. Você dorme com os braços dobrados de qualquer maneira — e esse é o meu desejo.”

Era outro teste — outro limite que estava empurrando. Ela podia ver isso agora. Abaixando a cabeça por um momento para esconder o sorriso, considerou. Era verdade, ela dormia assim. Mas, era sua escolha. Poderia dormir da mesma forma que tinha feito por dezenas de anos, quando *não* era sua escolha?

“Sim, senhor.” Deslizou sob as cobertas e se aconchegou ao seu lado. Foi engraçado. Nunca tinha pensado em usar a mão em si mesma quando estava com ele. Mas, no momento que não podia, ela queria.

Ele deu um aperto afetuoso em seu seio. “Gosto quando se submete a mim,” admitiu. “Você me dá sua confiança — você me dá seu corpo. Isso cria um vínculo mais forte que qualquer outro.”

Ela assentiu, com o sono já começando a cair sobre ela. Ele estava certo — tinha sido um longo dia e estava mais cansada do que havia percebido. “Confio em você, Mestre Phillip,” disse sonolenta. “Confio em você com meu coração.”

Ele a segurou por alguns minutos, escutando sua respiração, quando o sono a levou. Havia algo de maravilhoso em ter uma mulher adormecida nos braços, e gentilmente beijou o topo de sua cabeça, onde repousava em seu ombro. Seu dedo percorreu ao longo da corrente, que tinha colocado nela — a corrente que tinha aceitado dele. Não dava para ver o colar, mas saber que estava lá espalhou calor através dele. “Confio em você com meu coração também Sarah,” sussurrou antes de adormecer também.



## *Capítulo Sete*

### *Escravidão*

Ao acordar, Sarah foi esticar os braços sobre a cabeça, como fazia todas as manhãs que ela podia se lembrar. Exceto que essa manhã seus braços foram barrados e uma corrente raspou ao longo de seu queixo.

Seus olhos se abriram e se lembrou das ligações que ele tinha colocado na noite anterior. Um rápido olhar para o lado lhe mostrou uma cama vazia, o relógio marcava 08h30min. Como pôde dormir até tão tarde? Inclinando a cabeça para cima, esfregou os olhos, ouvindo. Nenhum som vinha da cozinha ou do banho. Precisava usar as instalações, mas com os braços ligados assim, não poderia tirar a calcinha antes de encharcá-las e ao absorvente que usava.

“Mestre?” Chamou timidamente. Quando não houve resposta, nem mesmo o farfalhar de papel, chamou de novo, mas alto agora. “Mestre!”

Ouviu seus passos vindos do porão, então ouviu o som de madeira caindo na lareira. Mas não houve necessidade de chamar novamente — Phillip apareceu na porta, batendo a sujeira de suas mãos. “Bom dia, escrava-dorminhoca!” Aproximou-se e se sentou ao seu lado na cama e tocou as correntes. “Parece ter dormido muito bem com elas. Aparentemente, vocês duas são um jogo.” Ele sorriu.

Ela sorriu de volta, mas havia pouco tempo para sutilezas. “Por favor, Mestre — preciso ser liberada para poder usar o banheiro.”

Ele riu, puxando um molho de chaves. Encontrou a certa, abriu e soltou a corrente de um dos seus pulsos. “Não se levante ainda, no entanto,” advertiu. “Não quero que os músculos dêem câimbras em você.” Ele amassou seu braço, de cima a baixo do cotovelo, e ela sorriu quando os músculos relaxaram. Uma vez satisfeito do braço não incomodá-la, passou para o outro e fez o mesmo. Só quando ela tinha sido despojada de todas as algemas e correntes ele a deixou sair. O colar permaneceu.





“Tome seu banho enquanto estiver lá,” Ele disse. Ela respondeu gritou uma resposta afirmativa e ele se dirigiu a cozinha para preparar seu café da manhã.

Ela deixou a água quente correr em seus braços um pouco mais do que o normal, enquanto os flexionava e estendia. Havia uma leve dor no ombro direito, mas iria desaparecer no decorrer do dia. E seu período tinha acabado. Durante a noite tinha havido, mas apenas uma mancha. Decidiu que seria seguro ir sem calcinha. E dessa forma poderia mostrar que havia se depilado para ele. Não havia nenhum cabelo em seu monte ou em sua boceta. E o que havia crescido, teve o cuidado de passar a navalha, que havia trazido apenas para essa finalidade.

Cuidadosamente ela secou o colar da melhor maneira possível. Sua presença no pescoço era para ser permanente, aparentemente. Bem, permanente, enquanto estivesse aqui. Será que ela não seria bem vista se fosse na segunda-feira trabalhar usando uma coleira travada no pescoço? Ela sorriu e entrou no quarto para se trocar.

Suas algemas não estavam na cama, nem a cama estava feita. Rapidamente, esticou os lençóis e o edredon, olhando para ver se ele tinha colocado as algemas em outro lugar. Não, deve ter algo diferente em mente, pensou consigo mesma. Esticou as toalhas sobre o rack e escovou os cabelos, enquanto a luz do sol listrava vigas através das persianas para pintar seu corpo. Por um momento, dançou na luz com a ponta dos pés, para que um dos raios de sol aquecesse seus mamilos. Ia ser um dia glorioso.

Ele a estava esperando na cozinha — tinha sentido o cheiro de bacon quando saiu do banheiro, assim sabia exatamente onde estava. “Tem algo que posso fazer para ajudar?” Perguntou.

“Pegue o suco de laranja,” Acenou em direção a geladeira sem olhar para ela. Mas quando se virou e viu sua boceta depilada, sorriu. Com apenas sua pequena sugestão, ela havia ido em frente e cumprido seu desejo. Phillip estava grato pela pequena confirmação de que Sarah gostava de sua orientação gentil. Ela se virou da geladeira, a jarra de suco nas mãos, e sua boceta flagrante abaixo. Ele poderia banquetear seus olhos sobre tal visão durante todo o dia. Em vez disso, voltou para sua tarefa à mão. Mais tarde poderia lhe dizer o quanto o tinha agradado. Agora, não diria nada.



Sarah serviu o suco e logo depois, dois lugares foram fixados na mesa e o café da manhã estava pronto. Ela ficou aliviada que não tivesse que se ajoelhar para o café da manhã e esperar por ele. Faria isso, não era mais um problema. Se ele lhe pedisse, rapidamente cumpriria. Eventualmente, Phillip sabia que Sarah o imploraria para ser autorizada a ajoelhar-se enquanto ele comia. Mas, tinha que vir de sua profunda necessidade de servi-lo — não poderia ser imposta. Tal atitude poderia ser treinada, porém, se ela estivesse aberta o suficiente para aceitá-la, e Phillip estava certo no conhecimento de que seu treinamento havia sido iniciado com sucesso a esse respeito.

Durante o café da manhã discutiram as atividades do dia. Ele precisava sair um pouco e responder alguns poucos recados, e perguntou se ela queria se juntar a ele, pois ficaria feliz em tê-la junto. Ela assentiu muito feliz de passar o dia com ele, mesmo que essa parte não fosse sexual.

“Lembre-se, no entanto,” Phillip a advertiu, “você é minha escrava para todo o fim de semana — mesmo se estivermos em público. Não posso chamá-la de ‘escrava’, mas isso não muda nossa relação.” Era importante que ela entendesse plenamente que esta foi uma escolha de estilo de vida — não um jogo para jogarem.

Sarah assentiu. A igreja no fim de semana anterior tinha sido o mesmo. Vendo seu acordo, Phillip continuou. “E vai usar o que lhe der para usar.”

Isso soou ameaçador. Mas ele já havia mostrado seu gosto excelente para roupas, então apenas sorriu em aquiescência e a conversa mudou.

Os pratos estavam lavados e a cozinha limpa quando ele a levou de volta para o quarto para se vestir para o passeio. Com seu período acabado, seria capaz de vestir a roupa de baixo especial que havia comprado essa semana para ela. Trouxe a caixa e a colocando sobre a cama. “De pé diante de mim, escrava.”

Ela assim o fez, colocando as mãos nas costas e abrindo as pernas como lhe havia ensinado. Sua recompensa foi um sorriso de satisfação dele. Agora sua boceta depilada estava bem ali à sua frente, e ele correu um dedo ao longo de seu monte, então sua mão em concha segurou seu sexo. “Muito bem, escrava. Você fez como pedi.”



Um arrepio a atravessou. Havia feito como ele tinha pedido. Em seu próprio tempo, sem ele perto, agindo apenas por sua sugestão, havia se depilado, por que apenas queria agradá-lo. Seus sucos fluíram em sua mão e ele deslizou um dedo dentro dela, puxando-a para frente para que pudesse beijar a pele lisa e nua ao seu toque.

Ela choramingou um pouco e deu um passo adiante, sentindo seus lábios delizar ao longo de seu monte liso, o dedo agora subindo ao longo do fino vale para sua bunda. Um dedo escorregou com facilidade em seu ânus, já que Philip usou seu próprio lubrificante. Ele a empurrou um pouco para trás, então caiu de joelhos, deixando sua língua pincelar ao longo de sua boceta, uma mão segurando os lábios abertos, a outra começando a bombear o dedo dentro e fora de seu ânus.

Phillip tinha reivindicado sua boceta há três semanas — primeiro com a boca, então seu pau. Agora, reafirmava sua posse sobre sua pele nua, era seu mestre em mais de uma forma.

Sarah fechou os olhos e as sensações que ele criava lavaram por ela, gritou quando os dentes suavemente puxaram seu clitóris. A intensidade aumentou e ela balançou onde estava, com a boca entreaberta, a respiração superficial e rápida. Pequenos choramingos saíam de sua garganta e ela lutou para permanecer de pé. E ainda a língua correu sobre e em torno de seu clitóris até que, com um golpe profundo de seu dedo e um puxão forte de seus dentes, ela gozou por todo seu rosto. Seus sucos esguincharam em sua boca, realizados pelas contrações de seu orgasmo.

Quando ela terminou e seu corpo abrandara suas contrações, ele se afastou, deixando-a ali de pé, oscilando, as pernas ainda espalhadas, mas os joelhos bloqueados, com os braços segurando cada cotovelo nas costas.

Quando Phillip voltou, havia se limpado e trazia uma toalha quente para lavá-la. “Minha escrava está feliz?” Perguntou, já sabendo a resposta. Ela murmurou seus agradecimentos, ainda desfrutando de seu fulgor, mesmo que seu coração tivesse voltado a seu ritmo normal.

“Agora onde estávamos?” Sorrindo como o gato Cheshire, Phillip voltou sua atenção para a caixa atrás dele; pegando-a, tirou uma engenhoca com duas alças de aço rígido. “Sabe o que é isso, escrava?” Segurou-a para que ela pudesse ver melhor. Uma cinta de aço formava um



círculo horizontal, a outra era em forma de U e estava presa na primeira. Tinha um fecho de aço com um lugar para uma trava ligada as duas tiras de um lado, uma solda os ligava um ao outro. A alça que pendia também tinha um buraco, mais de uma fenda na verdade. Ela negou com a cabeça. Não tinha nem idéia do que era.

“Observe.” Desfez o fecho e o cinto inferior de aço se soltou como fizeram os dois lados do círculo horizontal. Ela pode ver agora que havia uma pequena dobradiça na parte de trás do círculo perto da solda. Ele colocou o aço em volta de sua cintura e fechou o cóis. Era um ajuste confortável, mas não apertado. Um vislumbre de entendimento lhe veio e quando ele chegou entre suas pernas e levantou o outro laço de aço, teve certeza. Ele a agarrou no lugar e rapidamente colocou a trava, efetivamente prendendo-a em um cinto de castidade.

Ele riu de seu olhar de surpresa e choque total. Ela não sabia que essas coisas ainda existiam! Suas mãos exploraram, tentando a trava, puxando as tiras de aço. Não se moveram. Não importa a quão excitada ficasse, não seria capaz de se tocar sozinha. Agarrando a cintura, tentou mover a barra entre as pernas, esperando fazê-la esfregar. Não teve essa sorte.

O fato de ele ter acabado de lhe dar um orgasmo maravilhoso pouco importava. E, claro, quanto mais percebia sua situação, mais excitada ficava e maior o sorriso dele crescia. “Não, escrava,” disse a ela. “Você é minha e vai sair em público. Ninguém vai te tocar com esta mensagem!”

“Oh, como se alguém fosse me tocar de qualquer jeito.” Ela riu e deu alguns passos experimentais. No começo, sentiu como se um dois-por-quatro estivesse entre as pernas, e não uma polegada de aço. Mas depois de algumas voltas ao redor do quarto, sentiu-se mais confortável. Sim, ela poderia usar isso em público e ninguém saberia. Esse pensamento provocou uma súbita umidade entre as pernas e ela olhou para baixo em pânico. Mas não era sua menstruação, e sim sua excitação. Agora havia lubrificado o cinto entre as pernas, embora não fosse confortável, pelo menos não era desagradável.

“Diante de mim escrava.” Seu comando a trouxe em seus calcanhares de volta para sua posição. “Vire-se.” Ela fez e sentiu os dedos verificando-a, certificando-se se o cinto não estava lhe causando problemas. Não estava. “Levante os braços.” Ela fez e o cinto se levantou,



pressionando contra seu sexo, mas não lhe dando a fricção que precisava. “Mantenha-os assim.” ordenou quando seus braços começaram a descer.

Envolveu seu corpo com um fino espartilho de damasco e osso e começou a árdua tarefa de laçá-lo. Uma vez instalado nela, ele só precisava afrouxar os laços para removê-lo de seu corpo. Mas neste primeiro momento, precisava ser feito pelo caminho mais longo a fim de conseguir um bom ajuste. Olhou como apreciava ser atada. Ela não era esbelta — preferia uma mulher com um pouco de carne em seus ossos, como seu pai costumava dizer — não que ela fosse gorda. Saudável e salutar numa espécie de forma Renascentista. Apenas o suficiente de uma figura para fazer um espartilho sexy.

Sarah nunca havia usado antes um espartilho. Phillip lhe deu permissão para baixar os braços e ela o ajudou segurando o topo enquanto amarrava as costas. Feito de damasco branco e osso era uma roupa adequada vitoriana. O cheiro de seu sexo invadiu o corpo e ela corou. Um cinto de castidade medieval e um espartilho vitoriano. Já teve alguma roupa feita que fosse mais restrita?

Ele terminou o laço, então os apertou. Para essa parte, instruiu-a a agarrar o mastro da cama de dossel, e prender a respiração. Pouco a pouco os atadores foram apertados, e seu corpo foi confinado em uma jaula de aço por baixo e uma gaiola de ossos por cima.

Quando terminou, Phillip a moveu para frente do espelho para que pudesse se ver. Delicadamente, ele puxou seu cabelo para trás, assim teria uma visão clara de seu colar, a argola-D centrada em seu pescoço. O espartilho empurrou os seios para cima e lhe deu um decote que nunca pensou que teria. Ela foi empurrada até agora, poderia praticamente descansar um copo em seu peito! Seus mamilos escondidos da vista por cima do espartilho foram esmagados pela pressão plana, o que tinha conseguido esse efeito prateleira com seus seios, empurrando, não só dos lados, mas também na frente.

De seus seios recém-moldados, a linha de seu corpo continuou em varredura graciosa para dentro, para sua cintura agora cumprida. Não era mais apertada do que a corda entre as pernas da semana passada, mas infinitamente mais atraente. A labareda na parte inferior do espartilho oprimia seu osso do quadril, embora mesmo ali, a contração continuou. O espartilho parou logo acima onde começava seu monte — um monte nu.



Sua área púbica depilada agora brilhava junto com a faixa de prata que cintilava abaixo do espartilho. Parecia gorda a suficiente, podia ver a saliência na cintura causada pelo cinto de aço horizontal, o cinto menor brilhava na luz do sol entrando pela janela. Torceu por um lado examinando suas roupas novas.

“Claro, minha escrava ainda não pode sair em público com tal roupa...” Ele estava fuçando no armário e Sarah perdeu o ‘ainda’ na sentença. Ele saiu segurando uma longa saia, leve e florida, e uma blusa camponesa vermelha brilhante. “Medieval, vitoriano, anos 60,” ela riu.

Escorregou na blusa, deixando-a solta por um momento, enquanto vestia a saia. Tinha uma cintura elástica, que não foi esticada muito já que sua cintura estava apertada tão bem. Ele lhe deu um par de sandálias para calçar e amarrou a blusa frouxamente, deixando um lado cair de seu ombro. Ela resistiu ao impulso de puxar para cima. Virando-se novamente para que pudesse se ver, teve que admitir que gostara do visual.

Por causa do espartilho e o laço frouxo da blusa, o decote era muito evidente. Curvar-se não era uma opção para ela, no entanto estava feliz. Mas, para aqueles que eram mais altos que ela — e o Mestre que estava bem atrás dela agora — teriam uma bela visão. Ela o olhou e seu sorriso revelou que era essa sua intenção. E com o cinto de castidade, ela estava segura, bem — não que esperava que alguma coisa acontecesse ao longo dessas linhas. Estava vestida quase como uma puta, mas não completamente promíscua.

“Vamos, escrava.” Saiu do quarto e sua mão voou para a gola. Será que ele realmente queria que usasse isso em público também? Tentou correr atrás dele, mas o espartilho tirou seu fôlego rapidamente, e percebeu que a roupa tinha um propósito — para mantê-la em seu lugar. Manuseando a coleira, o encontrou na porta onde esperava por ela.

“Há algum problema escrava?” Perguntou.

Sua hesitação durou apenas um instante. “Não, senhor — não há problema.” Com a cabeça erguida, atravessou a porta e ele sorriu. Oh, sim, seu espírito estava indo muito bem.

\* \* \* \* \*



Sua primeira parada foi na mercearia. Ela ficou sentada quando ele desligou o motor, então deu a volta e abriu a porta. Com a rigidez do espartilho, precisava da mão que lhe estendeu para se levantar. Sorrindo, enfiou a mão sob seu braço e entraram no mercado.

Depois de um tempo, o espartilho começou a se sentir quase confortável — uma vez que aprendeu a relaxar dentro dele e parar de tentar combatê-lo. Empurrou o carrinho enquanto ele selecionava os itens que precisava. Não foi até que chegaram ao departamento de produtos que se lembrou de seu propósito como sua escrava.

Ele passeou para os pepinos e ela obedientemente seguiu com o carro. Ele já havia selecionado vários outros legumes frescos para salada, então, a princípio não pensou nada de seus passos lentos. Mas então ele ergueu um pepino bem grande na mão e olhou para ela, avaliador. "O que?" Ela perguntou, então entendeu quando seu olhar caiu abaixo de sua cintura e seu sorriso ficou decididamente travesso.

"Senhor!" Ela ficou chocada — certamente ele não achava que poderia ter tudo isso? Olhou em volta para ver se alguém havia notado seu olhar e sua explosão. Mas o departamento estava vazio, exceto por um velho apertando os melões e que não lhes dava nenhuma atenção.

"Bem, com base em sua reação", disse a ela, "então esse é definitivamente o vegetal que eu preciso." E o colocou no carrinho. Seu rosto queimou todo o caminho até o caixa, certa de que todos sabiam o que ela fazia. Seu vestido cobria o cinto de castidade, e só ela podia sentir a maciez que havia se reunido ali, apesar de seu próprio nariz, o aroma do seu próprio sexo cresceu forte e tinha certeza de que todos sabiam.

Grata por estar saindo, o seguiu para fora da loja e teria ajudado com as sacolas, mas o espartilho a impedia de se curvar para tirá-las do carro. Em vez disso, ele destrancou a porta e a ajudou a entrar no carro, então carregou as sacolas para a parte de trás ele mesmo.

Sua próxima parada foi em uma loja de ferragens bem grande. Aquele olhar malvado estava em seu olho novamente e ela o seguiu cautelosamente. Foi direto para a parte da loja que vendia correntes. Criticamente, olhou os vários pesos e tipos. "Estenda o braço," a instruiu.

Com um olhar para verificar se não havia ninguém no corredor, estendeu o braço direito. Ele envolveu um pedaço curto da corrente sobre ele de um dos muitos rolos em





exposição. "Não, não ficou bem." Deixou aquela e tentou uma diferente. Dessa vez, embrulhou o aço frio em torno de seu pulso. Ela se aproximou dele para proteger suas ações de um cliente de passagem. "Senhor," sussurrou em alerta.

"Sim, minha querida?" Seu sorriso era desobediente e era óbvio que gostava de seu mal-estar. Sacudiu a cabeça. "Não, esta não ficou bem também." Solto a corrente e ela suspirou.

Alguns passos mais adiante pelo corredor e ele encontrou o caminho certo. "Ah, aqui está. Estenda o braço novamente." Ela fez e ele envolveu uma corrente pesada sobre seu pulso, uma com elos de aço de grandes dimensões. Por causa do ar condicionado, o metal estava frio contra sua pele e se retraiu um pouco quando o peso caiu sobre seu braço estendido. "Sim! É esta." Sorriu para ela e procurou por alguém para cortar o comprimento que ele queria.

Ao conseguir um vendedor, Phillip então, fez um show de tentar decidir o quanto precisava. Finalmente, olhou para Sarah e tomou-lhe a mão, puxando-a para frente um pouco. "Preciso até seis vezes a sua altura. Pode usá-la como um guia?"

O balconista olhou um pouco assustado e o rosto de Sarah queimou vermelho. "Sim, senhor, acredito que posso," respondeu o vendedor. "Se puder ficar aqui, senhora?"

Mantendo seu pânico sob controle, Sarah ficou ao lado do enorme rolo de corrente. O vendedor desenrolou um comprimento e segurou-a para o topo da cabeça de Sarah, deixando-a deslizar até atingiu o chão. Então, pisou nela para mantê-la firme e puxou o comprimento até o próximo nível com sua cabeça. Repetiu o processo até que tinha um comprimento que era seis vezes a sua altura.

Conferida e paga, Phillip tomou sua mão e a levou a outra parte da loja onde escolheu vários cliques e fechaduras. Então até o caixa para pagar estas pequenas compras e saíram. Ela mal podia andar, estava muito excitada a essa altura.

Tinha se sentido humilhada na loja, e, ainda assim, tinha gostado. Seus pedidos foram estranhos aos olhos do vendedor, mas perfeitamente inocentes. Como a compra do pepino. Inocente para todos, exceto Sarah, que conhecia sua mente e tinha adivinhado suas intenções. Encolheu-se em seu assento enquanto se dirigiam para casa.

Ajudou a carregar as sacolas de mantimentos, a corrente era muito pesada para ela levantar. Na verdade, viu seus músculos se esticarem um pouco sob a carga, e seu coração



acelerou com a visão. Oh, mas ele era forte! E como o peito ondulava sob a camisa, enquanto subia os degraus para casa.

As janelas estavam abertas e uma brisa soprava as cortinas da cozinha enquanto ela guardava os legumes — até o maldito pepino. O dia estava quente e a blusa se prendia à sua volta um pouco — o espartilho a fazia suar um pouco mais do que o habitual. Ouviu a corrente bater no chão do calabouço — ela realmente deveria parar de pensar nele com essa palavra — ele não a tinha exatamente torturado lá dentro. Seus pensamentos se voltaram para o pepino que acabara de colocar na geladeira — bem, não tinha ainda de qualquer maneira.

Quando se juntou a ela, sua camisa também se aderiu à sua volta e ele a tirou ali mesmo na cozinha. Pegou uma garrafa de água da geladeira e bebeu em um gole longo. Ela assistiu, com os joelhos ficando fracos na visão dos músculos agora descobertos.

Ele terminou a água e se virou para ela com luxúria em seus olhos. Seu estômago vibrou. Avançou e puxou a corda que segurava a blusa para cima. Empurrando-a pelos ombros e braços, ela caiu até a cintura. Agora, virou-a e inspecionou os laços do espartilho, dando um puxão experimental em alguns deles.

"Hmmm... parece ter se soltado enquanto você é usado, minha escrava. Não podemos deixar, não é mesmo?" Puxou os cordões, apertando-os. "Não, estes definitivamente não estão apertados o suficiente." Com um único movimento, puxou a saia e blusa em conjunto, deixando-os em uma poça a seus pés. Ela ofegou e por hábito, cobriu o monte com as mãos.

Ele pegou suas mãos e as colocou na borda da pia. "Isso já é o suficiente," disse. "Agora, respire fundo." Ela obedeceu e em um movimento rápido, ele apertou os laços mais apertados do que tinham sido antes. Mas ainda não estava bom o bastante para atendê-lo. Bateu em sua bunda nua — forte. Ela engasgou e ele puxou novamente. Amarrando-os, virou-se em torno dela.

Ela vacilou por um momento, praticamente incapaz de respirar. O espartilho estava firmemente atado ao redor de sua cintura e não podia mais respirar fundo. Ele a segurou, correndo as mãos ao longo de seu espartilho, sentindo sua nova figura. "Sim," murmurou em seu ouvido, "Gosta desse tipo de escravidão, não é?" Curvou-se e passou a língua por cima de



seus seios, arredondados pelo aperto do espartilho. Ela colocou os braços em volta de seus ombros para se firmar, com medo de cair.

Ele colocou um braço em torno de sua cintura para firmá-la, deixando a outra mão mergulhar para correr ao longo do cinto de castidade. Sentiu a umidade e ficou satisfeito. Estava pronta para gozar, mas o cinto a impedia. E continuaria a impedi-la, até que quisesse que ela gozasse. O corpo dela era seu para brincar, gozaria quando ele permitisse, e nem um minuto antes.

Enganchando o dedo através do anel em seu colar, Phillip a levou para o calabouço. Sua luxúria espelhada em seus olhos, sua necessidade cada vez mais forte, e o seguiu de boa vontade. Uma vez lá dentro, posicionou-a diante da jaula alta e foi por trás dela. Pegando um cinto de couro da mesa, instruiu-a para colocar as mãos atrás das costas, palma com palma.

Ela obedeceu e as amarrou em junto com o cinto de curto. Um segundo cinto foi abaixo dos cotovelos, puxando-os juntos quase até tocar. Um terceiro cinto acima dos cotovelos concluiu a ligação dos braços.

Agora Phillip virou seu corpo para enfrentá-lo. Com uma torção da chave, o cinto de castidade ficou livre e voluntariamente ela abriu as pernas para que pudesse removê-lo. Mas não era isso que ele tinha em mente. Delicadamente, abaixou a barra entre suas pernas e checkou — não houve atrito, seu constante estado de excitação tinha ajudado nisso. Deixando a parte inferior se soltar, ele voltou à mesa e selecionou dois pequenos vibradores. Ajoelhando-se diante dela, deslizou um em sua boceta.

Sarah tentou empurrar os quadris para frente e lhe dar um melhor acesso, o corpo ansiando seu toque, mas ele só colocou a mão em sua barriga e a segurou quieta. Tirou o vibrador de sua boceta e o arrastou de cima a baixo ao longo de sua passagem algumas vezes, enquanto construía a tensão dentro dela. Mas, em vez de deixá-la gozar, levou o vibrador para trás ao longo de sua fenda e o deslizou dentro de seu cu. Ela gemeu e se curvou ainda mais, e Phillip sorriu ao ver o efeito causado em sua execução.

Agarrando o segundo vibrador, virou o botão para alto e fez a mesma coisa. Primeiro, um mergulho em sua boceta para obtê-lo molhado, então o arrastando ao longo entre os lábios e sobre o clitóris. Mais e mais o clitóris. Ela não conseguia respirar. Se tivesse fôlego, teria



implorado pela liberação, mas o discurso estava além dela agora. Com um movimento rápido, mergulhou o vibrador profundamente em sua boceta, então levantou a parte inferior do cinto de castidade, prendendo e travando-o mais uma vez.

Agora ela teve voz e gritou em protesto. Os vibradores duplos a empurrava para a borda, mas o cinto a impedia de chegar a um orgasmo. Seus joelhos cederam e ele a guiou para o chão. Com mais tiras de couro, amarrou seus tornozelos, depois os joelhos. Como toque final, puxou seus pés em direção às mãos atadas, amarrando-os todos juntos em um conjunto. Havia apenas uma coisa faltando.

Ajoelhou-se ao lado dela enquanto se contorcia no chão. "Escrava," disse suavemente. "Você precisa confiar em mim. Você faz?"

Ela assentiu — já estava começando a flutuar.

Habilmente, ele colocou uma mordaca de bola média em sua boca, prendendo-a atrás da cabeça. Ela a sacudiu, tentando desalojá-la, mas ela não se mexeu. Estava totalmente indefesa. Os vibradores invadiam sua boceta e ânus, a mordaca invadia sua boca. O cinto a impedia de gozar e ela gemeu alto.

Ele agora se fez confortável no chão, vendo-a se contorcer. Tinha crescido muito duro quando lhe colocou a mordaca, sabendo que ela era agora inteiramente sua. Desabotoando sua calça, tirou seu pau, esfregando a mão sobre sua maciez aveludada. Ela o viu, duro e pronto e quis lhe gritar, 'Leve-me — me tire dessa bagunça e me tome duro!' Mas estava amordaçada e impotente. Não era mais sua própria pessoa, era sua escrava. Ele a queria amarrada assim, a queria amordaçada. Seus gemidos viraram choramingos quando sua necessidade continuou a provocá-la.

"Você quer isto, escrava?" Perguntou baixinho, segurando seu pênis para ela ver. Pré-semem pendia da ponta e ela não queria nada mais do que lambê-lo. Concordou. Sim, o queria desesperadamente.

Ele se levantou e despojado, puxou uma cadeira na frente dela. Descendo, puxou-a até que ficou equilibrada sobre os joelhos. Tirando a mordaca de bola, inclinou a cabeça em direção a ela. "Diga-me, minha escrava. Diga-me o que quer. Implore-me por ele."



Ela estava quase em lágrimas. Humilhou-a na loja, então a prendeu mais apertado do que ela já tinha antes, amordaçou e agora queria reduzi-la ainda mais. "Implore-me," repetiu.

Humilhada e excitada, se soltou de seu orgulho. "Por favor, senhor, oh, por favor. Deixe-me chupar seu pau — deixe-me, por favor." A necessidade articulada era evidente em seu tom e no desespero que enchia seus olhos.

"E é isso o que quer realmente, escrava?" A mão estava em sua cabeça, segurando-a para cima enquanto prendia seu olhar.

"Quero gozar, Senhor — quero gozar e quero agradá-lo!" As lágrimas escorriam por seu rosto em seu próprio dilema, divididas entre o desejo de agradá-lo e o desejo de ser satisfeita.

Ele sorriu. "Então me agrade, escrava, para que eu possa agradá-la." Guiou a cabeça de seu pênis e ela abriu a boca, levando-o ansiosamente. Sua paixão nunca tinha sido tão grande como agora. Ela o chupou duro, querendo mais do que tudo senti-lo explodir em sua boca. Seu peito estava preso tão firmemente que não conseguia tomar respirações profundas, então chupava seu pau com a boca enquanto agarrava respirações curtas sempre que podia.

No início, ela olhava apenas para seu pênis, concentranda. Mas então, teve a chance de olhar para cima e o viu observando-a — sua escrava, o servindo. Ela não conseguiu desviar o olhar e o chupou ainda mais duro, enquanto os vibradores zumbiam dentro dela. Pela primeira vez, viu seu clímax chegar ao invés de apenas sentir. Viu seus olhos, travados com os dela enquanto sua boca o cobria. Mas, então, seus olhos perderam o foco, fechando enquanto gemia e seu corpo convulsionava.

O líquido quente e pegajoso escorreu em sua garganta e ela ainda assim continuou a chupá-lo, lambê-lo — querê-lo. Ela o segurou dentro da boca, engolindo seu gozo enquanto seu corpo tremia, e beijando seu eixo à medida que amolecia, ainda lambendo ao longo dele, sua necessidade a empurrando. Por fim, suspirou e relaxou, seus olhos encontrando os dela novamente, exceto que, onde esperava ver satisfação e contentamento, viu que ainda ardia. Ele colocou as mãos em seus ombros e mudou-a de lado, colocando-a no chão novamente. O que ele estava fazendo com o seu brinquedo?

Curvando-se, recolocou a mordaça, então deixou a sala sem uma palavra. Ela gritou em protesto. Ele lhe prometeu! Novamente se contorceu no chão, dessa vez tentando se libertar. Há



quanto ele tempo tinha saído, ela não tinha idéia, seu corpo tinha se afastado da porta e não viu o seu regresso até sentir suas mãos em seu corpo. E assim, não viu o que ele tinha na mão.

Ele primeiro desvinculou os pés de suas mãos, deixando-os reto. Ainda presos firmemente juntos, ela não poderia espalhá-los para ele, não poderia lhe dar o acesso que queria que ele tivesse. Por um momento, ele simplesmente acariciou seu corpo, limpando a baba que tinha escorrendo do queixo, correndo as mãos ao longo dela.

Ela choramingou em seu exame. Ele estava brincando com ela, percebeu isso. E ela era sua para ele brincar — é o que significava ser sua escrava. Mas seu corpo clamava por liberação. Não havia como negar que a mordaca a excitara, ele havia tirado sua capacidade de cuspi-la e usar sua palavra segura. Mesmo que a baba a envergonhasse e a fizesse se sentir dependente, a total falta de controle havia causado ondas de excitação correndo através dela.

"Gosto de você assim, escrava," disse a ela. "Impotente. Incapaz de falar comigo, incapaz de se mover... Incapaz de gozar." Sua mão continuou a acariciá-la. "Meu animal de estimação. Para fazer minha vontade, para gozar ao meu comando." Tirou um fio de cabelo fora do rosto. "Você não pode gozar, no momento, porque não te dei permissão, sabe disso, não é?"

Ela não sabia nada disso. O que ele quis dizer? Ela não pôde gozar porque não conseguia obter o atrito que precisava.

"É verdade. Você deu-se a mim, submeteu sua vontade à minha, mesmo que sua mente consciente ainda não o tenha admitido. Gostaria da prova?"

Ela assentiu — e pensou que talvez ele estivesse pensando um pouco alto de si mesmo. Sua submissão era estritamente voluntária. Ele conseguiu apenas o tanto que estava disposta a dar.

"Você sente que não pode gozar, mas na verdade, não gozou porque não lhe dei permissão. Você é uma boa escrava, e me espera lhe permitir isso. Posso lhe provar." Segurou seus olhos, as mãos já não mais a tocando. "Goze escrava. Goze para mim agora."

Seu corpo executou seu comando com força total. Apesar do que sua mente lhe disse, apesar do que pensava, seu corpo agiu por conta própria e cumpriu sua ordem. Uma explosão a atingiu e ela gritou na mordaca. Onda após onda de tensão construída e liberada, fazendo seu



corpo dançar no chão. Ofegante, sem ar, que ela não conseguia ter por causa do espartilho e mordaca, entregou seu corpo ao seu clímax, relaxando nele.

Após uma eternidade, um momento, desacelerou e seu corpo ficou imóvel. Inclinando-se, a boca perto de seu ouvido. "Goze novamente, escrava. Goze porque seu Mestre deseja."

E ela fez. Seu corpo se contorcia com o clímax e lágrimas escorriam pelo rosto. Nunca tinha conhecido tal intensidade — ou tamanha humilhação. Seu corpo a traía — não era mais dela — pertencia a ele. O orgasmo passou e ela ficou choramingando no chão. Ele se inclinou em seu ouvido novamente.

"Agora você sabe que seu corpo é meu. É o meu brinquedo e dança quando eu quiser. E quero que ele dance de novo, escrava. Quero vê-la gozar mais uma vez. Goze novamente, escrava."

E seu corpo fez. Ela foi completamente traída e chorou. O clímax foi menor dessa vez que seu corpo estava exausto — mas era sua vontade. Ela não conseguia lutar — não queria. O clímax acabou e seu corpo continuou a tremer, enquanto soluçava na mordaca.

Ele sorriu. Ela foi escravizada.

\* \* \* \* \*

Ela acordou do sonho de ser cativa. O sonho desvaneceu-se no espaço alguns batimentos cardíacos, mas sua realidade continuou. Lembrou-se da traição de seu corpo e virou o rosto no travesseiro de vergonha.

Só então percebeu sua nudez. As amarras foram embora, o espartilho uma memória; os vibradores também tinham ido; o cinto, porém, ainda estava fixado firmemente ao seu redor. Rolou para inspecioná-lo e uma corrente a trouxe muito breve. Seu colar foi amarrado à cabeceira. Com um suspiro amargo, caiu de volta no travesseiro e pensou sobre o que tinha acontecido.

Quando veio com ele, não tinha se importado com o jogo nas lojas. Na verdade, a maldade tinha empurrado longe em sua excitação, primeiramente. Tinha gostado da sensação





do espartilho, a prisão de seu corpo em uma forma diferente a excitava. Saber que as mulheres tinham usado essas coisas em eras passadas deu-lhe uma conexão com elas que nunca esperava. Elas também tinham sido escravas de seus maridos — mas sua escravidão era diferente.

Não era? A submissão delas aos seus maridos tinha vindo com força de lei, a sua própria era voluntária — e ele nem mesmo era seu marido. Ela teve que sorrir para isso. Essas mulheres teriam ficado totalmente chocadas com seu comportamento. E ela poderia ir embora a qualquer momento que quisesse. Pesarosamente, puxou em sua corrente. Bem, quase qualquer momento. Não, sua servidão estava em uma categoria diferente da que a delas tinha sido. Passou as mãos sobre os seios, sentindo pequenos torrões em sua pele das estadias do espartilho. Iriam desaparecer ao longo do dia, mas agora a lembrou da rigidez do traje. Iria usá-lo novamente — e se divertir.

Sua mão derivou abaixo para dedilhar o cinto de castidade. Esta era uma peça que não estava certa se gostava. Não era tanto o fato de que não podia se tocar, mas quanto o que simbolizava. Foi divertido no início, mas o fato de que ainda estava ali há irritava um pouco. E, ficou surpresa ao descobrir, um pouco emocionada. Ela pesou os dois sentimentos como se estivessem numa balança antes de colocá-los para dentro. Estava irritada porque ele sentia que tinha o domínio sobre ela; dominava uma parte dela que ele já controlava. E estava emocionada porque ele estava lhe mostrando que a controlava — e poderia controlar aquela parte dela, enquanto guardasse a chave. Ela sorriu — ok, não fazia sentido. Vesti-lo era irritante, mas emocionante, tudo bem, ela só tinha que aceitá-lo, por enquanto.

Mas então seus pensamentos ficaram mais escuros quando finalmente confrontou suas ações no calabouço. Suas ações e suas reações. Não havia dúvidas em sua mente de seu domínio absoluto da situação — e dela. Mas como se sentia sobre isso? E quanto tinha mudado seu relacionamento?

Porque tinha. E essa era a realidade que tinha que enfrentar. Havia o conhecimento subjacente, agora que tinha dado um passo irreversível. Não importa o que sua mente consciente decidia, não importa o que ela pensava em uma atividade particular, havia sempre a realidade de que seu corpo se submeteria. Sempre. Ela tinha cruzado a linha de brincar de ser submissa, para ser uma escrava.



E isso a envergonhava. Se ele entrasse aqui agora e lhe ordenasse que fizesse algo, qualquer coisa, ela sabia que o faria. Não importa o quão humilhante, não importa o quanto sua mente se rebelasse, seu coração e seu corpo se submeteriam. E ele sabia disso.

Isso lhe trouxe lágrimas aos olhos. Ele sabia que tinha quebrado a barreira — e era o que queria o tempo todo. Queria lhe mostrar a puta dentro dela — a escrava que queria lhe servir — e que ele tinha. Ela havia negado isso parte de sua existência, e ele descobriu a verdade e a trouxe para fora, forçando-a a olhar para ela.

Phillip entrou no quarto e viu seu rosto manchado de lágrimas e ficou surpreso quando as mãos se cobriram quando entrou. Ela tinha se afastado dele, incapaz de suportar o fato de que ele sabia do seu mais profundo e obscuro segredo. Algo estava muito errado. Teria ele a empurrado longe demais?

Preocupado, sentou-se ao lado da cama e a virou para encará-lo. Seu polegar secou as lágrimas em seu rosto e ele se inclinou para beijá-las. Beijou sua testa, seu nariz, seus lábios. Suavemente, gentilmente, deixando-a saber, o quanto se importava com ela. Apoiando-se em um braço, ficou perto dela, escovar os cabelos de seu rosto, murmurando palavras ternas de conforto até que ela pudesse olhar para ele. Só então, fez a pergunta que pesava tão fortemente em seu coração.

"O que foi Sarah, eu te machuquei?" Sua voz era apertada. Nunca se perdoaria se a tivesse danificado de qualquer maneira. De tantas formas, ela era tão forte, que até tinha esquecido o quão frágil sua psique poderia ser.

Fungando, ela sacudiu a cabeça. "Não, senhor. É só que, oh, Phillip — não posso acreditar que sou, lá no fundo. Quero dizer, sempre soube desse meu lado para isto, mas nunca pensei, nunca sonhei... Quero dizer, nunca pensei que iria partilhá-lo com ninguém — nunca. Mas eu fiz, com você." Fez uma pausa para limpar o nariz. "E estou feliz que o fiz, realmente estou."

Seus olhos se encontraram e Phillip viu a vulnerabilidade dolorosa que ela não podia mais disfarçar. Alívio inundou seu coração. Com sua orientação, ela tinha desfeito todas as camadas da pretensão que tinha tão cuidadosamente construído ao longo dos anos e enfrentado



as partes mais escuras de si mesma. Mas o que fez seu coração cantar foi que ela surgiu inteira e completa.

Ela ainda soluçava e fungava, e ele a pegou em seus braços novamente, deitou-se ao seu lado, as mãos esfregando seus ombros para aliviar a tensão.

Sua respiração se estabilizou enquanto a acariciava, ele não era nenhum monstro vindo para dominá-la, ainda era o homem pela qual se apaixonara. Essa era outra realidade a enfrentar. Após alguns instantes, ela olhou em seus olhos, sem saber o que iria encontrar.

O amor e cuidado que tinha por ele se refletiu de volta para ela. "Eu te amo, Sarah," lhe disse baixinho. E seus lábios tremeram novamente. Ele a tomou nos braços e beijou seus lábios. "Vou te proteger sempre."

E ela sabia que era verdade.



## *Capítulo Oito*

### *Exposições*

Os pássaros cantavam quando acordou na manhã seguinte, o sol radiante pela janela aberta. Sarah suspirou e se espreguiçou, sem amarrações para segurá-la esta manhã. Bem, apenas as ligações em torno de seu coração.

Phillip também se espreguiçou e os dois trocaram um olhar. Seu acoplamento da noite anterior tinha sido romântico e intenso. Ele havia retirado a corrente e o cinto de castidade, e então fez amor com ela como se fosse à primeira vez. Tudo o que ela usava era seu colar e cada vez que ele o olhava, crescia duro e eles faziam amor de novo.

A luz do sol caiu sobre eles enquanto se olhavam. Sua mão se estendeu e escovou aquele cacho de cabelo errante de seu rosto, ela sorriu para sua ternura. Seus dedos se arrastaram ao longo da curva de seu rosto até o queixo, depois continuou para o pescoço e à sua coleira. Ela levantou a cabeça, dando-lhe a vulnerabilidade quando o dedo se enganchado no anel-D e deu um pequeno puxão.

Esse era o convite que ela precisava para se aconchegar perto dele. Ainda aquecida pelo resplendor do amor da noite anterior, passou as mãos por seu peito acetinado e suave, beijando-o distraída e aninhando o nariz sob seu queixo. Sua mão acariciava seus cabelos escuros e os dois descansaram juntos, ambos detestando ter que quebrar o feitiço de uma noite de amor seguida de uma manhã gloriosa.

Phillip se agitou primeiro, destravando a coleira de escrava que ela usava no pescoço. "Vamos lá, minha escrava linda. Precisamos ficar prontos para igreja." Deu um tapinha em seu bumbum e se deslizou fora da cama.

Com um sorriso, ela o viu ir do outro lado da sala para o banheiro. "Sim, senhor," concordou, enquanto se aconchegava sob as cobertas novamente. Ele sorriu e entrou para utilizar as instalações.



Sarah se deliciou no calor do sol, quando a luz da manhã caiu sobre a cama. Era sua imaginação, ou o sol realmente brilhava mais aqui do que em seu apartamento na cidade? Virou-se e fechou os olhos.

Voltando silenciosamente, ele puxou os lençóis fora dela em uma só penada. "Sua vez!" Anunciou. Ela gritou e se sentou, fazendo uma débil tentativa de puxar os lençóis antes que escapasse do seu alcance. Mas ele foi muito rápido para ela.

"Sim, senhor", disse novamente, um pouco de sarcasmo em sua voz e um sorriso no rosto. Fez um trabalho curto de toilette e decidiu que sua possessão era de noventa por cento, então poderia tomar seu banho primeiro, enquanto estava lá. Quando voltou para o quarto, a cama tinha sido feita e suas roupas dispostas para ela. Golpeou-a novamente no bumbum a caminho do chuveiro e ela gritou e mostrou a língua para ele.

As roupas eram as mesmas que tinha usado para a igreja na semana anterior: um terninho azul-marinho com debrum branco, meias — não meia-calça — ligas, e o sutiã fino. Ela franziu o nariz quando olhou para eles. As pessoas pensariam que ela não tinha mais nada para vestir. Mas, novamente, não esperava um presente tão elegante em primeiro lugar. O nome do designer no terno deixava evidente que a roupa tinha lhe custado bastante — e ela ainda nem sabia o que ele fazia para viver.

Ela estava vestida e pronta quando ele saiu do banheiro. Sentou-se na beira da cama enquanto se ele vestia — favorecendo em camisas brancas e calça escura — falou de pequenas coisas. Terminou amarrando a gravata, e ela levantou o paletó para deslizá-lo por seus braços, depois ficou ao seu lado, admirando o casal que via refletido no longo espelho.

Restava apenas um pequeno problema, antes que saíssem. Silenciosamente, ele pegou outra pequena caixa da cômoda e entregou para ela.

"Mestre, você realmente não deve gastar tanto dinheiro comigo!" Ciente de que a roupa que estava usando foi comprada com seu dinheiro, ela abriu a caixa. Dentro havia uma tira de couro fino. Ela o olhou em confusão.

"Você não pode usar meu colar em público — a sociedade não evoluiu a esse ponto," explicou. "Então, lhe dou este para usar, ao invés." Pegou a caixa e retirou a pulseira de couro. "Vire-se, escrava," instruiu.



Assim o fez, levantando o cabelo fora do caminho. Ele colocou o couro contra a pele de seu pescoço, amarrando-o ordenadamente atrás. As extremidades pendiam apenas um centímetro ou dois e estavam escondidas sob o cabelo. Voltando-se para o espelho, ela analisou a gargantilha. Indefinível, couro liso marrom que não levantaria suspeitas de ninguém. Mas ela sabia — e esse era o ponto. Estava usando um sinal de sua escravidão em público.

Sorrindo, passou o braço pelo dele e se dirigiram para igreja.

\* \* \* \* \*

Phillip gostava de sentar cerca de três quartos do caminho até o corredor, à esquerda. Bem consciente dos olhares que foram enviados em sua direção, Sarah tomou o assento ao seu lado. O serviço começou, e em momentos a congregação foi esquecida, enquanto se perdia na beleza das cerimônias semanais. Só depois, quando cumprimentavam os paroquianos enquanto faziam o seu caminho para fora, ela se tornou consciente de que nem todos os olhares em direção a eles eram amigáveis.

Ele a levou a um restaurante diferente para um almoço mais formal esta semana. Definido em estilo buffet, os dois encheram seus pratos e se instalaram em uma mesa de canto aconchegante.

"Então você deixou alguns corações partidos na igreja hoje, suponho," comentou Sarah, tomando seu suco de laranja.

Ele pareceu confuso. "Quais corações partidos?"

Ela desceu o copo. Será que ele realmente não sabia? "Havia algumas mulheres que... bem, vamos apenas dizer que estou feliz por que olhares relamente não podem matar, senão estaria morta." Quando ele franziu a testa, ainda não entendendo, ela se colocou em um olhar paciente e explicou. "Acho que há mulheres em sua igreja que tinham a esperança de 'pegar' você — e trazer-me à igreja duas vezes em duas semanas, as tem um pouquinho... chateadas."



A luz raiou em seus olhos. "Oh, você deve estar falando da Sra. Finch e sua filha Emily!" Ele riu. "Sra. Finch está sempre tentando encontrar um marido para Emily. Ela é uma garota doce, namoramos algumas vezes. Mas ela é muita sob o polegar de sua mãe."

Sarah sorriu. As duas tinham sido certamente as principais entre os rostos infelizes. Tentou imaginar Phillip alto, forte e bonito, com a aparentemente tímida Emily. Uma imagem súbita estalou em sua imaginação, de Emily amarrada e amordaçada, submetendo-se ao seu Mestre. Tão real que se sentiu engasgar com sua torrada.

Ele a ajudou com um copo de água e levantou seu braço sobre a cabeça até que pudesse sinalizar que estava bem. Acenando ao garçom para afastar-se, esperou até que ela recuperasse a compostura antes de interrogá-la, "O que aconteceu?"

Ela sorriu levemente para ele e lhe disse sobre a imagem que tinha invadido sua mente. Ele sorriu de volta e olhou para fora, considerando o quadro. "Hmm..." provocou. "Vejo as duas deitadas no chão, amarradas e amordaçadas juntas."

"Você faria! Não é essa a fantasia de todo homem? Ter várias mulheres para servi-lo de uma só vez?"

Seus olhos ficaram sérios. "E se for?"

Ela franziu a testa enquanto considerava sua implicação. Fazer amor com outra mulher, não era algo que já havia considerado — bem, não considerada para si mesma. Duas de suas amigas eram lésbicas e não tinha feito nenhum impacto em sua amizade com elas em nada. O que acontecia em portas fechadas não era nenhum de seus negócios.

Phillip a observou considerar este novo pensamento. Ampliar seus horizontes era uma parte do que queria que ela experimentasse. Cada etapa de sua formação tinha preparação mental, bem como física. Sarah havia lhe dado uma abertura para lhe introduzir a idéia — estaria também disposta a realizá-la? Ele tomou seu café da manhã e observou suas reações.

Como ela se sentiria sobre ele ter duas mulheres ao mesmo tempo? Sarah brincava com o garfo, enquanto mergulhava até a raiz do problema. Ela poderia compartilhá-lo? Era essa a questão? Não, a verdadeira questão era, será que sequer tinha o direito de exigir sua lealdade de exclusividade com ela? Se ela era sua escrava, tinha o direito de lhe dizer não?





"Não acredito que esteja pronta para fazer isso, Senhor," finalmente respondeu, com a voz baixa no restaurante lotado. "Quero dizer, não estou lhe pedindo um compromisso nem nada... O que faz durante a semana é seu negócio." Apressadamente tomou um gole de água. "Mas nos fins de semana, quando sou sua escrava...", sussurrou a palavra, "Não estou pronta para compartilhá-lo."

Ele sorriu quase em alívio. Ela estava prestes a aprender a lição mais importante que tinha para ensiná-la: que as relações Mestre/escrava envolviam uma troca de poder. Alcançando o outro lado da mesa, pegou sua mão.

"Sarah," começou, sabendo que quando usava seu nome, ela reconhecia a seriedade do que estava prestes a dizer, "você *tem* um compromisso comigo — usar meu colar." Sua mão voou para sua garganta para sentir a pequena gargantilha de couro. "Esse compromisso funciona em ambas as direções," prosseguiu. "Você me serve com sua submissão, mas também tenho a responsabilidade de atendê-la — não só de protegê-la, mas também em respeitar os seus desejos." Fez uma pausa e deixou que se afundasse dentro dela.

"Então não está com raiva que realmente não quero ter outra mulher em torno ainda?"

Ele riu. "Claro que não! Mas notei que usou a palavra 'ainda'. Quer dizer que um dia você pode dizer sim?" Seus olhos brilharam quando ele plantou ainda mais a idéia na cabeça.

Sarah sorriu. "Eu sei que usei essa palavra — e quis dizer isso." Ela ficou séria. "Sei que como Mestre tem o direito de me comandar. Mas está dizendo que o que realmente quer é mais do que a troca de poder que tinha me instruído, ao invés de uma repressão de minhas vontades e desejos?"

"Exatamente. Sarah, eu estou mais apaixonado por você a cada dia. Você é espirituosa e inteligente, e uma mulher maravilhosamente independente. E além de tudo, está disposta a cada fim de semana, deixar tudo isso de lado e se ajoelhar diante de mim como minha escrava. Esse é um presente maravilhoso que você me dá — e eu o valorizo profundamente."

Sarah sentiu sua respiração travar em sua garganta. Ele estava tão sério — o poder profundamente arraigado que tinha vislumbrado em várias ocasiões, era tão evidente que ficou surpresa de todos no restaurante não se virar e se curvar diante dele. Se estivessem em casa, de



volta à sua casa, teria caído de joelhos em submissão. Ele a queria. Estava apaixonado por ela. A paixão em suas palavras fez sua cabeça flutuar.

"Também estou apaixonada por você, Phillip," murmurou com os olhos cheios de lágrimas. "Você me faz completa." Ele tinha visto o lado que ela mantinha escondido e, ao invés de se chocar com ele, o abraçou e o deixou sair.

Ele levou sua mão aos lábios e a beijou, demorando-se, seus olhos nunca deixando seu rosto. Virou a palma para ele, apoiando-a em sua bochecha. Eles poderiam ter ficado lá por mais uma hora, se o garçom não tivesse escolhido aquele momento para trazer a conta.

Sorrindo amplamente, Phillip pagou a conta e os dois foram para casa.

\* \* \* \* \*

Uma vez de volta a casa, Phillip abriu a porta e se afastou para que ela entrasse primeira. Sempre fazia isso, ela percebeu. Segurou a porta para ela na loja, na igreja — sempre abria a porta do carro para ela. Sempre. Tratava-a como uma dama a cada momento.

No interior, se dirigiram ao quarto para se trocar e ficar mais confortáveis. Para Phillip isso significava tirar o paletó e gravata, para Sarah significava se despojar de todas as suas roupas e se colocar em suas algemas e coleira. Estava junto ao armário e ordenadamente dobrou a jaqueta e saia de seu terno. Antes de tirar sua roupa íntima tinha olhado para ele na semana passada — que quis que as deixasse. Mas Phillip tinha saído do quarto, então ela se sentou ao lado da cama para desfazer suas ligas e rolar as meias.

Recuperando seus punhos da mesa de cabeceira, Sarah as clicou no lugar, sorrindo como sempre quando ouvia o snick dos bloqueios feitos quando se fechavam e fixou as tiras de couro em torno de seus pulsos e tornozelos. Atrapalhou-se no 'colar' público, mas não conseguiu desatá-lo. Ao invés, pegou o colar maior que ele tinha lhe dado para usar em casa e saiu para encontrá-lo.

Encontrou-o no calabouço, classificando algumas coisas sobre a mesa. Ouvindo seus passos, se virou para vê-la emoldurada pela porta, e sua nudez levou sua respiração — como



fazia o tempo todo. Seios fartos que davam a um homem algo para segurar em suas mãos, a pequena curva deliciosa de sua cintura até os quadris, seu monte nu depilado só para ele, era uma combinação de inocência e sedução. Phillip sabia que estava sorrindo como um idiota quando fez sinal para ela se ajoelhar.

"Deixe-me ajudá-la com esses colares, minha escrava." Gostava de dizer essas palavras. Não só reforçavam sua posição, mas o termo foi se tornando rapidamente um carinho. Ela inclinou a cabeça e puxou o cabelo para fora do caminho e ele percebeu a facilidade com que se movia agora. Diferente de poucas semanas atrás, quando estava com medo de sua nudez.

Tirou o pequeno colar de couro e estendeu a mão para sua coleira maior. Ela o entregou sem hesitação e seu coração se alegrou. Ela queria isso tanto quanto ele. Colocando-o no pescoço, Phillip esperou enquanto ela novamente levantava os cabelos para que pudesse prendê-la no lugar.

Havia algo de excitante sobre este particular 'snick' ela decidiu. O colar era cheio de simbolismo e seu corpo respondia a ele com uma reação física bastante definida. Imediatamente sentiu o suave umedecimento familiar se reunir entre as pernas.

Estendendo-lhe a mão, Phillip ajudou-a a se levantar. "Pensei que poderíamos dar um passeio esta tarde, escrava. Você não viu grande parte de minha propriedade, exceto a casa."

Ela riu. "Um passeio soa maravilhoso — faz um belo dia para um passeio no bosque. Exceto que não trouxe nenhum jeans comigo." Tudo que tinha com ela eram as roupas que usara para trabalhar na sexta-feira e as de trabalho, que pretendia usar na segunda-feira.

Ele apenas sorriu e levantou uma sobrancelha. Seu significado afundou e ela engasgou. "Oh, não... Não posso ir a pé à mata nua como vi ao mundo!"

"Nem mesmo se eu lhe ordenasse?" Empurrou.

Ela abriu e fechou a boca várias vezes, tentando articular uma resposta. Finalmente, desistiu e apenas o olhou, perplexa e insegura.

Aproximou a mão e gentilmente levantou seu queixo. Com um movimento rápido, anexou uma trela para seu colar. Extraíndo a mão, correu a trela por entre os dedos, mantendo um aperto firme na alça de couro.



Ela olhou em choque. Uma trela!?! O que ele achava que ela era? Seus olhos foram puxados para a pequena jaula que tinha passado algum tempo em seu primeiro fim de semana juntos. Coberta agora com um pano azul, empurrada contra a parede, não representava nenhuma ameaça. Ele a tratara como seu animal de estimação preferido, então, era do mesmo jeito que a estava tratando agora.

Delicadamente, puxou a trela e ela se moveu para ele, a incerteza enrugando suas características. Seus braços deslizaram em torno dela e ele deixou cair a correia entre eles quando a tomou em seus braços. Deixando as mãos vagar sobre suas costas, curvou-se para capturar sua boca em um beijo, empurrando a língua contra seus lábios até que ela relaxou e o deixou entrar.

Ela adorou a sensação de sua língua, uma vez que dançou ao longo dela. Não sendo capaz de ajudar a si mesma, se inclinou para ele e abriu a boca, convidando-o a ir mais fundo. Suas mãos apertavam os músculos de seus braços, excitante na força rígida embalada sob a ponta dos dedos. Uma de suas mãos derivou mais baixo, acariciando seu bumbum. Seu estômago flutuou na resposta.

Seus lábios se moveram da boca para seu cabelo, se aninhando junto ao seu ouvido. "Será que minha escrava vai usar minha trela?" Murmurou.

"Oh, sim," respondeu ela. "Se usar sua trela me leva a beijos como este, não vou me preocupar com o comprimento da corrente." Virou a cabeça e ele tomou sua boca novamente.

Por vários instantes ficaram suspensos no tempo, cada um ciente apenas do outro. Suas almas se tocando, e quando finalmente se separaram seus olhos brilhavam de felicidade.

"Venha comigo, minha escrava," disse, com os olhos brilhantes com malícia. Pegando a trela na mão, deu um passo ao seu redor, levando-a pela corrente ligada a seu colar.

O brilho de travessura puxou sua curiosidade e ela foi de bom grado. Será que ele realmente pretendia levá-la para fora vestida nada além de seus punhos?

Parecia que sim. Através dos quartos ele foi para o fundo da cozinha. Abriu a porta e uma brisa soprou dentro, com cheiro de sol e calor. Ela pensou que ironia era que tivesse ido a sua casa várias vezes agora e nunca tinha sequer olhado para fora da porta dos fundos. Bem, não era como se sua mente — e seu corpo — não tivessem estado ocupados em outros lugares.



Agora viu que um pequeno deck formava um pórtico na entrada para casa. Ele saiu pela porta e sua corrente ficou tensa quando ela parou.

Sim, sua casa estava no bosque. Sim, ela tinha se acostumado a andar dentro completamente nua. Mas lá fora? Ele deu um pequeno puxão e ela deu um passo adiante, parando novamente na soleira.

Phillip a observou quando cautelosamente enfiou a cabeça para fora da porta, os braços se cobrindo — um através dos seios e o outro em seu monte. Ela provavelmente nem sabia que estava fazendo isso. Deu-lhe tempo — queria empurrar seus limites, mas só se ela quisesse que fossem empurrados. Alguns Mestres não se preocupavam com os sentimentos de seu escravo, já tinha visto vários exemplos disso em seu tempo — na verdade, quando começou, havia cometido erros semelhantes.

Mas estava mais velho e tinha aprendido muita coisa. Também sabia que essa escrava era diferente de qualquer outra que já tinha jogado. Esta tinha capturado seu coração. As outras vieram e se foram e ele as tinha deixado ir. Sarah tinha tocado algo profundo dentro dele, e esperava que ela decidisse ficar por um tempo bem longo.

Se Sarah tivesse olhado para ele, teria visto a ternura em seus olhos enquanto a observava. Mas estava tão presa em seu próprio senso de modéstia e decência, que perdeu o abrandamento de seu olhar quando caiu sobre ela.

"Não há ninguém aqui, apenas nós," a assegurou. "Tenho 80 hectares de terra e a casa fica no meio dela." Deu um puxão encorajador em sua coleira.

Timidamente, ela deu um passo adiante, depois outro. A porta se fechou atrás dela e ela pulou quando bateu. Ele sorriu um pedido de desculpas. "Tenho que fixá-la um destes dias." A olhou, ali de pé aflita como um cervo travado nos faróis. "Coloque as mãos para baixo, escrava."

Ela olhou para baixo — quando tinha se cobrido? Com esforço, baixou à mão de seus seios, em seguida, a mão que cobria o monte. Engolindo em seco, os obrigou em seus lados, então o olhou, sentindo-se mais vulnerável do que nunca.

"Ande agora, em torno da borda da plataforma."

Com uma largura de três metros e um comprimento sobre o mesmo, foi uma curta caminhada. Ele ficou no centro e girou quando ela, na ponta dos pés, rodeou a borda, deixando



a mão correr ao longo da grade para se impedir de cobrir qualquer parte dela. Mordendo o lábio, ela olhava nervosamente em direção ao bosque, cuja fronteira não era muito longe. Voltou ao seu ponto de partida e parou.

"Como está se sentindo, escrava?"

Ela o olhou rapidamente — o que ele queria dizer? Sua preocupação com ela brilhou em seu rosto e seu olhar suavizou. "Senhor?" Ela perguntou.

"Como está se sentindo? Coloquei uma guia em você, a puxei para um lugar muito mais público do que tem ido, e está nua. Como está se sentindo?"

Ele queria honestidade — tinha aprendido essa lição antes. O problema era, tinha se concentrado no fato de estar aqui e não se deixar sentir nada. Tome uma respiração profunda para relaxar um pouco, pensou em voz alta.

"Primeiro de tudo, estou bem, senhor. Estou um pouco nervosa e com medo, mas você está aqui e confio em você, e sei que não vai deixar que nada saia do bosque e me machuque — ou pior, me veja." Sorriu quando percebeu o que tinha dito. "Sim, é verdade, agora só estou preocupada de alguém se dirigir até a unidade ou sair do bosque e me ver nua."

"E você não quer que os outros te vejam nua?"

Ela torceu o nariz para ele. Estava sempre colocando novos pensamentos impertinentes em sua cabeça. Virando a mesa, ela perguntou: "Você quer que os outros me vejam nua?"

Mas ele estava pronto para ela. "Isto não é sobre mim, escrava, é sobre você e o que você quer." Fez uma pausa, então repetiu a pergunta, um pouco mais insistente, "Você quer que os outros te vejam nua?"

Exploda-o! Agora ela tinha que tentar e pensar sobre isso. E, claro, era exatamente o que ele queria que ela fizesse. Ele poderia lhe dizer a sua preferência, mas então ela aceitaria tirar sua roupa na frente dos outros só para agradá-lo. E queria que tirasse essas roupas porque *ela* queria. Embora suspeitasse que houvesse uma exibicionista dentro dela, queria lhe dar tempo para descobri-la por conta própria. O laço entre eles seria mais forte por causa de sua própria jornada de descoberta.

"Ande para mim novamente, escrava. E dessa vez imagine o bosque cheio de olhos. Você quer que eles te vejam nua?"



Ela olhou novamente para o bosque, antes, teve medo de que alguém pudesse realmente estar lá. Agora, sabendo que não havia ninguém, encheu-se com pessoas imaginárias e deu um passo ao longo da parede da casa. Ainda mordendo o lábio, seus olhos se desviaram para o bosque novamente enquanto fazia seu circuito, mas a mão não pastava a grade mais e sua postura era reta. Mais uma vez ela veio ao seu início e parou.

"E agora, escrava, como está se sentindo?"

Ela sorriu e abaixou a cabeça, um rubor subindo em seu rosto. "Não tão nervosa, dessa vez."

"E gostaria que as pessoas te vissem nua?"

O rubor se aprofundou. "Sim," sussurrou.

Ele deu um passo em sua direção, puxando seu queixo para cima novamente, olhando com orgulho para seus olhos. "Então me certificarei para que algum dia você seja exibida para que os outros a apreciem."

Sua respiração parou — o que ele quis dizer com isso? Uma parte dela se excitou com a idéia, e a outra parte recuou. Sentiu seu beijo em sua testa.

"Mas não hoje, acredito. Você fez bem, minha escrava. Para dentro agora."

Por apenas um momento ela hesitou. Tinha lhe dito que lhe mostraria sua terra, e tudo que tinha visto foi o convés e o quintal. Tentando, sem sucesso, esconder sua decepção, ela se virou e voltou para cozinha.

"Espere aqui," ele instruiu. Soltando a trela, ele foi até um armário no canto da cozinha. Alcançando-o, puxou um velho par de macacões. "Estes servirão, eu acho," lhe disse, segurando-os aberto para ela entrar.

"Você não vai me fazer andar nua pelo bosque?" Ela lhe perguntou, não tinha certeza se estava mais desapontada ou aliviada.

Ele riu. "Não. Há muitos arbustos e locais que podem rasgar essa sua pele linda. Abotoe-o que vou buscar alguns sapatos."

Relaxando completamente agora, ela fechou a frente do macacão e puxou o cinto bem apertado ao redor de sua cintura. As pernas eram muito longas, então arregaçou as bordas um





pouco acima dos tornozelos. As mangas compridas seriam quentes para entrar, mas usá-lo era muito melhor do que ir sem.

Alguns instantes depois, ele retornou com um pacote fechado de meias e outra caixa de sapatos. "Senhor!" Exclamou. "Você não fez!"

"Claro que fiz," ele riu. "E você teria um novo par de jeans aqui também, mas não consegui encontrar o estilo que eu queria no seu tamanho." Abriu o pacote de meias. "Aparentemente, meias de senhora para o trabalho vêm em pacotes."

Ela pegou um par, deixando as outras três, e sentou no chão para colocá-las. Só que suas algemas estavam no caminho. Sacudindo as chaves, ele as deixou cair e ela removeu os dois conjuntos de algemas. Mostrou-lhe o tênis e ela pegou o atado enquanto ele montava o outro. Calçados, correu no local para testá-los. "Perfeito!" Ela anunciou.

"Vamos ver se ainda diz isso depois que andarmos por toda a propriedade." Agarrando sua corrente, soltou-a de seu colar e pendurou-a em um gancho ao lado da porta. "Não acho que minha escrava vai fugir — e não é seguro para você usá-la na floresta."

Suas palavras a tocaram. Naquela primeira noite, quando lhe pedira para vir para casa com ele, tinha visto os sinais de um homem sedento de poder. Não os encontrara depois, e não tinha nas várias vezes que o olhou desde então. Ele realmente se importava com ela — a troca de poder que foi discutida antes, obviamente, era uma crença que mantinha profundamente. Satisfeita, o seguiu para porta, tendo cuidado para não deixá-la bater dessa vez.

\* \* \* \* \*

Fiel à sua palavra lhe mostrou tudo sobre o imóvel. A maior parte era coberta de floresta, mas várias seções obviamente tinham sido apenas recentemente plantadas. Ele explicou que havia comprado a terra de um velho agricultor que não era mais capaz de cultivar tanto quanto costumava. Phillip tinha comprado às partes que o homem vendeu e estava devolvendo à terra a seu estado mais natural, reflorestando o que ele adquiriu.

A tarde estava minguando quando voltaram para o chalé. Quente e suada, ela mal podia esperar para entrar e tirar o macacão pesado. "Preciso de um banho!" Ela proclamou.



"Sim, escrava, você precisa," riu Phillip. Pegou um aroma de seu próprio suor e sorriu. "Aparentemente, assim como eu. Venha, escrava."

Ele tirou a camisa e jogou sobre a grade. O sol batia sobre a plataforma de volta e o suor brilhou em seu peito, seus músculos ondulantes brilhando a luz. Por alguns instantes, Sarah simplesmente parou e olhou para se deleitar — sua beleza a deixava sem fôlego. Seu cabelo escuro estava úmido e se agarrava ao pescoço, enrolando-se em pequenos cachos que se agarrava contra sua pele. Quando ele se virou e sorriu para seu olhar apreciativo, suas covinhas fez seu coração saltar uma batida. Como era possível que essa criatura linda podia ser dela?

Cruzando a plataforma em duas passadas felinas, estendeu-lhe a mão, nunca deixando seu olhar. Quase em transe, sentiu seus dedos desabotoar o macacão enquanto o olhava, seu coração na garganta quando percebeu que sua posse era mútua. Tinha se submetido a ele e ele queria sua submissão. Não poderia haver um sem o outro. Dois lados da mesma moeda. Ele pertencia a ela tanto quanto ela lhe pertencia.

Suas mãos empurraram o macacão de seus ombros e ela o ajudou a tirá-los do resto do caminho, seu conhecimento recente deixando-a tonta. Cambaleante, ela riu como se inclinou para o lado, o pé preso à estrutura pesada e ele pegou-a com um braço em volta de sua cintura. Escavando-a, beijou-a profundamente à luz do sol.

Beijou-o de volta, com os braços indo ao redor de seu pescoço e o abraçando. Perto dele, ela pôde sentir o cheiro de seu suor misturado com seu próprio odor de suor e excitação. Sua pungência ameaçou ser esmagadora no sol quente. Rompeu o beijo, franzindo o nariz.

"Acredito que o Mestre precisa de um chuveiro ainda mais do que eu faço!"

Ele riu e seguiu para porta. "Abra a porta, escrava. Minhas mãos parecem estar preenchidas com uma escrava atrevida que precisa de uma lavagem."

Rindo juntos, ela conseguiu abrir a porta destrancada e com um pouco de tentativa e erro, ele a levou para dentro da casa. Tanto para a cena Hollywoodiana 'sobre o limiar'. Aparentemente, eles não tinham portas de tela que se abria para fora!

Uma vez no banheiro, depositou-a ao lado do chuveiro, alcançado para ligar a água, então fez um gesto para que ela entrasse primeira. Era um grande espaço sem banheira; as três



paredes de azulejo e entrada de vidro transparente era, certamente, grande o suficiente para duas pessoas. Ela entrou na água e ele a seguiu, fechando a porta do Box atrás dele.

Vapor começou a subir à medida que ele pegava o sabonete nas mãos, esfregando-o para fazer um punhado de espuma. "Vire-se," disse a ela, que enfrentou a água em cascata. Lentamente, as mãos esfregaram suas costas, uma segurando o sabonete, a outra escorregando com espuma. Sarah colocou as mãos na parede de azulejos diante dela para firmar os joelhos de repente de borracha.

Ele deixou suas mãos deslizar preguiçosamente em suas costas e abaixo — haveria algo melhor do que uma bunda bem feita? Permaneceu ali por um momento antes de avançar mais e trazer as mãos para seus lados e até o pescoço. Ela ainda usava o colarinho e o couro ficou escuro com a umidade. Teria que sair para secar mais tarde, mas por agora, a visão da marca escura de sua posse contra a pele branca o fez duro e ele sabia que a tomaria aqui.

Com mais efeito, as mãos de Phillip agora ensaboavam seus seios e ela se recostou contra ele. Não desde que era um bebê alguém a tinha lavado; e as mãos deslizando ao longo de seu corpo a despertava de uma forma que nunca pensou ser possível. Quando ele mergulhou para lavar entre suas pernas, espalhou-as largamente, lhe dando todo o acesso que queria.

E então se ajoelhou atrás dela, ensaboando suas pernas, levantando uma de cada vez para lavar seus pés. Havia algo humilhante sobre suas ações, que a tocava. Ela era a escrava, no entanto, lavava-a como se ele fosse o servo. De pé novamente, virou-a para encará-lo e levantou cada um de seus braços, deixando o sabonete cobrirem cada um.

Movendo-a suavemente de volta para ficar completamente sob a água corrente, observou-a enquanto a água corria sobre suas curvas. Ela inclinou a cabeça para trás, deixando seus cabelos molhados e sentindo o calor se espalhar sobre o rosto. Ele segurou em seus braços, e ela relaxou neles, deixando a água levá-la para longe.

Seu pênis pressionou contra ela, então se levantou e pegou o sabonete. Silenciosamente, moveu-se de sob a cachoeira e circulou ao redor dele. Ele se virou para encará-la enquanto agora imitava seus movimentos, trabalhando até obter a espuma em suas mãos, começou em seu peito, correndo os dedos pelos cabelos finos, sobre os ombros, para baixo de cada braço, em



torno de suas costas. Ele era alto e os dois riram quando teve que se inclinar para que pudesse alcançar a parte de trás de seu pescoço.

Saltando sua barriga, ensaboou cada perna, ajoelhada na água para fazê-lo. Queria voltar-lhe a honra; então cuidadosamente lavou cada pé. Só então voltou sua atenção para a parte de sua anatomia que olhava em seu rosto.

Fazendo um monte de espuma em suas mãos, colocou o sabonete para baixo e segurou suas bolas. Esfregando a espuma em cima delas, arrastou os dedos entre suas pernas e seguiu até a rachadura para sua bunda. Ele a ajudou espalhando as pernas e lhe dando permissão. Ela aceitou o convite e empurrou os dedos ensaboados profundamente em sua fenda, limpando-a. A outra mão agora ensaboava seu pau, já de pé, duro e ereto. Mais e mais ela esfregava o sabonete, admirando as veias pulsando vida para cabeça brilhante. Acabando, levantou-se e acenou para ele se enxaguar.

Obediente, recuou e deixou a cascata de água sobre seu corpo. Alisando o cabelo de seus olhos, puxou-a sob a cachoeira com ele. Longe de radiestésiar seu desejo, o calor da água abasteceu sua necessidade. Seus corpos entrelaçados e limpos e ele a beijou, a água correndo sobre o rosto para espirrar contra seu beijo. Com um movimento súbito, ele a levantou e ela envolveu as pernas em sua cintura. Então, já pronta, entrou nela em um movimento rápido, enterrando-se profundamente no calor de sua boceta escorregadia.

Virando-se, inclinou suas costas contra a parede de azulejos e a montou, seu desejo no pico. Repetidamente ele se enfiou nela, a água se derramando no vale feito por sua adesão. As paredes do chuveiro ampliando sua paixão quando sua força a fez gemer e explodir. Sua cabeça caiu para trás contra os azulejos enquanto onda após onda de paixão atravessava seu corpo febril.

A boceta de Sarah contraiu em torno dele enquanto a segurava nos braços, pedindo-lhe, dirigindo-o, e ele não conseguiu segurar de volta. Seus gemidos ecoaram com os dela, alto no vidro e azulejo do chuveiro e sua semente disparou dentro dela. Juntos, seus corpos se moveram como um enquanto seus orgasmos os atingiam — e juntos seus corpos abradaram quando a paixão diminuiu.



Phillip e Sarah descansavam ofegantes, seus olhares buscando profundamente a alma um do outro. Parecia que todos os segredos do universo estavam contidos dentro de seus espíritos. Beijou-a novamente, se pudesse manter este momento para sempre, ele o faria. Ela envolveu os braços em volta de seu pescoço suavemente para receber seu beijo.

A água escolheu esse momento especial, porém, para esfriar. Com um grito, ele pulou para trás enquanto a água fria atingia suas costas e ele a desceu rapidamente. Alcançando para desligar a água, os dois começaram a rir.

"Bem, aparentemente, o reservatório de água quente aqui tem a quantidade certa de água, Mestre," ela riu.

"Aparentemente," seu rosto se contorceu em um sorriso irônico. Abriu a porta e os dois agarraram suas toalhas, arrepios alfinetando sua pele. Ela apontou o cabelo. "Acho que vou ter que esperar para lavar isso," disse.

"Você está me dizendo que eu vou ter que lavá-lo novamente mais tarde, escrava?" Ele brincou com ela.

Ela vestiu uma expressão de falsa inocência. "Só se meu Mestre quiser uma escrava limpa!"

Ele riu. "Vai levar algum tempo antes que o tanque fique quente de novo." Ele seguiu para o quarto e ela o seguiu, ambos vestidos com suas toalhas. Ele olhou para trás e viu a linha escura de seu colar. "Venha cá, escrava." Ela obedeceu sem hesitação. Pegando a chave em cima da cômoda, abriu a coleira no pescoço. "Coloque isto no sol para secar."

O sol da tarde ainda brilhava através da janela da cozinha, assim ela o levou lá fora e o colocou no parapeito para secar. Suas roupas sujas ainda estavam na plataforma — exceto as calças, que tinham sido removidas no banheiro. Vestida em sua toalha, saiu para recuperá-las. Quando se virou, ele estava nu na porta, olhando para ela. Ele não precisou lhe dizer o que queria. Segurando as roupas que ela tinha acabado de pegar em uma mão, desfez a toalha, deixando-a cair. Levantou a trouxa por cima da cabeça e deu piruetas, exibindo sua nudez para o mundo.

Não foi fácil, mas quis fazê-lo. Queria lhe mostrar que estava disposta a expandir seus horizontes — desde que fosse seguro fazê-lo, de qualquer maneira. Tendo andado por toda a



propriedade, compreendeu o quão sozinho os dois estavam. Se os cervos queriam vê-la nua, estava tudo bem para ela.

Sim, ela estava indo muito bem, ele pensou consigo mesmo.

\* \* \* \* \*

Os dois fizeram o jantar, comeram, limparam e conversaram sobre pequenas coisas — todas as suas atividades normais, com uma exceção: Phillip ficou nu toda a noite. Estava acostumada com ele usando roupas, enquanto ela não, e vê-lo andando nu deu-lhe uma sensação estranha. Não até que se aconchegaram no sofá, velas acesas contra a escuridão da noite, ela finalmente teve palavras para lhe perguntar sobre isso.

"Tenho que admitir Senhor, que me parece estranho tê-lo despido."

Escovou um beijo em sua testa. "Porque escrava? Você não gosta de me ver nu?"

"Oh, eu gosto muito, não me entenda mal," sorriu para ele. "É só que... Bem, minha nudez faz parte de minha escravidão. Quando você está vestido e eu não, então, serve como um sinal muito poderoso quanto a quem está no comando. Quando ambos não usamos nada, isso nivela o campo de ação, por assim dizer. Isso fez sentido?"

"Fez. Posso tirar de seus comentários que você não gosta do campo de jogo nivelado?"

Ela teve que considerar isso. "Meu marido e eu tínhamos um nível de campo do tipo — normal por que a sociedade diz, eu suponho. Foi maravilhoso. Estávamos muito apaixonados e isso era o que ambos precisávamos." Ela suspirou. "Mas ele já se foi, e desde que te conheci, percebi que todos os campos não precisam ter a mesma aparência. Estou sempre voltando porque gosto do campo que estamos jogando."

Ele continuou sua analogia, ignorando no momento seu comentário sobre o marido. "Assim, mesmo que minha nudez a desperta, você quer o simbolismo de eu estar vestido e você estar nua no campo."



Ela concordou. "Sim. No começo, me incomodava um pouco, não parecia muito justo de algum jeito. Mas agora o simbolismo é importante para mim. Talvez mais tarde, não será, mas por agora, eu gosto muito dele."

"E nossa conversa de antes — de estar nua na frente dos outros?"

Ela fez uma careta. "De várias formas, me excita, mas me assusta ao mesmo tempo."

"Mas você faria?"

Seu rubor atingiu todo o caminho até os dedos dos pés. "Sim," sussurrou. "Sim, se você estiver lá, acho que faria."

Ele beijou o topo de sua cabeça. "Então, deve acontecer em breve."

A hora tinha crescido tarde e bocejou. "Hora de dormir para você, escrava," lhe disse e se desenrolaram do sofá. Tomando-lhe a mão, levou-a para o quarto. Pela maior parte do dia, ela tinha estado desacomodada e sem algemas. Tinha sido agradável, mas descobriu que havia uma parte dela que sentia falta dessas marcas de propriedade. Estremeceu quando pensou em quão escravizado seu coração havia se tornado.

Ele confundiu seu tremor e a cobriu com as roupas de cama, puxando-a para perto de seu próprio calor. Aconchegando-se de encontro a ele, respirou seu cheiro — limpo e maravilhoso — e dela. Sarah colocou os braços em torno do homem que estava aprendendo a chamar de 'Mestre' e o abraçou firmemente.

"Sarah," disse ele, e seu coração saltou ao ouvi-lo usar seu nome. "Você mencionou seu marido antes. Percebe que em todo nosso tempo juntos, foi a primeira vez que falou dele?"

Ela lhe sorriu. "Não costumo falar dele, eu acho. Para ninguém." Ficou em silêncio, lembrando-se de seu olhar, seu sorriso, seu amor pela vida.

"Você ainda sente falta dele, mesmo assim."

Não era uma pergunta, apenas uma simples declaração de fato. Sentia falta dele. Terrivelmente, às vezes. Mesmo aqui, nos braços de Phillip, a perda era esmagadora e as lágrimas queimaram em seus olhos. Ela assentiu, não confiando em sua voz.

"Está tudo bem, sabe. Ele foi uma parte de sua vida por um longo tempo, quando morreu uma parte de você morrer com ele. Teve muita sorte por ter tido um parceiro tão maravilhoso."





Suas palavras lavaram sobre ela e as lágrimas caíram, voltando-se para soluços. Sentia muita falta do marido, mas se ele estivesse aqui, nunca teria conhecido Phillip. Esta exploração nunca teria acontecido. E seu coração nunca teria encontrado um segundo amor.

Acalmou-se, fungando algumas vezes. Chegando até à sua cabeceira, ele pegou vários guardanapos, ela assuou o nariz e secou os olhos.

"Phillip, obrigado. Não tive ninguém para conversar sobre isso — e significa muito para mim que você entenda. Mas sei que, sem ele, tenho que seguir em frente e fazer o que puder do resto de minha vida. Não sou nenhuma Miss Haversham para me sentar e lamentar ao redor, porque meu verdadeiro amor se foi."

Ela jogou os guardanapos na cesta. "Fui abençoada duas vezes na minha vida. Primeiro ele, agora você. Não sei o que fiz para merecer esses dois homens maravilhosos, mas agradeço os poderes que enviaram ambos para mim."

Acariciando seu rosto, ergueu o seu manchado de lágrimas para cima e ele a beijou profundamente. Se ela o amasse com metade do amor que demonstrou pelo marido falecido, então ele seria um homem feliz. Entrelaçados nos braços um do outro, caíram em um silêncio confortável, e de lá, para o sono.

\* \* \* \* \*

A manhã foi um pouco corrida para ela conseguir seu banho, café da manhã e sair pela porta. Novamente, ele estava de pé e tinha torradas prontas quando saiu do quarto, vestida com suas roupas de trabalho e sua mente já começando a deixar o fim de semana para trás.

"Enviei-lhe mais alguns sites para visitar, escrava," disse, e ela sorriu com a denominação. Detalhes "Envie-me detalhes da noite de sexta-feira — embora se for possível, você deve vir aqui, para que possamos usar só um carro." Este foi o lado prático de sua natureza falando, ela percebeu.



"Mal posso esperar para ver onde está me mandando esta semana, Mestre," brincou ela. "As aventuras da semana passada na Internet foram muito boas. Poderia passar horas só explorando mais esses sites."

"Vá em frente — só lhe enviei uns poucos desta vez." Beijou-a e abriu a porta do carro para ela. "Tenha uma boa semana."

Ela entrou e abriu a janela — colocando o rosto para fora para que ele pudesse beijá-la novamente. Rindo, ele obedeceu. Então, ficou de lado e lhe acenou enquanto dirigia e voltava para seu mundo normal.

Jornal de Phillip

Fins de semana, a semana entre a três e quatro.

### Segunda-feira

Ainda estou tendo um momento difícil percebendo que posso ter encontrado a mulher dos meus sonhos. Pensei isso antes, com Tamara e com Anne. Mas ambas às vezes, elas se cansaram do 'jogo'. Nem uma vez pareciam ver do jeito que faço — como um estilo de vida.

Outros Doms encontraram submissas dispostas. Até agora, encontrei apenas mulheres dispostas a explorar, até ficar difícil. Então, elas abandonavam. Até agora, Sarah tem sido maravilhosa em deixar-se explorar um mundo que, eu sei, é muito estranho para ela. Tenho que ficar me lembrando de ser paciente e não empurrá-la muito rápido. Isso foi o que fiz com Tamara — empurrei-a a fazer coisas que não estava pronta e estava certa em me deixar. Sei, eu meditei sobre isso depois, mas já percebi que a falha estava comigo naquele momento.

Então estou trazendo Sarah devagar. Tenho que admitir que, naquela primeira noite foi apenas para o sexo. Em nossos encontros, ela parecia bastante normal, mas havia uma qualidade inquieta sobre ela, como se precisasse de algo e não sabia o que era. Eu sabia que ela era viúva — e não sou exatamente um que se queixa de alguém com experiência sexual. Mas escravidão é um conjunto diferente de 'iguladade de condições' como diria ela. E assim é a submissão. Então, lhe dei a opção de um 'teste' para descobrir o que ela faria.



Quando ela apareceu naquele segundo fim de semana, eu sabia que esse era um relacionamento que queria prosseguir. Naquele primeiro dia, empurrei-a muito duro, punindo-a por pequenas infrações, colocando-a em uma jaula. Mas ela voltou de qualquer jeito. Admirei-a por isso. E sim, estava pronto para ela. Embora, verdade seja dita, não tinha certeza se iria aparecer.

Tenho que chamar o grupo hoje — lhes dizer de sábado em minha casa e os deixar saber que ela está pronta para encontrá-los. Terei que me lembrar de dizer a Will para ir com calma, no entanto. Ele e Jill podem realmente ficar embalados, às vezes — e Sarah não está definitivamente pronta para isso. Não, uma simples reunião na casa para petiscos com algum jogo fácil depois, eu acho.

### Terça-feira

Jogo de sábado. Alertar Will e Jill (Jill disse que ela poderia ter pelo menos encontrado alguém chamado 'Jack' para seu Mestre, em vez de alguém que faz os seus nomes soarem como algo saído de um conto de fadas mau). Ele concordou em mantê-la na linha — e ele também.

Teve e-mail de Sarah tardio — o computador está agindo novamente. Ela vai me encontrar em casa, mas teremos que estar na casa nova de sua amiga não muita tempo depois. Vou deixar sua roupa toda preparada para que possa fazer uma mudança rápida e refrescar-se antes de temos que sair correndo novamente.

### Quarta-feira

Encontrado o traje perfeito para ela no fim de semana. É engraçado, nunca me importei para fazer compras para mim — suponho que é por que a maioria das minhas camisas é branca e as calças pretas ou marrons. E nenhuma das outras garotas que namorei gostava que eu comprasse suas roupas. Diziam que meu estilo não era o seu estilo — e, novamente, estamos de volta à coisa estilo de vida.

Suponho que não tenha sido totalmente aberto com Sarah sobre isso. Inicialmente eu defini essa relação como apenas um fim de semana, tipo de coisa para meu benefício, bem como



dela. Sem me apressar em coisas mais. Se isso se transformar em um tipo de negócio de 24 / 7... Bem... Estou começando a gostar da idéia mais e mais. Mas tem apenas um mês, dois, se contar a partir de nosso primeiro encontro no supermercado. Muito cedo para saber se quero negociar ela vir morar comigo — mesmo que seja como minha escrava.

#### Quinta-feira

O tempo se complicou — parece que vai chover todo o resto da semana e no fim de semana também. Não tenho muito tempo para escrever hoje.

#### Sexta-feira

Fui às compras para mim hoje — não comprei nada. Sarah parece gostar de minhas camisas brancas, o que é uma coisa boa, também. Não há nada lá fora para um homem da minha idade — todas as coisas, meu pai usava, ou material para as crianças.

Ela estará aqui em breve — e me vejo cada vez mais excitado com a idéia. Sim, sexualmente excitado, bem como o simplesmente e velho mal-posso-esperar-para-ver-a-garota-que-amo excitado. Já limpei o lugar e separei sua roupa. Agora é só esperar até 06h00min.

Também estive pensando sobre o assunto estilo de vida. Vou ver como ela leva o encontro com o grupo antes de pensar além nesse sentido. Não que eu preciso de sua aprovação, mas quero poder exhibi-la. Ela fez tudo certo no fim de semana passado, quando a coloquei fora no deck, mas percebi que a idéia de estar nua diante deles a assusta — e muito. Will terá que facilitar para ela, eu suspeito. Talvez eu deva deixar Will e Jill se soltar um pouco e deixá-la apenas assistir?

Calma, Phillip. Você vai ficar maluco se continuar remoendo sobre essas coisas assim. Apesar de que escrever sobre ela é quase tão divertido quanto vê-la...



## *Capítulo Nove*

### *Amigos Dela*

Sarah tinha que admitir que estivesse um pouco nervosa sobre deixá-lo escolher a roupa que iria vestir na festa de inauguração da casa de Beth. Beth tinha sido sua melhor amiga desde o colegial, sua dama de honra em seu casamento, sua confidente em todas as coisas. Bem, ela tinha sido — até agora.

Várias vezes ao longo das últimas semanas tinha tentado dizer a Beth o que tinha descoberto com Phillip, mas as palavras ficavam presas na garganta a cada vez. Beth estava tão envolvida no fechamento de sua primeira casa, que Sarah tinha certeza de que ela não tinha percebido que Sarah não tinha estado muito próxima sobre o tempo que passava com seu novo amor.

Beth tinha, no entanto, insistido em encontrá-lo esta noite, e isso ia acontecer. Sarah estava feliz, haveria muitas pessoas ao redor, ela não tinha certeza se queria sua amiga bombardeando seu amante e o obrigando a derramar segredos. Uma imagem mental estalou em sua cabeça enquanto se dirigia para Phillip: ele encurralado em um canto por uma mulher com metade do seu tamanho, espetando o dedo em seu peito e exigindo saber quais eram suas intenções.

Ela riu alto, imaginando sua resposta: 'Bem, minha querida dama, pretendo fazer de sua amiga, minha escrava sexual.' Não, Beth definitivamente não iria entender.

Phillip ouviu seu carro na entrada — ela teria que revisar esse motor em breve. Sabendo que não tinha muito tempo, já estava com a porta aberta quando ela veio até a varanda. Abaixando-se, lhe deu um beijo rápido e uma palmada no traseiro. "Mexa-se, escrava — nenhum de nós gosta de chegar atrasado."

Ela sorriu e lhe mostrou a língua enquanto corria para o quarto. No momento em que ela chegou à cama, já tinha uma parte da roupa de trabalho na mão e desceu para meia-calça. Descartando a pilha no chão ao lado da cama, tirou as meias e as deixou cair em cima da pilha.

"Mmm... Essa é uma bela vista, escrava." Ele encostou-se ao batente da porta e observou o tornado voar pelo quarto, escovar os cabelos, tirar os brincos e, como sempre, estava parecendo um pouco esgotada. As roupas que ele tinha escolhido para noite estava sobre a cama e para ajudar, pegou suas roupas de trabalho do chão. Não querendo desviar o olhar por muito tempo, ficou na frente do armário enquanto pendurava suas roupas e assistia ao show.



Uma camisa de brim de mangas compridas e jeans estava lado a lado para ela vestir. Pegando a camisa azul, procurou por um sutiã, mas uma risada no canto lhe indicou: não havia nenhum. Ela olhou para cima para vê-lo vestindo um sorriso bobo. Com uma sacudida tirou isso da cabeça, segurou a camisa contra a luz e sentiu alívio — não era transparente. Deslizando os braços nas mangas, puxou-a para fechar os botões, a sensação do material em seus seios a fez perder o fôlego. Fazia anos desde que tinha saído sem sutiã; fazê-lo esta noite a faria se sentir realmente muito travessa.

Pegou o jeans e olhou em volta pela calcinha, já sabendo que não havia nenhuma. Também sem meias, mas o par de sandálias que tinha usado para loja esperava ao lado da cama. Curvando-se ligeiramente, ela gritou: “Como meu Mestre desejar!” Puxou as calças de brim e as fechou.

A excitação foi imediata. A rugosidade do material se esfregava contra sua boceta e a fazia se sentir devassa e sexy. Um sorriso lento se espalhou por seu rosto.

Chegando ao seu lado Phillip a tomou nos braços. “Não quero nada entre nós esta noite, mais que um pedaço de tecido. Cada vez que se mover, você vai pensar em mim e em seu desejo. Acho isso muito erótico.” Abaixando-se, beijou-a longo e persistente, até que a sentiu relaxar completamente. Só então recuou.

Ah, mas ele sabia como fazer as preocupações da semana desvanecer e desaparecer, ela pensou consigo mesma. Ele estendeu a mão e viu o pequeno colar de couro sobre sua palma. Havia uma pergunta em seus olhos — um desafio. Com um sorriso, virou-se e levantou o cabelo para que ele pudesse prendê-lo em seu pescoço.

Ele ficou satisfeito que ela estivesse de costas para ele — não conseguia conter o sorriso. Hoje era um teste — poderia ela ser sua escrava na frente de seus amigos? Até agora, usava o que ele havia escolhido e tinha aceitado seu colarinho. Era suficiente. Não iria testá-la ainda mais.

\* \* \* \* \*

O carro deslizava através da noite escura à medida que acelerava em direção à casa nova de Beth. Sarah tentou informá-lo sobre algumas das pessoas que iriam encontrar esta noite.



“Há Tasha, ela é a única alta, loira e bonita do grupo. E Paul é o mais alto dos homens.” Olhou para Phillip com um brilho em seu olhar crítico. “Embora você possa ser mais alto ainda. Só não lhe pergunte se jogou basquete na escola. Ele não fez — e odeia quando perguntam.”

Phillip assentiu. “Entendo perfeitamente. Perguntam-me a mesma coisa — e antes que me pergunte, não, eu também não fiz.”

Sorrindo, ela continuou sua ladainha. “Marta e Christine são um casal, mas ninguém se importa sobre isso. Suas vidas sexuais não são de nossa conta. Isso é mais ou menos como me sinto sobre nossa vida sexual também. O que acontece no chalé não é da conta de ninguém.”

Ela não tinha a intenção de soar tão mandona sobre isso, embora, quando disse, percebeu que estava sendo terrivelmente exigente para alguém que estava tentando se ver como uma escrava. Talvez não tivesse realmente dentro dela, submeter-se totalmente. Ser submissa em privado era fácil — mas em público era uma questão completamente diferente.

Phillip não fez comentários sobre sua veemência, mas notou. Na verdade, ele era ambivalente sobre os outros saberem também. O resto do mundo via apenas seus rostos públicos, mas não era a verdade de todas as relações? Mesmo as 'normais'? Uma vez que o casal ia para casa e fechava as portas, a sociedade realmente não queria saber. Talvez algum dia ele e Sarah pudessem desejar que os outros conhecessem e compreendessem suas escolhas, mas o tempo ainda não era certo — para nenhum deles.

Claro que seria diferente com seus amigos. As pessoas com quem se reuniria amanhã à noite já sabiam de seu estilo de vida, uma vez que viviam vidas similares. Mas manteve silêncio sobre isso por enquanto. Esta era sua noite e estava indo se encontrar com seus amigos.

“E, claro, há Beth — tem sido minha melhor amiga desde a escola primária, então esteja pronto para ela. Às vezes ela pensa que é minha mãe.” O olhar de desculpas de Sarah fez Phillip rir.

“Então, vou precisar usar meu charme com Beth, unir-me a Paul, ignorar o amor que Martha e Christine têm uma pela outra, e comer Tasha com os olhos — eu entendi isso direito?”

Agora foi Sarah que deu um sorriso. “Sim. Isso resume tudo!”

“Então, é apenas o pobre Paul e eu os únicos homens neste grupo?”

Ela riu. “Duvido que esta noite vá ser apenas vocês dois. Beth e Paul, é um casal junta/separa. No momento, estão juntos, por isso tenho certeza que ele estará lá. Nenhuma família, porque ela foi transferida para cá assim como eu. Quando encontrei um bom trabalho aqui, ela me





seguuiu — e nos saímos bem. Marta e Christine, Paul e Beth, e Tasha: estes são os únicos que conheço na festa, mas haverá muitos outros.”

“É aqui — este é o lugar.” Ela apontou para uma pequena casa de estuque<sup>2</sup> aninhada entre as outras casas do quarteirão. Não havia espaço na garagem, assim Phillip puxou para o lado oposto da calçada, estacionou e ajudou Sarah a sair do carro. Pegando uma garrafa de champanhe na parte de trás, eles atravessaram a rua de braços dados.

Beth os cumprimentou a porta, suas palavras de boas-vindas foi para ambos, mas seus olhos para Phillip — avaliadores, ele percebeu. Ela era menor do que Sarah, mais gorda, mas com brilhantes olhos castanhos que não perdia nada. Abaixando-se, ele beijou sua bochecha como Sarah tinha feito e mostrou a garrafa de champanhe.

“Para a nova proprietária — parabéns.” Ele inclinou-se, o seu sorriso genuíno — sua primeira impressão dela era favorável.

“Venha e conheça alguns dos outros,” Beth convidou. “Esta noite é bem informal — mal acabei de desembalar. Espero as pessoas indo e vindo toda a noite.”

Eles entraram na pequena casa e Sarah notou quão perfeita era para uma mulher solteira. Beth lhes mostrou todo o andar de baixo — então os levou para cima e mostrou os dois quartos e banheiro. Sua própria marca já sendo feita no lugar — Sarah observou vários objetos que haviam sido de Beth por anos espalhados nos quartos.

E assim passaram as próximas duas horas. Na maior parte Sarah ficou ao lado de Phillip. A princípio ele pensou que era porque ela não queria que se sentisse desconfortável, mas quando as outras três garotas que tinha falado chegaram juntas, o relaxamento de Sarah foi imediato. Era como se estivesse prendendo a respiração durante toda a noite e agora que elas estavam aqui, podia respirar novamente. Ela o arrastou para conhecer o trio, que descobriu, todas viviam perto uma das outras e por isso tinham vindo em apenas um carro.

Inicialmente, Phillip pensou que era apenas uma questão de uma garota mostrando seu novo namorado. Mas à medida que a noite avançava, percebeu que sua nova escrava era tremendamente tímida. Mesmo com seus amigos, ela tendia a ser a ouvinte — ativamente apreciando a conversa, mas raramente acrescentava algo. Porque Beth era a anfitriã, ela rodopiava de sala em sala, grupo para

---

<sup>2</sup> **Estuque** é uma massa branca ou policroma composta de cal, areia fina, pó de mármore e gesso, usado em variados tipos de ornatos relevados, em muros exteriores, interiores ou tetos. De origem oriental, é aplicado na arte romana. O estuque divulga-se em Portugal com a vinda do italiano João Grossi chamado a estabelecer, em 1766, uma aula de estuque.



grupo. Mas Sarah ficou onde estava, agradavelmente desfrutando da companhia dos que estavam nas proximidades.

Várias vezes, o braço de Phillip se envolveu em volta dela durante a noite — quase casualmente a cada vez. O toque da mão em sua cintura lhe dava uma sensação quente por dentro. Ela detestava grandes festas como esta, e muitas pessoas não sabiam, mas realmente não era um ambiente previsto para algo mais do que conversa fiada. E ela nunca havia dominado essa habilidade; falar do tempo, ou o último jogo de futebol, ou a perda de cabelo de alguém, isso apenas nunca lhe interessara.

Por fim, a noite estava terminando, os conhecidos foram embora e apenas os amigos íntimos permaneceram. Eles se estabeleceram em torno da mesa de jantar, contando histórias antigas um sobre o outro, enchendo o ouvido de Phillip com contos de humor e dor. Ele se encantou com eles — todos eram transferidos, e todos ajudavam um ao outro. Estava feliz em saber que Sarah tinha amigos tão leais.

Mas mesmo aqui, ela não fez mais do que adicionar um comentário ocasional ou dois. Paul e Beth eram os contadores de história, Tasha adicionava os detalhes esquecidos, aparentemente era a memória do grupo — deixando todos os pontos corretos. Marta e Christine — Phillip já estava pensando nelas como uma entidade — acrescentaram algumas histórias próprias. Sarah e ele pareciam que era o público, o que estava tudo bem para ele. Vendo como se comportava quando estava cercada por seus amigos, lhe deu uma nova visão sobre sua personalidade.

Beth os beijou na porta quando saíram, e Sarah novamente colocou a mão na dobra do braço de Phillip. Mas não até estar no carro e cerca de um quarteirão longe, ela soltou um suspiro explosivo.

“Segurando isso há muito tempo?” Phillip perguntou.

“Desculpe,” ela se desculpou. “Nem tinha percebido até agora, mas sim, acho que tenho.”

“Nervosa sobre mim?”

“Um pouco. Grandes grupos de pessoas não são minha ‘coisa’.” Virou-se para ficar de frente a ele no carro, torcendo o corpo para que pudesse se sentar confortavelmente e ainda falar diretamente.

“Obrigado por isso, Phillip. Eu sabia que tinha que ir porque Beth é minha melhor amiga, mas não estava realmente ansiosa por isso. Então, quando você concordou em ir, sabia que haveria pelo menos uma pessoa com quem eu poderia falar.

“Não tinha percebido como você é tímida.”



Ela baixou a cabeça, e o mesmo sorriso tímido que tinha visto durante toda a noite apareceu em seus lábios. “Meu segredo foi revelado. Nunca sei o que dizer para as pessoas! Se eu puder fazê-los falar de si, então ok — tudo o que tenho que fazer é ficar lá e ouvi-los.” Suspirou novamente.

“É seu lado submisso, expressando-se de uma forma socialmente aceitável.”

Por um momento, ela olhou a paisagem, considerando. “Sim,” finalmente concordou. “Sim, acho que está certo. Posso ser uma pessoa do tipo que toma o controle em situações onde me sinto confortável, como no trabalho. É meu trabalho comandar os outros, e gosto disso. Mas em outro lugar, prefiro não. Ouvir as pessoas sempre foi minha opção preferida, em vez de contar as histórias como Beth.” Ela riu. “Este é provavelmente o porquê somos tão boas amigas — ela é a locutora e eu a ouvinte.”

Abriu-lhe um sorriso enquanto se virava para seu caminho. “Não podemos ser todos locutores — e você verá amanhã, que entre os meus amigos, eu tendo a ser um ouvinte também.”

“Haverá muita gente lá?”

“Você quer dizer 'aqui',” lhe disse enquanto parava na entrada.

“Aqui? Seus amigos virão para sua casa?”

Ele assentiu e estacionou. Ela estava tão animada, que não esperou que ele viesse ao redor e abrisse a porta para ela. “Isso é maravilhoso. É sempre muito mais fácil de conhecer as pessoas quando tenho um papel a desempenhar. Ser anfitriã, como Beth foi esta noite, me dá algo para fazer e dizer quando não sei mais o que fazer.”

Ele riu de seu entusiasmo — e decidiu deixar passar, por não tê-lo deixado abrir sua porta. Era uma coisa pequena, mas um ato de cavalheirismo que ele gostava. Em vez disso, pegou sua mão e a levou até a varanda, parando sob o luar, pouco antes das escadas.

“É uma noite muito bonita para entrar agora, não acha?” Murmurou enquanto a puxava para perto.

Seu estômago vibrou quando inclinou a cabeça para olhá-lo. O luar brilhava em seu rosto, iluminando seus olhos escuros de desejo. Ele a beijou, delicadamente no início, depois com uma pressão crescente enquanto o animal dentro dele lutava pela liberdade. A língua tocou seus lábios e ela os abriu,



querendo prová-lo. Quando sua mão puxou a camisa de sua calça, ela o ajudou, ainda presa em seu abraço, querendo sentir suas mãos em seus seios nus.

Com um grunhido, ele empurrou a blusa e envolveu um seio na mão enorme, apertando-o com força. A outra mão ainda à sua volta, agarrou sua bunda, esmagando-a contra si. Sua mente estava sendo oprimida e ela se soltou, lhe dando seu corpo, querendo-o.

Afastou-se dela, quase a empurrando longe dele. “Dispa-se para mim, escrava. Dispa-se agora, à luz do luar e me mostre seu corpo nu.”

Ela não conseguia recusar. Seus olhos se prenderam aos dele, e rapidamente desfez os botões da camisa, os seios subindo e descendo com a respiração acelerada. Atirou a camisa para o lado, então arrancou as calças.

“Fique como lhe foi ensinado.” O animal bateu contra as barras da jaula.

Ela abriu as pernas para o ar da noite e colocou os braços para trás, apertando as mãos e empurrando os seios para frente. O luar escorria sobre ela e a fazia luminescente na escuridão. Orgulhosamente ficou nua diante dele, ansiosa por seu toque.

Com um juramento, Phillip rasgou as roupas de seu corpo e em dois passos cobriu a distância entre eles. Agarrando-a, o animal enclausurado quebrou as grades de sua jaula. Ele colocou a mão entre suas pernas, sua umidade era a prova de seu próprio desejo de ser usada. Enganchando o dedo através do pequeno colar de couro, puxou-a para a varanda e lançou-a nos degraus.

Sarah mal se segurou quando caiu. Rapidamente se virou para olhar o homem que pensava que conhecia. Luxúria rosnava suas características enquanto seu rosto se contorcia com a necessidade. Sarah o havia comparado a um leão — mas a criatura diante dela agora não era um filhote brincalhão. Este era o caçador derrubando sua presa. Só uma vez tinha tido um vislumbre deste animal — e teve medo dele, então. Agora ele estava solto e ela o queria, sua respiração ficou irregular, um choramingo saiu da garganta. Phillip esfregou seu pau enquanto crescia duro e grosso e Sarah sabia que o animal não descansaria até que tivesse sido saciado. Deitada sobre os degraus abriu suas pernas sob o luar, convidando o animal a consumi-la.

E ele fez. Com outro juramento, Phillip se atirou sobre dela, se enterrando em um movimento. Ela gritou quanto seu pênis a esticou, empurrando sem parar para enterrar-se dentro dela. Puxou e, rosnando, empurrou de novo, tomando-a duramente. Cada impulso levava sua necessidade mais profunda e ela cavou os dedos em seus ombros, as unhas fazendo pequenas marcas em sua pele.



Uma e outra vez ele a dirigiu até que pensou que iria se rasgar em duas. Seus quadris subiam para atender a cada impulso, sua mente gritando sua necessidade. Então, seus movimentos mudaram — sua escalada correspondendo à dela. Ambos gemiam e rugiam para noite enquanto ele a fodia nos degraus da varanda, sua paixão se unindo em altos auges enquanto chegavam ao topo juntos. Uma coruja ecoou seus gritos, enquanto os dois cavalgavam a noite, dois animais se acasalando.

Atordoada, se deitou sem se mexer, seu corpo gasto, o calor dele se espalhando ao longo dela. Estava mais espantada com ele — ou com si mesma por responder ao seu animal? Seu corpo continuou a estremecer, enquanto pequenos tremores pulsavam através dela.

Phillip demorou mais tempo para se recuperar, esperou até que o animal desaparecesse e retornasse à sua jaula. Uma vez que era seguro fora do caminho, rolou de cima dela, incapaz de olhar em seus olhos. O que ela deveria pensar dele? Mestre ou não, tinha sido imensamente grosseiro com ela.

Sarah viu a miséria em seus olhos. Sentando-se, tocou seu rosto e puxou seu queixo, até que olhasse para ela. Então sorriu e ele entendeu que ela não ficou ferida. Ora, a pequena raposa havia gostado. Enquanto a compreensão crescia, ele se sentou na varanda, espantado que tivesse encontrado uma mulher que poderia ser capaz de lidar com o animal selvagem que não conseguia conter sempre.

Não houve necessidade de palavras entre eles. Sarah se levantou e recuperou as roupas de seus locais distantes na frente da casa e retornou, entrou quando segurou a porta para ela. Ao observá-la, Phillip cresceu duro novamente, embora o animal permanecesse onde estava.

Sarah deixou as roupas no canto do quarto e quando ele veio por trás dela, sentiu a evidência de sua necessidade crescente imprensada em suas costas. Virou-se para ele, uma mão acariciou seu pau enquanto ela o observava, aguardando instruções. Como ia usá-la pela segunda vez esta noite?

Respondendo à sua pergunta não formulada, Phillip colocou as mãos em seus ombros. “Ajoelhe-se escrava,” disse suavemente e ela sabia o que ele desejava.

Obediente, ajoelhou-se diante dele. Pacientemente esperou sua permissão antes de tocá-lo. “Agora, escrava, me chupe. Leve-me em sua boca.”

Sua voz era áspera e ela percebeu que a jaula não estava trancada. O animal que o tomou ainda estava muito presente. Com seu gozo ainda escorrendo entre suas pernas, levou seu pênis na boca, usando as mãos para amassar as pedras em suas bolas. Ficando só na ponta, sacudiu a língua sobre e ao redor dela, tentando colocar o animal solto novamente.

Ele saiu com força total. Rugindo, Phillip impulsionou-se profundamente dentro de sua boca, engasgando-a. Retirou-se apenas o tempo suficiente para ela se recuperar e empurrou novamente. Seus



próprios sucos se misturaram com seu sêmen e escorreram por sua coxa quando ele agarrou sua cabeça e guiou seus movimentos. Relaxando, deixou-o controlá-la e foi recompensada com o sabor salgado familiar enchendo sua boca. Engoliu grande parte de uma só vez, lambendo o resto quando seus movimentos retardaram, então limpou seu rosto e engoliu o resto enquanto ele assistia.

Se não estivesse tão exausto de dois orgasmos tão próximos, vê-la ajoelhada no chão, comendo sua semente, o teria feito duro novamente. Como estava, mal conseguiu chegar ao lado da cama antes de seus joelhos cederem. “Venha cá, escrava,” ordenou, a voz rouca.

Ele estava a poucos passos de distância, e era mais fácil rastejar de quatro do que ficar de pé e, em seguida, ajoelhar-se novamente. Vê-la se rastejar para ele lhe deu outra corrida — meu Deus, o que esta mulher fazia para ele. Enganchou um dedo em seu colar novamente, puxando-a para perto. “Você gosta de ser minha escrava, Sarah? Mesmo quando a uso tão asperamente?”

Sua cabeça se inclinou para o lado e ela lhe sorriu. “Sim, Mestre Phillip. Gosto de ser sua escrava, especialmente quando me usa tão asperamente.”

“Então, venha aqui, escrava. Venha para cama agora.” Ela subiu na cama ao seu lado, cobrindo-os com ternura, ambos com os cobertores. O animal dentro dele dormia agora, e não demoraria muito para que fizesse também.

“Boa noite, Mestre,” ela sussurrou em seu ouvido. “Obrigado.”

Mas se ele ouviu, não deu nenhuma indicação. Tinha adormecido. Aconchegando-se ao seu lado, seu corpo cansado do estresse do dia e do seu uso do lado de fora, logo em seguida adormeceu.



## *Capítulo Dez*

### *Os amigos dele*

Os dois passaram a manhã seguinte limpando a casa. Não que precisasse ser limpa, mas como a mãe de Sarah teria dito, não era ‘companhia limpa’. O domínio de Phillip foi à cozinha e ele preparou várias bandejas de vegetais, guardando-as na geladeira até mais tarde. Sarah descobriu que ele também era um padeiro – o bolo de queijo que ele criou parecia maravilhoso.

“O segredo, escrava, é deixá-lo ficar no forno com a porta entreaberta até que o forno esteja completamente resfriado.” Ela tinha vindo de espanar e varrer e agora estava olhando para porta do forno aberta, o calor aquecendo seu corpo nu. “Então você não tem rachaduras no topo.”

“É assim que eles fazem isso?” Ela exclamou. “Eu só asseï alguns em minha vida e imaginei que as rachaduras vieram porque eu não tinha um forno chique como de um profissional.” Ela sacudiu a cabeça em seus talentos.

Ele riu. “Bem, não sou nenhum profissional, mas minha tia costumava assar o melhor bolo de queijo na cidade e passou suas dicas para mim.”

Às vezes ele parecia um menino pequeno, que ela queria ir lá e abraçá-lo. Este era um desses momentos. Era um dia nublado lá fora e a luz da cozinha dispersava a escuridão. Talvez tenha sido ouvi-lo falar de sua tia, ou talvez fosse um reflexo da luz, mas havia um brilho em seus olhos que desmentia a existência do animal que tinha experimentado a noite passada. Ela escondeu seu sorriso. E eles diziam que as mulheres eram complicadas.

“Enquanto está esfriando, vamos almoçar – então temos alguns móveis para mover.”

Não demorou muito tempo para fazer e consumir vários sanduíches de atum. Desde o primeiro fim de semana juntos, Sarah havia descoberto que os frutos do mar enlatados era seu almoço favorito. Às vezes, ele gostava espalhados por bolachas, às vezes no pão – mas sempre





de atum. Sabendo que era melhor para ela que os nachos e cachorro quente, que normalmente comia em casa estava começando a ser favorável à alimentação saudável.

“Quantas pessoas estarão aqui esta noite?” Perguntou, mastigando um pedaço de cenoura surripiada.

“Apenas oito, incluindo nós. Uma reunião pequena.”

Parte dela ficou aliviada, parte se apavorou. Ela preferia grupos menores, mas esses significavam nenhuma chance de se esconder. Sem chances, mas em seu papel de sua anfitriã.

Ele viu o olhar em seus olhos e adivinhou o caminho que seus pensamentos estavam tomando. Alcançando através da mesa, pegou sua mão. “Você fará bem. Especialmente depois que eu treiná-la esta tarde. Há muitas ‘regras’ específicas, por assim dizer, para uma escrava na presença de outros mestres.”

“Outros mestres?” Borboletas voaram e se estabeleceram em seu estômago — como se ela já não estivesse nervosa o suficiente.

Ele assentiu, terminando seu almoço. “Sim, escrava, outros mestres. Disse-lhe que meus amigos eram diferentes dos seus.” Empurrou a cadeira para trás e a viu digerir as informações junto com seu atum.

“Eu sei que disse... Mestre.” Enfatizou a última palavra, sorrindo. Engolindo o resto de sua bebida, se levantou para limpar os pratos. “Acredito que só o apaguei da minha mente, no entanto.” Parou e se virou. “Mas você vai me ensinar? Assim eu saberei o que fazer?”

“Isso é importante para você, não é? Saber o que fazer, o que dizer.”

Ela assentiu e voltou para os pratos, limpando o resto das coisas do almoço também. “É.” Fez uma careta e não havia nenhuma alegria em seus olhos. “Não banco a boba muito bem. Isto é, provavelmente, o porquê não sou uma contadora de histórias muito boa. Ser o centro das atenções e então me atrapalhar é um de meus piores pesadelos.”

Ele se curvou e beijou o topo de sua cabeça. “Bem, então, escrava. Uma vez que esta noite você, definitivamente, será o centro das atenções, vamos nos certificar que não se ‘atrapalhe’.”



Seus nervos se acalmaram um pouco nisso. Claro que seria examinada esta noite — da mesma forma que ele tinha sido completamente avaliado na noite passada. Mas se ele ia lhe mostrar as cordas, figurativamente falando, então talvez não fosse tão ruim.

Na sala, ele começou a empurrar a mobília assim e assado, e ela o ajudou, criando um espaço bastante grande contra o lado mais curto da sala. Finalmente, ficou satisfeito e a levou para o quarto. Ela agora usava o colarinho mais largo, que realmente preferia. Simbólico, apesar de que ambos eram, mas a presença desse aqui ao redor de seu pescoço era uma lembrança mais física de sua condição — uma condição que ela apreciava cada vez mais.

“Tempo de colocá-la na prateleira, escrava.” Excitação a atravessou — ele tinha acabado com ela por agora. Claro, assim que soube disso, o desejo espiou a cabeça para fora. Mas ela não disse nada, simplesmente estendeu suas mãos e pernas, por sua vez para que ele pudesse prender seus pulsos e os punhos dos tornozelos, fechando-os no lugar em seus membros. Prendendo pulso a pulso e tornozelo a tornozelo, ele a fez deitar-se na cama. Começando a estudar a corrente “Y” que ela tinha usado no fim de semana anterior, ele firmou os braços em seu pescoço e a mandou se virar.

Ela obedeceu, desajeitadamente, mas com sua ajuda, conseguiu ficar de bruços. Ele agora firmou um comprimento da corrente da cabeceira até seu anel-D — então prendeu seus tornozelos com outro pequeno pedaço da corrente para o estribo.

“Durma se puder escrava,” lhe disse a caminho da porta. “Hoje será uma longa noite para você.”

As direções soavam ameaçadoras, mas ele se foi e ela não o chamou de volta. Recordou as palavras que ele havia falado há algum tempo — depois de uma noite particularmente erótica. Phillip a advertira então, que algum dia ela encontraria outros mestres — aparentemente o ‘algum dia’ era hoje. E agora esperava que ela dormisse?

A mente de Sarah se lançava de um assunto para outro enquanto se deitava quieta, acorrentada à cama. Espere! Ele não a tinha treinado em tudo ainda. Era seu papel de anfitriã submissa diferente da de uma anfitriã normal? Certamente deveria haver protocolos que deveria seguir. Mas estava na prateleira e seu mestre não esperava ouvir um som dela.



Havia certa fascinação em ser tratada assim, e já tinha aceitado o fato de que seu corpo havia caído primeiro a seu controle, e então sua mente. Cada manipulação a levava a novos lugares dentro de si mesmos — uma jornada de descoberta que se estendia por seus limites e a mostrava as percepções sobre sua personalidade que nunca antes tinha considerado.

Pegue o que ele disse ontem à noite, por exemplo. Que sua timidez era apenas outra forma de submissão. Isso a tinha irritado um pouco, mas quanto mais pensava nisso, mais percebia que estava certo. Há muito tempo, ela tinha aceitado sua natureza como sendo o 'tipo quieto' e não tinha cavado mais fundo do que isso. Mas Phillip não ficava satisfeito com apenas reflexões supérfluas. Sua observação a fez ver que sempre tinha sido a observadora — que observava as pessoas, e quando precisavam de algo, ela estava lá. De fato, Beth havia comentado sobre isso várias vezes — como Sarah parecia sempre saber o que os outros precisavam sem ser informada.

Sarah também pensou sobre como ela sempre cedia aos desejos de Beth quando as duas planejavam uma noite. Até com seu marido, se Sarah queria uma coisa, mas seu parceiro queria algo diferente, normalmente ela sucubia. Claro, com Tom, era mais equiparado — ele consentia com ela tanto quanto ela cedia a ele. Mas com Beth não.

Um pensamento súbito lhe ocorreu e o queixo caiu. Beth poderia ser uma Dominatrix? Seria possível? Pensou sobre a relação da amiga com Paul — ele era tão fácil de levar, podia ele ser... Não. Sua mente não iria lá.

Que tal os amigos de Phillip esta noite? Se havia mestre vindo, também haveria escravas? Como se pareciam? Sua mente conjurou imagens Hollywoodianas de haréns de escravas. Não, ela decidiu. A sala de Phillip não parecia mais como um harém estereotípico do que seu calabouço parecia com a masmorra estereotipada. Por mais que tentasse, não conseguiu ter nenhuma idéia de como seriam seus amigos.

Apesar de si mesma, sabia que seus pensamentos, junto com sua posição impotente, estavam trabalhando sua magia sobre ela. Seus pensamentos continuaram a girar enquanto o desejo doía entre suas pernas. Como uma coceira que não podia coçar, mantendo-se logo abaixo da superfície quando, finalmente, adormeceu.



\* \* \* \* \*

Seu beijo gentil a despertou. Respirando profundamente, ela cheirou o sabonete nele e seus olhos se abriram de repente, momentaneamente confusa — era de manhã? Não, a luz estava errada. A festa! Ele a estava liberando, removendo primeiro os punhos dos tornozelos, então as ligações em seus pulsos. Ela se virou e ele desfez a corrente de seu colar.

“Verifiquei-a várias vezes, e você estava dormido,” ele lhe disse. “Até tomei meu banho e me vesti — e você nem se mexeu.”

“A limpeza é um trabalho cansativo, Senhor!”

Ele cheirou o ar. “E suado — vá tomar seu banho e certifique-se de passar a navalha em todas as partes importantes. Suas roupas estarão na cama para você,” ele convocou atrás dela enquanto se apressava para o banheiro.

Em pouco tempo tinha se refrescado e tomado seu banho, então retornou ao quarto para se vestir. Sua cinta-liga e meia-calças pretas esperavam por ela — e um sutiã preto. Rapidamente os vestiu, deslizando nos saltos que ele tinha separado para ela. Normalmente estes eram os sapatos da igreja, mas tinha que admitir, acrescentou à sua aparência geral sexy.

Prendeu o sutiã no lugar, então o girou para puxar as taças sobre os seios. Exceto que lá parecia haver algo de errado com a roupa de baixo. Um buraco enorme tinha sido cortado em cada taça. Bem, talvez o buraco não fosse enorme, mas certamente tão grande quanto um quarto. Depois de um exame, percebeu que tinha sido projetado daquele jeito; O buraco estava bem rematado. Corando, entendeu o que deveria ir lá. Com outra torção, acomodou os mamilos no centro de cada furo. A exposição ao ar quando o seio circundante estava coberto, fez os mamilos ficarem diretamente para fora. Sua intenção, sem dúvidas, ela pensou.

Mas não havia mais roupas sobre a cama. Certamente ele não queria fazê-la saudar seus convidados parecendo tão devassa. Ouvindo seus passos, gritou para ele, “Mestre, não vejo o resto de minhas roupas — o que mais você quer que eu vista?”

As mãos em sua cintura a fizeram saltar. Não tinha percebido que ele havia entrado no quarto. “Não há necessidade de gritar,” murmurou em seu cabelo enquanto colocava os braços



ao redor dela e corria a ponta do dedo sobre os mamilos expostos. Enquanto tais carícias, normalmente, a levava a ficar fraca nos joelhos, esta noite estava muito nervosa para se excitar. Quando ela não relaxou, ele a virou para encará-lo.

“Você é minha propriedade e eu desejo exhibi-la. Eu lhe disse que o faria. A semana passada você me disse que estaria disposta a estar nua na frente das pessoas. Está me dizendo que agora já não está?”

Abriu a boca com a intenção de dizer exatamente isso. Seu lado sensato e racional se enfurecia contra aparecer em público assim — ainda que fosse para apenas seis outras pessoas além deles. Sim, disse a semana passada que queria fazer isso — algum dia. Não agora! Como poderia? Mas mesmo quando o lado racional protestava dentro de sua cabeça, o lado cruel dela queria isso — e não só queria, mas estava feliz que ele se orgulhasse dela e quisesse exhibi-la. A devassa conseguiu as primeiras palavras: “Posso fazer isso, Mestre — por você.”

“Bom.” Curvou-se e a beijou. “Deixe-me prender seu colar.” Obedientemente levantou seu cabelo e ergueu o pescoço, abaixando os ombros enquanto ele o circulava ao redor e o prendia, o *snick* da trava enviando calafrios através dela por uma razão totalmente diferente da normal. Este não era nenhum jogo esta noite; Este era real e ela estava assustada.

Ele prendeu a corrente pesada da trela no anel-D e tinha acabado de colocar os punhos dos tornozelos quando houve uma batida na porta. Ele verificou o relógio. “Figuras. Este serão Aleshia e Anton — ela está sempre adiatanda.” Levantou-se e seguiu para porta. “Termine de colocar suas algemas, e então se sente lá até que eu volte para você.”

De repente, ela queria se sentar aqui a noite toda. Com dedos trêmulos, prendeu as algemas, tendo que fazer várias tentativas em seu nervosismo para fechar as fechaduras. Quando terminou, estava certa de que todos já estavam aqui. Ainda assim, se sentou na beirada da cama, malignamente olhando a porta, como se sua destruição estivesse prestes a entrar.

Mas foi apenas Phillip. Seu jeito foi rude. “Levante-se, escrava.” Ela o fez, as mãos em seus lados, abrindo e fechando, prendendo o ar em seu medo.

“Senhor... Você não fez, quero dizer, não houve tempo para treinar esta tarde. Não sei o que fazer — ou dizer para eles.”

Ele concordou. “Você faz o que eu disse que faça — e nada mais, escrava. Entendido?”



Seu lábio trêmulo, ela assentiu.

“E quanto ao que dizer, pensei um pouco e encontrei um jeito de acalmar sua ansiedade.” Virou-a pelos ombros e ela sentiu sua mão apertando algo contra sua boca. A mordaca! Automaticamente, sua boca se abriu e ele a acomodou rapidamente, afastando seu cabelo e deixando as correias segurarem sua juba longe de seu rosto. Ouviu o snick de uma trava se fechar e percebeu que sua boca estava vinculada. Ele realmente tinha cuidado do problema: Ela não poderia falar com os convidados esta noite.

Ele puxou seus braços para trás e prendeu seus punhos um no outro. Com os ombros agora puxados para trás um pouco, o sutiã cortado em seus seios empurrou ligeiramente seus mamilos para fora para todos ver. Apesar de seu medo, ou talvez por causa disso, sentiu uma golfada de líquido entre as pernas.

Virando-a para enfrentá-lo, lhe deu uma última instrução, “Apenas faça o que digo que você faça escrava. Não deixarei que você se machuque.”

Ela assentiu, mostrando suas borboletas nos brancos dos olhos. Com orgulho, ele puxou sua guia e ela o seguiu para fora da porta.

Esta noite toda estava tão fora de seu alcance que ela desistiu de tentar imaginá-la mais cedo. Havia apenas incertezas demais. Mas agora a realidade se espalhava a sua frente quando entrou na sala bem iluminada.

Três casais estavam sentados ao redor da sala. Dois homens sentados nas cadeiras que ela e Phillip tinham colocado contra a parede dianteira mais cedo. Ela ficou impressionada, não tanto por sua aparência quanto pelo porte. Ambos se sentavam com a mesma facilidade e graça que tinha visto em Phillip — uma graça natural que o poder emanava. Uma mulher estava sentada no chão ao lado de cada um deles.

No oposto do sofá, se reclinava uma mulher bonita, seus cabelos negros estavam puxados de seu rosto em um coque suave que acentuava suas características bastante afiadas. Ela também tinha aquela aura de poder. Ao lado dela, um homem se ajoelhava no chão. Os olhos de Sarah se arregalaram nisto. Ela estava apenas começando a entender sua própria necessidade de submissão — por que diabos um homem iria querer se submeter a uma mulher?



E então seu olhar caiu sobre o espaço que estava vazio quando Phillip a tinha colocado 'na prateleira'. Não estava mais vazio. Na outra extremidade da sala, iluminada por todos os refletores do caminho acima, estava a jaula alta. Barras de ferro preto cintilavam sob a luz suave, a porta aberta só esperando que alguém cruzasse seu limite. Quase chorou quando percebeu que alguém seria, e o que seu mestre quis dizer quando disse que estaria em exibição.

"Quero apresentar minha nova escrava, Sarah Jackson-Parker," anunciou e um choque a atravessou — ele lhes disse seu nome. Como podia expô-la assim? Mas, então, o pensamento racional a tomou. O que mais esperava que ele dissesse? Não o tinha apresentado na noite anterior por seu nome completo? Era o que as pessoas normais faziam. Exceto que ela não se sentia normal. Nem um pouco.

Ela tremia e ele sabia disso. Movendo a mão para cima na guia, ele a puxou para frente. Quando estava no centro da sala, girou-a de forma que foi forçada a fazer um círculo completo em volta da sala.

"Conheça meus colegas de Mestres e Mistress, escrava." Ele sabia que era difícil para ela, mas estava enfrentando tudo muito bem. Seus passos eram experimentais e lentos, mas ele foi paciente. Uma vez que ela fez um círculo completo, puxou-a para um segundo, dessa vez puxando em sua corrente e fazendo-a parar diante do primeiro mestre.

"Este é Mestre William, escrava. Curve-se para ele." Não a tinha avisado disso, querendo testar sua determinação. Em reuniões futuras com seus amigos, iria testá-la muito mais severamente. Mas esta noite seria suficiente apenas que ela reconhecesse sua presença.

Ela não queria conhecê-los. Já era difícil o suficiente estar sendo exibida tão arbitrariamente, seus mamilos retos se distinguindo, seu monte recém-barbeado reluzindo em sua nudez. Desejava que ele apenas a prendesse na maldita jaula e acabasse logo com isso. Sua mente poderia escapar então, fingir que não estava realmente aqui, não era realmente a mais nua diante de tantos olhares estranhos.

Mas ele não havia lhe dado o comando — e ela não queria envergonhá-lo por não obedecê-lo. Então se virou, mantendo os olhos baixos, assim não teria que ver Mestre William olhando para ela, e se curvou a partir da cintura, as pernas pressionadas firmemente juntas.





“Olhe para mim, escrava Sarah.” A voz de Mestre William segurava o mesmo poder cru de Phillip. Ela não queria olhar, mas encontrou seu olhar se movendo para cima até que seus olhos encontraram os dele. Seus olhos olhavam para ela amavelmente, sem nenhum rastro da lascívia que esperava encontrar. Ele sorriu para ela e seu rosto suavizou.

“Esta é minha escrava.” Apontou para mulher ao seu lado que se ajoelhava em uma posição muito familiar. Estava vestida, Sarah notou, em jeans confortável e um pulôver, um bonito colar de couro em volta do pescoço. O cabelo curto e ondulado, nitidamente emoldurava seu rosto atrevido. “Seu nome é Jillean.” Sua mão escovou o topo da cabeça de sua escrava. “Jill, diga oi a escrava Sarah.”

A mulher se levantou com a facilidade praticada de alguém que tinha subido de um nível tão baixo há anos. Sarah observou seu rosto e viu uma calma acolhedora de boas-vindas nos profundos olhos castanhos da mulher. A escrava colocou as mãos nos ombros de Sarah e se debruçou para beijar sua bochecha.

A compreensão terna no gesto a tocou e lágrimas se formou nos olhos de Sarah. Quando Jill se afastou e retornou a sua posição anterior, Sarah desejou poder agradecê-la, porém a mordaca a impedia. Mas um aceno de cabeça da escrava agora de joelhos, a fez perceber que ela entendia.

Phillip também ficou tocado pelo gesto de Mestre William com sua escrava. Will e ele tinham sido amigos por mais de uma década — de fato, o outro mestre tinha sido o mentor de Phillip quando ele admitiu pela primeira vez sua necessidade de dominar em uma relação. Quando Phillip puxou na corrente de Sarah para levá-la ao próximo mestre, Will lhe piscou e ele soube que tinha a aprovação de seu mentor.

“Este é Mestre Dominic, escrava. Curve-se para ele.”

Mestre William e Jill fez muito para aliviar sua mente, então, dessa vez, Sarah conseguiu se dobrar sem vacilação. Olhou nos olhos de Mestre Dominic, mas não encontrou a mesma bondade que Mestre William havia lhe mostrado. Seus olhos brilharam quando ela olhou para ele — seria raiva? Tinha feito algo de errado?

Com um gesto brusco, Mestre Dominic acenou com a mão em direção à mulher ao seu lado. “Esta é Cora.”



Sarah olhou para a escrava ajoelhada rigidamente ao lado de seu mestre. Estava vestida mais provocante que as outras na sala; Uma saia curta mal cobria sua bunda, o decote da blusa mergulhava tão fundo quanto poderia ir e ainda permanecia preso na frente. Também usava um colar, mas um de aço. Uma trela presa a isto, e a outra ponta mantida casualmente na mão de Mestre Dominic. Quando Cora se levantou, oscilou um pouco, então se endireitou. Não olhou para Sarah — na verdade, ela não olhava para ninguém, apenas mantida seu olhar baixo. Então Sarah viu o que Cora não fez — o leve estreitamento de olhos de Mestre Dominic em sua pequena falta de graça. Agora Sarah ficou feliz pela mordança, ou teria tido algumas palavras para o homem que se largou na cadeira.

Sarah não estava em uma posição de iniciar qualquer coisa, mas se tivesse estado, teria dado a Cora um abraço por estar ao lado de tal palhaço. As primeiras impressões são importantes, e ela sabia — sua primeira impressão deste homem não era boa. Cora mal chegava a seu ombro, os cabelos pretos na altura dos ombros se penduravam livremente sobre seu rosto. Executando um arco simples para Sarah, Cora retornou a sua posição.

Quando Phillip arrastou sua guia novamente, tentou pegar seu olhar para sinalizar uma pergunta para ele, mas ele cuidadosamente evitou seu olhar. Mestre Dominic e ele tiveram várias discordâncias em ambos, em como treinar uma escrava e em como mantê-la — e essa foi a razão por tê-lo convidado esta noite. Parte dele foi fútil o suficiente para querer que Sarah visse como sua vida poderia ser se ele não fosse um cara tão legal.

“Lady Aleshia, esta é minha nova escrava.”

Sarah parou diante da mulher e se curvou como tinha feito com cada um dos homens. Como os Mestres, ela estava simplesmente vestida com jeans e uma camisa casual, mas Sarah podia facilmente imaginá-la em látex, botas de coxa alta e tudo mais. A unha vermelha polida cintilava na ponta dos dedos, enquanto ela brincava preguiçosamente com o cabelo do escravo.

“E este é meu escravo, Anton.”

Anton subiu... E subiu... E subiu. Os olhos de Sarah viajaram para cima, e para cima enquanto o escravo se erguia sobre ela. O homem deveria ter pelo menos dois metros! Ela não tinha idéia do quão alto os outros mestres eram, desde que permaneceram sentados. Olhando de um lado para outro entre Phillip e o escravo, percebeu que ele tinha vários centímetros a



mais que seu próprio mestre. Viu que ele também usava um colar de couro simples que ficava bastante atraente nele.

O escravo se abaixou e beijou a bochecha oposta que Jill tinha dado boas-vindas. Como os outros escravos, não falou, mas quando se afastou, sorriu e covinhas agraciaram suas bochechas. Apesar da mordaca em sua boca, Sarah se encontrou respondendo a seu sorriso com um dos seus.

Um pouco de sua tensão se dissipou quando Phillip puxou novamente em sua guia, levando-a para jaula. Levemente foi para dentro, virando-se para frente. Phillip fechou a porta e girou a chave.

Para um momento, Sarah relaxou. Ela fez isso. Tinha cruzado a sala e entrado na jaula onde esperava permanecer o resto da noite. Nada a fazer, e com a mordaca na boca, nada a dizer. Nenhum jeito de estragar as coisas. Silenciosamente, ela suspirou.

Seu alívio durou pouco. Phillip não tinha terminado ainda. Queria ela em exibição — toda ela. Abaixando-se ao lado da jaula, ele a alcançou e pegou seu tornozelo, arrastando-o delicadamente. Trocou seu peso em confusão — o que ele estava fazendo? Seu tornozelo tocou no ferro frio das barras e enviou um calafrio através dela quando ouviu o familiar ‘snick’. Travada no lugar, suas pernas foram espalhadas um pouco, e de repente percebeu sua intenção.

Não havia forma de lhe dizer não, implorá-lo para não mostrá-la a todas essas pessoas. Suas mãos estavam em sua outra perna agora e ela a moveu mais por um hábito de obediência do que desejo de fazer isso. Seus tornozelos, presos no lugar, espalharam-na, e o odor de seu sexo subiu e encheu seu nariz. Todos sabiam!

Desesperadamente tentou vê-lo para deixá-lo saber com os olhos, mas ele havia desaparecido atrás dela. Sentiu suas mãos em volta de seus pulsos quando os puxou para trás para firmá-los contra as barras traseiras da jaula. Ainda que levemente, foi puxada fora de equilíbrio, os braços forçando os seios nos confins de seu sutiã aberto. Apesar de si mesma, sabia que seus mamilos se endureceram ainda mais enquanto mais sucros se reuniam nas dobras entre suas pernas. Não! Ela não queria se mostrar para todos estes estranhos!

Vindo à sua frente agora, ele a alcançou e pegou sua trela. “Você está fazendo bem, escrava,” murmurou somente para que ela ouvisse. Drapejando a trela em umas das



transversais, deixou-a balançando fora da gaiola. Indo até a parede, sua mão deslizou sobre o interruptor, mergulhando a sala na escuridão. Com exceção das luzes focadas em sua jaula.

Lágrimas se formaram em seus olhos na humilhação. Como ele podia fazer isso com ela? Como tinha coragem de exibi-la tão abertamente, tão cruelmente? Cada parte dela queria bater as pernas fechadas e se contorcer em suas ligações, os olhos implorando pela libertação.

Ele não lhe deu isso. Na luz suave de cima, sua beleza era incrível. Era uma beleza que ela nem percebia que tinha, mas ele a ensinaria. Queria ensiná-la o tanto que ainda tinha para descobrir sobre si mesma. Pacientemente esperou, assim como todos os outros. Todos sabiam que, se ela fosse uma verdadeira submissa, seria apenas uma questão de tempo.

Ela queria vê-lo — queria olhar em seus olhos e saber que tinha pena dela. Mas ele ficou na escuridão, enquanto o clarão das luzes brilhava sobre ela. Seus mamilos se destacavam na luz brilhante contra o escuro tecido que os cercavam. Lá embaixo, seu monte brilhava com suor; As meias pretas focavam a atenção em seu sexo. Ninguém falou, mas ela não conseguia ignorar sua presença — uma mudança aqui, um pequeno ruído ali. Ela sabia que a observavam. Um gemido lhe escapou e ela se contorceu nas ligações. Querendo se esconder, puxou para se soltar para que eles não pudessem vê-la. Se ao menos ele desligasse as luzes.

Sua luta cresceu selvagem enquanto suas emoções beiravam o pânico; tentou se convencer de que não queria isso, mesmo com a evidência elevada que seu corpo fazia. Não podia querer isso. Ao querer ficar nua na frente das pessoas dizia todo tipo de coisas sobre ela. Coisas que não queria admitir. Coisas que deveria se envergonhar. Então, por que ser colocada em exibição a deixava tão excitada?

A trela caiu da porta e seu peso súbito em sua coleira a trouxe bruscamente. O colar. Era seu colar. Ancorou sua mente e as lutas diminuíram. Ele a tinha chamado de sua puta uma vez antes. Não ‘uma’ puta — mas ‘sua’ puta. Sua escrava. Sua para fazer o que quisesse. Para ser colocada em exibição diante de seus amigos, se assim o desejasse. Tinha lhe dado esse direito quando aceitou seu colar esta noite. Tinha lhe dado o controle.

A luta de Sarah parou. Baba havia caído sobre seus seios, deixando raias mais escuras contra o tecido preto. Várias mechas de cabelo se soltaram e caíam em seus olhos. Lágrimas



riscavam seu rosto, mas não caíam mais agora que aceitava seu lugar. Lentamente, com grande esforço a princípio, então com mais garantia, levantou a cabeça e segurou seu queixo alto.

Phillip sorriu e seu coração disparou. Curvando-se, acendeu uma vela e passou a luz da vela pelas velas em torno do quarto, enquanto os outros se juntaram a ele para espalhar o brilho. Todos os mestres expressando suas felicitações.

Ele falou em voz baixa com Mestre William e Sarah viu Jill subir e sair da sala. Retornou um momento depois com uma pequena toalha e se aproximou da jaula. Habilmente alcançou entre as barras e limpou a baba do queixo, pescoço e seios de Sarah. Sorrindo seu agradecimento, Sarah a viu passar a toalha para Phillip e voltar para seu assento.

Tendo as velas acesas ficou um pouco mais fácil ser o centro das atenções. Ainda era a coisa mais iluminada da sala, sem dúvidas, mas não mais o único ponto de atenção. Phillip agora pegou as bandejas de vegetais que tinha preparado anteriormente e Sarah os observou, comportando-se como se fosse uma reunião perfeitamente normal entre pessoas perfeitamente normais, que por acaso tinha uma mulher seminua acorrentada em uma jaula como decoração.

Depois de um tempo, seus músculos começaram a crescer cansados, mas ela não podia se mover para lhes dar descanso. Pensou em gemer para chamar a atenção de Phillip, mas isso colocaria a atenção sobre ela novamente, e não estava preparada para isso. Até agora, era apenas o objeto de alguns olhares de vez em quando enquanto eles falavam de coisas normais que se falava em uma reunião de amigos.

Com exceção de Cora. Os olhos da escrava nunca olhavam para cima, nunca se afastavam do chão. Os outros dois escravos, Jill e Anton tomaram parte na conversa, embora Sarah notasse que sempre retardavam por seus respectivos 'donos'. Na verdade, quanto mais observava, mais aprendia sobre como os escravos se comportavam — e como cada mestre, aparentemente, tinha diferentes expectativas.

A atenção de Anton se focava em sua Mistress. Ela nunca tinha que solicitar reabastecer sua bebida, nunca tinha que pedir os legumes ou queijo e biscoitos para serem passados para ela. Anton antecipava suas necessidades perfeitamente e sempre os tinha prontos antes que Sarah sequer soubesse que a Mistress os queria. Cada vez que a servia, seus olhos brilhavam



com um olhar feliz e Sarah entendeu que havia uma grande dose de amor e respeito naquela relação.

Mestre William e Jill também mostrava amor um pelo outro, mas era mais alto e mais ruidoso que Lady Aleshia e Anton. 'Will e Jill', como Phillip os chamava, riam frequentemente e Sarah notou que Mestre William normalmente tinha que dizer a sua escrava o que queria. Ela o provocava e ele brincando beliscava seu braço, no qual ela guinchava um grito de dor, obviamente falso. Então os dois riam como se fosse divertido e engraçado. Muitas vezes Sarah sorriu em volta da mordada. Uma mordada que estava começando a irritá-la.

Cora e Mestre Dominic não pareciam apreciar um ao outro muito. A maior parte do tempo ele não participou da discussão, ao invés, sentou-se de lado, uma carranca permanente no rosto. Quando quis uma bebida, puxou na corrente de Cora e empurrou o copo para ela. Submissamente ela executou sua tarefa, voltando novamente a ajoelhar-se rigidamente ao seu lado. Sem esboçar um sorriso a noite inteira.

Phillip vigiou Sarah, sem ser óbvio sobre isso. Manteve o rosto principalmente nas sombras, enquanto a conversa se tornava cada vez mais de natureza sexual. Esse era o curso habitual para estas noites. Primeiro, passavam algum tempo recuperando o atraso, então relembrando, e então jogando. Já tinha falado com Will e Lady Aleshia sobre que tipo de jogo queria para noite — contava com que Mestre Dominic sáísse mais cedo.

E não ficou desapontado. Sarah estava cansada em sua jaula e Phillip precisava tomá-la logo. Mas detestava fazê-lo enquanto Dominic estivesse ali. Após algumas palavras de despedida, o mestre repugento puxou a trela de sua escrava e partiu.

Sarah pôde sentir o suspiro coletivo na sala. Ninguém comentou nada, não houve nenhuma fofoca sobre ele de qualquer um dos escravos restantes ou seus donos. Ela se espantou, porque se sua boca estivesse livre, certamente ela teria tido um ou dois comentário a fazer.

Ela viu, porém, alguns sorrisos muito maus entre todos eles. Com um estiramento longo, Mestre William se levantou. "Escrava, o que ainda está fazendo em suas roupas?" Seu sorriso desmentia a severidade de sua voz.





“Mil perdões, Mestre,” Jill respondeu, tirando o suéter com um movimento. Ela era amplamente dotada e Sarah tentou não olhar como a mulher, com absolutamente nenhuma timidez se levantou e tirou sua calça, calcinha e tudo mais. Uma torção rápida e o sutiã estavam com o resto de suas roupas e Jill ficou diante de todos nua e completamente à vontade.

“Tem alguma corda?” Mestre William perguntou a Phillip.

“Algumas,” O Mestre de Sarah sorriu. Empurrou a cabeça em direção ao calabouço. “Se você me seguir...”

Will voltou-se para sua escrava. “Fique.” Havia um brilho em seus olhos e Sarah viu o riso no rosto de Jill quando caiu no chão em uma posição de servidão, que durou até seu mestre virar a esquina.

Lady Aleshia se estirou e Anton estava ali mesmo para cuidar dela. “Parece que meu escravo é o único escravo que resta na sala ainda vestido,” ela ronronou.

Ele sorriu, suas covinhas como sombras escuras na luz das velas. “Com sua permissão, minha Senhora...” Sua voz era como veludo profundo, e Sarah sorriram atrás da mordança.

Sua Senhora assentiu e Sarah assistiu, fixamente, quando o escravo alto lentamente descascou sua camisa revelando seu belo peitoral musculoso que tinha escondido. Seus músculos ondularam a luz das velas enquanto se virava para todos verem, embora sua própria atenção manteve-se focada em sua Senhora.

Enfrentando-a novamente, desfez o fecho do cinto, deixando-o permanecer nas alças das calças. Ele agora sacudiu o polegar contra o fecho no topo da calça e a puxou aberta. Nunca olhando para qualquer lugar, mas em sua Senhora, abriu o zíper e as deixou cair.

Sarah esqueceu e se esforçou para vê-lo, mas suas ligações a deixaram pouco e a lembrou de sua posição como exibição. Com Anton de frente para Lady Aleshia, Sarah só conseguia ver sua bunda — e que bunda magnífica era. Apenas uma vez antes tinha visto um traseiro tão lindamente formado, e ele tinha sido feito de mármore. Até mesmo o de seu próprio mestre, maravilhoso como era não se comparava a obra-prima que estava diante dela agora.

“Vire-se.”

Anton girou e Sarah prendeu a respiração. As velas lançavam seus raios suavemente sobre sua beleza. Com um fio de cabelo preto que se enrolava ao redor de sua orelha, os





músculos rígidos de seu peito e coxas, sua bunda perfeita e seu pau grosso agora descansando à vontade, ele era um modelo de DaVinci vindo à vida. Um suave gemido escapou da mordança de Sarah e Lady Aleshia sorriu.

Phillip e Mestre William entraram justamente naquele momento e Sarah quase saltou e sua respiração voltou em uma corrida. Seu Mestre conseguiria ver a culpa em seus olhos?

Mas não parecia estar prestando atenção nela, enquanto limpava a mesa de café de seu conteúdo. Se soubesse que Phillip tinha visto cada movimento seu, teria ficado chocada e consternada.

Phillip teve que virar as costas para ela momentaneamente enquanto limpava as bandejas da pequena mesa. Na verdade, tudo isso tinha sido cuidadosamente orquestrado entre ele e os membros dominantes do grupo muito antes de qualquer de seus convidados chegarem esta noite. Por causa das luzes que incidiam sobre a jaula, Phillip sabia que ela não conseguia ver muito além do centro da sala. Ir buscar a corda tinha sido uma artimanha para conseguir os dois fora da sala, assim Anton poderia se apresentar. Phillip a tinha observado do outro lado e viu a luxúria se formando em seus olhos.

Agora apertou o interruptor de parede que controlava as luzes, lentamente diminuindo-as até que só cintilavam, fazendo sua pele brilhar contra a escuridão do sutiã e meias, as barras de ferro da jaula fazendo sombras escuras em sua figura. Segurando uma das beiradas da mesa de café, fez um gesto para Will pegar o outro lado e a moveram para o centro da sala, bem em frente à jaula, onde Sarah teria uma visão clara do que estava para acontecer.

Era um pedaço resistente de mobília. Phillip tinha comprado quando mobiliário de pinho pesado em um estilo de falso colonial era a última moda. Exceto que este era carvalho — muito mais adequado a seu temperamento. Pinho era muito macio uma madeira que arranhava facilmente. Queria algo mais resistente, algo que poderia levar um pouco de batida. Seu gosto em móveis era semelhante a seu gosto por mulheres, ele percebeu com um sorriso. Com um sólido carvalho em cima e quatro pilares sólidos de carvalho para os pés, juntaram-se debaixo de outro nível sólido de carvalho para uma prateleira, esta mesa era o epítome da resistência.

A mesa corretamente posicionada, Phillip acenou para Will, que segurava vários comprimentos de corda na mão. “Sobre a mesa, escrava, as mãos sobre a cabeça.” Sua voz



estava um pouco rouca e Sarah percebeu desde o começo que ele não estava brincando agora. Havia uma seriedade em sua maneira que não seria tolerada nenhuma desobediência.

Jill sentou-se à mesa imediatamente, seu bumbum perto de um dos lados. Deitou no comprimento da mesa e esticou os braços acima da cabeça sem um pinga de embaraço. Mestre William passou vários minutos amarrando primeiro um pulso, então o outro nos pés espessos de carvalho em uma extremidade da mesa.

Seus joelhos foram dobrados em cima — a mesa não era longa o suficiente para tomar sua forma inteira prostrada. Sarah viu que os mamilos da mulher estavam duros e redondos à luz das velas enquanto obedecia aos comandos de seu mestre. Mestre William passou entre a jaula e a mesa, mas ignorou Sarah, dando atenção para sua própria escrava ao invés.

Segurando-a pelas nádegas, Mestre William puxou Jill abaixo da mesa até que seus braços estavam esticados até onde podiam ir. Seu corpo ficou parado com sua boceta equilibrada bem na beirada. Dobrando suas pernas para debaixo, amarrou-as nos dois pés grossos da mesa, tomando seu tempo, abriu suas pernas para que suas partes íntimas ficassem descobertas para a sala.

A ingestão de ar de Sarah estava tranquila, mas Phillip a ouviu. Recuando de volta para as sombras, observou sua escrava enquanto os outros faziam seu show para ela. Muitas vezes se juntara a estes quatro quando simplesmente se reuniam para fazer coisas mundanas — sair para jantar, ver um filme, ir ao boliche. Mas muito mais vezes se reuniram como estavam agora: Dois Mestres, uma Mistress e seus escravos. Já fazia bastante tempo desde que Phillip teve uma escrava sua própria...

Jill estava completamente presa agora e poderia fazer pouco mais do que se contorcer no tampo da mesa. Will terminou os nós em seus tornozelos e agora se ajoelhava a seu lado — o lado longe de Sarah, que não conseguia tirar os olhos da visão diante dela. Impensadamente, seus próprios sucos fluíam livremente, enchendo o espaço entre os lábios, e transbordando para escorrer ao longo de sua coxa.

Mestre William tomou um mamilo em os dedos, apertando-o devagar, deixando a pressão se construir até que forçou um gemido da mulher escrava impotente diante dele.



Rolando-o entre os dedos, certificou-se de que estava bom e duro antes de se virar para Lady Aleshia e assentir.

Recebendo seu sinal, Lady Aleshia ajoelhou-se entre Sarah e Jill, mas sutilmente se angulou assim a visão de Sarah não seria bloqueada. Agora a Mistress se debruçou e lambeu o outro mamilo de Jill, chupando-o suavemente em sua boca. Mestre William se debruçou e fez o mesmo no outro lado.

A respiração de Sarah ficou rasa e rápida. Podia se imaginar naquela mesa e os dois a trabalhando do mesmo jeito. Seu lado sensato e racional gritou em seu ouvido, mas veio através de seu desejo como apenas uma voz minúscula: *‘Não, isto é errado, você não deve querer estar em exibição, não deve querer ter outros a tocando.’* Os gemidos de Jill ficaram mais altos quando Lady Aleshia tomou o mamilo entre os dentes e os puxou, esticando o seio rechonchudo até a escrava clamar. Presa na cena diante dela, a pouca voz de Sarah foi abafada. Na escuridão, ela não viu o sorriso de Phillip.

“Você é minha, escrava,” disse Mestre William quase amassando o seio de Jill. “Seu corpo é meu para jogar — e se eu escolher deixar outros jogar com você, então esta é minha escolha, não é, escrava?”

“Sim, Mestre,” Jill respirou, “sim, é sua escolha.”

Sarah podia ouvir o desejo em sua voz. A mulher queria que eles jogassem com ela, e Sarah se viu querendo vê-los jogarem com ela. Se Phillip tivesse tentado levá-la embora agora, teria lutado tão duro para permanecer como antes tinha lutado para ser libertada.

“Meu escravo é particularmente bom com o flogger,” Lady Aleshia disse casualmente.

“Assim você mencionou antes, Lady,” disse Will, como se estivessem discutindo a receita de pão do amigo. “Gostaria muito de vê-lo demonstrar, se você não se importar?”

“Claro que não.” A Lady se inclinou sobre os calcanhares e gesticulou para seu escravo. “Phillip? Pode nos emprestar um flogger?”

Seu mestre se moveu de volta para luz e o coração de Sarah bateu forte. Oh, quão bonito ele parecia na luz suave — quão bonito ele parecia em qualquer luz, aliás. Mas agora, a vela jogou uma sombra sobre suas características quando deu outro passo e, por um instante,



seu rosto mudou; E ela viu o animal que se escondia dentro. Faminto ele parecia, lascivo. Sabia como era estar no lado receptor desse animal, e queria vê-lo novamente.

“Claro, Lady Aleshia. Mande seu escravo me seguir.”

“Escravo — Mestre Phillip tem muitos brinquedos de onde escolher. Vá com ele agora e volte com o flogger que você achar melhor para usar nesta escrava necessitada.”

Embora ambos estivessem sentados em cada lado da mesa, com a mulher estendida entre eles, escolheram agora ignorá-la enquanto esperavam. Discutiram coisas pequenas e Sarah quis gritar em frustração. Como podiam fazer isso com ela? Levar aquela mulher tão longe, e então, deixá-la lá como se fosse... Como se fosse... Sua mente completou a frase: como se fosse um brinquedo para seu prazer. Como se seu corpo fosse apenas um brinquedo. Será que nunca aprenderia?

Phillip liderou o caminho de volta para o quarto e Anton segurava um flogger bastante longo em sua mão. Era um que seu próprio Mestre ainda não tinha usado nela — as caldas eram finas e Phillip tinha lhe dito que poderia embalar bem uma picada.

Os olhos de Mestre William brilharam maliciosamente quando viu a escolha de Anton. Recuando, recostou-se no sofá e fora do caminho. Lady Aleshia juntou-se a ele e os dois assistiram Anton ir trabalhar.

Primeiro, o escravo apenas andou em volta da mulher amarrada, deixando as caldas do flogger atropelar seu corpo. Ninguém ainda a tinha tocado entre as pernas, mas agora quando passou o flogger pelos lábios de sua boceta, as pontas brilharam com seus sucos. Sarah ficou hipnotizada pelo caminho de líquido deixado pelo flogger quando arrastou sua carga até o corpo da mulher.

Com um estalo que fez Sarah saltar e a escrava clamar, Anton sacudiu o flogger para aterrissar seu primeiro golpe em seus seios. Então arrastou a calda um pouco, e a sacudiu novamente aterrissando o golpe no centro dos mamilos sensíveis de Jill. Ela arqueou as costas, seus seios se avermelhando sob as picadas do flogger.

Agora ele começou um ritmo, repetidas vezes, aterrissou o flogger em seus seios, seu estômago, suas coxas — em todos os lugares, menos sua boceta. Incessantemente levantou e



abaixou seu instrumento de tortura até que todo corpo dela estava rosa. As lágrimas corriam dos olhos de Jill no tormento doce e ela gemia cada vez mais.

Anton parou e olhou para Mestre William, que levantou a mão. Anton descansou seu braço em seu lado e Phillip se aproximaram agora, segurando um copo de gelo. Ajoelhado ao lado da mulher fungando, pegou um cubo de gelo e o deslizou em volta de seus lábios. A língua de Jill sacudiu para fora, lambendo a água e Phillip a deixou chupar o cubo um momento enquanto o segurava.

Ciente de que sua boca não estava mais seca, ele removeu o gelo, arrastando-o abaixo ao longo do queixo para seu pescoço, deixando-o descansar um momento no oco da garganta antes de continuar a arrastá-lo para os seios doloridos. Voltas e voltas, movendo o cubo de gelo, fazendo uma figura oito entre os seios enquanto o gelo trazia alívio e dor de tipos diferentes.

O cubo de gelo diminuiu, e ele deixou o pequeno pedaço ficar no mergulho criado pelo umbigo de Jill. Levantando-se, deu um pequeno arco para Mestre William que acenou para Anton continuar.

Sarah sabia o que estava por vir, estava preparada para isso. E ainda o grito repentino da escrava e a forma como arqueou as costas pegaram Sarah de surpresa. O golpe suave de Anton havia caído diretamente na boceta da escrava e, obviamente, tinha enviado uma onda de prazer atravessando o corpo da mulher.

Mais uma vez ele deixou cair o flogger, e Phillip podia ver os lábios da boceta de Sarah, inchados de desejo, subir para atender ao golpe. E quando a escrava na mesa se contorceu, Sarah inconscientemente repetiu o movimento.

“Oh, por favor, Mestre,” Jill choramingou. “Por favor, deixe-me gozar.” E Sarah também pediu a liberação com os olhos.

Mestre William sinalizou para Anton para mais um golpe — um mais duro ainda do que tinha dado naquela parte delicada do corpo. Ele o aterrisou e Jill gritou.

“Agora, escravo, tome-a.”

Anton olhou para sua Mistress para permissão e a recebeu. Ajoelhando-se entre as pernas de Jill, equilibrou o pênis em sua abertura. Sarah não havia percebido o quão duro o espancamento o havia feito, mas seu pau grosso estava certamente pronto. Ela quase podia vê-



lo pulsando à luz das velas. Equilibrando-se, segurou os quadris da escrava companheira, e se dirigiu nela em uma estocada poderosa.

O gemido de Sarah em sua mordaca ecoou de Jill. Oh, como ela queria ser única naquela mesa! Repetidas vezes, seus quadris se moveram no tempo com as punhaladas de Anton, quando ele repetidamente tomou o corpo impotente de Jill. E quando Jill clamou em seu orgasmo, Sarah gemeu com ela, seu próprio corpo clamando sua necessidade.

Anton gozou em seguida, rasgando seu pau da boceta e deixando seu líquido quente se espalhar na barriga de Jill. Os dois sorriram um para o outro quando o arrebol se estabeleceu sobre eles.

Phillip ajudou Mestre William a remover as ligações de Jill, enquanto Lady Aleshia conseguiu um pano quente e limpou tanto seu próprio escravo quanto Jill. Anton deu a Jill uma mão fora da mesa e os dois escravos foram se ajoelhar diante de seu Mestre e respectiva Lady.

“Você fez bem, minha pequena escrava,” Sarah ouviu Mestre William dizer a Jill. “Deve me servir mais tarde, quando formos para casa. No momento, ouvi que há bolo de queijo!”

A tensão sexual na sala desapareceu quando todos riram e se viraram para Phillip, que sorriu e se aproximou da jaula. Pela primeira vez desde que a tinha colocado lá, se dirigiu a ela.

“Pronto para sair daí, escrava?”

Ela assentiu, sua mente ainda girando com a cena incrível que tinha acabado de presenciar. Seus próprios sucos fluindo livremente, se aderindo nos lados de suas coxas.

Jill se aproximou com a toalha mais uma vez e novamente secou seu queixo e seios. Sarah sabia que deveria estar envergonhada de ter outra mulher a tocando lá, mas depois do que tinha acabado de ver, tinha pouco espaço para o embaraço.

Lady Aleshia agora se aproximou e, alcançando atrás da cabeça de Sarah, desbloqueou e removeu a mordaca. Jill lhe ofereceu um copo com água, e Sarah o aceitou avidamente.

As duas mulheres se afastaram e Mestre William circulou ao redor para destrancar um tornozelo. Sarah estava ciente que em tal posição ajoelhada, ele tinha uma visão clara de sua boceta super-excitada. Um puxão em seu outro tornozelo levou o pensamento de sua mente quando olhou para baixo e viu Anton sorrindo de seu outro lado.



Ela flexionou cada tornozelo enquanto Mestre William se movia atrás dela para soltar seus pulsos da jaula, então os liberou um do outro. Pela primeira vez desde chegou, tinha total liberdade de movimentos. Bem, quase total, ela ainda estava na jaula.

Então Phillip veio diante dela, os outros foram para os lados, observando. Sarah tragou dura quando de repente percebeu que era, mais uma vez, o centro das atenções. Depois do que havia acabado de presenciar, a jaula, de repente, era um lugar seguro para estar, e ela não estava certo se queria deixá-la.

Phillip viu a incerteza em seus olhos e tomou seu tempo com a fechadura. Ela fez muito bem durante toda noite e seu coração batia forte, sabendo que tinha caído o resto do caminho no amor por ela esta noite. Então, parecia tão desamparada, tão assustada — e ainda, tinha deixado o lado desenfreado de seu ser exposto quando Anton tomou Jill diate de seus olhos. Ele então soube que ela era o que tinha procurado.

Abrindo a porta, estendeu sua mão, esperando que ela colocasse a dela sobre a sua. Mas ao invés, ela levantou a trela e a deixou em sua mão. Seus olhos se encontraram, e ele não conseguiu falar. Ela teria percebido o que tinha acabado de fazer?

Ela fez. Enquanto ele se demorava com a fechadura, dando-lhe tempo, Sarah o observou, e finalmente entendeu o que ele queria dela. Tinha visto esta noite na forma como os outros escravos serviam com todo o coração, e queria dar sua servidão a ele. Sua mão tinha se estendido para ela em um gesto de paz e, sem hesitação, tinha colocado a trela, seu símbolo de subserviência e escravidão, na palma de sua mão.

Sarah saiu da jaula, os olhos bloqueados em Phillip enquanto ele gentilmente segurava a trela na mão. Sentia-se tão forte, tão confiante, tão confortável com ele, seu estado seminu não era mais um problema. Ele gesticulou para os outros e se virou para enfrentá-los, desbloqueada pela primeira vez naquela noite.

“Sarah, eu gostaria que conhecesse meus amigos.” Acenou e a Mistress avançou, um sorriso de boas-vindas no rosto. “Lady Aleshia,” Phillip anunciou como se Sarah estivesse conhecendo-a pela primeira vez.

E de certa forma era, Sarah percebeu quando a Mistress tomou suas mãos e beijou cada bochecha. Ela não era a mesma Sarah Jackson-Parker de pé aqui agora que ela era quando saiu





do quarto mais cedo esta noite. Definitivamente houve uma mudança dentro dela. Sentia-se maior, expandida — como se todo o mundo, mal pudesse conter o seu ser.

Como Mestre, foi à vez de Will ao lado e ele também tomou a nova escrava pelas mãos, apertando-as em boas-vindas enquanto beijava suas bochechas. Os olhos de Sarah estavam radiantes, rejuvenescidos. Lembrou-se do momento quando ele viu a mudança acontecer com Jill. Naquele momento Jill tinha se tornado o amor de sua vida. Phillip tinha acabado de achar o dele.

Jill e Anton avançaram para frente juntos, colocando os braços em volta dela e lhe dando um abraço enorme. Riso brotou dentro dela; Sua alegria era grande demais para ser contida. Tinha passado por um teste importante, e uma grande barreira havia caído. Não conseguia para de rir no abraço dos outros dois, quando os três se abraçaram, todos vestindo pouca ou nenhuma roupa que seja.

Agora Phillip se virou para Sarah, sua própria alegria transbordando em um sorriso que dividia seu rosto, aprofundando suas covinhas. “Eu te amo, Sarah-minha-escrava.” Seus olhos se tornaram mais sérios em sua admissão pública. “Vou te amar para sempre.”

Seu coração ficou preso na garganta. Suas lágrimas de riso ameaçando se derramar com as lágrimas de pura alegria “Eu te amo, Phillip-meu-Mestre. E vou te amar para sempre.”

Seu beijo foi profundo e apaixonado. A sala se desbotou e Sarah sentia apenas o gosto dos lábios de Phillip, sentia apenas o calor de seus braços quando a cercaram. O cheiro de Sarah encheu a mente de Phillip quando sua língua avidamente entrelaçou com a sua e ele esqueceu seus convidados enquanto se deliciava no abraço da mulher que amava.

Um pigarrear de garganta, eventualmente trouxe ambos de volta para uma realidade mais ampla. A voz de Phillip estava rouca de emoção quando sua mão alcançou e agarrou a trela de Sarah onde se conectava a seu colar. Possessivamente, o segurou e rosnou para ela, “Meus convidados estão com fome, escrava. Alimente-os com o bolo de queijo.”

Ela começou a rir e a paixão do momento se acalmou para um sentimento geral de bem-estar. Ele a levou para cozinha, com os outros os seguindo à sua maneira. Foi breve, mas um trabalho cuidadoso para cortar o bolo e o servir. Phillip teve bastante provocação dos outros por



usar fio dental para cortá-lo. Mas mostrou a Sarah o quão facilmente o fio deslizava através do bolo e fazia pedaços limpos e com bordas nítidas.

Com os pedaços já cortados, ela pegou dois pratos e os levou para mesa onde os outros já tinham puxado as cadeiras. Mordendo o lábio, não tinha certeza do protocolo para servi-los. Mas Jill a salvou. “Primeiro você serve para Mestre William e Lady Aleshia, porque estão acima de nós. Às vezes você pode servir so escravo, que então, por sua vez, serve seu próprio mestre. Mas somos um grupo informal — dê esses dois pedaços para o Mestre e Senhora.”

Sarah assentiu um obrigado e notou que o rosto de Will se irradiou com orgulho das instruções de Jill. Sentiu um sorriso de resposta quando reconheceu o laço entre eles. Era o mesmo laço que agora sentia entre ela e Phillip.

Voltando para conseguir mais pratos, Sarah olhou o relógio, então parou surpresa. Imaginara que tinha ficado na jaula cerca de quatro horas — mas pelo relógio, tinha sido um pouco mais de duas. Seus olhos se fixaram no relógio como se seu olhar pudesse fazê-lo refletir sua realidade, em vez de todos os outros. Quando Phillip lhe entregou mais dois pratos, ela adicionou um terceiro, levando o seu prato, como também para os outros dois escravos antes de voltar à cozinha uma última vez para si própria. Olhando para o relógio traidor, pegou seu pedaço de sobremesa e tomou a última cadeira à mesa. A conversa descia e fluía, tanto quanto tinha acontecido com seus amigos na noite anterior.

Mas teve que reprimir uma risadinha na comparação. Se aqueles amigos pudessem vê-la agora, sentada aqui, praticamente nua, com um homem nu e uma mulher nua também sentada à mesa, conversando como se fosse a coisa mais normal do mundo... Bem, simplesmente não acreditariam. Uma imagem breve de Beth na cadeira de Lady Aleshia com Paul tomando o lugar de Anton passou por sua mente e, novamente, descartou-a como sendo apenas muito idiota.

Ela comeu seu bolo de queijo com mordidas muito pequenas. Sua mandíbula estava bastante dolorida por usar a mordaca por tanto tempo e cada bocado a lembrava de sua posição. Achava que era uma dor que gostava de saborear.

A noite cresceu tarde e finalmente chegou a hora de se despedir. Will e um Anton agora-vestido ajudaram Phillip a levar a jaula pesada de volta para o calabouço enquanto Jill, Sarah e



Lady Aleshia colocavam os móveis de volta no lugar. Terminado, as três inspecionaram a sala e Sarah aventurou uma pergunta.

“É permitido eu fazer perguntas a vocês?” Começou timidamente.

Lady Aleshia parecia intrigada. “Claro. Espero que tenha muitas perguntas.”

Sarah sorriu timidamente. “Muitas até para colocar em palavras, eu acho. Mas apenas uma por agora.”

As duas mulheres sorriram para ela e Sarah tomou coragem. “O que aconteceu aqui esta noite... Acontece todas as vezes que se reúnem?”

Lady Aleshia riu, uma risada profunda e rica, que não zombava, mas sim, entendia. “Geralmente planejamos algo do tipo uma vez por mês. Outras vezes, fazemos atividades mais mundanas. Phillip não tinha se juntado a nós por cerca de um mês, uma vez que sua atenção estava em outro lugar.”

Sarah corou quando entendeu o significado da mulher. “Não tive a intenção de afastá-lo de vocês,” gaguejou.

A risada da Lady suavizou para um sorriso. “Talvez você não tenha tido a intenção, mas vejo que valeu a pena o tempo gasto.” A alegria desapareceu de seus olhos e ela segurou Sarah em seu olhar. “Você o fará um bom escravo, Sarah. Ele não ama facilmente. Em todos os anos que o conheço, e tem sido muitos, ele nunca deu seu coração. Nem uma vez. Não até esta noite. Você o trata bem.”

Havia uma advertência implícita nas palavras da Senhora e Sarah concordou, o seu coração de repente na garganta. O retorno dos homens a salvou de ter que responder.

“Bem, você cuida de seu Mestre, escrava,” Will disse com uma piscadela para deixá-la saber que a tinha aprovado. “O homem precisa de alguém para mantê-lo honrado!”

“Reuniremos-nos algum dia desta semana, só os escravos,” Jill lhe disse. “Sei que você terá um monte de perguntas em um dia ou dois quando o que aconteceu aqui esta noite afundar. Mestre Phillip tem meu número.”

Abraços e beijinhos foram distribuídos ao redor e o quarteto se afastou. A casa de repente cresceu silenciosa em sua ausência. Sarah ajudou Phillip a apagar todas as velas, menos uma. Pegando-a, ele veio até ela e novamente lhe estendeu a mão. Uma pequena excitação o



percorreu quando ela colocou a trela nela. Caladamente, ele seguiu para o quarto onde fixou a vela no criado-mudo.

“Vem cá, minha escrava,” disse suavemente e Sarah se deslizou em seus braços. Respirou profundamente, enchendo seus pulmões com seu cheiro quando a abraçou. Ele aconchegou o nariz em seu cabelo, nunca querendo deixá-la ir. Eles permaneceram entrelaçados em seu próprio mundo por muitas pulsações antes de Sarah quebrar o encanto bocejando.

Ambos riram, foi um riso cansado depois de uma noite longa e bem sucedida. Ele desfez o fecho do sutiã e o removeu. Ela começou a tirar as meias, mas ele colocou a mão na dela. “Deixe-me,” murmurou. “Deixe-me servir minha escrava esta noite.”

Ela sentou na beirada da cama enquanto ele baixava suas meias, acariciando suas pernas e esfregando seus pés doloridos. Os saltos dos sapatos não eram muito altos, mas depois de estarem neles toda noite, seus dedos estavam cansados.

Sua cinta-liga, também, as deslizou, então pegou suas pernas e gentilmente as levantou para cama. Ela o observou enquanto se despia, apagava a vela, e vinha para se juntar a ela.

“Phillip...” ela começou.

“Shhh.” Ele colocou um dedo em seus lábios. “Hoje não. Amanhã será tempo suficiente para questionar. Esta noite há apenas nosso amor.” Beijou-a então, cobrindo sua boca na escuridão. Seu braço a envolveu e ela se derreteu nele, deixando-o levá-la abaixo, embrulhando a perna acima da dele quando o beijo se aprofundou.

Ele a levaria com ternura esta noite, o animal estava dormindo. Lentamente suas mãos se moveram sobre seu corpo, saboreando sua suavidade, suas curvas. Cada parte dela lhe pertencia, e queria tocar cada uma, possui-la novamente, e dar graças por isso. Ela segurou sua cabeça e entrelaçou os dedos em seu cabelo quando se inclinou para beijar seus seios, deixando uma trilha maravilhosa de calor atrás de seus movimentos.

Sua mão separou suas pernas e ela rolou de costas, deixando seus dedos acariciarem as dobras escondidas lá. Seu sexo estava potente das atividades da noite, mas ele o respirou profundamente e seu coração disparou. Era o último adeus ao seu marido falecido, que nunca gostou de seu odor excitado. Por um momento, pensou tê-lo visto de pé na porta, mas piscou e ele se foi. Foi-se completamente, ela percebeu. Ao invés, ela pertencia a Phillip.



A realização exaltou seu desejo — pertencia a ele agora. Antes aquelas tinham sido apenas palavras, mas agora era realidade. Arqueou as costas quando ele entrou, abrindo as pernas mais largas para tomá-lo todo para dentro.

Dentro onde era quente e confortável. Dentro de seu corpo enquanto ele estava dentro de seu coração. Phillip se curvou e a beijou enquanto gozava, assim como tinha feito a primeira noite que fizeram amor. Seus braços o envolveram e ele a segurou em para ele, nunca querendo deixá-la ir. Juntos, montaram as ondas suaves de seus orgasmos, os corpos em um abraço apaixonado.

\* \* \* \* \*

Várias horas depois Phillip acordou gelado pelo ar da noite. Tinha adormecido em cima dela, seu pênis ainda enterrado bem fundo. Mas agora arrepios rastejavam por seus braços e ele se mexeu, descendo até encontrar os cobertores e cobri-los. Ela mal se mexeu e ele percebeu que sua exaustão tinha sido tanto mental quanto física. Esticou-se ao lado dela e sorriu quando se aconchegou contra ele, nem mesmo acordando o suficiente para perceber o que fazia. Embrulhou o braço protetoramente ao redor dela e voltou a dormir.



## Capítulo Onze

### *Perguntas*

Sarah estava tendo um sonho delicioso. O calor se estendia de sua barriga todo o caminho até seu corpo e ia formigar em seus dedos. Rolando na cama, sonhou com uma língua quente lambendo ao longo dos lábios entre suas pernas, e em seu sonho, abriu as pernas bem largas para o estranho sem rosto. Um gemido escapou de seus lábios e foi esse gemido que a despertou.

Não era nenhum sonho. Estava deitada de costas e a cabeça de Phillip subiu para saudá-la, uma covinha nas bochechas e o diabo nos olhos.

“Bom dia,” ele disse alegremente. “Pronta pra levantar? Ou devo continuar?”

“Oh, certamente, continue!” Ela se esticou, levantando os braços acima da cabeça e bocejando em seu estado mal desperto.

“Hmmm.” Ele se escorou em um dos braços e olhou ao longo de seu comprimento. “Parece-me que você esqueceu seus modos, escrava.”

Ela inclinou um olho em sua direção enquanto os dedos dele brincavam com seus lábios — beliscando-os e empurrando-os de lado, mas não a levando, não tocando em seu clitóris. Ela foi ficando cada vez mais acordada e mais excitada com isso. “Por favor, Senhor — por favor, continue?” Sua voz apertou quando os dedos entraram, estirando-a largamente.

“Você gosta disso, minha pequena escrava? E gostou de estar em exibição à noite passada?” Os dedos começaram a se mover dentro e fora, o polegar subindo para circular o clitóris. “Gostou de ser tratada como um pedaço de propriedade?” Os dedos pressionaram profundamente dentro dela. “Minha propriedade?”

Ela ofegou e clamou. “Sim, oh sim, Mestre — gostei muito. Oh, por favor, Senhor... Por favor, me deixe gozar.”



A mão se retirou e ele levou os dedos à boca. Enquanto o observava, ele os lambeu limpos. “Sim, escrava — farei você gozar.” Seu rosto desapareceu e sua língua lambeu profundamente em sua racha, em sua boceta e até seu clitóris, onde fez círculos lentos sobre e ao redor dela, deixando-a louca de desejo. Ela arqueou as costas, as mãos agarrando os lençóis da cama. “Oh, Senhor!! Por favor!”

Ela sentiu o dedo mergulhar em sua boceta, então trilhar abaixo entre as bochechas de sua bunda, arrastando o lubrificante natural toda a distância. O dedo pressionou o buraco, então se empurrou para dentro. Estava tão molhada, que não teve dificuldade para entrar e ele começou a foder seu cu com o dedo enquanto sua língua agora empalava sua boceta.

Com um grito, a tensão dentro explodiu e ela convulsionou quando o orgasmo sacudiu seu corpo. Ele não cedeu, mas manteve a pressão sobre ela, enquanto onda após onda fazia seu corpo dançar para ele.

Seus gritos diminuíram para choramingos e seu corpo se aquietou quando a trouxe para baixo. Ela nem mesmo ficou ciente de quando ele a deixou; Mas quando seus sentidos retornaram, estava coberta e ele no chuveiro.

A primeira visão de Phillip ao reentrar no quarto foi de sua escrava, desenfreadamente deitada com as pernas ainda abertas debaixo das cobertas, sorrindo para ele — um sorriso de felicidade total e completa. Não podia ajudar a si mesmo. Lançando fora o cobertor fino, estendeu-se ao seu lado, segurando o seio em uma mão e possuindo sua boca com a língua.

Ele havia tomado banho, mas ainda não tinha escovado os dentes e ela podia se saborear em seus lábios. O gosto começou a queimar as chamas novamente e ela não conseguia se lembrar de um tempo que tivesse se sentido tão viva. O ar estava mais nítido, o sol mais brilhante, e sentia-se um ser sexual pela primeira vez em sua vida.

Envolvendo os braços em volta dele, o abraçou com força, seu amor por ele explodindo por todos os poros do seu ser. Phillip empurrou-se para olhá-la, seus olhos brilhando enquanto sorria; Haveria um homem tão sortudo quanto ele? Amava-a mais profundamente do que jamais amou antes — e a coisa mais maravilhosa de todas, era que ela o amava de volta.

“Eu te amo, Sarah-minha-escrava.”

“Eu te amo, Phillip-meu-mestre.”





Ela deu uma risadinha quando ele atacou seu pescoço, sua respiração fazendo cócegas. Isso lhe deu idéias e ele correu os dedos sobre seu lado, encontrando os pontos mais sensíveis. Ela guinchou e deixou seus dedos fazerem uma pequena pesquisa nele também. Rindo e dando risadinhas, os dois rolaram em volta da cama, até que desmoronaram um nos braços do outro.

“Trégua!” Phillip declarou e as mãos de Sarah imediatamente mudaram para uma carícia. Escovando o cabelo de seu rosto, ele se debruçou para beijá-la ternamente.

“Oh, Mestre,” ela respirou quando ele se retirou. “Diga-me por que gosto tanto disso. Diga-me por que gosto quando me prende e por que quero que chicoteie meu corpo até ficar rosa. Diga-me por que gostei de estar quase nua e em exibição para estranhos ontem à noite. Diga-me que poder é esse que você tem sobre mim que quero lhe dar tal controle. Estou apaixonada por você, Senhor — e já não tenho quaisquer limites.”

Ele sorriu e alisou seu cabelo. Apoiado em um braço, encostou a cabeça em uma mão e seus dedos se moveram para brincar com seu seio enquanto explicava.

“Não tenho nenhum poder, Sarah. Você os tem todo, não percebeu isso ainda?”

“Você quer dizer, tenho poder porque posso sair a qualquer hora que desejar. Se não quisesse participar ontem à noite, eu poderia ter lhe dito isso antes de colocar a mordaça. Embora não soubesse os detalhes do que estava por vir, certamente você me deu oportunidade o suficiente para fugir.”

“E ainda assim você não fez.” Seu dedo à toa circulou o mamilo. “Por quê?”

Suas bochechas coraram e ela rolou para enfrentá-lo, tentando entender. “Não corri porque nunca me ocorreu. Estava assustada, especialmente quando você me deixou no quarto para recebê-los e deixá-los estabelecidos, e, novamente, uma vez que você desligou todas as luzes exceto as em minha jaula. Isso realmente me irritou.” Seus olhos baixaram. “Sinto muito, não me comportei muito bem, então.”

“Você não precisa se desculpar.” Sua mão tocou seu queixo, erguendo seus olhos para ele. “Toda sua vida você foi condicionada a pensar de uma forma particular. Ao longo das últimas semanas tem explorado alternativas. As duas partes de você estão ligadas, com perdão do trocadilho, lutando de vez em quando.” Sorriu. “E posso ver que lado ganhou.”



“Sim, você soltou meu lado desenfreado...” Seus olhos brilharam quando estendeu a mão para segurar seu pênis mole na mão. “Quero ser muito travessa com você. Quero ser sua escrava sexual.”

Ela tentou não fazer, mas deu uma risadinha de qualquer maneira. Soava tão absurdo quando dito em voz alta — e ainda era o que queria, mais do que qualquer coisa no mundo.

Ele sorriu e a deixou brincar com seu pênis. Na luz do amanhecer, ela parecia muito uma criança ávida para agradar, querendo aprender. E então, aberta e inocente sobre suas próprias necessidades e desejos.

“Você disse que não sabe por que gosta de ser presa quando a tomo. Realmente não sabe?”

“Bem, sei que um psicólogo me diria que tem a ver com o fato de que estou me sentindo culpada por tudo isso — e que sendo amarrada me permite acreditar que minhas ações não estão mais sob meu controle. Tenho que admitir, ao ser amarrada, eu me sinto mais livre para me expressar do que quando não estou amarrada.”

“Mas há mais do que isso, eu acho. Há apenas algo maravilhoso sobre desistir do controle. Há algo sobre lhe dar permissão para me amarrar — sobre confiar em você tão completamente — que realmente me excita. E isto, eu acho, é a verdadeira razão de eu gostar tanto.”

Phillip concordou. “É a razão de eu gostar tanto também. Para mim, a excitação vem quando você se submete. Quando a empurro a passar de onde está confortável e você se submete de qualquer maneira e concorda? Esta é a maior excitação de todas.”

“Posso ver. Só de pensar nisso te fez duro.” A mão de Sarah continuou a acariciar seu pênis, agora crescido para tamanho quase cheio. Ela o olhou, um pedido em seus olhos. “Por favor, Senhor. Deixe-me fazer isso. Deixe-me te agradar e te mostrar o quanto te amo?” Saiu da cama e ajoelhou-se do lado, os mamilos eriçados no ar da manhã.

Ele nem precisou pensar sobre isso. Ela queria servi-lo — queria lhe mostrar seu amor o chupando. Puxou as pernas para o lado da cama e se recostou em suas mãos. “Então me faça gozar, escrava.” Sua voz saiu mais áspera do que ele queria que fosse, pois seu coração estava preso em sua garganta.



Ela entendeu. Sorridente, inclinou-se adiante, tomando seu comprimento em sua boca e parou, lambeu o lado inferior de seu eixo; Deixando uma linha fina e molhada para trás. O ar bateu no ponto molhado e ele cresceu mais duro quando o calor de sua boca contrastou com o ar fresco.

Circulando a ponta, ela desenhou círculos preguiçosos ao redor dele com a língua, olhando-o com olhos ardentes.

“Escrava, o que está fazendo comigo?” Ele sussurrou.

“Brincando com você, meu mestre querido,” ela respondeu inocentemente. “Quer que eu pare?”

Ele gemeu quando a boca cercou apenas a ponta e a língua sacudiu dentro da fenda no final, lambendo o pré-semem que já havia se formado lá. Não conseguia responder e percebeu que ela sabia disso.

Ela sorriu enquanto se retirava, deixando sua mão para esfregar sua pele, sabendo exatamente o que estava fazendo com ele. No momento, tinha lhe dado o controle e ela pretendia usá-lo plenamente. Empurrando seu pau, debruçou-se para lamber suas bolas, chupando primeiro uma, e então a outra, rolando as pedras ao redor de sua boca. E foi recompensada com outro gemido.

“Escrava, você está me atormentando!”

“Sim, Senhor, eu estou.” Deslizou a língua de suas bolas até a ponta, então, abrindo largo, engoliu seu pau, o reflexo de náusea relaxou e seu nariz se enterrou em sua barriga. Segurou-o lá quando seus quadris se empurraram contra ela, pressionando até que ela precisava respirar. Só então a deixou liberá-lo apenas o suficiente para pegar um ar e empalou sua boca nele mais uma vez.

Gemeu sua necessidade, incapaz de formar qualquer palavra. Com pena dele, ela o bombeou, então, sua mão e sua boca lhe trouxeram o lançamento que ansiava.

Gozou com ímpeto. Com estrelas e explosões dentro de seu corpo, seus sucos explodiram em sua garganta. O líquido quente encheu sua boca e ela engoliu seu gozo da mesma forma que engolia seu pau. Espremendo as bolas para ajudá-lo a esvaziar, ajoelhou-se diante dele e aceitou seu presente para ela.



Com os braços trêmulos pela intensidade, Phillip abaixou-se lentamente para a cama enquanto Sarah agora o lambia limpo. Sentiu um pano morno e percebeu que ela o tinha deixado e voltado e ele nem sequer tinha notado. A consciência do mundo retornou para ele.

“Escrava,” chamou, sua voz crua.

Ela estava ao seu lado em um instante. “Sim, Mestre?”

“Você é incrível, escrava.”

Ela sorriu. “Obrigado, Mestre.” Seu sorriso ficou malcriado. “Se meu Mestre não tem mais uso para sua escrava nesse momento particular, então sua escrava gostaria de tomar banho e se preparar para igreja. Ou Mestre esqueceu que é domingo?”

“O mestre não esqueceu, escrava. Vá para o chuveiro.” Ele ficou olhando quando se levantou, sua nudez totalmente natural para ela agora. “Escrava,” chamou quando ela alcançou a porta.

Ela se virou. Ele ainda estava deitando impotente na cama — tinha tomado um monte dele esta manhã e não se sentia culpada nem um pouco. Ele merecia um orgasmo tão maravilhoso — quantos ele tinha lhe dado? Ela faria todos eles tão gloriosos se pudesse.

“Não importa. Tome seu banho.”

Sorridente, ela o deixou para tomar banho e se barbear para ele.

Ele a ouviu cantarolando para si mesma enquanto preparava seu banho, mas nem sequer tentou subir até que a água foi ligada. A mulher o tinha esgotado! Dar-lhe o controle por um tempo era definitivamente algo que teria que fazer de vez em quando. De pé, seguiu para seu armário, abriu e tirou uma pequena caixa. Tinha a intenção de lhe dar esta manhã, mas não era a hora. Não com os dois nus e ele ainda se recuperando de seu orgasmo.

Vestiu-se, e enfiou a caixinha no bolso do terno logo que ela saiu do banheiro. “Vamos, escrava, não há muito tempo!” Advertiu-a, ajudando-a a pegar suas roupas.

O terno azul-marinho estava pendurado no armário e ele percebeu que precisava lhe conseguir algo mais para igreja. Ela tinha usado este três semanas seguidas. Tudo bem quando ele não sabia quanto tempo ela seria sua. Esta semana faria compras novamente. Sorriu quando o puxou e o entregou para ela.

“Por que está sorrindo, Senhor? Parece como se estivesse conspirando algo.”



“E estou, escrava. Sempre. Você sabe disso.” Deitando as roupas sobre a cama, se virou para sair. “Encontro você no carro.”

Ela o olhou com perplexidade. Estava definitivamente conspirando algo, mas não havia tempo para persegui-lo agora. As meias e cinta-liga de ontem à noite iam ter que servir para hoje — as lavaria quando voltassem. Deslizando no sutiã empinado que costumava fazê-la se sentir tão malcriada para igreja, agora parecia confortável — especialmente depois daquele sutiã com buracos da noite anterior.

Vestida, passou pela sala a caminho para porta. Parecia tão normal agora, como sempre tinha sido. Difícil de acreditar nas coisas que aconteceram ali ontem à noite.

E, no entanto, elas tinham. Suas bochechas coraram novamente, fugiu da memória e saiu pela porta.

\* \* \* \* \*

Saudou vários paroquianos pelo nome esta semana e notou pelo menos uma ausência. Sra. Finch e sua filha Emily não estavam entre a congregação hoje. Sarah suspirou e apreciou o serviço.

O clima neste fim de semana tinha dado uma virada decidida para o inverno. As folhas estavam se transformando, mas não exatamente no pico. Depois da igreja, Phillip tomou uma rota diferente da que normalmente usava para ir para casa. “É um belo dia, embora frio para esta época do ano,” explicou. “Pensei que poderíamos dar um passeio.”

Era um belo dia para um meandro pelo campo. As colinas estavam cobertas com bordos e carvalhos cujas folhas faziam as encostas parecerem como se tivessem comprado roupas novas. Explorando uma estrada lateral, Phillip e Sarah encontraram um pequeno lago e decidiram dar a volta, girando e se aventurando pelas estradas ainda menores que bifurcações aqui e ali, sempre mantendo o lago à vista. Um pequeno restaurante tipo-lanchonete abraçava a margem do lago e Phillip parou nele. “Faminta?”

“Absolutamente!”



Como sempre, ela esperou enquanto ele vinha ao redor para abrir sua porta, tomando sua mão para puxá-la para fora. O cascalho era irregular sob seus pés e ela segurou seu braço agradecido enquanto cruzaram para porta do restaurante.

O interior era o de uma típica lanchonete a beira do lago — muitas redes e peixes falsos nas paredes. Mas as mesas eram limpas e a vista era linda. A temporada de verão estava praticamente terminada, então os colonos tinham ido para casa, a garçonete explicou. Iriam, eles mesmos, estar abertos só mais alguns fins de semana antes de fechar para o inverno. A varanda para o jantar já estava fechada.

Eles não se importaram de sentar perto da grande janela. Lá fora, o cais espalhava seus dedos no lago — a maior parte das baías vazias agora. Com a mudança das folhas, o panorama era bonito no lago ainda, e ambos se encontraram puxando seus olhares de volta para vista uma e outra vez enquanto comiam.

Phillip pagou a conta e perguntou à garçonete se estaria tudo bem se dessem um passeio pelas docas.

“Claro. Mas está frio lá fora. O vento corre por todo lago.”

Agradecendo-lhe, ambos escaparam por uma saída lateral e lentamente fizeram seu caminho ao longo do cais. Sarah não ficou surpresa ao descobrir que Phillip era conhecedor de barcos — e tinha possuído vários deles no passado.

“Sim,” ela disse em resposta a sua pergunta. “Fui algumas vezes para água, mas nunca em qualquer coisa diferente da lancha de dezesseis pés do meu tio. E então nós só subíamos e descíamos o canal.”

Seu braço estava em volta de sua cintura quando chegaram ao final da doca, olhando sobre a água. “Vou levá-la para velejar então, algum dia. Minha escrava gostaria de estar na água, tripulando para mim?”

Ela sorriu para ele. “Phillip-meu-mestre, eu adoraria tripular para você qualquer hora que desejar.”

Ele se virou para ela e seu coração saltou uma batida. Ela parecia tão bonita com o vento apenas levantando seu cabelo assim. O colar de couro que usava em público recortando seu



pescoço quando seu rosto se levantou para ele e a luz do sol iluminou seus olhos. Sua mão se enfiou no bolso quando se afastou dela por um instante.

“Sarah, feche os olhos.”

Ela obedeceu, nem sequer pensando em questionar seu comando. Ouviu um rangido quando ele abriu algo, mas não espiou.

“Abra-os agora.”

Ela fez. Em sua mão tinha uma pequena caixa de veludo. A tampa foi levantada, revelando um anel de diamante dentro.

“Sarah,” murmurou, “a sociedade não reconhece meu colar em você e quero que o mundo saiba que você é minha. Quer se casar comigo?”

Seus olhos lacrimejaram e sua respiração ficou presa na garganta. “Oh, Phillip! Não posso acreditar... Querer dizer... Você realmente quer... Sim! Sim, Phillip, eu quero me casar com você!” Não conseguiu se conter e jogou os braços ao redor dele.

Ele cambaleou para trás sob a força de seu abraço, endireitou-se e a envolveu em seus braços. Ela se afastou, olhando novamente o anel na caixa, os olhos brilhando com lágrimas.

“Aqui, deixe-me colocá-lo em você.” Ele pegou o anel e ela obedientemente estendeu sua mão esquerda. Ele se deslizou para casa e descansou perfeitamente em seu dedo. Ela tremeu ao vê-lo lá — um sinal para o mundo de que ela era possuída. Engraçado como nunca tinha visto isso assim antes. Mas era verdade. Pertencia a um homem novamente, embora de uma forma muito diferente de antes. As lágrimas se derramaram quando estendeu a mão para ele ver.

Seu rosto estava riscado com lágrimas de alegria e ele soube que tinha feito à escolha certa. Ela queria ser possuída por ele — e o colar não era suficiente. Ela permaneceria fiel, esse não era o problema. Mas com a força da lei por trás de sua união, ele poderia levá-la mais longe do que jamais imaginara. Não poderia resistir. Colocando as mãos de cada lado de seu rosto, seus polegares enxugaram as lágrimas e a puxou para um beijo. Saboreando o sal de suas lágrimas em seus lábios, abriu a boca para tomá-la completamente.





E aqui, em um lugar público, onde, indubitavelmente os poucos fregueses do restaurante poderiam vê-los, ela se abriu para ele, deixando sua língua entrar e possuí-la novamente. Apertou-se contra ele, dando-lhe a alma naquele beijo e seu corpo em suas mãos.

Ele não soltou seu rosto quando se retirou, ao invés, descansou sua testa na dela. “Eu te amo, Sarah-minha-escrava.”

“E eu te amo, Phillip-meu-mestre.”

De braços dados, o anel brilhando em seu dedo, o colar aquecendo seu pescoço, Sarah e Phillip voltaram para o carro e para uma nova vida juntos.